



UnB

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ICS)
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA (DAN)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL (PPGAS)**

**“Esperançar e Criar Vida”:
Histórias, aprendizados e ensinamentos de Dona Flor**

Clara Nabuco da Fonseca

**BRASÍLIA-DF
2025**

Clara Nabuco da Fonseca

**“Esperançar e Criar Vida”:
Histórias, aprendizados e ensinamentos de Dona Flor**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia Social do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestra em Antropologia Social. Área de Concentração: *Antropologia*; Linha de Pesquisa: *Antropologia da Saúde, Campesinato*.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvia Maria Ferreira Guimarães

**BRASÍLIA-DF
2025**

<https://bce.unb.br>

Clara Nabuco da Fonseca

**“Esperançar e Criar Vida”:
Histórias, aprendizados e ensinamentos de Dona Flor**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia Social do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestra em Antropologia Social. Área de Concentração: *Antropologia*; Linha de Pesquisa: *Antropologia da Saúde, Campesinato*.

Defendida e aprovada em 06 de janeiro de 2025.

Banca examinadora formada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Sílvia Maria Ferreira Guimarães
Universidade de Brasília (UnB) – Presidente

Prof. Dr. Carlos Alexandre Plínio Barbosa dos Santos
Universidade de Brasília (UnB) – Membro interno

Prof.^a Dr.^a Juliana Floriano Toledo Watson
Vice-Presidente do Instituto Casa De Saberes Tradicionais Flor do Moinho – **Membro externo**

Prof.^a Dr.^a Christine de Alencar Chaves
Universidade de Brasília (UnB) – Membro suplente interno

Dedicatória

Para Dona Flor e Deija, que se tornaram mães e amigas, espero que esse pedacinho de história faça justiça ao monumento que são, e ao amor que me oferecem, sem vocês essa pesquisa não existiria.

Para minha mãe Isabel, que me trouxe a esse mundo com amor, coragem e leveza, me incentivando e sempre esteve ao meu lado nessa vida, você é incrível e maravilhosa, que maravilhoso que você me colocou nesse mundo, nessa família, te amo mãe, obrigada.

Para minhas irmãs, Ana Rosa e Júlia, companheiras de vida, mulheres que eu admiro infinitamente e em quem eu me apoio todos os dias, minhas melhores amigas, subterfúgio, lugar de criar vida, eu amo vocês.

Para minha avó Marialba, que também me criou, exemplo de força, movimento e abridora de tempos. Vó, suas conquistas enquanto mulher determinada e aventureira sempre me inspiraram com coragem a seguir meu próprio caminho.

Para minha vó Rê, espero que as histórias de cura, apoio, e alianças entre mulheres possam te trazer carinho e acolhimento, te amo

Para o meu Cerrado, sua terra, nossas plantas, casa, que me fez, seca e chuvosa, água doce e fria, verde e imensa. Continuo batalhando pela sua vida.

Para o meu sobrinho, Joaquim, espero poder continuar a criar e promover sua vida, com cuidado, muito amor, criatividade e coragem, sempre.

“(...) a mulher que assegura a regeneração e a continuidade de uma sociedade”.

Nanny: Pilar da Amefricanidade, Lélia Gonzalez, p. 155 *In: Por um Feminismo Afro Latino Americano*, Zahar, 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

À Dona Flor e Deija, ao Wilson, Davi e Lucas, por me acolherem em sua casa, partilharem sua comida, família e carinho, sem vocês nada disso seria, e eu seria outra completamente diferente.

À minha mãe Isabel, e às minhas irmãs Ana Rosa e Júlia, pelo clã, sem a nossa casa, a nossa cumplicidade e o nosso amor, esse trabalho não existiria, obrigada pela vida.

À minha tia Vica, pilar de segurança e força dessa minha vida, mãe de outras vidas, te amo, obrigada.

À minha madrinha Alessandra, que me ensinou sobre casa, carinho, comida, afeto, interesse, alegria, e tantas coisas mais.

Às minhas primas, Joana e Maria, que são riso e divertimento, que mantêm as pontes das nossas relações intrafamiliares firmes.

À todas as outras mulheres que me criaram e que fazem parte de quem sou, amigas, mães, Mariah, Carmem, Aninha, Raquel, Adriana, Antônia, vocês moram em mim também, eu amo vocês.

Ao meu pai, Ricardo, que nos arrastou para o coração do Brasil, mudando a trajetória dessa família, me ensinando sobre sonho, ideal, serviço e lealdade.

Ao meu padrinho, Pedro, quem mais incentiva o meu percurso acadêmico, me presenteia com livros, e sempre quer ler as coisas que escrevo, obrigada por me incentivar nessa trajetória e acreditar em mim, te amo.

Ao meu Pai de Santo, Nvula Kenan, obrigada por me cuidar, acalmar minha cabeça, e me ensinar tanto, todos os dias, sobre a vida, sobre candomblé, sobre relações inter-raciais e sobre os compromissos que devem ser feitos por nós, brancos. Agradeço por poder aprender com você.

Ao meu companheiro de vida, Christian, obrigada pela paciência, por não sair do meu lado mesmo tão longe, pela presença que me traz calma nos momentos em que a ansiedade me arrebatava, por acreditar em mim e pelo amor. Espero que você se apaixone por esse pedaço de Brasil, tanto quanto eu, te amo.

Às minhas amigas, companheiras de mestrado, Isabela e Júlia, sem vocês os dias seriam

outros, menos coloridos, obrigada pelas trocas, leituras, risadas, lágrimas, almoços com natação, sol e chuva na Katakumba, obrigada por serem minhas amigas, sentirem saudade de mim e certificarem que eu tenha consciência desse afeto, com cuidado e gentileza. Amo vocês.

Ao Guilherme pelos bares aleatórios, conversar leves, vasilhas de amora, partilha de experiências acadêmicas, piadas ruins, obrigada por dividir as angústias e celebrar as alegrias, e pela senha do *Microsoft Drive* - claro, te amo Gui.

À Luana, que me resgata de volta para mim, obrigada por me acompanhar para todos os cantos do mundo, te amo.

Ao Ian pela leitura cuidadosa e pelos incentivos megalomaniacos, obrigada por plantar coragem em mim.

À Camila, pelas dicas preciosas e por dividir esse tempo louco e atarefado comigo, obrigada por me inspirar confiança.

Ao Professor José Jorge de Carvalho, que me abriu as portas e despertou o encantamento pela antropologia, obrigada pela confiança, fé, acolhimento e inspiração para fazer antropologia.

À minha orientadora, Silvia Guimarães, sem você eu não estaria aqui, não teria trilhado esse caminho, obrigada pelas palavras acolhedoras e pelos votos de confiança.

À Juliana, obrigada por compartilhar as histórias de Dona Flor comigo, confiando em mim uma parte - que agora mais do que nunca eu entendo ser - tão preciosa para você.

Ao IRIS (Laboratório de Imagem e Registro de Interações Sociais da Universidade de Brasília), pelos equipamentos emprestados que me renderam valiosíssimas gravações, fundamentais para a execução e continuação desse trabalho.

Finalmente, agradeço imensamente à CAPES, ao CNPQ e ao PPGAS pelo apoio, incentivo, e suporte institucional, inclusive financeiro, que possibilitaram a realização desta pesquisa. Sem as bolsas e auxílios concedidos, não teria sido possível conduzir este estudo em Alto Paraíso e contribuir para o avanço do conhecimento na área. Acredito que este trabalho demonstra a importância do investimento em pesquisa para o desenvolvimento do país e para a construção de um futuro mais justo e equitativo.

RESUMO

A minha proposta aqui é a de desenhar a memória da parteira e raizeira e liderança do quilombo Moinho, Dona Flor (Florentina Pereira Santos), através das histórias que ela me contou, ou que contou a terceiros que gentilmente as compartilharam comigo, bem como a apreender a sua prática cotidiana a partir do encontro etnográfico. Nesse sentido, construo a memória de ter convivido com Dona Flor e de quem conviveu com ela, que passa por mim de múltiplas formas e me liga à grandiosidade dessa mulher. As narrativas sobre Dona Flor que ela contou e outras pessoas contaram, assim como a experiência de ter convivido com ela e aprendido sobre práticas de cuidado são o eixo central do trabalho, raiz pivotante que atravessa o tempo, tendo como coifa¹ a convivência em lugares como a casa e pessoas, como seus filhos e aprendizes, que sintetizam, alimentam e promovem sua prática e história, o passado e o presente. Dessa raiz pivotante saem ramos secundários, eixos de análise teórica que firmam o trabalho no chão, espalhando-o, nutrindo-o com ideias que se relacionam mais na extremidade do encontro entre ela, Dona Flor, sua história e prática, e eu, antropóloga, aprendiz, mulher e aliada.

Palavras-chave: Dona Flor; Quilombo Moinho; Histórias de vida; Cuidado; Chapada dos Veadeiros.

¹ “Coifa”: Estrutura encontrada na extremidade da raiz que apresenta um formato de capuz ou dedal e atua protegendo a região meristemática (na qual ocorre intensa divisão celular). A coifa, ao proteger a região meristemática, assegura o crescimento da raiz, o qual poderia ser prejudicado caso microorganismos ou o atrito com o solo lesionassem a região. As células da coifa sintetizam mucilagem, que lubrifica a raiz e garante melhor penetração no solo”. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/amp/biologia/raiz.htm>, acesso em 14 out. 2024.

ABSTRACT

My purpose here is to trace the midwife, raizeira and quilombola leader, Dona Flor (Florentina Pereira Santos), working on her memory through the stories she shared with me, or with others who kindly passed them along, as well as to grasp her daily practice through our ethnographic encounter. In this sense, I construct a memory of living with Dona Flor and of those who lived alongside her, which perpasses me in many ways and connects me to the greatness of this woman. The narratives about Dona Flor both her own and those others have recounted, as well as the experience of having lived with her and learning about care practices, form the central focus of this work. This is the main root that travels through time, with its protective root cap being the shared spaces like her home and people such as her children and apprentices, who synthesize, nurture, and carry her practice and history forward, past and present. From this main root grow secondary branches, theoretical axes of the work that ground her legacy, spreading it and enriching it with ideas that emerge at the intersection between her, Dona Flor, her history, and practice, and myself, an anthropologist, apprentice, woman, and ally.

Keywords: Dona Flor, Quilombo Moinho, Life Stories, Care, Chapada dos Veadeiros.

RESUMEN

Mi propuesta aquí es dibujar la memoria de la partera, raizera y líder quilombola, Dona Flor (Florentina Pereira Santos), a través de las historias que ella me contó, o que contó a terceros que amablemente las compartieron conmigo, así como aprender su práctica cotidiana a partir del encuentro etnográfico. En este sentido, construyo la memoria de haber convivido con Dona Flor y de quienes convivieron con ella, que me llega de múltiples maneras y me conecta a la grandeza de esta mujer. Las narrativas sobre Dona Flor, contadas por ella y por otras personas, así como la experiencia de haber convivido con ella y aprendido sobre prácticas de cuidado, son el eje central del trabajo. Esta es la raíz principal que atraviesa el tiempo, con su cofia protectora en los espacios compartidos, como su casa y personas como sus hijos y aprendices, quienes sintetizan, alimentan y promueven su práctica e historia, pasado y presente. De esta raíz principal brotan ramas secundarias, ejes de análisis teórico que arraigan el trabajo en la tierra, extendiéndola, nutriéndola con ideas que se relacionan en la extremidad del encuentro entre ella, Dona Flor, su historia y práctica, y yo, antropóloga, aprendiz, mujer y aliada.

Palabras clave: Dona Flor, Quilombo Moinho, Historias de Vida, Cuidado, Chapada dos Veadeiros

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa retirado do trabalho de Ribeiro (2021) e alteração (ponto rosa em círculo à direita da imagem) indicando o quilombo do Moinho.....	75
Figura 2 – Postagem “Vivências de Saberes Tradicionais: sobre gestação, Parto e Nascimento	175

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Dona Flor e Isabel, captura de tela da filmagem do parto.....	20
Foto 2 – Fuso de fiar algodão a mão, feito por Dona Flor, guardado para mostrar a quem chegasse, e aos mais novos, sua história, sua cultura.....	22
Foto 3 – Curso de Enema (módulo 2 do curso de Doulas e Parteiras) com Dona Flor, 2018.....	24
Foto 4 – Dona Flor e Cacho de Mamona, maio de 2023.....	27
Foto 5 – Registro das mãos de Dona Flor e das minhas, 2023.....	33
Foto 6 – Comprando potes de vidro na Taguacenter para Dona Flor e Deija.....	40
Foto 7 – Porta da Lavanderia da casa de Dona Flor, maio de 2023.....	43
Foto 8 – Caldeirão de vermífugo cozinhando.....	46
Foto 9 – Deija à esquerda e Quita à direita, agosto de 2023.....	47
Foto 10 – Pé de Tabaco, guardando os cantos da casa de Dona Flor.....	59
Foto 11 – Seu Dedé sorrindo no mato, saída de campo em outubro de 2023.....	62
Foto 12 – Cascavel na porta da minha casa.....	73
Foto 13 – Trecho da estrada para o Moinho, janeiro de 2024.....	77
Foto 14 – Jacarandá na estrada, Moinho, 2023.....	80
Foto 15 – Placa na Entrada da casa de Dona Flor.....	82
Foto 16 – Caminho pro Sertão, setembro de 2023.....	84
Foto 17 – Indaiás da Fazenda Bonsucesso.....	87
Foto 18 – Sede da Fazenda Santa Rita, setembro de 2023.....	94
Foto 19 – Dona Flor debulhando feijão.....	103
Foto 20 – Colheita de banana na casa de Dona Flor.....	119
Foto 21 – Jardim de Rosas enfeitando a Placa em frente à casa de Dona Flor.....	125
Foto 22 – Os gatos de Deija: Lucas e Nayana, em frente à lojinha de Dona Flor, Deija e Wilson..	127
Foto 23 – Uma abóbora aérea e Dona Flor de costas.....	129

Foto 24 – Interior da lojinha.....	148
Foto 25 – Flor e Clara, por Ana Rosa Nabuco, 22 de dezembro de 2018.....	149
Foto 26 – Dona Flor no Oxigênio.....	151
Foto 27 – Eu e Dona Flor, maio de 2023.....	152
Foto 28 – Julia e Dona Flor, maio de 2023.....	152
Foto 29 – Davi e Dona Flor, maio de 2023.....	153
Foto 30 – Deija e Dona Flor, maio de 2023.....	153
Foto 32 – Dona Flor fazendo Garrafada da Mulher, maio de 2023.....	159
Foto 33 – Henyo, Dona Flor e Sílvia, junho de 2023.....	160
Foto 34 – Deija e Lucas na feira do encontro de Raizeiros, junho de 2023.....	161
Foto 35 – Neta de Dona Flor trançando seu cabelo no hospital de Uruaçu.....	166
Foto 36 – Flores de bucha e Dona Flor no ranchinho.....	171
Foto 37 – Dona Flor lendo a Bíblia.....	186
Foto 38 – Produção de sabonetes da Deija.....	194
Foto 39 – Deija segurando rosas maná.....	201
Foto 40 – Dona Flor finalizando o Sabão de Tingui 1.....	208
Foto 41 – Dona Flor finalizando o Sabão de Tingui 2.....	209
Foto 42 – Dona Flor finalizando o Sabão de Tingui 3.....	210
Foto 43 – Deija e a florada de jabuticaba, acordamos com o cheiro de Dona Flor, setembro de 2023.....	252
Foto 44 – Wilson e a florada de cagaita, saída de campo em setembro de 2023.....	253

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

1. Universidade de Brasília – UnB
2. Programa de Iniciação Científica – ProIC
3. Iniciação Científica – IC
4. Associação dos Pequenos Coletores de Flores da Chapada dos Veadeiros – ASFLO
5. *World Wild Fund* – WWF
6. Instituto Casa de Saberes Tradicionais Flor do Moinho – Casa de Saberes
7. Sistema Único de Saúde – SUS
8. Instituto do Patrimônio Humano e Artístico Nacional – IPHAN
9. Decanato de Extensão – DEX
10. Região Integrada de Desenvolvimento – RIDE
11. Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP – DF)
12. Distrito Federal – DF
13. Organizações Não Governamentais – ONGs
14. Área de Proteção Ambiental – APA
15. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA
16. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA
17. Fundação Nacional dos Povos Indígenas – FUNAI
18. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio
19. Agente Comunitário de Saúde – ACS
20. Centro de Atendimento ao Turista – CAT
21. Comunidade Evangélica Projeto de Deus – Igreja CePro Deus

SUMÁRIO

PRÓLOGO – CAPITÃ DO MATO.....	18
1. O ENCONTRO.....	20
1.1. A bênção?.....	35
2. A TERRA CRIA A GENTE:.....	61
3. DONA FLOR.....	94
4. COZENDO PERCEPÇÕES, TECENDO IDEIAS.....	173
4.1 “Tem que trabalhar a Terra”.....	174
4.2 “Nós tem um criador dentro de nós que ele cria tudo pra nós, só depende de nós”.....	185
4.3 “Eu gosto de plantar. Eu gosto de colher, eu gosto de comer, gosto de dar”.....	196
4.4 Ofício que nos une.....	208
4.5 Eu quero deixar um legado, quero deixar lembrança.....	215
4.6 Navegadora de Mundos.....	222
4.7 “Desorganizando posso me organizar”.....	228
5. “DEIXAR RASTRO NO CERRADO”.....	236
6. MORRER E VIVER BEM.....	244
EPÍLOGO – AS APRENDIZES ABELHAS.....	248
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	252

PRÓLOGO – CAPITÃ DO MATO

No dia 8 de agosto eu estava sentada na sala da minha casa em Alto Paraíso, sozinha no mato, lendo ou crochitando, não lembro bem. O dia estava bonito, o céu azul e uma boa brisa entrando pela janela à minha esquerda, era quase a hora da luz dourada, e o sol baixava no céu, colorindo o dia.

Ouvi um barulho no meu lado direito, uma bateção de asas e uma pancada na janela do outro lado da sala, à minha esquerda. Pensei ser um passarinho, eles entram constantemente na casa e ficam presos, com frequência não percebem o vidro fechado, que reflete a mata, e padecem da colisão.

Muitas vezes conseguimos, eu e minha família, resgatá-los e cuidar deles, colocando água na cabeça até que melhorem, melhor que isso é manter as janelas abertas, ou, se fechadas, com as cortinas também fechadas, para impedir a confusão que traz a transparência do vidro.

Quando levantei a cabeça, desviando a atenção do que fazia, vi na janela uma grande borboleta azul. Chamamos ela de Capitã do Mato, e ficamos felizes ao vê-la, para nós ela traz boa sorte, bom presságio, bem diz os momentos em que se apresenta e abençoa quem a vê.

Os olhos dos visitantes estão sempre à procura dela, eu mesma fico esperançosa por vê-la quando procuro uma confirmação de alguma escolha minha, até hoje ela sempre apareceu quando pedi, ou quando levei pessoas queridas para os lugares em que essa borboleta gosta de frequentar, mas quase nunca vejo uma assim, no meu jardim.

A majestosa borboleta se debatia na minha janela, eu nunca tinha visto uma tão grande, tão de perto, viva. Coloquei a mão no bolso a procura do meu celular para tirar uma foto, mas parei no meio do caminho. Ela se debatia muito, querendo sair, se eu demorasse qualquer segundo a mais com meu celular e minha vontade de capturá-la, nem que fosse só uma imagem, as asas quebrariam e ela não poderia mais voar.

Mudei o curso da minha ação e abri a janela meio desajeitada, a Capitã do Mato saiu, onipresente, voando por entre as árvores verdes na frente da minha casa. Eu fiquei admirando-a de longe, até que desapareceu.

Quando me dei conta estava chorando, Dona Flor enviara aquela mensagem para mim, foi sua última visita à minha casa, caminhei lentamente de volta ao meu sofá, sentei e me dei conta,

minha amada mestra estava partindo. Chorei mais um pouco e anotei alguma coisa em meu diário de campo.

No outro fui à cidade encontrar uma amiga, e Dona Flor não saía da minha cabeça, recebi algumas fotos de Deija, raizeira, filha de Dona Flor, que finalmente conseguira sair do quarto do hospital, onde estava com sua mãe, e encontrara algumas flores no jardim. Ela me mandou fotos suas junto das plantas, estava feliz com o ar puro, mas não se demorou muito tempo longe da mãe, voltando logo para o quarto do hospital.

Mari e eu assistimos ao pôr do sol, e confessei a ela que achava que Dona Flor ia morrer em pouco tempo, aquilo não saía da minha cabeça, quase como um sussurro constante no meu ouvido. Voltamos para sua casa e ficamos conversando até mais ou menos umas 19 horas, quando recebi uma ligação de Deija.

Atendi o celular, Deija estava chorosa, confusa, sozinha, desamparada, ela falava angustiada “Clarinha, levaram mamãe, ela estava aqui nos meus braços e eu senti que ela estava morrendo, e os enfermeiros levaram ela”, enquanto ela me contava, confusa, falava também com as enfermeiras perguntando sobre a mãe, as enfermeiras pediam o documento de identidade de Dona Flor. Nesse momento Deija pediu que eu avisasse Bito, seu irmão, o que estava acontecendo, assim o fiz, liguei para ele, mas sem conseguir contactá-lo.

1. O ENCONTRO

[Sobre a minha relação com Dona Flor e outras relações]

Antes de explicar para onde vou, qual o intuito desse trabalho, preciso me localizar (HARAWAY, 2013) dizer de onde vim, só assim, com o leitor sabendo quem sou, onde piso, e de onde nasce minha relação de pesquisa - o fluido que conecta as escolhas e pessoas que permitiram a existência desse trabalho, bem como suas qualidades, é que poderei, na seção que segue, me dedicar aos objetivos desta pesquisa. Essa seção é, portanto, a primeira parte da introdução à dissertação.

Eu nasci em Alto Paraíso de Goiás, em março do ano de 1996, minha mãe tinha 24 anos na época, ela veio do Rio de Janeiro dar à luz sozinha, em casa, ela, meu pai, minha avó (mãe do meu pai) e Dona Flor, de nome de registro: Florentina Pereira Santos, parteira que conduziu minha chegada neste mundo. Minha mãe e meu pai, ambos de uma classe média, branca, no Brasil, estavam em busca de se distanciar de muitos dos valores e práticas de suas famílias, criar seus filhos com liberdade, perto da natureza, projeto que vai de encontro com o elaborado por Santos (2014), quando traz as categorias de *buscadores*, *chegantes*, *alternativos e nativos*, para falar do movimento migratório na região da Chapada dos Veadeiros.

De meus pais, um misto de buscadores e chegantes, nasci eu, um misto de *nativa e alternativa*, já que nasci ali naquela terra, na mão da parteira e transito por grupos sociais e afetivos que se misturam entre nativos e alternativos, ainda que, como coloca o autor, eu guarde as diferenças advindas das desigualdades de classes sociais (Santos, 2014) e dos marcadores raciais. Sobre essas diferenças, cabe adicionar, que como bem estrutura Juliana Watson, em diálogo com Sueli Carneiro em sua tese de doutorado:

Quando escrevemos sobre a experiência do encontro, seja ele intercultural ou interracial, ou os dois, estamos falando sempre mais sobre nós do que sobre as/os/es outres, esse saber fala mais de quem escreve do que de quem é descrito (Watson, 2022, p. 13).

Desse modo, meu lugar de branca, de classe média perpassa a minha relação com Dona Flor e sua família, e estrutura meu olhar, as minhas perguntas e as minhas angústias desde mim e do meu lugar histórico, social, cultural, racial. Mesmo que o que está sendo colocado aqui se debruce sobre as diversas aproximações e entranhamentos, e que eu procure escrever de maneira

cuidadosa, alimentar as relações que foram criadas para além da pesquisa, com amor, essas diferenças existem e deixam marcas, ou seja, ainda que Dona Flor me considere filha de parto, e eu a considere mãe no mesmo sentido, o amor abraça a diversidade, mas sem esquecer as diferenças.

Foto 1 – Dona Flor e Isabel, captura de tela da filmagem do parto



Fonte: autoria de Alessandra Pinheiro

Isabel, minha mãe, acompanhou sua gravidez com uma médica, ginecologista e obstetra

em Brasília. Como corria tudo bem com a gravidez, com a autorização da obstetra e aprovação e acolhimento de Dona Flor, ela se sentiu segura para ter o parto natural em casa. Seu medo de hospital impulsionou essa decisão. Eu nasci numa casa de esquina, uma encruzilhada da avenida Ary Valadão, em frente a um hotel tradicional da região. Moramos naquela casa por quase dois anos, tinha um lindo pomar e me lembro de comer abacate com açúcar com frequência, até enjoar, e só voltei a comer abacate quando aprendi que podia ser salgado e eu já era adolescente.

Dona Flor também acompanhou os partos das minhas irmãs mais novas, eu fui a primeira. Do parto da Rosa, minha irmã do meio, eu não lembro, era muito pequena e dormi o tempo todo. O da Julia, no entanto, eu lembro, já tinha uns cinco anos na época. Nesse tempo, nós já tínhamos mudado para a fazenda, na qual eu cresci. É nesse momento que guardo as minhas primeiras lembranças de Dona Flor, lembro dela fiando² algodão na sala de casa, numa cadeira de balanço de madeira, com o encosto de palha, envernizada de preto. Lembro de Dona Flor andando no jardim, devagar, observando tudo, absorvendo o dia, conversando com as plantas, cantando. Sua imagem é como um vulto, uma silhueta no meio da cadeira, uma imagem desfocada no meio do gramado verde, de um verde bem brilhante, com a luz do sol que o banhava e banhava Dona Flor.

² Fiar “Transformar (matéria têxtil ou filamentosa) em fio. [...]”; 2. Urdir (tecido ou trama) com fios; TECER [...]” (Aulete, 2024).

Foto 2 – Fuso³ de fiar algodão a mão, feito por Dona Flor, guardado para mostrar a quem chegasse, e aos mais novos, sua história, sua cultura



Fonte: autoral

³ Fuso: “Pequena bobina sobre a qual se torce e enrola o fio durante o processo de fiar”. [...]” (Aulete, 2024).

Eu mudei para Brasília no ano de 2007, prestes a completar 11 anos de idade. A vida passou, eu escolhi cursar Ciências Sociais na Universidade de Brasília (UnB), nesse tempo meus planos eram outros, não tinham nada a ver com Dona Flor. Eu só voltei a pensar nela – para além da parteira nas histórias de admiração e agradecimento que permeiam a minha infância – quando fui fazer meu primeiro projeto de pesquisa no ProIC (Programa de Iniciação Científica) da UnB, inspirada pela disciplina “Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais”, ministrada pelo professor José Jorge de Carvalho, que traz mestres e mestras dos saberes tradicionais para ministrar aulas na disciplina, ali comecei a ir atrás de conhecer outras maestrias que me cativavam.

Dei algumas voltas até retornar à Dona Flor, eu queria me afastar das expectativas da minha família, me afastar de um lugar de proximidade, eu queria um lugar de estranhamento, de alteridade, queria exercer o “olhar etnográfico”, percorrer os caminhos que a antropologia coloria para mim. Paralelamente, meus pais sempre me contaram muito sobre Dona Flor, eu a admirava e respeitava, reconhecia seu ofício, sua sabedoria e importância. Entretanto, eu não queria ter a vantagem do contato pessoal com ela para iniciar meu primeiro campo etnográfico, eu queria me isolar em uma ilha, sem saber a língua falada ali, sem saber como se estabelecem as relações, ser nova e estranha no lugar, vivenciar esse desafio que a antropologia possibilitava.

Acabei entendendo que o que eu tinha que fazer era retornar à minha casa, redescobrir meus vínculos fundantes e potencializar essa relação que eu tinha para construir algo que só poderia nascer desse encontro específico. O entendimento completo e linear assim, como acabei de colocar, só me apareceu durante o mestrado, com a pesquisa já avançada e a decisão tomada no último minuto de focar o trabalho somente em Dona Flor. Além disso, ao me afastar de uma concepção juvenil e romantizada da antropologia, percebi que o desafio anteriormente mencionado não deixa de se apresentar nos campos de pesquisa “próximos”.

No ano de 2017, começando a pesquisa para o ProIC, meu pai me levou até a casa de Dona Flor. Quando a vi, ela era e não era exatamente como eu lembrava. Ficou muito feliz de ver meu pai, conversaram sobre os tempos em que ela trabalhou na Associação dos Pequenos Coletores de Flores da Chapada dos Veadeiros (ASFLO), quando ele coordenava as atividades da associação através do *World Wild Fund* (WWF), onde ele trabalhava. Conversamos por um tempo, depois fui para a casa com o combinado de realizar a pesquisa com ela, aprender seu

ofício e participar do curso de Enema Terapia⁴ que ela ministraria dentro de alguns meses. Nossa relação de pesquisa já nascia misturada com a relação de amiga, aprendiz e mestra e se misturou mais ainda quando eu me peguei hospedada em sua casa, comendo da sua comida, ajudando nos afazeres e aprendendo a cuidar de Dona Flor, além de ser cuidada por ela.

Foto 3 – Curso de Enema (módulo 2 do curso de Doulas e Parteiras) com Dona Flor



Fonte: Acervo Casa de Saberes, 2018

⁴ “O enema é uma lavagem intestinal, que Dona Flor faz utilizando um composto de diversas plantas, água oxigenada, glicerina, e óleo”, (Watson, 2016, p. 100, nota de rodapé 16).

Por mais que tivesse afinidade com uma parte da antropologia que acolhia relações em campo que já descartavam as ideias de “sujeito-objeto” e “informante”, ainda andava meio tonta em busca de afastamento antropológico, perseguindo uma metodologia que não dava conta do que eu não podia evitar que acontecesse em campo, por mais que tentasse: o estreitamento de meus laços com Dona Flor. Ao fim, terminado o projeto de IC (Iniciação Científica) e a graduação, me esforcei para não me distanciar dessa relação, queria perseguir meu compromisso com Dona Flor, retornar para ela o máximo possível da minha pesquisa e da minha própria pessoa. Fui entendendo que o que eu aprendi ali transbordava essas margens, eu aprendi mais que antropologia, ganhei mais que um trabalho científico, recebi coisas imensuráveis que eu não sabia como retribuir.

Mantive meus laços com Dona Flor através de mensagens, visitas esporádicas e o trabalho voluntário no Instituto Casa de Saberes Tradicionais Flor do Moinho (Casa de Saberes), fundado na época em que eu fazia a pesquisa de IC, que tem por objetivo acolher e promover o sonho de Dona Flor de construir uma Casa de Sabres do povoado quilombola do Moinho, de modo a resgatar, preservar e promover a cultura do Moinho, nas palavras de Dona Flor. Uma associação dela e para ela, da qual sou associada. Sobre esse processo falarei mais no capítulo que se segue.

Nessa seção de introdução, intitulada “o encontro” eu tenho por intenção localizar, abrir e adentrar esta escrita para quem vier a ler esse trabalho, tratando sobre minha relação com a Dona Flor. Começando com o nascimento da relação, que se dá ao redor do próprio ato de nascer, passando, assim, o histórico acima, posso então continuar para o contexto da minha pesquisa de mestrado, como essa relação se estreitou, coisa que importa porque foi essa relação que possibilitou a existência desse trabalho, sem ela esse trabalho não teria lugar, não teria origem, não teria destino, não teria solo. E todos nós pisamos em alguma terra, por isso aqui coloco a minha.

Importa falar sobre a relação de cuidado que enraizou eu e Dona Flor juntas, que transbordou para Deija (Deijanete Leite de Moraes), sua filha, que também fez e ainda faz parte desse emaranhado de raízes de cuidado. Acontece que fui fazendo pesquisa, escrevendo diário de campo na casa de Dona Flor e, a cada dia que passava com Dona Flor e Deija, elas viravam mais mães, parentas e aliadas e criamos relações de amor. Eu estava sempre preocupada se Dona Flor havia comido algo, bebido água, se estava respirando bem, se estava cansada demais. Fui

aprendendo a cuidar dela e de Deija, e deixando que elas cuidassem de mim. Relação retratada no diálogo a seguir (Flor; Nabuco, 2023⁵):

Dona Flor: Esse pozinho que sobe aqui vai tudo pro meu pulmão.

Clara: Quer botar uma máscara?

Dona Flor: Bem ali no sofá onde eu fico deitada tem uma.

Clara: Vou pegar lá. [Vou] pegar uma água também.

Dona Flor: Já bebi água hoje demais.

Eu lhe lembrava o horário de tomar os remédios, aprendi a insistir para que ela descansasse, tomasse banho quando o dia ainda estava quente. Fazia a nebulização quando ela tossia demais, massageava suas pernas com óleo de andiroba e outros cremes para aliviar a dor, o inchaço e a inflamação. Em dado momento ficou combinado que eu ficaria com Dona Flor durante os domingos, quando Deija estava trabalhando na feira, longe em Alto Paraíso, e não podia assistí-la.

Dona Flor: Deija num vai, Deija vai na feira porque as meninas vai, alguma das meninas vai [ficar] comigo. Porque ‘pra’ ficar comigo tem que ser pessoa que entende de alguma coisa, seja capaz [de fazer] coisa de remédio. Para ligar os aparelhos, para desligar, então não é qualquer pessoa, [ou] qualquer Dona Flor que vai dar conta.

Fui ganhando intimidade, ela parou de me testar, se antes eu tinha que sair correndo atrás dela no milharal, trabalhar e aprender os nomes, as propriedades e as histórias das plantas sem errar, tentando conquistar seu respeito e confiança, agora eu já podia até catar carrapato nela.

Dona Flor: Tô vendo um carrapato aqui gente!

Clara: Deixa eu ver!

Dona Flor: Aqui ele ‘ó’, é muxiba [de mais] não dá ‘pra’ ‘mim’ segurar ele.

Clara: É, tá bem aí mesmo. Posso tirar?

Dona Flor: Pode!

Clara: Tem que passar uma arnica aí, depois.

Eu continuei fazendo algumas perguntas que ela achava meio besta e não conseguia disfarçar a cara de ironia quando ouvia, eu passei a achar graça no lugar de me sentir reprovada. Logo depois ela vinha com a resposta da pergunta, como no dia em que perguntei sobre o tempo de colheita da mamona, se colhia o cacho seco, ou se colhia verde e deixava secar na lona. Ela nem me respondeu, depois de um tempo apareceu com um cacho de mamona já meio seco, com alguns frutos abrindo, para me mostrar qual era o momento ideal da colheita.

⁵ Conversa com Dona Flor.

Foto 4 – Dona Flor e Cacho de Mamona, maio de 2023



Fonte: autoral

Ganhei acesso à cozinha, tive permissão para cozinhar e aprovação da minha comida, grandes desafios para mim. Conforme fui entrando no circuito da casa, as relações que se davam ali dentro foram se abrindo, ouvia histórias mais pessoais, ganhei confiança para perguntar coisas que antes tinha medo, até pedia para repetirem. Conquistei espaço ali, entendo que isso aconteceu porque Dona Flor e Deija viram que eu iria cuidar e respeitar aquele espaço, honrar nossas relações e assim pretendo fazer. Segue um trecho de uma fala de Dona Flor, reconhecendo meu trabalho na cozinha.

Dona Flor: Xô ver? Ah, minha filha, vai dar. Vai ter que fazer muita coisa que comer.

Clara: Será que ele vai trazer para o almoço?

Dona Flor: Daniel? Ele disse que não é ‘pra’ ‘mim’ fazer nada. Eu falei ‘ah, mas aqui tem uma belíssima cozinheira’. Ele riu e falou, ‘quem é essa cozinheira mamãe?’ ‘Quero saber quem é essa mulher que cozinha melhor do que eu.’ Eu falei cê vê, se você conhece essa menina. É a filha de Ricardo, que tem o apelido de Assin [sic].

Eu conheci a vida de Dona Flor. Presenciei também seu adoecimento, seu envelhecimento, sua morte. Ao ser aceita na vida de Dona Flor, adentrei sua casa, momentos de alegria e também de dor. Difícil foi sentir e encontrar lugar para a dor que me fazia doer, porque a relação que me possibilitou estar ali não podia ser separada de sentimento – era mais que pesquisa. Além de ver essa dor, eu ouvi muito sobre ela, Dona Flor não evitava o assunto de sua morte iminente, tive medo. No último dia em que a vi, na cama do hospital de Alto Paraíso, tão vulnerável, esse sentimento me atravessou intensamente. Não queria que ela morresse, mas também ficava pensando no tempo da vida, e da morte.

Dona Flor: E diacho, acho que eu vou morrer não vou ver Ricardo⁶, ele tá muito murcho.

Clara: Ele tá mesmo.

Quando eu estava lá, no hospital, com ela e Deija, logo após passar um creme em suas pernas, fiquei sentada em uma outra cama, olhando-a, pensando na morte, no sofrimento, no tempo, na nossa relação, na minha pesquisa, em Deija. Não sei que cara fiz, mas ela me olhou e falou assim “você vai ficar aí [longe]? Eu não sou bicho não”.

Eu imediatamente pulei da cama e fui ficar do lado dela, chamegando. Essas palavras que ela disse não desgrudam de mim, foi ali que entendi a importância da nossa relação, não só falar

⁶ Dona Flor perguntava do meu pai, Ricardo, com frequência, quando ele finalmente conseguiu visitá-la, ela estava internada no hospital de Alto Paraíso, em julho de 2023. Infelizmente, chegamos no hospital poucas horas depois de ela ser transferida para Uruaçu, a central do SUS (Sistema Único de Saúde) no Nordeste Goiano.

sobre ela e praticá-la no texto, mas praticá-la na vida. Dei-me conta de que a importância da nossa relação, para Dona Flor, não era tudo que vinha com ela, a pesquisa, as trocas. Era a relação mesma: o cuidado, mandar recado, perguntar do dia, assistir à novela das nove juntas, fazer piada, chamegar. Como eu procuro falar dela e escrever sobre ela com tanto amor e respeito, escrevendo com cuidado (Bellacasa, 2012), nada faz sentido, se isso não for mantido na prática, transcendendo o campo e o tempo de pesquisa. É o encontro com Dona Flor que possibilita esse trabalho, o qual nasce do acaso da parteira e sua grávida, uma primeira relação, depois da parteira e sua filha de parto, eu. Outras relações costuram os caminhos e retomam esse encontro em outro momento da vida. A relação, então, antes broto, se torna árvore robusta de cuidados, **com**, **no** e **do**⁷ cuidado é essa árvore que desabrocha em flor, criação antropológica, registro etnográfico, relação pessoal, prática duradoura, enraizada.

Deija: Toma, mostra ‘pra’ mamãe a foto das cabacinhas que cê faz, Clarinha.

Clara: Mostro.

Dona Flor: Cê podia fazer os coitês ‘pra’ nós! [sic]

Clara: Faço, faço tudo que cê quiser.

Preciso frisar que, falar de uma relação de cuidado, de comprometimento, amizade, amor, admiração e encanto, que inundam esse trabalho, não serve para um juízo de valor quanto ao mesmo. Eu exponho a relação porque ela existe e permeia o trabalho, não porque ela poderia justificar qualquer coisa aqui, ou isentar de erro, ou desgosto de algo. No mesmo caminho, a relação em si, não é perfeita, tendemos a automaticamente conectar ideias de cuidado e amor a práticas completamente boas, mas que no dia a dia são complexas e contraditórias. Partindo daí, o fio condutor deste trabalho, raiz pivotante, é a história de vida de Dona Flor, contada por mim e por ela, por mim a partir de Juliana, sua aprendiz e amiga, de Deija sua filha, de Helena que fez pesquisa com ela, pessoas que compartilharam comigo sentimento, dia a dia e conversas, ao vivo ou gravadas, com Dona Flor, sobre isso falarei mais na seção quando descrevo o processo metodológico da pesquisa.

A princípio, me perguntei: que vida foi essa? Qual é a história de Dona Flor? Como ela viveu, fez tudo o que fez e amou tanto, tanta gente diferente? Como disse no começo dessa seção, essas perguntas dizem mais sobre mim, que me aflijo e me questiono: como a antropologia pode contribuir para a vida nos “fins dos tempos”. Com diz O xamã Davi

⁷ Grifos meus para as preposições: **com**, **no** e **do** cuidado.

Kopenawa Yanomami (2010), o céu está caindo, sobre povos indígenas e negros, há muito tempo, nós brancos que só estamos sofrendo agora, a consequência das nossas próprias ações. E então me pergunto, como posso aprender com esses que vêm segurando o céu, promovendo a vida, resistindo aos brancos e ao seu modo de produção? Daí que, a intenção do trabalho se tornou contar a história de Dona Flor, a partir da nossa interação e do tempo de vida em que ela foi contada, e, portanto, reatualizada, já que uma história oral não vem cheia só de fatos, objetivos, tem sentimento, tem reflexão, tem experiência, tem afeto. Ao contar a história de Dona Flor, e entrelaçar ela com a minha, eu ofereço um pedaço da história do Moinho, quilombo que encontrou e criou maneiras de fazer vida, frente às injustiças históricas. Uma história vivida por Dona Flor e novamente filtrada e organizada por mim, é somente uma das histórias⁸, por mais que seja também uma história que se realiza em si, acredito não estar completa, por acaso do tempo do capital, da universidade, o tempo da vida e da morte de Dona Flor, e as outras participações que me ajudaram e que compartilharam suas interações com Dona Flor comigo.

A história de Dona Flor, me despertou o interesse pelas suas estratégias, modos de ser e fazer, tecnologias que ela desenvolveu, enfim, os fios que costuram os “comos” da vida, que dão forma e orientação para as ações, coisas que, ao meu entender, conversam com questões da ética do cuidado (Tronto, 1993) principalmente nesse sentido, de coisas que são difíceis de apreender, como é o mundo privado, doméstico, historicamente feminino (historicamente porque se tornou assim, dentro de sistemas de opressão capitalistas, racistas, monocultoras, cientificistas, hetero patriarcais), todas essas tarefas, jeitos de pensar, de perceber, de observar, de conversar, de agir, que criam a vida.

Em Dona Flor, essa metáfora, da criação da vida se intensifica e é amplificada, pelo seu ofício de parteira, lavradora, plantadora, mãe de galinha, de cachorro, de planta, de gente, mãe de gente que ela pariu, ou que ela pegou, que adotou, que acolheu. Uma erupção dessas nuances do reino do cuidar. Por isso o título da dissertação **“Esperançar e Criar Vida” – Histórias,**

⁸ Gostaria aqui de lembrar sobre o perigo das histórias únicas, bem colocadas por Chimamanda (2009). Mesmo que eu esteja, com as devidas considerações, contando a história de Dona Flor, não significa que essa seja a única história, ou que eu tenha qualquer direito sobre ela, ou ainda que Dona Flor e sua família precisem de mim para contar essa história, eles a escrevem e contam todos os dias. No fim, eu, minha pesquisa e a antropologia é que precisamos dela, da sua história, de sua família, de seu quilombo, procurando sentidos para a antropologia, e para mim.

aprendizados e ensinamentos de Dona Flor, inspirado ainda pela fala dela: “Espera vida, porque morte é certeza”, (Dona Flor, 2023), em entrevista.

Essa preocupação com modos de viver, de promover vida, de criar, de nascer, de morrer me é cara pelo advento do meu tempo, do meu contexto, de ver as pessoas doentes, de ver o mundo ser engolido pelo capitalismo *etc.* Porque quando eu entro na casa de Dona Flor, eu me dou conta de que ela tem passado pelo fim do mundo desde o nascimento, descendente de povos escravizados, mas para ela, por mais que seja necessário frisar o lugar da dor, da luta, e do sofrimento, o mundo é para ter vida, e a morte faz parte dele, mas não é fim em si, e sim ponto no ciclo, água que evapora, chove e volta pro fundo da terra, lama de mangue que virou cabeça para corpos de inhome, e que deve retornar ao seu lugar de origem. Como ela disse:

Quando eu morrer, não quero choro, quero todo mundo alegre. Já vivi o que eu tinha que viver, já fiz o que eu tinha que fazer, cumpri a minha missão aqui na Terra. Na minha morte, a única coisa que eu quero é perdão e água. Porque eu gerei na água, vivi minha vida toda na água, então não quero morrer com sede Dona Flor (2023).

Não é para normalizar a morte, o sofrimento, a injustiça cotidiana e histórica, mas para entender COMO, as pessoas vivem e continuam criando vida com tanta beleza frente a isso. E talvez aprender um pouco, e multiplicar esse saber, aqui, o saber de Dona Flor.

Entendo que, para fins do meu acordo com Dona Flor, e posteriormente, o compromisso mesmo que nasceu e que nutro com seus filhos e netos – principalmente na pessoas de Deija sua filha, Wilson (Joaquim Wilson Leite de Moraes) filho de Dona Flor e Lucas de Moraes Marinho (ou MC Marinho), neto de Dona Flor, filho de Deija – mas também com a própria comunidade, a partir das minhas interações com Dirinha, com Rosa, com Dona Romana, tem muitas histórias ainda para serem contadas, famílias para serem lembradas, rastros para serem seguidos, de modo que, a intenção para a posterioridade dessa pesquisa é continuar com ela, continuar alimentando a história de Dona Flor e do Moinho, com todos seus pertencentes.

Ativar a memória, demonstrar interesse, escrever, publicar, tenho percebido que são ações, que por causa de seu prestígio social, e das marcas que carregamos como pesquisadores, podem, e aqui seria uma das consequências positivas, resgatar a memória e alimentar a autoestima, às vezes só é preciso alguém que escute e que se interesse, e daí algumas coisas podem nascer, como diz Caetano Jorge acerca do trabalho de Dos Santos (2020, p. 584):

Ah, o senhor quer estudar os antigos, os nossos mortos, né. Olha, hoje são poucos que sabem das histórias, os que sabiam de tudo mesmo, a terra já levou. Mas tem nós, que ainda estamos vivos, até Deus deixar. Se a cabeça não variar muito, eu posso falar dos tempos dos antigos, né. O senhor quer desenhar no papel a história de nosso povo. Ninguém nunca teve esse interesse na gente, na nossa história. Eu acho importante ‘pra’ deixar ‘pra’ esses novos, que não sabem dos antigos (Caetano Jorge de Barros, 97 anos, descendente de ex-escravos).

Além disso, continuar contando a história de Dona Flor e alimentar a sua história do Moinho com outras histórias pode ser útil para o processo de titulação desse território quilombola pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), etapas ainda a serem discutidas na comunidade, na medida em que essa pesquisa abre a porta da casa de Dona Flor, caminha a brita no chão, passa o portão e não entra no carro de volta para a minha casa, mas sim, vira à esquerda ou à direita, procura outra casa, cuida de novas relações. O esforço da escrita e do registro físico dessa história, também fica como material base para poder alcançar não só essas, mas outras políticas públicas,

Um outro aspecto das “trocas e retornos” dessa pesquisa, é a minha dedicação para com a família de Dona Flor, e não digo isso como pressuposto de bondade ou como algo que elimina todas as desigualdades, diferenças e relações de poder que perpassam essa pesquisa. O que eu entendo é que, uma porta foi aberta para mim, e carinho e cuidado foram trocados durante a realização dessa pesquisa, e foi a pesquisa e a bolsa de mestrado que possibilitaram a intensificação dessa relação. E, agora, ela existe, deixá-la de lado seria uma grande quebra de expectativa, de modo que, da maneira que eu posso, e do jeito que dá, eu alimento essa relação pelo que ela cresceu e virou, mais do que uma relação de pesquisa, uma relação de respeito, de amor e amizade.

Essas perguntas, combinadas a história de vida de Dona Flor compuseram um trabalho que ao final, é sobre a história de vida de Dona Flor e as práticas, éticas, estratégias, valores e noções de pertencimento, dentre outros eixos de análise que servem para pensar além da medicina tradicional, mas a medicina, o cuidado e o modo de vida da Mestra.

Foto 5 – Registro das mãos de Dona Flor e das minhas, 2023



Fonte: autoria de Julia Nabuco

1.1. A bênção?

[Ao adentrar o mato, pedimos licença: sobre o trabalho e sua metodologia]

Essa seção oferece uma contextualização teórica e metodológica da pesquisa e da escrita, através da descrição desses processos, para além da relação acima colocada, que é o fluido que conecta as escolhas e pessoas que permitiram a existência desse trabalho, ofereço um apanhado sobre os autores que me ajudaram a pensar em campo e fora dele como traduzir a minha experiência etnográfica para o papel, além das pessoas que me ajudaram com meu campo, compartilhando comigo os seus dados.

Desse modo, para abrir caminho e introduzir essa dissertação é preciso localizar em mais um nível (Haraway, 2013) identificar os processos, escolhas, possibilidades e necessidades que atravessei durante o mestrado especificamente, desde o começo, quando nasce a pesquisa até o momento e em que lugar coloquei, imperativamente, seu ponto final. Apresento mais de mim e da pesquisa pedindo licença, ao pedir coloco as coisas em aberto, com honestidade. Caminho em busca de ser digna da bênção daqueles que me acompanharam e daqueles que podem vir a se encontrar com o que construí aqui, não foi sozinha, nem desinteressada que caminhei. Para além, o ato de pedir a bênção é costumeiro e de boa educação observar esse costume, tanto na casa de Dona Flor, quanto no meu terreiro de Candomblé Angola, o Kilombo Kalabasa. Assim, honrando nossos princípios éticos e epistemológicos, o título que escolhi para esta seção vem de um emaranhado de intenções e coisas que aprendi com Dona Flor e em outros cantos da vida.

Meu interesse pelas raizeiras e suas plantas vem de longe, nasci e passei minha infância em uma fazenda, na Chapada dos Veadeiros, ao lado das minhas irmãs, subindo em árvores, aprendendo com elas e com os passarinhos, observando os rastros da anta, do lobo, da onça, do veado campeiro, da codorna, lagartixas, seriemas e teiús. Contando e mapeando os formigueiros e casas de cupim que via no campo, bebendo das amplas paisagens, pores do sol nas veredas, tomando banho de rio e bebendo água fresca e limpa.

Como mencionei, minha mãe teve três partos naturais, em casa, cuidados pela parteira e raizeira Dona Flor, que, desde então, faz parte da minha história e do meu imaginário daquele território. Durante a graduação, quando por entroncamentos do destino, me vi estudando antropologia e inspirada pela disciplina “Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais”, braço do

projeto “Encontro de Saberes”⁹ – ao qual tenho me aliado informalmente –, retornei à Dona Flor.

A meu ver, na época e hoje, a mestra Dona Flor é um fértil expoente para as propostas e teorias que me encantaram: aprender com os mestres e mestras dos saberes tradicionais. Então, no ano de 2017, iniciei um projeto de IC junto à Dona Flor, sob a orientação do professor José Jorge de Carvalho, com quem divido parte desse processo, boas conversas e por quem tenho imenso respeito e admiração, ele também é parte dessa caminhada. O trabalho teve como enfoque os modos de produção e reprodução dos conhecimentos da mestra, suas técnicas, teorias e práticas fundadas na oralidade, experiência, afeto e entendimento do corpo e do mundo como universos de múltiplas dimensões integradas.

Já em 2018, iniciei minha monografia para o bacharelado em Antropologia com foco na Casa de Saberes, um projeto que começava a criar fundações, o lugar dos sonhos de Dona Flor, onde ela planejava exercer seu saber, ensinar as próximas gerações, cuidar dos que chegarem com suas plantas, remédios, fé e afeto, e manter viva a cultura do povoado quilombola do Moinho.

Entretanto, passei por diversas frustrações – que entendo agora serem um tanto quanto joviais – durante essa empreitada. Fato foi que, a Casa de Saberes nasceu como uma associação, e os movimentos coletivos têm seu próprio tempo, a burocracia faz com que as coisas demorem mais ainda, além disso, eu, que queria redigir um escopo de projeto da casa, como parte da minha monografia, vivi minha expectativa frustrada, pois não foi possível edificar tal documento naquele momento.

Por fim, frente às frustrações da vida acadêmica e ao (re)encantamento com as possibilidades da licenciatura em Ciências Sociais, acabei abandonando esse desejo, não conclui o bacharelado em antropologia, mas terminei a licenciatura em Ciências Sociais – uma das quatro habilitações oferecidas pelo Instituto de Ciências Sociais da UnB, no segundo semestre de 2019. Entretanto, não exclui a minha matrícula no curso de antropologia, cheguei a fazer algumas matérias no primeiro semestre de 2020, durante a pandemia, sem conseguir me desvincular completamente da área, até que a pandemia se fez forte motivador da escolha pelo abandono do curso. Uma escolha que na época parecia definitiva.

⁹ Sobre o Projeto Encontro de Saberes que propõe integrar o conhecimento dos mestres dos saberes populares e a Universidade ver: CARVALHO, José Jorge de. Universidade aberta a novos saberes, sujeitos e epistemologias: um modelo para a refundação das universidades brasileiras. *Ciência e Cultura*, v. 75, n. 1, p. 01-08, 2023.

Ventos e tempos passaram e no ano de 2022, com a intenção de me desligar da UnB, pois parei de me dedicar para o bacharel em antropologia, tive uma reunião com a professora Doutora Sílvia Guimarães, que com todo o cuidado, me acolheu. Sílvia, que não dá ponto sem nó, ao saber da minha pesquisa e relação com Dona Flor, já me seduziu com o projeto de patrimonialização do Ofício de Raizeiras e Raizeiros do Cerrado, pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Humano e Artístico Nacional). Aconselhou que eu não abandonasse a antropologia, porque só me faltava a monografia, e eu poderia fazer uma revisão bibliográfica sobre o tema das raizeiras do Cerrado, que seria aproveitado pelo trabalho junto ao IPHAN. Proposta cativante para mim, que vivo em busca de aplicação prática para minha pesquisa. Não suficiente, ela plantou em mim uma sementinha da seleção do mestrado, que abriria em breve.

De pronto eu rejeitei a possibilidade do mestrado, ainda não considerava que a carreira acadêmica me cabia, mas achei bom o conselho de terminar o bacharelado, a pandemia ainda me mantinha imobilizada e eu estava sem possibilidades de emprego e com bastante tempo livre. Assim, fui escrevendo a monografia e me lembrando de Dona Flor, conviver com ela, pensar nela, com ela e observá-la me instigava, ideias vinham surgindo e me alegrava a possibilidade de conviver mais com ela, e produzir algo que pudesse ser proveitoso para a minha mestra, parteira, raizeira, cuidadora, mãe, vó.

Assim, acabei tentando a seleção de mestrado e fui aceita para ingressar no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, em junho de 2022. Ainda não terminara minha monografia, a qual defendi no dia 7 de julho de 2023. O ano de 2022 foi corrido, foram muitas mudanças inesperadas, semestres encurtados e a volta à vida “normal” após a pandemia da Covid-19 estava carregada de desafios invisíveis, cicatrizes nas habilidades de convívio social, no ritmo de vida, tantas coisas sutis difíceis de mensurar e identificar, mas que pesaram na produtividade, no rendimento e na saúde mental de todos.

Em agosto de 2022 perdi meu avô materno, mal começara o mestrado, já tendo dificuldades para acompanhar o ritmo da pós-graduação, tive que lidar com a primeira partida de uma pessoa bastante próxima de mim, que também significava muito para a minha família. Ele era o provedor de carinho e segurança, os natais com meu avô garantiam o contato com a família da minha mãe, com eles passei todos os verões desde que nasci, e tudo isso estava mudando. Foram algumas mortes de pessoas próximas que me atravessaram durante o período do mestrado.

Em junho, logo antes da aceitação no programa, perdi meu mestre de teatro, Hugo Rodas, outra pessoa que mudou a minha vida e me trouxe para mais próxima de mim. Meu avô também era um tipo de referência para mim, que me fazia sentir que eu realmente tinha algo para dizer e que poderia aprender grandes coisas. Não suficiente, lembro também do Mestre Antônio Bispo, o Nêgo Bispo, referência pessoal, teórica, metodológica e quilombola, grande aliado do projeto ‘Encontro de Saberes’, que também compõe a bibliografia deste trabalho e me ajuda a pensar essa imbricação histórica de pesquisa, e os lugares de cada um, as possibilidades do saber, uma referência desde o lugar do quilombo.

Os semestres letivos do mestrado, durante os quais cursei as disciplinas necessárias, foram frenéticos. Os períodos estavam encurtados porque a universidade estava lidando com as consequências da pandemia da Covid-19 e dessa maneira tentava recuperar o tempo em que as atividades ficaram suspensas durante o isolamento. Foram 4 semestres em 1 ano, que deixaram marcas de estresse, ansiedade e outras consequências para a minha saúde mental, bem como de muitos outros estudantes. Além disso, talvez porque Dona Flor estava muito idosa, com a saúde fragilizada ou porque eu estava ansiosa pelo trabalho de campo – a sensação que corria era a de que ela podia partir desse mundo a qualquer momento. Comecei minhas incursões a campo em outubro de 2022, queria ter tudo organizado e fazer as coisas com a maior calma possível. Assim, eu lidava com os prazos incomuns do meu mestrado.

Na minha primeira visita como mestranda, fui recebida com todo carinho por Dona Flor e Deija, elas me acolheram e gostaram da ideia da pesquisa. Como disse, nossa relação já nasceu dessa mistura de pesquisa, história pessoal e envolvimento mútuo com a vida de cada um. Durante a graduação eu me envolvi com a associação Casa de Saberes que foi fundada para edificar o sonho de Dona Flor. Como eu, as aprendizes de Dona Flor e outros chegados, se reuniram em volta desse sonho e desde então, na medida do possível, trabalhamos por ele.

Por mais que tenha me distanciado da antropologia e da graduação, nunca me distanciei por completo da Casa de Saberes, continuei frequentando as reuniões – em sua maioria, online – por vezes escrevendo atas, ajudando com burocracias e tentando contribuir, sem muito sucesso, para a escrita de projetos e editais que pudessem trazer algum capital para a associação. Dinheiro que será investido na construção da sede física da associação e que servirá como a própria Casa de Saberes, onde serão ministrados cursos, oficinas, aulas, nas quais serão partilhados saberes e

cuidados, onde as pessoas poderão ser cuidadas e tratadas e onde Dona Flor, e aqueles que seguem seu caminho, bem como todos os outros integrantes da comunidade que tem algo para partilhar – conhecimento para ser reconhecido e promovido – poderão encontrar morada, abrigo e apoio.

Apesar de ter sido bem recebida na casa de Dona Flor, ao me deparar com a visão, o som e o sentimento da gravidade de seu estado de saúde, não consegui me dedicar inteiramente para a pesquisa enquanto não conseguisse contribuir para que minha mestra fosse cuidada. O que ‘atrasou’ o início das entrevistas, das fotos, da formal coleta de dados em geral. O quarto onde ela dormia estava com muito mofo, o que piorava suas alergias e dificultava ainda mais o funcionamento de seus pulmões. Assim, organizei com meu pai e alguns amigos, uma vaquinha para comprar novas telhas para o quarto de Dona Flor. Ela não queria mudar de cômodo em casa, isso vinha, na minha experiência, desde 2017 quando eu frequentei sua casa ativamente pela primeira vez. Nessa ocasião, durante uma forte chuva, seu quarto ficou alagado. Deixa, Dona Flor e eu passamos a noite puxando a água com rodo para fora do quarto.

Entretanto, as telhas demoraram para chegar e a chuva chegou antes, por mais que nesse ano o período de seca tenha sido inusitado. Choveu muito durante uma semana em agosto, quando não chove normalmente. O usual é a passageira e leve chuva do caju¹⁰. Além disso, as fortes chuvas, que normalmente chegam em outubro, começaram somente depois da metade de novembro. Mesmo assim, as telhas atrasaram tanto quanto a chuva, só teria sido possível trocar as telhas no período de seca, de modo que elas ficaram guardadas no galpão, para serem trocadas na próxima seca, em maio ou junho.

Continuei querendo remediar minha presença de alguma forma, na minha próxima visita a Dona Flor levei para ela uma almofada específica, para ajudá-la a dormir mais inclinada, o que aliviaria a pressão em seus pulmões e potencialmente contribuiria para melhorar suas noites, que eram muito difíceis. Ela dormia pouco, quando eu estava lá com ela, ouvia seus gemidos de dor, ela revirava na cama, às vezes pedia por Deixa, ou por ajuda com algum remédio, muitas vezes se levantava para comer peta, tomar um *capuccino* e voltava a se deitar. Ver a almofada na cama de

¹⁰ A Chuva do Caju, que vem do meio para o final de agosto, é passageira, como uma anúncio do tempo de chuva que se estabelecerá em meados de outubro, depois dela ainda há um tempo seco. É do caju porque é nessa época, com ela, que os cajueiros frutificam no Cerrado, trazendo o tempo de colheita do frutinho vermelho.

Dona Flor me fez sentir parte, como se meu cuidado estivesse sendo aceito.

Diferente da primeira temporada em que estive com ela, Dona Flor já não estava mais de pé às 5 horas da manhã às voltas com suas galinhas e com seu cachorro Cajueiro, que falecera. Dessa vez, quando eu acordava, por volta das 7:00 horas, ela ainda estava na cama, não que ela tivesse dormido bem durante a noite, ela estava tentando descansar mais, compensar o pouco tempo dormido, ela ficava deitada até que não aguentava mais ficar sem fazer nada. Levantávamos por volta das 8h, Deija já estava de pé, Wilson, filho de Dona Flor e raizeiro, já tinha saído para trabalhar cedo, ele começava seu dia por volta das 4:00 da madrugada. Já o Davi (Davi Leite de Moraes), filho de Dona Flor e jardineiro, começava por volta das 5:00. Deija e eu acompanhávamos Dona Flor.

Deija fazia café enquanto eu ia às voltas atrás de Dona Flor, no galpão. Ela ficava procurando coisas para fazer por lá, na maioria das vezes eram tarefas que conseguia, volta e meia, uma outra mais ousada. Lá pelas 9 horas da manhã nós comíamos, cuscuz, tapioca, café, pão com manteiga, requeijão, peta; Dona Flor não renunciava seu cappuccino, ela dissolia a mistura em água quente e bebia, às vezes tomava só aquilo, sem comer mais nada. Depois do café seguíamos com os afazeres até a hora do almoço, por volta das 13 horas.

A terceira visita foi em abril de 2023, quando cheguei lá, ela havia mudado de quarto, seu filho, Diel (Daniel Leite de Moraes), reformou um dos cômodos da casa para ela, pintou as paredes de rosa, colocou um novo acesso para um banheiro só dela, com mais espaço e forrou o telhado, deixando a umidade e o mofo do lado de fora, coisa que ajudou muito Dona Flor. As telhas que eu levei ainda estavam guardadas, e a almofada que eu dei estava sobre sua cama. Na maioria das vezes em que a visitava, eu trazia encomendas de Brasília, ia ao Taguacenter¹¹ atrás de frascos, potes e outros *containers* que serviam para envazar, engarrafar e empacotar os produtos da farmacinha¹². Levava barras de glicerina para os sabonetes de Deija, encomendas de

¹¹ O Taguacenter é um centro comercial, aglomerado de lojas que vendem coisas de todos os tipos, localizado perpendicular à avenida Hélio Prates, na cidade satélite de Taguatinga, no Distrito Federal. O local é conhecido na grande região de Brasília por ter de tudo que se possa procurar, a bons preços.

¹² A farmacinha, ou lojinha é uma construção separada, dentro do terreno de Dona Flor, na qual ela expõe a produção de remédios, licores, geleias, rapadura e mais alguns produtos tradicionais feitos por ela e pelos filhos na Chácara Lírio dos Vales, como é denominado o terreno como um todo. Além disso, lá estão expostas as bonecas de pano que faz Dirinha e outras mulheres da comunidade, tapetes tecidos por Zita (Denezita Leite de Moraes), filha mais velha de Dona Flor, e mais uma diversidade de produtos da comunidade, além de outros remédios populares trazidos de todo o Brasil por mascates (vendedores ambulantes) que passam por ali.

rótulos que chegavam na minha casa, tudo que eu podia fazer o fazia, e continuo fazendo, por mais que minhas visitas estejam mais escassas ultimamente. Essas ajudas, cuidados, compartilhamentos foram o que me permitiu perceber e entender na pele como e em que medida, enquanto pesquisadoras, em campo, mobilizamos trocas, ou dádivas, porque o principal não é o valor, mas a vontade de ajudar com o que puder, isso que importa na casa de Dona Flor.

Foto 6 – Comprando potes de vidro na Taguacenter para Dona Flor e Deija



Fonte: autoral

Foi somente em abril de 2023 que eu tive uma melhor oportunidade e senti que era o momento de formalizar, mais diretamente, um acordo de pesquisa com Dona Flor, entender o que ela precisava e podia oferecer, colocar o que eu precisava e oferecer o que eu podia oferecer. Ela queria falar sobre a cultura do Moinho, e escrever um livro, foi isso que me pediu. Ademais, Deija gostava que eu ficasse por perto, principalmente aos domingos, quando ela estava na feira, pois assim eu ficava responsável por Dona Flor.

Deija me disse que eu era de confiança, e que eu tinha malícia o suficiente para não deixar Dona Flor sair despercebida para o fundo do quintal. Dona Flor gostava de ter alguém para conversar e ajudar nas tarefas da casa, da lojinha e do galpão, como lavar louça, ajeitar a salada, lavar os tachos no galpão, esterilizar as garrafas recicladas, envasar e rotular os remédios, organizar a lojinha, varrer e lavar o galpão. O que eu via que podia ser feito, eu ia fazendo, fazíamos juntas muita coisa, e enquanto íamos trabalhando eu ia aprendendo sobre como as tarefas, receitas e relações se dão, ela ia me contando histórias, as quais eu comecei a gravar com o celular nesse mês de abril.

O tempo foi passando e eu fui me adaptando à rotina da casa, e a rotina da casa foi se adaptando a mim, eu ia me inteirando das pessoas, coisas e plantas que circulavam ali, o que deveria ser guardado em cada gaveta, como armazenar as plantas, separar folhas das raízes, algumas ficavam no galpão, outras no ranchinho em que Dona Flor fazia a garrafada. Dava minha opinião e reorganizava algumas coisas na lojinha, recolhia todos os recipientes (que pude encontrar) para os produtos, bem como os produtos, que estavam espalhados em vários cômodos e os colocava em uma caixa na lojinha, me desfazia das embalagens antigas, varria, mudava coisas de lugar, e ia avisando Deija e Dona Flor sobre as mudanças.

Eu aprendi muito, através da prática dessas tarefas cotidianas, sobre Dona Flor, Deija, sua casa, a rotina de cuidado e de trabalho, com tudo e com todos, cada tarefa, cada receita, alguma coisa sobre as propriedades das plantas, ia me familiarizando com os efeitos dos remédios ao ler os rótulos que ajudava a colar, assim por diante¹³.

Demorou para que eu me sentisse à vontade para poder, também, me colocar mais pessoalmente naquela casa, além de aprender com e sobre ela, com Deija, Dona Flor, Wilson,

¹³ Como Favret Saada (2005), esses afetamentos permitem e moldam a pesquisa, a pesquisadora e as interlocutoras, de modo que, junto a ela, defendo esse tipo de relação como interessante para a pesquisa em antropologia.

Davi, Paulo Henrique Cardoso Costa (aprendiz e ajudante que também estava sempre trabalhando ali), além de muitos outros que passavam pela porta, varanda, sala, cozinha e galpão de Dona Flor. Fui transformando a casa (num sentido amplo de vida cotidiana, que envolve pessoas, bichos, plantas e coisas) e sendo transformada por ela, na medida em que essa convivência foi estreitando nossos laços, eu fui adentrando os círculos mais íntimos de relações e as pessoas me deixavam ver cada vez mais coisas.

Volta e meia apareciam alguns desafios, como o dia em que tive que cozinhar uma galinha caipira. Morrendo de medo o fiz, ia perguntando para Dona Flor para confirmar se estava usando corretamente os temperos que a vi combinar tantas vezes, açafrão, alho, cebola, pimenta jaborandi, cheiro verde. Fiz abóbora na banha de porco, fiz o arroz e rezei para ficar cozido o suficiente. Na casa de Dona Flor, ela preferia o arroz mais mole, diferente da minha casa, na qual o ponto é mais ao dente.

Aprendi a cuidar de Dona Flor, medir sua pressão, auxiliar no uso do oxigênio, massagear suas pernas inchadas, medir os batimentos, fazer nebulização, saber a hora dela tomar os remédios. Fiquei envolvida com aquelas plantas, com aquela casa, com as pessoas que transitavam por ali ou moravam ali. Gravei conversas, entrevistas, andanças no galpão e no quintal, fazia anotações aqui e ali no meu celular, às vezes num caderninho à noite, raras vezes escrevi longos diários de campo enquanto estava lá, não dava tempo, e dedicar o tempo ao diário significava, na grande maioria das vezes, tomar o tempo da convivência, provocando afastamento.

Os dias eram longos e cansativos, todo segundo que tinha chance eu gostava de ficar colada em Dona Flor, não somente porque ela sempre me falava alguma coisa que me parecia incrível e porque eu sabia que ela estava indo embora e queria então ficar próxima dela: decorar seu cheiro, seu brilho, suas expressões, o som da sua voz, eu queria aprender a respirar Dona Flor, não só para poder expirá-la aqui nessas páginas, queria poder fazê-lo na vida, crescer com ela e com essa pesquisa.

Foto 7 – Porta da Lavanderia da casa de Dona Flor, maio de 2023



Fonte: autoria de Julia Nabuco

Quando eu voltava para casa, após uma temporada ou um dia na casa de Dona Flor, eu gravava no celular o que lembrava ter ocorrido durante o período que estava lá. Ao chegar, às vezes eu só queria dormir – porque estava física e mentalmente exausta – ou não pensar na minha pesquisa. Depois eu me sentava e escrevia algumas longas páginas de diário de campo, me dedicava a minha própria casa e a outras demandas da vida, minha família, meu marido, minhas obrigações acadêmicas. Em consonância às experiências de Guilherme Sá (2010), durante o trabalho de campo, entendi que, por vezes, o diário de campo me distanciava do campo, e que estar em campo de uma maneira mais imersa, viver e devir cuidado, me proporcionou uma relação que foi fundamental para que os dados chegassem, fiz ninho, eclodi e lancei-me no voo.

Porque a saúde de Dona Flor estava tão fragilizada, eu me dediquei quase que exclusivamente a ela durante o primeiro semestre de 2023 – o plano inicial para a minha pesquisa e dissertação era de construir a história de 3 raizeiros diferentes, Tom das Ervas, Seu Dedé (Adelidio Ferreira de Almeida) e Dona Flor, mas durante a escrita da dissertação esse plano mudou. Assim, consegui dedicar uma parte das minhas primeiras férias a ela, já que eu tinha finalizado as disciplinas do mestrado. Quando eu estava pegando o ritmo e entendendo que perguntas eu precisava fazer, Dona Flor foi hospitalizada.

Ela já tinha estado no hospital outras duas vezes desde que iniciei o mestrado, mas dessas, ela saiu rapidinho. Contudo, na terceira vez, que foi no meio de julho, ela foi transferida para Uruaçu. Isso aconteceu logo após a visita que eu fiz a ela no hospital de Alto Paraíso, no dia 9 de julho. Desse momento em diante, eu só consegui rever seu semblante no dia 10 de agosto, durante o seu velório.

Eu sabia que esse dia chegaria, mas ele veio rápido demais, eu perdi mais uma mestra, foi um período de muitas perdas. Ela cuidava de mim e eu cuidava dela, eu tinha muitas perguntas para fazer, conferir com ela o que poderia ou não ser dito, ver o que faltava, e queria que ela tivesse visto mais um livro nascer, bem como a Casa de Saberes subir em madeira, adobe, palha, suor e sonho. Nada disso foi possível, ainda. Eu fiquei triste e desorientada, achei que não tinha feito trabalho de campo o suficiente, não tinha aproveitado Dona Flor o suficiente, pensei ter perdido tempo de pesquisa ‘só’ convivendo com a minha mestra, mãe Flor. Perdido tempo de mestra e avó Flor fazendo pesquisa. Passei um tempo de luto, continuei frequentando a casa de Dona Flor com a intenção de apoiar Deija, que também me acolhera como filha, e acabou que

nossa relação, que já estava se estreitando, o fez ainda mais. Eu e algumas das aprendizes de Dona Flor, além de outras pessoas que estavam transitando e repousando naquela casa ultimamente, nos revezamos para estar ali com Deija, Wilson e Davi, o máximo que podíamos.

A intenção era oferecer apoio, afeto, cuidado, da maneira que cada uma podia, tanto para as pessoas, a família de Dona Flor, quanto para a casa e para a farmacinha como um todo. Nalu Mendes, uma das aprendizes de Dona Flor, vinha e fazia massagens, auriculoterapia, ajudava a fazer garrafadas. Juliana, aprendiz calejada, pesquisadora e amiga de confiança veio e com ela fizemos o primeiro vermífugo sem Dona Flor, Julia, recém-chegada no quilombo que passava ali com frequência. Além disso, nas primeiras semanas após o enterro de Dona Flor, Quita (Maria Aparecida Leite de Moraes), irmã mais velha de Deija, ficou conosco em casa. Fizemos faxina, mudamos os móveis de lugar, embalamos as roupas de Dona Flor, algumas peças foram escolhidas pelos familiares, outras foram doadas. Deija me deu 3 blusas, que são do jeitinho de Dona Flor, um chapéu, para me proteger quando andava no mato, e uma meia de lã, para me aquecer quando eu estivesse longe, no frio, com meu marido.

Foto 8 – Caldeirão de vermífugo cozinhando



Fonte: autoral

Tive a oportunidade de conhecer Quita e me afeiçoar por ela, conhecer seu jeito e o jeito de Deija e da casa quando ela estava por lá. Ela também me cuidou como filha, e eu me dediquei a cuidar delas todas como mãe. Depois que Quita voltou para Santa Maria, em Brasília, outra irmã chegou, agora mais nova, a Rhina (Delfirina Leite de Moraes), e o mesmo sucedeu com ela. Cada uma com seu jeito, todas vivendo o luto da mãe, contando histórias dela e de si, quando crianças. Cuidei delas e elas cuidaram de mim, ao oferecer apoio em seu luto, vivi o meu próprio, com elas, fui assentando e reorganizando minha casa de dentro.

Foto 9 – Deija à esquerda e Quita à direita, agosto de 2023



Fonte: autoria de Julia Nabuco

Eu vi e vivi com elas e principalmente com Deija, muita coisa que não estará nestas páginas, porque não deu tempo, porque eu tive que fazer um recorte, e no final, entendi que tinha muito trabalho de campo, não pouco como tinha me ocorrido no começo. Mas tentei trazer Deija, pelo menos um pouco, com algumas falas dela, ou falas de Dona Flor em que ela aparece. O final deste trabalho (prólogo) é sobre ela, sobre aquilo que acontece depois da morte, a continuidade da vida. Dona Flor permanece viva em nossas memórias, nossos laços, naquela casa e nos ofícios de raizeira, parteira, doula e tantos outros que brotam e depois florescem no coração de cada um que decidiu seguir os passos de Dona Flor, mesmo que com seu jeitinho próprio.

Além de me entrelaçar mais ainda com Deija, seu carinho, sua sabedoria e sua história. Depois da partida de Dona Flor eu continuei meu plano original de pesquisa, que era entrevistar outros raizeiros da região, além de Dona Flor. Eu passei dias com Seu Dedé e sua companheira, Terezinha (Terezinha Domingas), em São Jorge, gravei horas de entrevista, ouvi histórias, sai a campo para colher raiz, fiz garrafada, ouvi Seu Dedé tocar viola e sanfona, vi Terezinha bater o pandeiro e revelar suas próprias origens com as plantas, lá longe, em Barreiras, na Bahia. Ouvi outras histórias de vida, da Chapada dos Veadeiros, de São Jorge, do Rio São Miguel, da Bahia de Terezinha. Fui ao lago Serra da Mesa colher pequi, e reaprendi a ser goiana, porque até então, tinha medo de comer o fruto, já que, quando pequena, tive um acidente com o pequi – mordi o caroço e fiquei com a boca cheia de espinhos por dias, por isso tinha medo.

Seu Dedé e Terezinha cuidaram de mim também, e eu procurei cuidar deles tanto quanto pude, eles me visitaram na minha casa, eu levei Terezinha em Niquelândia para ir ao hospital. Fomos construindo a nossa relação e a nossa pesquisa. Entretanto, muito pouco do que aprendi com eles está posto aqui letra por letra. Claro que, um outro tanto do que aprendi já ficou imbricado comigo, as histórias se misturam e sempre que noto esse entrelaçamento no que escrevo, procuro comentar sobre Seu Dedé e Terezinha, mesmo que o objetivo desse trabalho seja falar **com** e **sobre** Dona Flor, todas as pessoas com quem convivi e pesquisei me ensinaram coisas que vão completando algumas lacunas aqui e ali, ou só trazendo algumas coisas que eu julguei enriquecedoras para o texto.

Não posso deixar de falar sobre o Tom das Ervas e a Lú, sua companheira, dois raizeiros e artesãos que também acompanhei, fiz 3 ou 4 saídas de campo com Tom, em algumas delas Lú estava presente, depois tive a oportunidade de entrevistá-los. Lú é muito amiga de Deija, elas

ficam na feira juntas, os estandes lado a lado, e em janeiro de 2024, minha relação com eles estava começando a engatinhar, eu achava que tinha feito pouco campo com eles, mas nem consegui revisar as entrevistas que transcrevi com ajuda da tecnologia. Eu fiz meus acordos com todas essas pessoas, parte do material que consegui servirá para compor o dossiê para a patrimonialização do ofício de raizeiros e raizeiras do Cerrado, junto ao IPHAN, projeto que é coordenado pela minha orientadora, Sílvia Guimarães. Outra parte está sendo utilizada em outros projetos, como o projeto de extensão ‘Terapeutas Populares e os quintais do conhecimento’, junto ao DEX (Decanato de Extensão) da UnB, e o projeto ‘Tecnologias do cuidado no contexto da saúde popular/tradicional na região do DF e RIDE¹⁴ (bioma Cerrado)’, junto a FAP– DF (Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal).

Nesse sentido, esta pesquisa de mestrado intitulada ***“Esperançar e Criar Vida”:*** ***Histórias, aprendizados e ensinamentos de Dona Flor*** está sob o projeto 'Terapeutas populares e tecnologias em saúde no Distrito Federal (DF) e região do entorno', coordenado pela Prof.^a Sílvia Guimarães e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP IH) CAAE: 341502124.9.0000.5540).

Esses são projetos que incrementam o trabalho indo ao encontro do que propôs Carlos Brandão (1981)¹⁵, ao afirmar que a pesquisa participante, não é um trabalho desinteressado, além de me debruçar sobre as pessoas, sua vida, história, cotidiano, modos de ser, fazer, compartilhar e relacionar, levo ainda possibilidades para além do trabalho acadêmico em si, com a intenção de proporcionar o diálogo com políticas públicas e projetos, possibilidades de acesso, conhecimento de oportunidade e entendimento de direitos.

Tudo aquilo que não foi utilizado aqui ainda será trabalhado, seja através desses projetos, seja de forma autônoma através de editais e outras formas de financiamento. Idealmente, o plano que tracei é o de continuar a pesquisa no doutorado, utilizar aquilo que já tenho e adentrar ainda mais o Cerrado, suas Raizeiras e Raizeiros, e ouvir o que eles têm a dizer, aprender o que eles têm para ensinar, e fazer toda essa experiência e rede de relações se traduzir em antropologia, dessa vez com mais densidade teórica tanto quanto etnográfica.

Fiz trabalho de campo, direto, de junho de 2023 a janeiro de 2024, tendo realizado

¹⁴ Região Integrada de Desenvolvimento.

¹⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues *et al.* **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

algumas incursões em outubro de 2022, além de março, abril e maio de 2023. De junho a janeiro se passaram alguns intervalos no trabalho de campo porque tinha que resolver coisas em Brasília, zelar pela minha família, resolver burocracias, cuidar do meu pouso em Alto Paraíso, que demandava bastante também. Durante o trabalho de campo, fiquei na minha casa de infância, em Alto Paraíso, cuidei do jardim que estava largado, pois aprendi com Dona Flor e Deija que não se pode deixar um jardim assim, plantei as mudas e sementes que recebi de presente de Deija, Seu Dedé, Tom, Lú, Wilson, Terezinha, cuidando do meu jardim como eles cuidavam dos deles. Tomei os remédios que eles me deram, pensei sobre meu campo, escrevi no diário, fiz incontáveis faxinas, cozinhei, lavei louça, vi o sol nascer e se pôr. Eu caminhava no mato para me familiarizar com as plantas e fui tentando exercer aquilo que estava vendo e aprendendo com Dona Flor, Seu Dedé, Deija, Terezinha, Wilson, Tom e Lu, quando eu estava só, buscando fixar os aprendizados.

Me despedi de Alto Paraíso de Goiás, minha casa de infância, meus interlocutores, amigos, “como mães”, “como pais”, meus chegados, raizeiras e raizeiros, que tanto me cuidaram, ensinaram e contribuíram para o que segue nesse trabalho pudesse vir a existir. Eu cresci, e só pude escrever o que foi escrito porque essa mudança está impressa em mim, a partir das relações que estabeleci, e se transfere para o que produzo, a parte de mim que fica o texto, impossível de separar. Depois, comecei a transcrever minhas entrevistas e a organizar meus dados, era final de janeiro de 2024, utilizei o programa do *google, pinpoint*, para transcrever automaticamente as entrevistas. Juntei cada raizeiro em um arquivo, terminei algumas anotações do diário de campo enquanto o computador trabalhava, organizei arquivos e pastas, listas, juntei e redistribuí notas, pequenas anotações que fiz no celular, em gravação e em cadernos diversos, outros dentro de livros.

Com tudo sobre a mesa, no meio de fevereiro comecei a revisar minhas transcrições. Primeiro veio o impasse da escolha, por onde começar? Com quem começar? Para onde ir? Eu estava relutante em começar por Dona Flor, com sua morte ainda recente, seria doloroso passar horas a fio revivendo-a. Também não considerava que eu tinha material o suficiente sobre ela, não anotei todos os dias em que estivemos juntas minuciosamente no meu diário de campo, não fiz nem uma entrevista semiestruturada formal com ela (apesar de ter feito com todos os outros raizeiros), e as poucas gravações que tinha eram uma parte muito pequena dos longos dias que

passamos juntas.

Ao mesmo tempo, Juliana, umas das aprendizes de Dona Flor, da qual ela tem muito orgulho – e de quem falei anteriormente –, dividiu comigo a sua própria pesquisa, gravações de cursos, conversas, entrevistas, saídas de campo com Dona Flor e outras pesquisas, de outras mulheres, como Helena, que foram compartilhadas com ela. Lembro que pouco após a partida da nossa mestra-mãe, conversei com ela sobre a pesquisa e todos os sentimentos em volta dela, bem como meus planos originais, naquele dia em que fizemos o primeiro vermífugo. Ela me disse que eu poderia fazer um trabalho somente com Dona Flor, que tudo o que eu tinha já era muita coisa. Eu teimeei e continuei minha empreitada com os outros raizeiros. Não me arrependo, porque tudo que vi e ouvi compõe essa pesquisa, mas de fato, como Juliana previu¹⁶, o trabalho é sobre Dona Flor.

Com a ajuda de Juliana e uma vontade contraditória de querer estar perto de Dona Flor, mas ter medo de quão doloroso isso poderia ser, acabei entendendo que precisava falar sobre ela, porque era sobre isso que eu pensava todo o tempo. Meu compromisso com Dona Flor e sua família, a vontade de ativar as memórias que ainda estavam frescas e colorir algumas páginas, mesmo que em preto e branco, com aquilo que eu vi, ouvi, senti e aprendi ser Dona Flor, ser raizeira, ser parteira, ser mãe, ser avó, ser quilombola, ser lavradora, ser anciã, ser mestra, ser professora. Decidi, portanto, enfrentar o medo da dor. “O medo é mentiroso”, foi o que Dona Flor me disse. De fato, por mais que tenha doído ouvir horas a fio de conversas que tive com ela, e ainda que eu não conseguisse ficar ouvindo tanto assim – precisava de pausas – chorei muito e ri com ela outra vez. Todo dia eu tinha meu momento com Dona Flor – foi assim que meu marido começou a falar para mim pelas manhãs: “Tenha um bom dia com Dona Flor”.

Esse trabalho toma forma aí, nos meus momentos com Dona Flor, tanto em vida quanto após ela, debruçada nas possibilidades que a tecnologia nos trouxe, talvez uma relação meio ciborgue¹⁷, que possibilitou criar esse mundo de letra e papel digital, inundado de relação e sentimento que segue com riso, choro e nostalgia. Fui ouvindo minhas gravações e de Juliana, conforme lembrava dos dias ia anotando, à mão, em papel as memórias – um diário de campo pós

¹⁶ Agradeço a Juliana, como aliada, aprendiz, mulher e referência múltipla.

¹⁷ HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. **Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica**, p. 33-118, 2000.

campo. Também tomei nota de ideias que me vinham, possíveis conexões entre o que ouvia, entre os dias, os fatos, e os dias e fatos com a teoria, que estava mais latente para mim. Passado pouco tempo, me dei conta de que, por mais que as anotações à mão estimulassem o corpo e a memória escondida nos músculos, ou seja, a potência de criação que um corpo em movimento tem, continuar com as anotações dessa maneira levaria muito tempo. Todo dia eu pensava que precisaria de mais um dia, ao contrário do que eu esperava: poder marcar com um “x” a minha tabela e pensar, “menos um dia”.

Por isso, renunciei ao papel e ao lápis e me adaptei ao teclado do meu computador. Agradeço as possibilidades de agilidade que as máquinas nos trazem, mas me ressinto da impossibilidade, frente às expectativas e prazos da grande máquina capital, de tomar o tempo que é preciso para mover o corpo, ativar a memória e digerir ideias e sentimentos. Continuei com minha máquina, depois de revisadas as transcrições, me deparei com mais de 200 páginas de Dona Flor, Clara, Deija, Juliana e todos os outros humanos e não humanos que estavam copiados ali. Na dúvida entre passar para a revisão das outras entrevistas, com os outros raizeiros, e a vontade e possibilidade de me debruçar inteira só sobre Dona Flor num primeiro momento e, posteriormente, passar para os outros raizeiros, escolhi ficar só com ela.

Uma terceira vez, tive meus momentos com ela, reli as entrevistas, chorei, sorri e me surpreendi mais uma vez, fui decupando as entrevistas, criando categorias a partir do que lia, das ideias que me ocorriam e das leituras ao longo do curso de mestrado. Coloquei falas e momentos, em caixinhas que me pareciam boas o suficiente, mas que definitivamente não significava toda a complexidade e possibilidade de uma pequena frase de Dona Flor. Constantemente cortei, recortei e coleí pensamento, sentimento e possibilidade, tentando me adequar ao discurso, àquilo que pede o texto escrito: começo, meio e fim, categorias analíticas, fios narrativos temporais. Assim, para me adequar a linguagem de uma dissertação, perdi alguma coisa da linguagem de Dona Flor, da dimensão da oralidade, do modo de contar uma história que significa tanta coisa junta.

Ao refletir sobre meus processos de escrita, desde as estratégias práticas às angústias teóricas, lembro das discussões sobre a escrita da cultura, organizadas por Clifford e Marcus (2016), o encontro com uma etnografia necessariamente poética, porque é através delas que consigo trazer para o papel coisas que vão além da teoria e da descrição, e intrinsecamente

política, porque cada escolha aqui o é, as escolhas sobre o que falar, não falar, como falar, ao fim, a intenção máxima, pensando na minha invenção etnográfica foi a de descrever, com o maior cuidado possível e recontar as histórias de Dona Flor, para que elas, por si, possam levar o leitor a esses momentos, ativando a perspicácia da mente, tem coisas que, se forem muito bem contadas, explicam mais do que coisas exaustivamente explicadas com teoria.

Assim, é a própria história, os fatos, os ensinamentos morais e éticos, que revelam sobre a experiência e personalidade de Dona Flor através das escolhas e caminhos que ela revelou e escolheu. Na história tem também receita de remédio, de comida, de relacionamento. Nas histórias moram as relações de Dona Flor, como ela as criou, alimentou, como ela as ativa. Uma infinidade de coisas que eu dividi, separei e nomeei, criei categorias em cima dessas coisas que percebi.

Com a mesma inspiração de Dos Santos (2013, p. 584), que esmiúça a história da comunidade quilombola Tia Eva, a partir da história e da memória de seus pertencentes, construo a história de vida de Dona Flor, do ‘seu’¹⁸ quilombo e como essa história revela construções interessantes para o trabalho aqui construído e suas consequentes reflexões.

[...] descrever, por meio da memória coletiva dos idosos da comunidade negra Tia Eva, a trajetória de vida da ex-escrava doceira Eva Maria de Jesus (tia Eva). [...] Para isso me aproprio das formulações teóricas sobre memórias de Halbwachs (2004), o qual aponta que as memórias de um indivíduo nunca são só suas, posto que nenhuma lembrança possa existir afastada da sociedade. [...] Nesse sentido, as paisagens do passado nos são reveladas na medida em que esses registros são compartilhados pelos descendentes de tia Eva.

Em relação às categorias analíticas, elas não traduzem tudo o que as histórias e conversas com Dona Flor trazem. Elas me servem para construir essa dissertação, são artifício para estabelecer maior diálogo com a antropologia, trazendo de alguma maneira aqui, a parte de Dona Flor que fez sentido para esse trabalho, mediante os motivos e histórico colocados anteriormente. Assim, o interesse não é interesse puro e ideal. É o interesse possível, combinado com as possibilidades do tempo do mestrado e as expectativas da academia, que eu negocieei com o que eu acredito que é preciso ser dito, eternizado em Times New Roman 12, espaçamento 1,5. Essas escolhas são inspiradas nas propostas de Bellacasa (2012), quando sugere uma escrita com

¹⁸ Utilizo o pronome ‘seu’ não em sentido de posse ou propriedade, mas em sentido de parte, perspectiva e experiência localizada.

cuidado, sempre lembrando de quem compõe o autor e o texto com todas as palavras, e por vezes optando por conceitos mais abertos que não engessam experiências amplas, sem que seja necessário. Uma escrita implicada em relações, experiências históricas e lugares sociais.

Essas categorias estão no capítulo “Cozendo ideias, tecendo percepções”. O trabalho de cortar, recortar, montar e criar linhas narrativas também serviu para construir os outros dois capítulos, no capítulo “A Terra cria a gente”, busquei nas falas de Dona Flor, coisas sobre a história do lugar e do território, adubei um pouco mais com as falas de outros raizeiros, como Seu Dedé, que contribuíram para retratar da maneira mais completa possível, a história e atualidade da região da Chapada dos Veadeiros, com foco no município de Alto Paraíso de Goiás (o qual pertence a vila de São Jorge e o povoado Quilombola do Moinho), como se viveu e como se vive ali, o que mudou e o porquê, a fim de trazer o leitor para o meu campo que é o campo e território dos raizeiros, suas complexidades e outros fatores que o fazem importante para mim, para eles e para a antropologia. Além disso, trouxe algumas informações mais técnicas, presentes em outras pesquisas, de outras áreas, como a história e as ciências ambientais, para tornar o capítulo o mais completo possível.

No capítulo “Dona Flor”, continuei meu trabalho de ler, rememorar, procurar, identificar, cortar, recortar, colar, montar, num trabalho como que artesanal, a história mesma de Dona Flor. Procurei um começo, tropecei em um final, teci um meio. Fui empilhando falas, explicações sobre as falas, percepções minhas, informações que não estavam nítidas nas falas, fui costurando e tecendo essa história, que é a história que eu ouvi de Dona Flor, ela traz a verdade da nossa relação e do que eu vivi, é uma história, não é a única, mas é tão verdadeira quanto tudo que vivi em campo e que a antropologia permite traduzir. Essa história ensina, não só os fatos, mas colore os caminhos do Moinho pelos quais Dona Flor percorreu, como uma boa história de vida, ela aponta para um quadro mais amplo, a história de um lugar, o Povoado Quilombola do Moinho, o Quilombo de Dona Flor e a ética construída e vivida por ela (Dos Santos, 2013).

Ao longo do trabalho, escolhi manter na íntegra, *ipsis litteris*, e na maior quantidade possível, as falas mesmas de Dona Flor. Pode parecer cansativo para o leitor, ou preguiçoso da minha parte. Mas a escolha é proposital e intencional, tem por objetivo trazer Dona Flor para o texto da melhor maneira que encontrei, seu espírito e personalidade. Além de deixar registrada uma informação que é muito mais do que eu pude esmiuçar aqui, dentro dos objetivos dessa

dissertação. As falas de Dona Flor transcendem os objetivos deste trabalho, mantê-las na íntegra é bom para deixar o registro de Dona Flor no tempo e espaço, nesse outro meio que ela não domina, que é a escrita, mas que ela conseguiu acessar, intencionalmente, através de suas relações. Espero que aqueles que venham a ler esse texto encontrem nas falas de Dona Flor tudo o que eu encontrei e mais, que possam ter seu momento com Dona Flor, como eu tive. Conhecer um pouquinho dela.

Deixar registradas tanto quanto possível as falas de Dona Flor, que não são todas, até porque já começam restringidas pelo eixo lógico desse trabalho, e a imperatividade da escolha em relação ao que cabe dentro de uma dissertação e dentro do tempo de realização do mestrado, foi uma das estratégias que encontrei para criar algo que fizesse sentido tanto para nós (Dona Flor e eu), quanto para a antropologia, ou seja, escrever e pensar dessa maneira, com essa intenção, escrita e pensamento cuidadosos e/ou com cuidado (Bellacasa, 2012).

Além do desafio da adequação do tema, tem também o desafio da adequação da estrutura. Matutei por algum tempo diversas possibilidades de estruturar essa dissertação enquanto texto, transpor um viver, saber e relacionar multidimensional, sinestésico, cíclico, não linear em papel digital 2D. Primeiro quis que o trabalho se comportasse como árvore, com folhas e raízes, um tronco do qual galhos, ramificam, a qual raízes sustentam e alimentam, e folhas respiram.

Gostaria que o leitor pudesse desdobrar as páginas, físicas, em diferentes direções, queria que o texto se comportasse fisicamente, caso fosse impresso, como árvore, um retângulo que vai se desmembrando em outro, que desenrola para todo lado e forma a própria estrutura vegetal-papel-árvore, e assim pudesse trazer a complexidade das experiências. Não o fiz, me pergunto se seria possível. A saída que encontrei foi investir em uma estrutura narrativa, como contação de história, as mesmas que Dona Flor me contou, e que vou contando aqui, buscando trazer etnografia, teoria, experiência, pensamento, relação, tudo entrelaçado, guiado por um fio quase histórico, ou melhor narrativo temporal.

Talvez algumas coisas pareçam repetitivas, mas optei por retomar ideais aqui e ali, insistindo em descrever e exemplificar a fim de (re)situar o leitor depois que o texto se abre e sai um pouco da sequencialidade dos fatos – como quando abre espaço para outras partes do trabalho antropológico, ou quando procuro conectar passado e presente, a história de Dona Flor que ela me contou, e a história que vivi com ela. A aposta pela contação de história foi o mais perto que

consegui chegar de Dona Flor e do formato texto, ambos comportam esse horizonte, por mais que os passos sejam diferentes, acredito ter encontrado um lugar em comum suficientemente bom, que faz sentido e sentimento.

Ademais, quando eu estava fantasiando com a minha dissertação-árvore, ainda tinha em mente trabalhar todos os dados que angariei em campo, os diários de campo completos, todas as anotações sobre todos os raizeiros, todas as entrevistas. De modo que, conforme fui executando cada etapa que planejei – transcrever, revisar, decupar, agrupar, recortar, colar, costurar e o trabalho foi crescendo, e a quantidade de trabalho não diminuía – optei por começar a contar/escrever a história de Dona Flor, antes de adentrar o material etnográfico com os outros raizeiros.

Comecei efetivamente escrevendo a história de Dona Flor, portanto, o capítulo ‘Dona Flor’ foi o primeiro que escrevi. Quando terminei, ou melhor, decidi por colocar um ponto final, porque as informações não paravam de chegar – toda vez que lia e relia alguma anotação ou entrevista descobria uma coisa nova, notava uma informação que faltava e ficava tentada a voltar a campo, ou pelo menos mandar uma mensagem para Deija perguntando coisas. Essa é uma benção e uma maldição das possibilidades que a tecnologia nos traz nesses tempos. O trabalho de campo, os interlocutores, as relações que criamos não ficam mais para trás quando saímos da ilha com nosso barquinho à lá Malinowski. Hoje, pegamos aviões e carros que encurtam distâncias, e o telefone nos mantém conectados a todo tempo.

Ao me deparar com o meu ponto final para a história de Dona Flor, encarei um bocado de páginas, sentei-me e refleti. Demorei muito tempo para construir esse capítulo, quase 3 meses entre análise de dados e escrita. Me custaria o mesmo tanto de tempo iniciar essa empreitada para o restante da etnografia que me aguardava e que eu queria tanto trabalhar. Nesse momento entendi que a oportunidade que estava no meu colo era a de continuar tendo meus momentos com Dona Flor, rememorar e honrar tudo o que ela me ensinou, que eu achava que foi pouco, mas ao colocar no papel, ironicamente, entendi sua imensidão, e a impossibilidade, em realidade, de se colocar tudo numa dissertação: não é lugar de tudo nem há tempo para todas as coisas.

O meu incômodo inicial, que alimentou essa pesquisa, era a falta de representação dos raizeiros, e das personalidades e histórias dos mestres dos saberes não ocidentais nos ambientes acadêmicos e naquilo que corre generalizante nas bocas das pessoas, como diz Lucas, ou MC

Marinho, neto de Dona Flor “E minha história por que não querem contar? Deve ser que no ego deles dói”.¹⁹ Em outras palavras, sempre que ouvia sobre uma garrafada, uma limpeza espiritual, uma dança, uma música, um jeito de fazer viola, de tocar bumba meu boi, de fazer maracatu.

Enfim, em todos os cantos isso é trazido como conhecimento tradicional, saber popular, uma coisa meio etérea da qual a ciência se alimenta muitas vezes, sem dar o devido crédito. Tal qual o emblemático caso da erva baleeira junto aos Caiçaras do litoral de São Paulo e Rio de Janeiro, quando um pescador tratou um senhor com um remédio a base dessa planta, que depois foi cooptada pela Bayer, a farmacêutica produziu uma pomada a base da erva que é amplamente vendida e difundida, e cuja participação nos ganhos ainda está em disputa na justiça ²⁰.

Quando surge esse tipo de tema, muito se fala da lei de repartição de benefícios²¹, e como eles são compartilhados – quando com dificuldade isso acontece – com toda a comunidade que guarda determinado saber. Isso instiga a vontade de acrescentar nesse caldo histórias de pessoas que reproduzem e produzem esses conhecimentos, os mantêm vivos e os atualizam de maneira ancestral, viva e cotidiana – sem, nesse momento, questionar o protocolo nem os direitos e deveres que regem o “saber tradicional”.

De que forma, em matéria de política pública, a individualidade pode ser adicionada na equação não é minha preocupação neste momento, o que eu quis foi buscar e registrar aquilo que me fez falta quando procurava saber mais sobre determinados assuntos, as histórias de vida, memória, modos de ser e fazer dessas pessoas, talvez com a história em mãos seja mais fértil pensar em como inseri-la nesse circuito. Na medida em que a intenção inicial do trabalho era a de trazer várias histórias nesse sentido tipo, acabou que o que foi possível e necessário ser feito é o que segue, a história e memória de Dona Flor, aventurando sobre seus modos de ser, fazer, relacionar, agenciar mundos, organizar e desorganizar pessoas, lugares, cuidar de plantas, humanos, bichos, cristais, a respeito dos quais busco refletir no capítulo “Cozendo Ideias Tecendo Percepções”.

Para isso, e insisto, dentro do que o processo permitiu e pediu, optei por me debruçar majoritariamente sobre a etnografia, o que não exigiu pouco esforço, eu construí essa história

¹⁹ Falarei um pouco mais sobre o Lucas no capítulo intitulado “A Terra Cria a Gente”, música disponível em: <https://www.letras.mus.br/marinho-mc/me-proteja-orixa/>.

²⁰ Sobre o caso da Erva Baleeira ver BENSUSAN, Nurit. Do que é feito o encontro. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

²¹ LEI Nº 13.123, DE 20 DE MAIO DE 2015. Acesso em 26 de outubro de 2024.

quase que artesanalmente, mas não sozinha. Esse trabalho se ergue sobre uma bricolagem de falas de Dona Flor e outros, retirados de histórias contadas, somadas a percepções minhas, de Dona Flor, de outros, bem como experiências múltiplas. É uma manta de retalhos, costurada, ela exhibe tudo que originalmente está misturado nas histórias contadas, e que eu fiz o esforço de separar, reorganizar e depois costurar aqui, cosendo um eixo narrativo que comunique com o leitor e com a antropologia.

A primeira introdução deste trabalho, conforme foi apresentado, inicia com “o encontro” e é completado com a subseção “a benção”, estas servem para colocar para o leitor quem sou, situar a mim, e a minha relação com Dona Flor, solo desse trabalho, é sobre essas pessoas e relações que germina tudo que cresceu e floresceu aqui, eu, Dona Flor, nossa convivência, tudo isso orienta o meu olhar²². As seções prólogo e epílogo eu coloquei numa aventura de me aproximar da literatura, trazer um pouco mais de encantamento para o texto. Porque o trabalho etnográfico estava cheio dele, a minha intenção é colorir esse texto e torná-lo mais próximo de Dona Flor, mais atrativo ao leitor e mais fiel a mim mesma.

Essa pesquisa é uma homenagem a Dona Flor, minha mestra-mãe-avó-parteira, esse trabalho veio da dedicação profunda à oportunidade que se apresentou, investindo nele tudo o que pude, e espero ter feito o melhor.

²² HARAWAY, Donna. Situated knowledges: The science question in feminism and the privilege of partial perspective 1. In: **Women, science, and technology**. Routledge, 2013. p. 455-472.

Foto 10 – Pé de Tabaco, guardando os cantos da casa de Dona Flor



Fonte: autoral

2. A TERRA CRIA A GENTE:

[Sobre o contexto/local/território]

Antes de trazer o Moinho de Dona Flor, é importante trazer para o leitor o contexto social, histórico, geográfico e ambiental do campo. O quilombo de Dona Flor está no coração do nordeste goiano, que abriga uma vegetação do tipo Cerrado bastante específica e que tem instâncias de reconhecimento ambiental, de valor para a humanidade, diversas e importantes. Primeiro é um tipo de Cerrado particular, o Cerrado de altitude, o recorte utilizado aqui é o da Chapada dos Veadeiros, nome que denomina e torna famosa a região, além disso, a chapada abriga o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV), cuja implementação e existência está intimamente relacionada com as vidas das populações ali, impactando-as.

Ademais, antes da ocorrência do parque os modos de vida locais estavam imbricados com a agropecuária, o garimpo de ouro e de cristal e a agricultura de subsistência. Entender esses identificadores é importante para que o leitor apreenda a importância da região e suas especificidades que afetam a vida dos que moram ali, relação que será expressa também a partir de Dona Flor, com alguns adendos trazidos pela pesquisa com Seu Dedé.

Seu Dedé²³, nascido na beira do Rio São Miguel, perto da Cachoeira do Cordovil, nasceu sozinho com sua mãe, ele foi Raizeiro, garimpeiro, tropeiro, cantador, rimador, tocador de sanfona, de viola, de pandeiro, criador de cavalo, com alegria que abre caminhos sempre viva em seu sorriso, que a todo momento se via estampado em seu rosto. Nos aproximamos em agosto de 2023, logo após a morte de Dona Flor, curiosamente, nossa primeira saída de campo estava marcada para o dia do velório.

No tempo em que ele nasceu, já existia o garimpo de cristal, quando criança ele trabalhava fabricando lascas de cristal, depois as vendia para conseguir material escolar, uma roupa mais arrumada, guardar algum dinheiro para o caso de ter que ir à cidade por causa de alguma emergência. Ele cresceu numa fazenda na região da Volta da Serra, seu pai trabalhava na fazenda e cultivava, nos dias livres, sua própria roça, além disso, criava cavalos, com os quais

²³ Foi um dos Raizeiros com quem fiz trabalho de campo, sua história não está esmiuçada aqui pelos motivos apresentados na introdução do trabalho, entretanto, querendo respeitá-lo e honrá-lo, evidenciando as marcas que nossa relação de pesquisa, de aprendiz e de amizade deixaram, trago uma breve apresentação.

Seu Dedé brincava muito quando criança.

Seu Dedé foi casado com Dona Maria, também Raizeira, com ela teve 8 filhos. Foi com sua primeira esposa e com sua mãe que aprendeu o ofício das raízes, tendo demonstrado interesse pelas plantas desde cedo, era o principal ajudante da mãe para o ofício, desde então continuou se especializando, estudando sozinho, com sua esposa Maria e com outros raizeiros da região. Nascido e crescido na região, Seu Dedé viu o garimpo ir embora, viu o Parque Nacional chegar, sofreu as consequências, batalhou a grilagem de suas terras, ficou viúvo, depois casou-se com Terezinha.

Seu Dedé abraçou aprendizes e gostava de ensinar tudo o que sabia, sempre muito generoso, cuidou também dos filhos tanto quanto pode e não pode, até seus últimos dias. Quanto a mim, Seu Dedé e Terezinha me acolheram depois da morte de Dona Flor, cuidaram de mim, gostavam que eu ficasse para almoçar e para jantar. Eles²⁴ me ensinaram sobre as plantas, contaram histórias de suas vidas, uma outra infinidade de coisas que terá um outro lugar, só delas²⁵. Entretanto, muito do que aprendi sobre a região, de maneira mais ampla, foi com Adelídio, e por isso, trago ele aqui, nesse capítulo.

²⁴ Quando eu realizei as entrevistas, conversas e visitas a Seu Dedé, Terezinha estava sempre presente, menos quando saíamos a campo, de modo que ela também trazia, em menor intensidade, sua própria experiência de vida e os seus conhecimentos sobre plantas, as quais usava quando morava na roça, seu lugar de origem, em Barreiras, BA.

²⁵ Infelizmente, Seu Dedé faleceu, de maneira súbita e inesperada, em agosto de 2024, mais uma morte que marca esse trabalho, de todo modo os ensinamentos e vivências que ele compartilhou comigo ainda serão trabalhados e divulgados.

Foto 11 – Seu Dedé sorrindo no mato, saída de campo em outubro de 2023



Fonte: autoral

A Chapada dos Veadeiros, portanto, encontra-se no bioma Cerrado, segundo maior bioma brasileiro, perdendo somente para Amazônia, o Cerrado abrange os estados do Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Bahia, Distrito Federal, Paraná, Ceará, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Piauí, Minas Gerais, Rondônia e São Paulo. O Cerrado na Chapada dos Veadeiros tem uma importância estratégica pois interliga quase todos os outros biomas, a sua área total é de aproximadamente 22% do território brasileiro, é caracterizado por variações de elevada altitude, chegando a 1600 metros em alguns lugares, o que caracteriza um tipo endêmico da vegetação nas regiões com essas características.

Neste bioma são identificadas, tanto pelos cientistas, quanto pela população local, duas estações, a seca de maio a setembro e a chuvosa de outubro a março, nas regiões de maior altitude as estações são mais amenas, sendo que no inverno, em junho e julho, a temperatura pode ser consideravelmente fria²⁶, durante a noite, eu mesma já peguei madrugadas que chegaram aos 5° centígrados. Seu Dedé e Dona Flor contaram histórias nas quais os campos amanheciam com geada, tudo branquinho e congelado, é como eles descreveram.

Além disso, nos lugares de elevada altitude o solo, do tipo latossolo, tem por característica serem bastante intemperizados, a combinação dessas e outras características faz com que essas regiões sejam abrigo de uma vasta biodiversidade e ambientes com tipos de vegetação múltiplos. Cerrado, em espanhol, tem por tradução “fechado”, de modo que o nome está relacionado a qualificação da vegetação arbustiva como de difícil acesso.

Entretanto a vegetação de tipo arbustiva não é a única do bioma, sendo acompanhada por campos, savanas e matas de galeria, encontradas ao redor de regiões com alta concentração hídrica, córregos, rios e as famosas veredas. Essas são características que compõem a denominação do Cerrado como um dos mais ricos ecossistemas, é a savana mais biodiversa do planeta, região que detém 30% da biodiversidade brasileira.

Infelizmente, o Cerrado também é considerado o bioma do sacrifício devido a alta ameaça a sua existência colocada pela rápida expansão agropecuária, principalmente, da produção da soja. A noção de sacrifício está relacionada ao mínimo esforço governamental para a proteção do bioma frente aos esforços para preservar a Amazônia, quando ambos (bem como os outros

²⁶ Sobre o Cerrado ver as informações oferecidas pela EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária): <https://www.embrapa.br/cerrados/colecao-entomologica/bioma-cerrado>, acesso em 26 de outubro de 2024.

biomas brasileiros) deveriam ser equitativamente protegidos. Estima-se que somente 20% do bioma ainda permanece preservado ou pouco modificado, situação ainda de grande vulnerabilidade dado que somente 3% de sua extensão é legalmente protegida. É uma microrregião muito antiga que se destaca nas paisagens do Brasil, como descreve Veiga:

Há mais de 65 milhões de anos, as porções elevadas abrigam as cabeceiras de importantes formadores do rio Tocantins, no coração da América do Sul. isto tem feito desse berço das águas um espaço de convergência entre inúmeras espécies vegetais e animais características do Cerrado (VEIGA, p. 16 *apud* BARBOSA, 2008).

A Chapada dos Veadeiros é composta pelos municípios de São João D’Aliança, Alto Paraíso de Goiás, Teresina de Goiás, Cavalcante, Campos Belos, Monte Alegre de Goiás e Nova Roma (SEPLAN/GO, 2003). O povoado quilombola do Moinho, por sua vez, está localizado a aproximadamente 12 quilômetros de Alto Paraíso de Goiás, seguindo pela GO-239, sentido Nova Roma. Um dos córregos que circunda o povoado é chamado São Bartolomeu – que percorre também por Alto Paraíso de Goiás e Cavalcante. Esse nome vem em referência à passagem do Anhanguera II (Bartolomeu Bueno da Silva) pelo Vale do Paranã, em suas expedições de bandeiras a fim de sequestrar e escravizar indígenas – cujo um dos contatos famosos foi a pilhagem das roças dos Crixás²⁷ – para promover a colonização do interior do Brasil e fiscalizar a atividade mineradora de ouro, a primeira a ser desenvolvida na região, principalmente em Cavalcante (e saindo da Chapada dos Veadeiros, em Formosa).

A passagem do Anhanguera pelo Vale do Paranã deixou também marcas que permanecem até hoje. Ao enviar diversos grupos de sua expedição nos altos da Chapada, em busca das riquezas almejadas, fincou testemunhos que ficaram registrados como, por exemplo, nos nomes de córregos chamados São Bartolomeu (em Alto Paraíso e Cavalcante) e no povoado denominado Bandeira (em São João D’aliança) (BARBOSA, 2008, p. 28).

Dona Flor conta muitas histórias sobre o seu tempo de garimpeira, nascida em 1937. O garimpo do qual ela fala é o garimpo de cristal que começou a crescer depois da queda do garimpo de ouro, a alforria dos escravizados – ainda que muito institucional e pouco prática – e o crescimento da economia agropecuária, criação de gado, plantações de trigo – moído também nos moinhos do Povoado Moinho, cujo nome é homenagem à atividade. Além de culturas de café, feijão, arroz, algodão, milho, cana, dentre outros, que se destinavam à venda para os garimpeiros

²⁷ Barbosa, 2008, p. 28

e tropeiros (vaqueiros e pecuaristas da região). Dentre essas atividades, a mineração ia e vinha, sendo a agricultura e a pecuária as atividades mais perenes, que obtiveram maior sucesso, inclusive, é curioso apontar que a cultura do trigo foi uma das que teve amplo crescimento durante muito tempo, de acordo com Barbosa (2008, p. 33):

[...] esta cultura teria sido trazida para a região, em 1780, por imigrantes egípcios vindo da Bahia. O Clima da Chapada dos Veadeiros permitiu sua adaptação à região, o que gerou uma produção que cresceu ao ponto de ser exportada para "o estrangeiro", a partir da Bahia e do Rio de Janeiro.

O moinho do povoado Moinho, engenho destinado à moagem do trigo, cultivado na região, movido pela água, foi o que resistiu mais tempo, tendo lugar na fazenda Bonsucesso, ou Campo do Meio, que é como nomeia Dona Flor e demais moradores do Moinho, pertencente à família de João Bernardes, cuja última esposa foi Leonia, melhor amiga de Dona Flor.

Dona Flor: O moinho não era no rio, o moinho. Xo ver, onde é que era aquela casa do... O do campo do meio, o do Moinho eu não sei de quando que é, quando eu mudei 'pra' cá, que eu já tinha 11 anos, ele já tava bem parado. O moinho daqui do Moinho, por causa do trigo, ele era moinho de fazer trigo.

Clara: Parou de ter trigo?

Dona Flor: É porque o povo foi acabando, foi vendendo tudo as terras, e o povo [de fora] foi entrando, fazendo... [sic].

Voltando para o garimpo de cristal, este teve grande crescimento durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial devido a seu uso na produção de radiotransmissores e outros equipamentos militares, com a caída da produção agropecuária na região, o garimpo de cristal e o cultivo de roças que alimentavam as famílias dos trabalhadores e cujo excedente era vendido no garimpo foi o que manteve a economia da região durante mais alguns anos, até o estabelecimento do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV), sendo o ano de 1996 aquele que Seu Dedé e Dona Flor relatam o de maior enrijecimento das regras para a conservação do Cerrado e que proibiram o garimpo do cristal, deixando famílias sem condições de sustento.

A vila de São Jorge, por exemplo, surgiu por causa do garimpo, antes eram famílias espalhadas em suas roças, ou que moravam e trabalhavam, muitas vezes em regime de escravidão, em fazendas maiores. Dona Flor conta que viu a Vila de São Jorge nascer, em seu tempo eram só 4 casas:

Dona Flor: Era garimpo, que antigamente assim, quem era garimpeiro era garimpeiro, quem era lavrador era lavrador. Aí foi indo, tomando de garimpo, depois foi vendendo, hoje ficou aquela cidade lá. Mas eu conheci aquilo ali com 4 casas, 1 barracão.

Clara: 4?! Quem é que morava lá?

Dona Flor: Zé Pires, uma senhora de Maria Chefe, eu conhecia um homem lá pelo nome Severo. Não sei se Severo já morreu, mas já morreu. E hoje, começou, São Jorge tem coisa melhor que Alto Paraíso [sic].

Depois do garimpo, por um breve período começou a ser implementado um projeto de desenvolvimento da região, o “Plano de Desenvolvimento Integrado de Alto Paraíso” que resultou na pavimentação da estrada que liga Alto Paraíso de Goiás à Brasília. Dona Flor e Deija relatam os tempos em que a estrada ainda era de chão batido, e as dificuldades de locomoção que isso implicava. Certa vez, por exemplo, Deija teve um grande acidente, caiu de uma mangueira quando tinha por volta dos seus 10 anos e quebrou o fêmur, elas relatam o sofrimento para conseguir uma maneira de ir até Brasília, Deija lembra das dores que eram ampliadas pelo chacoalhar do carro na estrada irregular, e Dona Flor enfatiza muito a dificuldade de respirar em meio a tanta poeira.

O projeto estava mais aliado ao desenvolvimento agropecuário da região, e o projeto decolonização, do centro e do norte do país impulsionado pela construção da capital, Brasília, mas já previa o desenvolvimento de seu potencial turístico, tendo em vista as águas termais e grande quantidade de cachoeiras de águas frias e cristalinas presente na região. Ao todo, o projeto (Plano de Desenvolvimento Integrado de Alto Paraíso) iniciou a construção de um hospital regional, ainda inacabado, lugar em que Dona Flor tanto conseguiu ajuda quanto passou por maus tratos. A pista de pouso onde eu assisti muitos pores do sol, brinquei com a areia colorida ali presente e aprendi a andar de bicicleta.

Um hotel abandonado, casa de algumas das minhas aventuras quando adolescente, uma rodoviária que já me recebeu inúmeras vezes, o prédio do fórum, que hoje é a prefeitura e um galpão para a estocagem de grãos. O projeto foi abandonado após a morte do governador à época, Ary Valadão, que faleceu em decorrência de um acidente aéreo – é ele que nomeia a avenida principal de Alto Paraíso, percorrida por mim infinitas vezes, muitas delas parte do percurso que trilhava em direção a casa de Dona Flor – e a decorrente troca de governo, em 1982. De acordo com Santos (2014) em referência à Valle (2008):

(o projeto) tinha por objetivos fomentar a produção de frutas de clima temperado para abastecer o mercado do Distrito Federal e instalar a Sede de Verão do Governo Estadual, realizando investimentos de infraestrutura para apoiar esta “função administrativa”, associada diretamente ao incremento do turismo [...]. De acordo com Valle, que acessou documentos do extinto Instituto de Desenvolvimento Urbano de Goiás (INDUR), um

propósito maior era “fixar a população dos municípios do norte e nordeste goiano em suas próprias regiões, desafogando o fluxo migratório para Brasília” (VALLE, 2008, p. 44).

O fim imperativo da atividade garimpeira na região está relacionada às iniciativas de conservação ambiental, dada a existência do PNCV e os movimentos internacionais alimentados pela COP 92²⁸, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, culminando na abertura, na década de 1990, para a visitação turística do parque. Além disso, o maior sítio de garimpo da região, o Garimpão, está localizado no interior da área do PNCV, já estava fechado há algum tempo e funciona como atrativo dentro do parque.

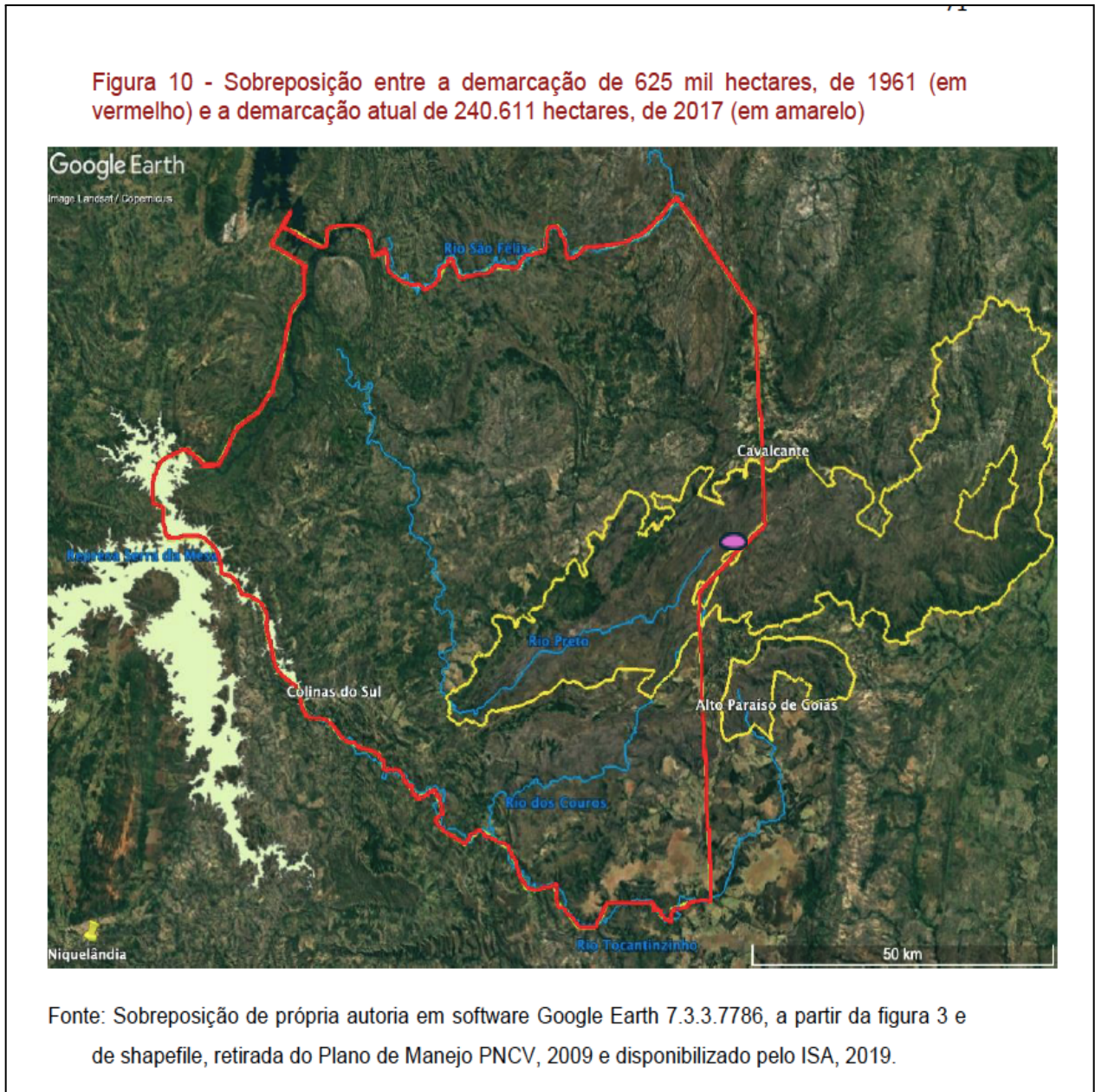
Num primeiro momento, o PNCV era o Parque Nacional do Tocantins, com uma extensão de 625.000 hectares. Entretanto, sua administração foi deixada de escanteio, passando por uma primeira redução em 1972, que conferiu ao parque uma extensão de 171.924,54 hectares, e como seus limites com o rio Tocantins foram abandonados, o parque foi renomeado como Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, seu nome atual. A segunda redução, em 1981, atribuiu ao parque 60.000 hectares.

Em 1990, o parque ganhou alguns hectares a mais, chegando a 65.514 hectares. Já no ano de 2001, o parque ganhou um aumento significativo, chegando a 236.570 hectares, a mudança não veio acompanhada de muitas explicações, mas é possível relacioná-la à movimentação do governo federal para que o parque fosse considerado patrimônio mundial natural pela UNESCO, reconhecimento que foi obtido logo após à ampliação. Entretanto, a ampliação foi revogada em decorrência de falhas no cumprimento dos processos legislativos que cabiam para que a ação fosse legal (BARBOSA, 2008). Em 2017, entretanto, o parque foi finalmente (re)ampliado para 240.611 hectares, dado que a ampliação de 2001 e sua suspensão deixou pendências, a imagem seguinte²⁹ ilustra o histórico de reduções e ampliações do PNCV.

²⁸ A II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida como Rio-92 ou Cúpula da Terra, foi realizada entre 3 e 14 de junho de 1992 e reuniu 108 chefes de Estado dos países-membros da ONU. Os participantes buscavam meios de conciliar o desenvolvimento sócio-econômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra, fonte <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/sites-tematicos/rio20/eco-92>, acesso em 27 de outubro de 2024

²⁹ Mapa retirado do trabalho de Ribeiro (2021) e alteração (ponto rosa em círculo à direita da imagem) indicando o quilombo do Moinho, autoral.

Figura 1 – Mapa retirado do trabalho de Ribeiro *et al.* (2021) e alteração (ponto rosa em círculo à direita da imagem) indicando o quilombo do Moinho



Fonte: autoral, adaptado de Ribeiro *et al.* (2021).

Ao mesmo tempo em que o estabelecimento do parque e os esforços a favor da preservação ambiental estão alinhados com entendimentos sobre a importância da preservação da natureza para um futuro, o projeto, como muitos outros, foi implementado de cima para baixo e se preocupou insuficientemente com seus impactos nas populações locais. Conversando com Seu Dedé e Dona Flor, que viveram grande parte de suas vidas se apoiando na atividade garimpeira para garantir uma renda extra, destinada a tudo aquilo que as roças e o cerrado não podiam garantir, pude aprender um pouco mais sobre esses impactos

Das roças, era possível plantar e colher o alimento e, do Cerrado, coletavam insumos, muitos e variados, que eram utilizados com intenções diversas, como a construção de casas a partir do Buriti, cuja palha era utilizada para fazer telhados e estruturas, bem como as cordas que amarram as mesmas, ou a terra que era utilizada no adobe que servia para levantar paredes, ou ainda as folhas da planta lixeira que serviam para arear panelas e ainda vigas de madeira. Também é possível falar sobre casca do angico, que servia para ralar mandioca, sem contar com as ervas medicinais que eram utilizadas também,³⁰ em função da dificuldade de acesso a um sistema público de saúde que apoiasse os habitantes da região.

Do garimpo era possível conseguir uma pequena fonte de renda que dava alguma segurança se a colheita fosse inesperadamente insuficiente, se fosse necessário se deslocar para os centros urbanos a fim de acessar políticas públicas de assistência social, ou até mesmo comprar lápis e cadernos para poder frequentar a escola da região, como fazia seu Dedé. Ele, desde criança, além de trabalhar durante a primeira parte do dia na roça, no final do dia, após a escola, ia para o garimpo recolher cristais, nos quais trabalhava durante a noite, retirando lascas, à luz da candeia³¹. Um balde de lascas era vendido para o Seu Claro³² por um cruzado³³, na época. Com esse dinheiro, Dedé e seus irmãos conseguiram, por várias vezes, comprar roupa, material escolar, dentre outras coisas.

Dona Flor, por sua vez, vendia o que não era consumido da sua roça, bem como alguns

³⁰ Digo também com a intenção de não invisibilizar uma diversidade de motivos que leva ao uso e a busca da medicina não institucional (GUIMARÃES, 2017).

³¹ Candeia é uma lamparina, recipiente com óleo ou querosene e um pavio, muitas vezes de algodão, uma espécie de vela sem cera que era utilizada para iluminar a escuridão da noite.

³² Um dos primeiros habitantes da vila de São Jorge, que comprava cristal dos garimpeiros e revendia fora, o bar do Seu Claro ainda pode ser encontrado na Vila de São Jorge.

³³ Cruzado “[...] Econ. Moeda brasileira que substituiu o cruzeiro em 1986 [Em 1989, foi introduzido o cruzado novo, que vigorou até 1990, com a volta do cruzeiro.]”, acessado em 23 de maio de 2024.

produtos secundários de sua produção, doces, geleias, sabonetes, e outros para os garimpeiros que vinham de longe. O fim do garimpo significou o fim dessa possibilidade fundamental para que a vida seguisse na região, e o impedimento do acesso e extração de plantas em algumas áreas do parque também impactou o uso das espécies nativas do Cerrado, no sentido do que foi colocado acima. Dona Flor relata ter coletado raízes na região durante muito tempo, e ter tido que mudar seus percursos por causa da rigidez das regras do parque que no tempo, estavam aliadas a ideia de conservação que previam a necessidade de um ambiente imaculado, no qual a interação humana seria necessariamente prejudicial, noções que já são contestadas tendo em vista por exemplo os argumentos colocados por Diegues, 1994³⁴, e as noções de sociobiodiversidade agora nutridas nesse meio. Sobre esse processo, segue uma fala de Dona Flor retirada do trabalho de Juliana Watson (2016) que bem o retrata:

Juliana: Dona Flor, foi ficando mais difícil pegar as coisas com o tempo? Por causa dessa coisa das terras dos donos?

Dona Flor: Hoje ‘pra’ eu pegar um pau de lenha desse aqui eu tenho que pedir, eu tenho que implorar, eles têm que dar detalhe de como que tira, como que não tira.

Juliana: E antigamente não era assim?

Dona Flor: Antigamente a lenha era do povo, achavam até bom porque limpava o pasto, ficava menos coisa ‘pra’ o povo queimar. Hoje não, hoje é uma burocracia horrorosa. Eu tô entrando nesse cerrado porque é de minhas amigas, é dos ‘filho’ da Leonia, tá alugada ‘pra’ o policial, a mulher do policial é muito amiga da gente.

Como alternativa ao garimpo, então, a comunidade local e a gestão do parque, a partir da abertura do PNCV à visitação, começaram a investir na atividade turística como outra possibilidade de atividade econômica na região. O turismo não veio sem luta, muito menos sem impacto na região, Seu Dedé conta dos esforços da comunidade e seu embate com a direção do parque que também havia proibido o cultivo das roças de coivara³⁵, em algum momento aqueles que viviam ao redor do parque foram impedidos, pela fiscalização ambiental ligada ao parque nacional, de cultivar suas roças e de garimpar, ficando sem meios de se manter vivos. De modo que a população local e a gestão do parque entraram em conflito, às vezes até violento, permeado por ameaças, que somente diante do apelo dos moradores começou a desenvolver planos tendo o turismo como principal eixo de desenvolvimento econômico. Como disse seu Dedé:

³⁴ DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. Mito moderno da natureza intocada. 1994.

³⁵ A roça de coivara é uma forma de plantio destinada ao consumo familiar e venda do excedente em pequena escala, é uma técnica tradicional que consiste em queimar para limpar o terreno e adubá-lo com as cinzas, preparando-o para a lavoura.

Seu Dedé: Mas para você saber, moço! A gente garimpeiro virar guia, mas foi difícil porque não sabia falar linguagem de turismo.

O primeiro curso de guias turísticos se deu no ano de 1995, de acordo com seu Dedé, os moradores também foram instruídos a abrir campings, pousadas, mercadinhos e bares na Vila de São Jorge, uma nova maneira de gerar renda. Outras formas de substituir o garimpo também foram crescendo com a chegada e crescimento na região de Organizações Não Governamentais (ONGs) – estratégias essas voltadas para a conservação – como a WWF com o projeto Veadeiros em 2001, do qual meu pai fez parte³⁶. Uma das linhas de ação desse projeto foi a criação da ASFLO, da qual Dona Flor fez parte durante um tempo. Nesse projeto, os integrantes locais coletavam flores ornamentais que eram vendidas para outras cidades, isso também gerou uma movimentação da economia e inclusão da população local em alternativas que trouxessem alguma fonte de renda para essas pessoas, que já não podiam depender do garimpo ou das roças tanto quanto antes.

Mesmo assim, as consequências da mudança no modo de vida são percebidas até hoje, Dona Flor lamenta ao perceber a perda da cultura lavradora da região, o que também mudou o tipo de alimentação ali, trazendo novas doenças como a hipertensão e a diabetes. Mudança que Dona Flor percebe bem, pois como é referência em sua comunidade quando o assunto é saúde e doença, muitos dos acometidos pelas doenças recorrem a ela em busca de tratamentos com a medicina tradicional e natural do Cerrado, a qual ela exerce com maestria. Sua memória e modo de atendimento, voltado para a pessoa e sua história, entendendo a doença como resultante de um quadro complexo, também contribui para que ela guarde essas informações na memória e as relacione ao longo do tempo, transformando-as nos dados que hoje ela oferece quando conta suas histórias.

Dona Flor: Depois que o povo mais velho, Bernardes, Rodrigues, o povo conheceu o turista e aí ele pegou, ele vendeu as terras, foi tudo daqui mudou para Brasília, Formosa, agora tá [todo muito] doido para voltar, [mas] o dinheiro que eles têm não dá para voltar mais. Isso aqui era lindo demais, à noite aqui que era lindo... história do Moinho, história mesmo...olha não tinha cerca de arame, só tinha cerca de pedra aqueles murão bem alto de pedra, e onde tinha a cerca de pedra, onde tinha essas pedras eu vou te levar, mas não era acordo não, não era só por acordo todo mundo sabia onde era a terra dos ricos [sic].

³⁶ Mais informações em: PROJETO VEADEIROS. **Folder informativo: Projeto Veadeiros**. Alto Paraíso-GO: WWF-Brasil, ASJOR, ASFLO, [s.d.]. Disponível em: https://wwfbr.awsassets.panda.org/downloads/folder_veadeiros.pdf. Acesso em: 22 abr. 2025.

O aumento da incidência de problemas com a bebida, concomitante ao aumento da presença de bares na região, também aparece bastante na fala dos raizeiros. Ademais, o crescimento do turismo na região, desde os anos 1990 tem gerado forte e crescente especulação imobiliária, Dona Flor quando relata a influência no modo de vida elenca o turismo e o turista como agentes na decisão dos moradores nativos pela venda de suas terras, abandono do modo de vida na lavoura e esquecimento de diversos costumes culturais na região, como as festas dos Santos, o feitio de mandioca, de pamonha, de doces *etc.* Além disso, a paisagem tem mudado drasticamente desde então, especialmente nos últimos 5 anos, a especulação imobiliária nunca parou de crescer.

Ainda hoje, saindo do meu pouso, minha casa de infância, que fica entre Alto Paraíso e São Jorge, levo de 40 minutos a 1 hora para chegar a casa de Dona Flor. Percorro a estrada de terra da minha casa, envolta por um Cerrado alto, bastante preservado. Dentre meus companheiros de habitat, posso citar o Lobo Guará, que gosta de comer as mangas do pomar, quando está na época, e os cajuzinhos de Cerrado. A anta, que ano ou outro está com um novo filhote, sei disse porque avisto suas pegadas, hora acompanhadas de um rastro menor, hora não. Saindo bem cedo dou de encontro com o veado campeiro e a seriema. Além dos diversos passarinhos, saguis, cobras e insetos que avisto por ali.

Foto 12 – Cascavel na porta da minha casa



Fonte: autoral

São mais ou menos 3 quilômetros de terra até chegar ao asfalto do GO-239, da estrada de asfalto é possível avistar a Serra da Baleia e o Morro da Boa Vista, a paisagem varia de planícies de capim com casas de cupim, áreas de afloramento com rochas de formas diversas, saindo da terra, decoradas por espécies arbustivas do Cerrado, canelas de ema, arnica, candombás, gomeiras, carobinha, ipês, dentre outros. Esporadicamente a paisagem uniforme dos campos é cortada pelo verde mais denso das veredas, com suas árvores grandes e os inconfundíveis buritis. Em algumas áreas de vereda aprendi, com Tom das Ervas e com Dé, companheiro de Deija, a identificar a presença do açaí juçara, que faz parte do rol de alimentos coletados pelos moradores da região, e pelos quilombolas.

Depois de 15 quilômetros de asfalto, alcanço a cidade de Alto Paraíso, cada vez maior e mais movimentada. No meu tempo de infância era possível reconhecer todos os carros da rua e associá-los a seus donos, o que permitia também acompanhar a vida de cada um, se tinham ido à farmácia ou ao supermercado aquele dia, ou ainda, visitado a casa de algum amigo. Desde o ano de 2012 percebi uma aceleração exponencial no crescimento da cidade, novos moradores vieram atraídos, dentro de sua busca espiritual, pelo mais novo Guru da Região, o Prem Baba. Ele se estabeleceu próximo à fazenda São Bento, que era antes o Portal da Chapada, pertencente ao Sr. Cabral, agora é denominado Portal Beija-Flor e comporta não somente um dos acessos à cachoeira São Bento, mas também oficinas, vivências, um restaurante natural e aqueles que desejam se envolver e estudar os ensinamentos do Prem Baba.

Após um escândalo envolvendo o nome do Guru poucos anos antes da pandemia³⁷, esse fluxo de pessoas diminuiu um pouco, e os festivais organizados em seu nome também se esvaziaram. A região mal retomava o fôlego frente à ocupação humana quando a pandemia da Covid-19 assolou o mundo. Dentre as diversas repercussões da pandemia elenco aqui o deslocamento de pessoas saindo de ambientes urbanos em direção a áreas rurais, onde o ar é “mais puro”, a vida é mais calma, é possível andar longas distâncias sem encontrar pessoas e oferecer às crianças (e aos adultos também) alguma liberdade e segurança fora da zona de forte contágio de ambientes densamente populosos.

³⁷Disponível

em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/08/30/interna-brasil,702842/sri-prem-baba-acusado-de-abuso-sexual.shtml>, acessado em 26 de outubro de 2024.

O município de Alto Paraíso de Goiás atraiu muitas dessas pessoas, grande parte amparada pela possibilidade do trabalho remoto, elas alugaram casas, compraram terrenos, e construíram moradias. A procura por habitação durante a pandemia ficou tão alta que o aluguel de uma casa pequena – 1 ou 2 quartos –, sem forro, e às vezes até reboco, chegava a 3.000,00 reais, o preço de um aluguel de um apartamento pequeno no Plano Piloto, região central em Brasília.

A situação da bolha imobiliária está começando a aliviar, mas muito pouco, os conflitos imobiliários, disputa de terra em situações irregulares³⁸ não pararam, um exemplo disso é a revisão do Plano Diretor do Município de Alto Paraíso de Goiás, envolto de controvérsias, denúncias frente ao Ministério Público, disputa política envolvendo aqueles que desejam seguir as diretrizes já previstas no Plano Diretor atual, nas regras de ocupação da APA (Área de Proteção Ambiental) da Chapada dos Veadeiros e da Zona de Amortecimento do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (que está dentro do município), se não deixá-las ainda mais sensíveis aos valores de preservação e promoção do Cerrado e seu Povo³⁹.

Existem também aqueles que advogam por maior flexibilização dessas regras ambientais, dado os interesses econômicos e políticos, que se misturam com frequência. Ou interesses socioeconômicos e pela justiça, frente ao racismo ambiental (Herculano; Pacheco, 2006), já que as populações com menor poder de aquisição financeiro, majoritariamente negras, de origem quilombola, que apesar de prezar pela preservação e cuidado com seu território, seu lar histórico e cotidiano, se veem com poucas possibilidades pois não conseguem acompanhar os preços altíssimos da especulação imobiliária na região.

Não só por causa da pandemia da COVID-19, a região da Chapada dos Veadeiros é cobiçada, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e as riquezas materiais e imateriais da região (a cultura lavradora, boiadeira, as folias, os quilombos e as mais de 100 cachoeiras de água cristalina e deslumbrante) alimentam o turismo na região, trazendo consigo pousadas, restaurantes, chalés, *Airbnbs*, passeios inusitados, de balão, bicicleta, caminhada, trilha, escalada

³⁸ Para saber mais, consultar:

https://www.metropoles.com/brasil/chapada-dos-veadeiros-vive-colapso-com-boom-de-ocupacoes-desordenadas#google_vignette

³⁹ Para saber mais, consultar:

<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2024/04/6846500-projeto-de-novo-plano-diretor-para-alto-paraíso-de-goias-preocupa-moradores.html>

e muitos outros.

Surpreendentemente ou não, os donos da maioria desses negócios são de outras regiões do Brasil, muitos de São Paulo, Brasília ou Rio Grande do Sul, outros são descendentes de famílias que já possuíam grandes fazendas na região antes mesmo da instalação do parque. Enquanto a grande maioria da população da região trabalha construindo ou mantendo esses negócios em posições mais baixas na escala de poder econômico, eu vejo os sinais dessa situação complexa, a minha rua de terra, que antigamente tinha 3 casas, a minha, da minha avó e da minha vizinha, agora tem mais de 50 propriedades, a cada ida e vinda de Brasília para Alto Paraíso me deparo com uma nova casa. A cidade está sempre cheia, os restaurantes quase sempre abertos, ainda que alguns mantenham a tradição de fechar na terça e/ou quarta-feira. Faz tempo que não presencio dias em que as ruas de Alto Paraíso ficam desertas, nem na madrugada.

É possível atravessar Alto Paraíso, percorrendo a Avenida Principal, Ary Valadão, em menos de 10 minutos, ao final da avenida, passando a praça do Bambu, está o início da estrada de terra que leva ao povoado do Moinho, depois à cachoeira Simão Correia, ao povoado do Sertão, chegando a Nova Roma e enfim ao Estado da Bahia. Desde a entrada da estrada de terra até o povoado do Moinho percorrem-se mais ou menos 12 quilômetros. O estado usual da estrada é o “esburacado”, é uma estrada sinuosa, que desce o vale às margens do Rio São Bartolomeu, tem um grande morro ao lado direito da estrada, quando estamos indo em direção ao Moinho, e um vale intenso ao lado esquerdo, verde, um verde que é pouco comum nas áreas savânicas do Cerrado.

Foto 13 – Trecho da estrada para o Moinho, janeiro de 2024



Fonte: autoral

Vou com o carro bem devagar, quando não estou atrasada, assim ele chacoalha menos, o carro grande, antigo, é bastante barulhento, e as engrenagens parecem cada vez mais soltas, tento

acompanhar o movimento tortuoso do carro com o corpo, sem ir muito contra o movimento, para não maltratar a coluna, como me ensinou Dona Cecília, raizeira do Quilombo São Félix, residente no município de Cavalcante. A poeira às vezes vermelha, às vezes mais esbranquiçada da estrada deixa claro que o carro passou por ali, pois sai todo sujo. A poeira da estrada do Moinho é inconfundível, na alta seca chega a ser um pó tão fino, que ficou apelidado de talco. Na estação chuvosa os buracos aumentam e se enchem de lama, tornando o trajeto ainda mais difícil de percorrer, não é qualquer carro, ou motorista, que passa por ali.

Nos dias secos a poeira pinta uma película avermelhada na paisagem, e a luz que a atravessa deixa o céu e o ar com um jeito do Goiás que eu conheço, subo e desço, atravesso três pontes finas, sem proteção nas laterais, e gosto de espiar a água do rio que corre embaixo, cristalina quando não está chovendo, barrenta e volumosa quando chove. Em fevereiro é possível ver o verde na beira da estrada, as plantas estão saciadas pela água que cai sem parar do céu e exibem viscosidade. Nessa época começam as quaresmeiras, que pintam de roxo os trechos compridos do trajeto.

Em maio e junho, a gama de flores aumenta, margaridões amarelos, florzinhas laranjas, brancas, rosas, caliandras, mimosas, pireques⁴⁰. O verde vai esmaecendo, a vegetação amarela no final de junho e começa a ser colorida pela poeira que não cessa, de agosto a setembro o trajeto é bem mais marrom, as árvores cobertas de pó parecem clamar por água, algo que as lave e permita que respiram livremente, sem a capa árida. Em agosto, a primeira chuva do caju, lava a terra que cheira forte, cheiro de terra molhada, mas não é o suficiente para limpar tudo, logo evapora e o cio da terra⁴¹ cheira ainda mais forte. Como diz a música (Buarque; Nascimento, 1977, vol. 1):

Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação
E fecundar o chão.

Em outubro a água cai, sem ressalvas, e lava as bocas secas das plantas, e das pessoas, Dona Flor e os outros lavradores já estavam planejando plantar há tempos, começa com a abóbora e o feijão. Ou pelo menos, usualmente, é assim que o ciclo se dá, mas ultimamente o

⁴⁰ uma planta.

⁴¹ Música de Chico Buarque cantada por Milton Nascimento, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gYqTPvU-gEc>, acesso em 26 de outubro de 2024.

tempo está meio imprevisível. No ano de 2023 veio um tempo seco, sol forte no meio de novembro, que queimou muitas plantações por aí.

Percorrendo a estrada sinuosa, depois da segunda ponte, eu viro à esquerda, na bifurcação que leva para o povoado do Moinho, seguindo adiante desço beirando um dos morros e avisto a placa acima, “Bem-vindo ao Povoado do Moinho”, estou chegando. A estrada fica mais estreita, a mata cresce ao meu redor e umedece um pouco, passo a casa preta, em forma de gota, depois a fazenda em que mora Piano o senhor miudinho preto retinto, que foi criado⁴² na família de Taciano, irmão de Dona Leonia, melhor amiga de Dona Flor; Taciano e sua família também moram ali. Piano quase sempre está tocando as vacas, reconheço o curral do gado, a casa pequena e a grande que fica lado a lado, em frente a um majestoso jacarandá.

⁴² A mãe de Piano foi criada na casa de Dona Leonia, Piano nasceu lá, criou lá hoje, trabalha e vive na fazenda deles.

Foto 14 – Jacarandá na estrada, Moinho, 2023



Fonte: autoral

Passo a terceira ponte, as placas à esquerda, que direcionam para a pousada Terra Booma, e o campo de palmeiras de Indaiá bem à frente, o gado no pasto verde embaixo, alguma plantação da época, milho, mandioca, arroz, feijão. E as araras canindés que conversam ali. Aceno internamente para a sede da fazenda Campo do Meio, e Dona Leonia, que mora ali, com seu quintal, pés de bananeira à direita da casa e as lagoas do pesque e pague que ficam à frente. Continuo.

Depois da quarta ponte tem uma curva para a direita, ela mal termina e começa o asfalto do povoado do Moinho. A primeira rua à esquerda, na esquina da sede da associação quilombola, leva à Flor De Ouro. Continuo subindo, passo pela igreja evangélica CePro Deus⁴³, frequentada por Dona Flor, Zita, Deija, Dirinha, e muitos outros na comunidade. Pouco acima da Igreja, no lado oposto da rua, está a casa de Zita e Louro, continuo, vejo a placa indicando os quitutes de Irany, depois o pé de Ingá plantado por Donato, conforme me contou Dona Flor, em seguida o Ginásio e o banheiro público, à esquerda, colados no posto de saúde onde funciona a escola, finalmente a Igreja Católica e a placa indicando a lojinha de Dona Flor, Deija e Wilson, raizeiros.

⁴³ Comunidade Evangélica Projeto de Deus – Igreja CeProDeus, @ceprodeus_altoparaíso

Foto 15 – Placa na Entrada da casa de Dona Flor



Fonte: autoral

O povoado do Moinho tem cerca de 500 habitantes, ele recebeu sua certificação em 2016, pela Fundação Palmares, sob o processo de número 01420.013360/2014-05, a certificação dada pela fundação está na portaria nº 201/205, de 30.12.2016 e seu processo corre agora no INCRA, dentro da Secretaria Regional do Distrito Federal, sob o processo de número 54700.001008/2016-09⁴⁴, que ainda está em fase inicial. Ao acessar o processo encontrei somente pareceres de outros órgãos, como o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), a FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas), o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) e o IPHAN, compartilhando as informações relevantes que também possuíam sobre o Moinho, ou a falta delas.

Dona Flor: Aqui é velho, isso aqui tem fama. Mas só que o povo que mora aqui não dá valor, [o] povo que nasceu que criou aqui e sabe que que é Moinho, porque que é Moinho.

Clara: Por que que é?

Dona Flor: Porque aqui tinha o Moinho de moer trigo, tinha o mijolo⁴⁵ de socar arroz, o alambique ‘pra’ fazer a pinga, tinha a fábrica de açúcar, o açúcar de forma. Aqui tem história, aqui tem história.

Clara: Você viu isso tudo?

Dona Flor: Eu vi! Eu tô com 85 anos, eu passei por tudo isso aqui. Eu colhi muito marmelo aqui nessa chácara aqui.

A última casa em que Dona Flor se estabeleceu é essa em frente a Igreja Católica, ela e sua família se mudaram para lá nos anos 1970, antes disso viveram mais afastados, na Gameleira e na Mata, regiões que ficam seguindo a estrada que vai em direção ao Sertão e à Nova Roma; regiões de mata de galeria nas quais Dona Flor e sua família fizeram roça, levantaram casa, plantaram, colheram e viveram por um tempo.

⁴⁴Disponível em <https://www.ipatrimonio.org>. Acesso em: 13 maio 2024.

⁴⁵ Mijolo ou monjolo é um pilão movido a água.

Foto 16 – Caminho pro Sertão, setembro de 2023



Fonte: autoral

Em certo momento, Dona Flor quis mudar-se para mais perto do povoado, com a intenção de colocar seus filhos na escola e ficar mais perto dos serviços de saúde e do fluxo do comércio que ali existia. Nesse tempo, a região era dividida em poucas grandes fazendas, das famílias mais antigas, donas de terra, da região, Os Barbosa, os Szervinsk, os Bernardes, os Bandeira e os Paulinos, foram as famílias citadas por Dona Flor.

Essas fazendas contratavam mão de obra por temporada, durante a colheita e durante o plantio, nesses períodos os trabalhadores moravam na fazenda, trabalhando, dormindo e comendo. Ficavam longe das famílias, alguns dos patrões, como o Senhor Bernardes, com quem Dona Flor trabalhou muito tempo, às vezes convidavam os familiares dos trabalhadores para almoçar aos domingos.

Dona Flor: Até ‘pra’ matar vaca tinha que ter sol, ‘pra’ secar a carne, a gente comia carne fresca só, só no dia que matava né. Porque era muita gente. Todo mundo que trabalhava lá, maioria era gente daqui mesmo do Moinho, era pai de família, né? Aí eles compravam em troca de serviço. Quando tinha vaca, eles matavam já sabendo que uma vaca ia repartir com num sei quem, outra vaca repartia com num sei quem. Ninguém passava fome, e num ficava. Quando era assim, junho, eles iam ‘pra’ Planaltina comprar mercadoria, comprar tecido, os pais de família que tinha filho, ‘tinham’ mulher ‘pra’ dar roupa, né? Eles não ‘via’ dinheiro não, aí eles ‘vinha’ e ‘acertava’ com o patrão. Mas o patrão deles era muito bom, trazia botina, trazia sal, trazia. Nesse tempo não existia óleo, era os porcão mesmo. Era bom de mais, era fartura de mais. No tempo do milho fazia pamonha, final de semana assim, no dia de sábado, o veio liberava os homens ‘pra’ ajudar a fazer as pamonhas, o mingau [sic].

Quando o serviço terminava os trabalhadores saíam com seu pagamento em produtos da safra em questão, café, arroz, farinha de mandioca, rapadura, às vezes sal e tecido, que os patrões traziam da cidade, para fazer roupas. Quando a época de trabalhar nas fazendas acabava, iniciava o tempo de garimpar. Algumas famílias, como a de Dona Flor, se estabeleceram em terras desses senhores, plantando e colhendo ali, comprando com parte da sua produção o direito de estar ali, ou então trabalhando na fazenda, cuidando dos animais, como Dona Flor fez durante o tempo em que morou no Solariom, grande extensão de terra, com cachoeiras, criação de gado e lavoura, que pertencia a Dylon Bandeira.

Além disso, espremiavam o dia e o tempo para produzir outras coisas, como sabão, farinha, roupas, linha, tecido, doces, licores, que eram vendidos para os patrões e para o garimpo, de modo a juntar algum dinheiro e um dia, possivelmente, comprar um pedaço de terra em definitivo. Foi assim que Dona Flor conseguiu essa sua casa, ela trocou por sal, arroz, farinha,

porcos, algum dinheiro, e ainda com um desconto – pois o dono do terreno queria que ela ficasse ali para cuidar da Igreja – Dona Flor e sua família conquistaram aquele pedaço de terra. Lá também fizeram roça, plantaram, levantaram paredes, foram construindo e ajeitando cada cantinho aos poucos, acomodando os novos integrantes da família, os nascidos ali e os acolhidos, parentes que queriam estudar ou crianças que precisavam de mais cuidado do que estavam recebendo em casa.

Essa região da Chapada dos Veadeiros, que envolve Cavalcante⁴⁶, Teresina, Alto Paraíso, São Jorge e São João D’Aliança, a partir dos relatos de Dona Flor, era bastante (para a época), conectada, apesar da dificuldade de locomoção, majoritariamente a cavalo ou a pé, por extensas estradas de terra. A GO-118, que conecta Alto Paraíso de Goiás a São João D’Aliança, e posteriormente a Brasília, foi asfaltada somente na segunda metade da década de 1980⁴⁷. Inclusive, uma das histórias mais marcantes sobre o assunto, que eu ouvi de Dona Flor e Deija diz respeito a um acidente já citado que Deija sofreu quando tinha por volta dos seus 9 ou 10 anos, episódio durante o qual elas relatam a não pavimentação da GO-118, brevemente relatado abaixo.

Nessa ocasião, com mais detalhes, Deija, querendo saborear a primeira manga da temporada de colheita do fruto, subiu alto no pé de manga, quando avistou a primeira, suculenta, lá no topo. Quando ela pegou a manga em suas mãos o galho que sustentava seus pés se partiu e ela caiu lá do alto, no chão. Deija desmaiou, sentindo muita dor, foram Dona Tina e seu irmão, Zete (Donizete) que a carregaram até a irmã mais velha, Zita (Denezita). Dada a gravidade da situação, com muito esforço, Dona Flor conseguiu pagar para algum vizinho levar ela e Deija para Brasília, pois a criança precisava chegar ao hospital. Ambas aguentaram as dificuldades da viagem, a poeira e o chacoalhar da estrada, que aumentava a dor dos machucados de Deija. Ela acabou ficando três meses no hospital, quebrou o fêmur e mais algumas coisas. Passou a maior parte do tempo sozinha e imobilizada, por um gesso que cobria quase seu corpo todo, no hospital.

⁴⁶ Como mencionado na introdução, a o foco deste trabalho é no município de Alto Paraíso de Goiás (envolvendo a vila de São Jorge e o povoado Quilombola do Moinho), por vezes menciono Cavalcante como parte da região somente porque tem acontecimentos e características em comum, entretanto, o município de Cavalcante tem uma história particular e outros atravessadores, como uma relação mais próxima com Sítio Patrimônio Histórico e Cultural Kalunga e o povo quilombola Kalunga, a mineração de ouro dentre outros que não são abordados neste trabalho.

⁴⁷ Santos, Sandro Martins de Almeida. A família transnacional da Nova Era e a Globalização do (((amor))) em Alto Paraíso de Goiás, Brasil. 2014. p. 202.

E a mãe, não podia deixar o trabalho na roça, os filhos pequenos e os mais velhos, que dependiam dela para comer e morar, mais sobre essa outra história será contada no próximo capítulo.

Voltando à questão das terras conquistadas por Dona Flor e por núcleos familiares como os dela, vale ressaltar que as famílias “doadoras” possuíam, e ainda possuem, grandes extensões de terra em toda essa região, existem Barbosas, Paulinos, Bandeiras, Szervinsk e Bernardes em Alto Paraíso, São João D’Aliança, Cavalcante, São Jorge e Moinho, até os dias de hoje. Nem todos permanecem nas linhas principais das famílias e acessam todas essas riquezas. Alguns venderam boa parte de suas propriedades também, e uns enriqueceram mais que outros, ao longo do tempo.

Foto 17 – Indaiás da Fazenda Bonsucesso



Fonte: autoral

A fazenda dos Bernardes do Moinho, hoje o Sítio Bom Sucesso, por exemplo, fica antes da entrada do povoado, descendo o último morro que circunda a região, a primeira parte do Vale do Moinho, região de terras férteis, cercada com matas de galeria e campos sujos, abraçada por dois rios, o São Bartolomeu, Rio Preto e Rio Santo Antônio. Em frente ao Sítio Bom Sucesso vemos uma pastagem de porte médio, na primavera costumamos ver bezerras e as araras cuidando de seus filhotes em cima dos inúmeros pés de palmeira de coco Indaiá, um indicador de fertilidade da terra, como me contou um amigo guia local.

A localização do povoado na baixada dos vales, aos pés dos morros e beira dos rios, de difícil acesso, é característica de grande parte dos quilombos no Brasil. A palavra quilombo, do Bantu *Kilombo*, na fixação de seu uso em reino africano, vem dos povos Bantu⁴⁸ e uma noção resumida de seu significado pode ser sociedade nômade e guerreira de iniciação (Kabengele, 1996). Kabengele expõe a relação entre os quilombos em África e os quilombos brasileiros, que tem como primeiro expoente amplamente divulgado Palmares, datado, a princípio, dos anos 1600, quase contemporâneos aos quilombos em África, que datam desde os anos 1500. Além disso, a similaridade em suas organizações sociais e políticas, bem como seu modo de cultivos que utilizavam do fogo para abrir roças e as cinzas como adubo; alimentação a base do milho, trigo, batata doce, mandioca, criação de galinhas e porcos, com menos presença generalizada de bovinos permite estabelecer conexões entre os quilombos brasileiros e africanos. Ainda, de acordo com Dos Santos (2021):

Todavia, como as sociedades não são estáticas e sim dinâmicas, o termo atual de quilombo se refere não somente às comunidades que tem vínculo histórico e social com os quilombos conceituados classicamente pela História, mas também comunidades, descendentes de escravizados negros e ex-escravizados libertos que tem em território (em terras obtidas por meio de doação, de compra ou da simples posse) desenvolveram um modo próprio de resistência e de reprodução social (p. 24).

No Moinho, apesar de a história mais amplamente divulgada se referir à ocupação do território como relacionada a doações feitas pelos de senhores de terra, da fazenda Bonsucesso (Campo do Meio) e da fazenda Moinho, é possível identificar, na fala de Dona Flor, uma origem mais complexa dessas relações que são, ao mesmo tempo percebidas como generosas, como quando ela qualifica sua relação com João Bernardes, o senhor da fazenda Bonsucesso como

⁴⁸ “Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala, *etc.*, cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire” (Kabengele, 1996, p. 58).

paternal. E sofridas quando ela frisa a injustiça do trabalho não pago, os maus-tratos sofridos por seus ancestrais escravizados, se colocando também nesse lugar, quando se dá conta da disparidade entre o tanto de trabalho ao qual ela estava submetida e o ganho em forma de produtos – ganhava feijão quando colhia feijão, café quando colhia café, *etc.*

O processo de titulação do quilombo perante ao INCRA ainda corre nas instâncias burocráticas. Já a certificação pela Fundação Cultural Palmares aconteceu logo na primeira instância (KUWAE, 2020), a partir do autorreconhecimento de moradores do povoado enquanto quilombolas e a fundação da Associação Quilombola do Moinho. Desde então o povoado tem assimilado as implicações de se autoidentificarem enquanto quilombolas, processo que ativa noções de pertencimento, retomada e reconhecimento de aspectos culturais ligados à religiosidade, manejo da terra, produção de bens alimentícios produzidos na região, rememoração de lembranças doloridas dos tempos de escravidão, que foram escondidas durante muito tempo, dado que uma das políticas de superação da escravidão de justamente superá-la e apagá-la, sem reconhecer seus impactos e consequências, bem como reparar suas consequências histórico-sociais.

Por mais que o modo de vida na comunidade venha mudando ao longo do tempo, Dona Flor sempre prezou muito para manter, cultivar e alimentar aquilo que ela acreditava ser importante para a comunidade. Nas minhas interações com ela eu já percebia incorporados em suas histórias contadas aqui e ali, apelos para a preservação da cultura, sendo a cultura, para Dona Flor, um conceito amplo, que se alargava conforme ela ia percebendo como as práticas que ela percebia na comunidade, e considerava importantes, se aliavam a esse conceito. Antes mesmo das movimentações para o reconhecimento enquanto comunidade Quilombola, a mestra relata seus esforços para preservar e promover, o que na época, era entendido como modo de vida do Moinho, e que ultimamente tem sido definido enquanto cultura.

Esses esforços estavam entrelaçados com o agenciamento político de Dona Flor, a fim de conquistar e retomar os modos de vida da comunidade, aliados a políticas públicas, que pudessem ser benéficos para o Moinho. Como a horta da escola, para alimentar as crianças da comunidade com a produção local, que também era mais saudável; e a feira que ocorria aos domingos no galpão:

Dona Flor: No tempo que eu era amiga da escola. Ali na frente, tinha uma horta, tinha

de tudo melancia, quiabo, pepino, chuchu, abóbora, milho verde, tinha tudo. Tinha dia que eles colhiam milho da horta e cozinhavam. Pros meninos comer na merenda, tirava milho ‘pra’ fazer pamonha, hoje... tem mais nada, vai. A merenda dos meninos é bolacha, comprado lá no mercado.

Clara: De Alto?

Dona Flor: É, o de Alto. E suco, compra pacote de tang.

(...)

Dona For: Lá tem uma piscina enorme, nós puxava água dessa piscina. Mas não era uma horta, era uma roça. A comunidade do Moinho, quase todo mundo plantava lá. Ai, da minha parte eu dou alguma verdura para o hospital, fruta. Daí doava ‘pra’ cadeia. Num doava ‘pra’ creche porque não tinha [creche].

Aí eu fui lutar por essa creche. Lutei, lutei. Lutei, até hoje taí, graças a Deus consegui. Hoje tem creche ‘pra’ botar as crianças. Ai, levava manga, jabuticaba, levava pros meninos, ‘pra’ professora, [‘pra’] merenda eles.

Distribuir para as crianças, da horta aí, da horta da escola. Quando o secretário vinha visitar a gente fazia caixa de coisa ‘pra’ ele.

Dona Flor: Tinha muita fartura, hoje. Se fosse no tempo que eu tinha saúde, como tem essa quadra aí, nós tratava de [fazer] feira lá. Eu e Conceição, toda vida nós lutou por feira. Nós fizemos uma feirinha, mas aí o povo, as mulher, deixou a gente sozinha [sic].

Entretanto, ela não deixa de lamentar a dificuldade em incentivar essas práticas na comunidade, dado que habitantes antigos perderam o interesse por esse modo de vida, no meu entendimento, por diversos motivos, como a falta de reconhecimento social, econômico e político dessas práticas, as dificuldades que a vida no campo infringe ao corpo e à rotina, o conforto que o progresso divulga e a vontade de se afastar da memória da escravidão. Ao dizer de Dona Flor, “as mulheres daqui não querem saber de plantar, colher, fazer doce, elas querem saber de carro novo e ficar assistindo televisão”.

Mesmo assim, o crescimento da Associação Quilombola do Moinho, o retorno da geração mais jovem à comunidade, e os esforços de Dona Flor e outras pessoas da comunidade resistem, preservam e promovem o quilombo, sua cultura, sua história e seu modo de ser. Um grande exemplo de como a juventude vem se apropriando de seu lugar e da sua história eu enxergo no Lucas, filho de Deija e neto de Dona Flor, também conhecido como MC Marinho, Rapper, professor e produtor cultural do Moinho e da Santa Maria, DF, começou a participar de batalhas de rima em 2012, ganhador da a Seletiva Duelo de MCs Nacional - Etapa Brasília e representou o Distrito Federal no Duelo Nacional de MCs, em 2019 ganhou o Interestadual BudVibes na NBA House em São Paulo. Ele vem resgatando, através da sua música e de seu engajamento com políticas públicas que podem promover a cultura de seu povo, a história de seu quilombo e da sua família, como na letra da música que fez sobre o Moinho (recomendo que a escutem):

Dona Deija:

“Quando eu olhava pro Sol
A hora nossa, o relógio nosso era o Sol
O Sol tá tal altura é 9 hora da manhã
O Sol tá tal altura é 10
O Sol tá no meio do céu é meio-dia
E assim nós passava o dia”

Terra de barro vermelho
Terra de vento cantante
Terra de povo bonito
De cachoeira calmante
Terra de jaca e mangueira
Terra de povo dançante
Chapéu de couro e lobeira
A mata sempre brilhante
Terra de anjo e arcanjo
Campo do meio e sertão
Terra de Zita e Seu Loro
De Seu Colonho e Ceição

Terra de Dura e Noabio
De Imbigada e Baiano
Terra de Alzira e Irany
Só patrimônio goiano
Ar condicionado é adobe
A Kingsize é a rede
O chão é de piso queimado
Butija mata a sede
Fogão aqui é de lenha
Despertador Maritaca
Ovo vem do galinheiro
Riqueza que num acaba
Cuida com cobra menino
Nuanda descalço no mato
Ouço essa voz na cabeça
Lembrança do véi Donato
Eita povo quilombola
Dum sentimento profundo

Sim fiquei um tempo fora

Mas o Moinho é meu mundo (...) Marinho MC [s.d]⁴⁹

⁴⁹ Marinho MC, O Moinho É Meu Mundo (part. Rapadura); <https://www.letras.mus.br/marinho-mc/o-moinho-e-meu-mundo-part-rapadura/>, acessado em 23 de maio de 2024.

Quando perguntei ao Lucas sobre seu retorno ao Moinho, ele me contou sobre a o vazio que as conquistas materiais deixaram nele, os atravessamentos da pandemia do Covid-19 e a vontade de aprender e preservar sua cultura, sua história, os saberes do seu povo e da sua família, deixo aqui a fala dele:

Então, o meu processo de retorno para o povoado do Quilombola do Moinho foi um processo lento, mas que iniciou com um certo desgosto da vida que eu estava levando, em Brasília. Não que eu tivesse uma vida ruim, né? Tinha um emprego fixo, recebia bem, tinha minha casa, mas não era essa parte, né? Não é essa questão, acho que é sobre estar bem consigo mesmo, estar fazendo o que gosta, estar perto da família, e aí o meu trabalho estava me sugando ali em Brasília, estava trabalhando oito horas por dia, o dia inteiro pegando trânsito pesado, metrô, ônibus, e veio a pandemia. Na pandemia, eu entrei de home office e aí eu vim ‘pra’ cá, vim passar esse período de home office na Chapada, e aí foi onde eu tive a certeza, do que eu queria, eu queria sair de lá, queria vir embora. E aí eu esperei passar mais esse ano, que foi o ano da pandemia, no final do ano letivo, eu pedi ‘pra’ sair. E vim embora ‘pra’ cá. E foi aí onde a mágica aconteceu. Acho que tem que pisar primeiro ‘pra’ depois ver o chão. Depois que eu vim ‘pra’ cá, as coisas começaram a acontecer. Tanto pro lado da música, como pro lado da família, como pro lado da educação física, que é minha profissão de faculdade. E tem três anos que eu voltei. Não sinto vontade de voltar, de estar morando lá em Brasília. Pelo contrário, eu quero estar cada vez mais por aqui, aprendendo mais, mantendo essa cultura viva, esses saberes, esse aprendizado, né, esse ensinamento que é da família também. Acho que tem que ser passado de geração em geração. Mas resumindo, o que me fez voltar para o Moinho foi a vontade de realmente ser feliz, de estar fazendo aquilo que realmente goste, perto das pessoas que você ama e sem essa loucura da cidade que suga a gente mesmo (MARINHO, 2024).

A fala do Lucas me deu o que pensar acerca dos desdobramentos desse trabalho, mas, por enquanto, busquei, com esse capítulo disponibilizar uma contextualização histórica e social do campo, baseada principalmente naquilo relatado por Dona Flor⁵⁰, se meu campo é o quilombo do Moinho, ele é mais especificamente o Moinho de Dona Flor. E para Dona Flor, o Moinho não é só um lugar, ele é o chão que a criou e seu território. Ao mesmo tempo, completei as informações oferecidas com uma breve bibliografia, que me ajuda com a contextualização, sem necessariamente rebater Dona Flor, mas sim, dialogando com ela.

⁵⁰ Sem esquecer de seus familiares, além de outros amigos meus e da minha própria história de relação com a região.

3. DONA FLOR

[Memória e Histórias de Vida]

A memória é um fio condutor para se entender a identidade e a territorialidade, sendo assim, a memória coletiva aparece como um discurso da alteridade, no qual a posse de uma história e de uma memória dão ao grupo sua identidade (Santos, 2006, p. 44).

Caminhando paralelamente a Dos Santos (2006), procuro aqui, tecer a história de Dona Flor, uma história que se costura desde o território, Moinho aliado ao modo de vida, essa história e inundada de relações, linhas que conectam esses tecidos. Ainda que o intuito desse trabalho não seja o de perseguir uma história ampla, ou uma memória coletiva, a partir da história de Dona Flor, que não deixa de ser uma história do Povoado Quilombola do Moinho.

Mas por onde começar a contar a história de Dona Flor? Uma história de muitas coisas, muito amor, muito sofrimento, muita alegria, muita luta, muita conquista, muita dificuldade. Erros e acertos – dos quais eu pude conhecer uma parte. Esses opostos, a princípio contraditórios ou excludentes, quando revelados pela fala dela, vêm juntos na história: uma enfermeira que a tratou mal, por isso sofreu, um médico que então a tratou bem, por isso foi feliz. E então uma injeção aplicada errada que acabou causando muita dor. Dona Flor não deixa muitas coisas não ditas, reclama quando sente dor, se defende quando acha que foi desrespeitada, mas algumas vezes não comenta diretamente com os desafetos seus incômodos, preferindo se retirar, ou deixar de frequentar certos lugares, muitas vezes passando a informação, dividindo o incômodo, com algum chegado em comum.

A história de sua vida então, ecoando da sua boca, segue esse percurso (contraditório, complexo), subindo e descendo montanhas, fazendo curvas, tropeçando, correndo, descansando. De modo que o esforço que é necessário para o que segue neste capítulo chegue à forma em que é apresentado – uma narrativa, mais ou menos, temporalmente linear –, é resultado de uma verdadeira bricolagem. Cada história que Dona Flor me conta revela mais de um acontecimento, cada acontecimento evoca diferentes eixos e conceitos, dela e meus – a partir das elaborações teórico-antropológicas que vão me acometendo. Esses eixos e conceitos se retroalimentam no nosso encontro, e o que surge a seguir é nosso (meu e de Dona Flor) também.

Dona Flor nasceu no entardecer, por volta das 18 horas, na Fazenda Santa Rita. Essa fazenda é parte do que historicamente se entende por comunidade do Moinho; seguindo a estrada no sentido que leva para o povoado do Sertão, a fazenda fica um pouco mais adiante, a distância entre a sede da fazenda e a atual casa de Dona Flor chega a, no máximo, 4 quilômetros.

Foto 18 – Sede da Fazenda Santa Rita, setembro de 2023



Fonte: autoral

Ela é a segunda de 13 irmãos: Francisco Pereira dos Santos, Florentina Pereira dos Santos (Dona Flor), Georgina Pereira dos Santos, Jovercina Pereira dos Santos, Diraci Pereira dos Santos, Odetina Pereira dos Santos (cujo sobrenome depois de casa mudou para Pereira Falcão), Odir Cardoso de Jesus, Gustavo Pereira dos Santos, Miguelina Cardoso de Jesus (hoje Cardoso da Silva), Marlene, Rozair Cardoso de Jesus (hoje Cardoso Bernardes), Marly Aparecida Cardoso e Manoel, que faleceu ainda bebê e Marlene, nascida entre Miguelina e Rozair, faleceu por volta dos 3 meses, nenhum dos dois foram registrados. Florentina nasceu antes da parteira chegar. Sua mãe mandou Amaro, seu pai, ir buscar a parteira, Maria do Espírito Santo, mas ela se demorou, foi servir um café para Amaro e quando chegou Dona Flor já tinha “feito o próprio parto”, que é como ela gosta de contar, afirma que o primeiro parto que fez foi o dela mesma, nascendo só e rápido, para evitar, o tanto quanto fosse possível, o sofrimento da mãe. “Eu não vim pra esse mundo pra botar ninguém pra sofrer”, foi o que ela afirmou para uma de suas aprendizes.

Na percepção de Dona Flor, mestra parteira, sua mãe, Dona Maria, não era boa parideira, porque ela sofria muito para ter os filhos. De todos os 13 filhos, Dona Flor foi a que nasceu com mais facilidade. O primeiro, Gustavo, veio por um parto muito difícil.

Dona Flor: Minha mãe [quando] tem o meu primeiro irmão, ela, ela sofreu muito para ter. [no primeiro filho] (...) ela sofreu muito aí ela esperava que ia sofrer o mesmo tanto de mim. E ela mandou o meu pai chama a parteira dela, chamava Maria do Espírito Santo.

E o que aconteceu [foi] que ele demorou chegar com ela. Quando ele chegou eu já tinha chegado. E aí chegou, e a mulher [parteira] ficou lá sentada esperando, esperando... Pelo que ela disse eu nasci mais ou menos assim sete, seis da tarde [sic].

Até seus 11 anos viveu com os pais, mas passava a maior parte do tempo com a avó materna, Ludugera, a Dona Ludu – as duas eram muito chegadas⁵¹, foi ela quem criou a neta, até seus 9 anos de idade. Dona Flor já não gostava de ficar em casa para não ter que ficar olhando menino, seus irmãos. Além disso, relata que seu pai a maltratava, era preconceituoso com ela, batia nela, o que contribuía para seu afastamento de casa e proximidade com a avó.

Amaro, seu pai, chegou na região do Moinho quando tinha lá seus 12 anos, ele e sua família estavam fugindo dos “Senhores de Engenho” na Bahia, e acabaram se separando e se perdendo no meio do caminho.

⁵¹ Sinônimo para “próximas”, eram muito amigas.

Dona Flor: E ele fugiu da família dele, perdeu. Família dele correu prum lado, ele correu pro outro, e ele veio parar ‘pra’ cá. Tinha 12 anos. Aí, nesse tempo o povo acolhia muito esses povo assim [escravizados que fugiam]. Quando foi que o povo acabou de criar ele, aí ele ficou homem, conheceu a vó do Badi, e aí ele morou com ela uns tempo. Aí depois ele era muito preguiçoso, só trabalhava quando queria, aí a velha não quis ele mais (...) [sic].

Ele chegou no Moinho sozinho, foi acolhido pela comunidade, criado por mais de uma mãe, instruído por todos que *coletivamente* ficavam de olho no seu crescimento. Outras crianças e pessoas mais velhas chegavam de maneira semelhante o tempo todo, conta Dona Flor. Nesse tempo, a casa de João Bernardes, o dono da fazenda Campo do Meio, acolhia pessoas em situações parecidas, que trabalhavam e moravam em sua fazenda, “acabando de criar lá”, crianças sem pai, mães com filhos, sem marido *etc.*

Clara: Do Bernardes?

Dona Flor: É, meninos abandonados do pai e da mãe. Não dava de criar, o pai não dava conta. Aí eles pegavam ‘pra’ criar [sic].

Amaro era um homem negro, de pele retinta. Kalungueiro, quilombola, são as palavras de Dona Flor. Além disso, para ela, ele não era alguém que gostasse muito de trabalhar. Não estava preocupado em colocar comida dentro de casa com a frequência necessária. Por outro lado, não tinha grandes problemas com bebida, mas era mulherengo.

Dona Flor: (...) meu pai não era bêbado não, mas era mulherengo, sabe aquele homem que não importa com nada, se tem um canto para morar, se tem o que comer, se tem o que beber? Ele não ligava não... Eu e ela [Dona Maria] que se exprimia para dar conta, e eu saía para casa dos outros ‘pra’ trabalhar, e ela ficava cuidando sozinha dos meninos dela [sic].

Quando Dona Flor tinha 11 anos Amaro a deixou, deixou sua mãe e seus irmãos. Até então, ela passava seu tempo com a avó, como contei. Aprendendo os fazeres dela – observando-a, fazer banhos com as plantas, sabão de tinguí, benzer, cozinhar, colher, plantar, cozer, fazer adobe para construção e para cozinha. Com a avó, “brincava de trabalhar”, pilando o arroz, de maneira ritmada. Dona Flor percebe que a avó estava ensinando-a a trabalhar, seduzindo-a com o tom de brincadeira do ritmo do pilão, e conseguindo alguma ajuda para preparar a comida do dia.

Dona Flor: Ah, eu comecei a trabalhar, trabalhava. Eu comecei a trabalhar com 7 anos de idade. Varria terreiro, catava feijão, socava arroz. Minha avó não alisava não, ela começava com a gente pelo tamanho da gente. Com 7 anos ela metia a, pegava a meia de arroz e botava no pilão. E me chamava “vamos brincar?” “Ela pegava uma mão no pilão e eu pegava outra. Ela socava, quando ela arribava a mão no pilão eu descia a minha, quando ela descia a dela eu subia a minha. Era uma brincadeira mesmo [sic].

Elas também saíam bastante para o mato juntas, a avó ia coletar espécies que serviam e ainda servem de alimento, pequi, jatobá, baru, bacupari, caju, dentre outros frutos e raízes que compõem a “Alimentação do Cerrado” – nome dado por Dona Flor. Ela ia junto e aprendia o que era bom e o que não era bom para compor a alimentação de uma casa, ao mesmo tempo ia observando, com curiosidade, as plantas ao seu redor. Percebendo a textura das plantas, conhecendo seu cheiro, decorando sua forma e cor, para poder reconhecê-las quando voltasse. Assim ela escolhia algumas para carregar em seu bernalzinho, carinhosamente chamado por ela, um embornal, bolsa lateral, cuja alça passa cruzada pelo ombro, alocando a sacola mais ou menos na altura da cintura, feita de palha, de algodão, ou algum outro tecido, objeto esse que conheci pela própria Dona Flor, provavelmente no ano de 2022. Dessa maneira ela também brincava, coletando algumas plantas, aquelas que despertavam seu espírito. Pode-se dizer também que ela intuía aquelas que pareciam poder servir para alguma coisa, e as levava para casa, pensando em usá-las quando precisasse.

Sua avó gostava mais dos afazeres da casa e da roça. Cozinhar, fazer doces, como o “tijolo”, doce feito à base de mel, leite e mamão, podendo ser outras frutas, que fica com um formato de paralelepípedo, quase como um torrão de rapadura.

Dona Flor: Não faz tijolo de rapadura não, faz tijolo de mel. Bota a massa de mamão ou de que for, o mel e leite, assim que faz, tijolo.

Clara: Não sabia, cê faz?

Dona Flor: Fazia, mas agora eu não dou conta mais.

Clara: Tem alguém que sabe fazer?

Dona Flor: Aqui do Moinho quase todo mundo sabe, só que não faz [sic].

O “tijolo” é um doce típico do Moinho, mas não se restringe a essa comunidade. Algumas famílias do quilombo ainda produzem esse doce, e muitas vezes ele fica disponível na lojinha em frente à casa de Dona Flor. Dona Flor também ouviu e observou a avó Ludu, aprendeu com os olhos como era feito e aplicado o “Enema”, lavagem intestinal, na época aplicado com materiais orgânicos ou reciclados. Como o talo da mamona, ou do mamão. Também aprendeu como se fazia o adobe para os fornos e as paredes, e outros artesanatos em barro – olaria – como cachimbos, panelas e colheres que eram utilizados na casa.

Além disso, conta que a avó tecia grandes quantidades de pano, a partir do algodão fiado por outras mulheres da comunidade, colhido também ali, de pés plantados por aquelas pessoas. Uma troca coletiva, algumas teciam, outras fiavam, duas partes diferentes do processo de

produção de roupas e outras peças de tecido necessárias para a vida ali. Tecer é juntar todos os fios de algodão em pedaços generosos de pano, feitos do emaranhamento desses fios no tear. Fiar é transformar o algodão, depois de tirá-lo do caroço (descaroçar⁵²), separá-lo cuidadosamente, selecionando uma ponta que será retorcida e esticada, até que a pluma vire fio, e o fio seja enrolado em um novelo. Depois do tecido pronto ele ainda passará pelas mãos das costureiras, que os transformarão em peças com funções mais específicas.

Ambos, o fio e o tecido podem ser tingidos; antigamente, Dona Flor conta, utilizava-se muito jenipapo, urucum, casca de cebola, açafrão da terra (cúrcuma), aroeira, dentre outras espécies de plantas nativas, ou do quintal, para colorir os panos. O trabalho com o algodão era um dos grandes ofícios das mulheres da comunidade na época, as mercadorias, ou bens de uso pessoal disponíveis ali, eram aqueles produzidos pelas pessoas da comunidade. “Não tinha essa coisa de comprar”, e Dona Flor possuía uma muda de roupa para ir para festa, outra de dormir e duas que usava para trabalhar, enquanto usava uma, a outra estava lavando.

Nesse tempo também era muito comum que as roupas fossem consertadas, remendadas e utilizadas até seus últimos dias, hábito que mudou com o tempo. Agora, a “moda” influencia muito as escolhas das pessoas, palavras dela. Dona Flor conta com carinho sobre o tempo em que costurava roupa para suas filhas irem para festa, ficando até tarde da noite, iluminada pela lamparina, feita com pavio de algodão embebido no óleo de mamona, confeccionado ali. No dia seguinte, cedo, seguia para a roça ou ia cuidar de crianças de outras famílias.

Dona Flor: (...) antigamente não era assim não (...) as duas mudas de roupa os ricos que tinham. Na casa de minha mãe, eu tinha as roupinhas assim, uma de ir ‘pra’ festa, outra de, não tinha escola né, outra de dormir, e a de trabalhar. Era duas mudinhas, uma tava vestida e a outra lavava.

(...) Naquele tempo que as mulher remendava vestido, vestido rasgava elas arranjavam era pedaço de outro pano, ‘pra’ costurar. Costurava a roupa dos homens era na mão. Minha mãe era costureira.

(...) saudade do tempo que eu fazia roupa ‘pra’ minhas meninas ir ‘pra’ festa. Ficava até alta noite, com o pavio de óleo de mamona aceso, costurando, porque de dia eu não tinha tempo. De dia eu ia ‘pra’ roça, ia cuidar de menino dos outros [sic].

Nos seus dias brincando no Cerrado e acompanhando a avó, como disse, Dona Flor criança ia guardando as ervas que coletava – aquelas que poderiam servir para alguma coisa, e uma hora elas serviram. Foi quando Dona Flor fez um chá pela primeira vez, irônico ou não, o

⁵² Aprendi esse termo com Dona Cecília, raizeira do quilombo São Domingos, que atualmente mora em Cavalcante de Goiás.

chá foi feito para sua avó que antes reclamava da sujeira das plantas. Dona Ludu fumava muito cachimbo, e pigarreava por conta do hábito. Um dia foi arrebatada por uma forte tosse e intensa dor de cabeça, que se desenvolveram para uma febre e muita fraqueza.

Vendo a avó padecer, Dona Flor relata que inventou um chá com aquelas ervas que guardava em seu bernal e deixava secando no galpão da avó. Pegou negramina, folha de cagaita, imbu, chapéu de couro e bugre, ela ofereceu o chá para avó, que não quis beber, desconfiada da segurança, além disso o cheiro não estava muito convidativo. A criança então, fez outro chá, de sabugueiro com folha e casca de laranja, esse a avó aceitou.

O chá de laranja fez algum efeito, e na segunda vez que ela foi dar um chá para a vó – no mesmo dia – ela deu o primeiro chá que tinha feito, o de negramina, enganando Ludu. Ela afirma sua segurança em oferecer o chá, sabendo que ele seria bom para a avó. Dona Flor também tomou o chá porque sentiu que estava ficando doente, além do costume, sempre gostou de beber chá. Depois disso, as duas se deitaram e dormiram, suaram frio a noite e acordaram melhor. A partir desse dia. Dona Ludu passou a dar mais crédito para as criações medicinais da neta.

Dona Flor: Começou com espirradeira, tossindo, ela pitando, o cachimbo dela bem falou: “Eu tô com a cabeça doendo. Tô com meu nariz doendo e não sei o que que eu faço. Botei a panelinha de barro no fogo (...), dei o chá ‘pra’ ela. Aí agora ela foi acreditar, começou a acreditar.

Quando Amaro, seu pai, deixou sua família, Dona Flor, atenta e cuidadosa às necessidades da mãe, e bem entendida das forças e fraquezas de ambas, mãe e filha, conversou com Dona Maria. Dona Maria queria que Dona Flor ficasse em casa, cuidando dos irmãos, enquanto ela sairia para trabalhar, algo que Dona Flor contestou. Ela mesma não era muito chegada a cuidar dos irmãos, revela até ter tido medo de eles se rebelarem contra ela, desafiando sua autoridade, talvez podendo chegar a usarem da força contra ela, sua vontade era cuidar dos próprios filhos, quando fosse sua hora. Já a mãe, Dona Maria, era mais próxima do serviço de casa, além de ser exímia costureira. Por isso, Dona Flor convenceu-a a permanecer em casa, cuidando dos filhos e fazendo trabalho de costura, enquanto ela sairia para trabalhar e trazer o pão de cada dia.

Dona Flor: Minha mãe ela não era mulher corajosa pegando enxada, mas na mente dela era. (...) E aí meu pai foi embora e ela ficou,[e] eu fiquei com 11 anos de idade, ela ficou com menino pequeno. Não podia sair para trabalhar, ela queria que eu pegasse para cuidar dos meninos e ela ir trabalhar. Eu sabia que ela não gostava de trabalhar assim para os outros, minha mãe nunca gostou de ser mandada, eu já gosto que as pessoas me

pedem, todas as coisas que me manda fazer [eu faço], mas ela não gostava muito ela queria fazer o que era a cabeça dela.

(...) Aí eu fui crescendo e fui tomando posição, e veio o tempo da escola e eu tentei ir para escola. Fui, estudei seis meses, mas como eu vi que eu não dava conta de estudar e trabalhar para trazer o pão de cada dia eu preferi ficar analfabeta e dar o sustento para minha mãe mais meus irmãos porque eles eram ‘muito’.

Na casa de Dona Flor, Dona Maria, sua mãe, ficava costurando e zelando dos meninos. Ela não gostava de trabalhar para os outros, “não era escrava como a mãe” (Ludu), dizem as palavras de Dona Flor. A escravidão da qual fala Dona Flor, está intimamente relacionada com a descendência da avó, a quantidade de trabalho, o tipo de trabalho e o regime de troca estabelecido na época, justo ou não, ele se diferenciava do costume atual, de pagamento com dinheiro.

Juliana: E a sua avó trabalha, ela trabalhava ‘pra’ outras pessoas, mas ela recebia?

Dona Flor: Ela recebia, ela era escrava, mas ela era escrava assim que ela não trabalhava só como escrava, ela tinha um serviço dela, ela fiava, ela tecia, ela tingia a linha ela não costurava. Quem costurava era minha mãe, aí minha mãe, ela tecia pano ‘pra’ ela[avó], e minha mãe costurava ‘pra’ ela.

Juliana: mas quando ela ia colher café ela recebia?

Dona Flor: Ela recebia.

Juliana: Ela recebia em café?

Dona Flor: Café, aí era passava ‘pra’ colher mamona, aí da mamona ela ia fazer o óleo, a mamona ela colhia do quintal dela. Café no quintal dela não tinha não. Aí ela colhia mamona, passava da mamona e a colher coco e eu junto com ela. Coco colhia esse coco de indaiá,

Juliana: E as coisas que ela fazia do Cerrado que era para comer não era para vender?

Dona Flor: Era ‘pra’ comer, às vezes ela vendia, mas ela abastecia a casa dos filhos e a casinha dela, mas ela vendia. Trocava né? Às vezes ela trocava um litro de óleo de coco por uma rapadura, né. Farinha, ela plantava a mandioca, ela gostava de fazer farinha.

Então ela era descendente de escravo mesmo, mas não era aquela escrava como diz o outro né escrava de não receber dinheiro, neste tempo pobre não recebia dinheiro.

Ele trabalhava para o rico e o rico dava para ele o que ele precisava, mas dinheiro não tinha não, eu sei que eu trabalhei de 11 anos a 19 anos nas casas dos outros. Mas eu não recebia dinheiro não.

Certa vez, ao explicar sobre os indígenas que habitavam a região, Dona Flor me contou sobre o lugar de onde veio sua avó, que era índia⁵³, a Pedra Preta, era lá que moravam, sua casa comum era feita de pedra e ainda estava por lá, dentro do mato. Eu ainda não tive a chance de visitar. Esse assunto também surgiu porque ao longo da minha pesquisa, implodiu a grave situação no território Yanomami, crianças, adultos e anciãos indígenas morrendo, desnutridos, contaminados com mercúrio e doentes de malária, em decorrência do garimpo ilegal, situação

⁵³ Indígena seria o termo correto, mas as palavras de Dona Flor foram essas e eu procuro manter, não para evidenciar algum tipo de uso incorreto dos termos, mas para registrar termos que revelam muito mais do que aparentam sobre os costumes e percepções das pessoas ao longo do tempo.

que se agravou durante a pandemia da Covid-19 sob o desgoverno o de Jair Bolsonaro (2019–2022).

Dona Flor via as notícias na televisão e lamentava pelos indígenas, dizia ter muita pena, e ficar triste por terem matado todos os indígenas ali da região também, no Moinho. Lembro-me de certa tarde quando estávamos assistindo televisão e descansando após o almoço, quando ela tocou no assunto. “Quem tem a verdadeira sabedoria são os índios, eles pegam qualquer terra cinza e transformam em roxa, vermelha, azul. Tiram dali tudo que a terra pode dar”, disse ela. Eu me emocionei com sua fala, que infelizmente não gravei, porque ainda não tinha acertado os pormenores do nosso acordo de pesquisa. Ficaram, no entanto, o afeto e a afetação da fala de Dona Flor enquanto ela me contava a história dos indígenas da região, e como os dali – a comunidade do Moinho de hoje – aprenderam muito com eles.

Ao mencionar seu avô, Dona Flor passa a contar a história de sua avó, que foi capturada muito criança, por volta dos 7 anos. Ludu foi criada servindo nas fazendas e depois casou-se com Antônio. Uma de suas filhas foi Maria da Purificação Santos, ou Maria Pereira Santos, a mãe de Dona Flor. Acabou que Dona Flor não teve muito contato com o avô, nem com essa parte da família, que parece ser extensa. A região da Pedra Preta fica mais próxima a São João, lá acontece uma grande romaria⁵⁴. Dona Flor ainda tem muitos parentes por lá, na parte da família do avô, mas sobre ele mesmo ela não contou muito além de mencionar que ele era cigano, da pele preta avermelhada, muito parecido com Wilson, filho dela.

Dona Flor começou a trabalhar na fazenda dos Bernardes, os maiores donos de terra da região do Moinho, cujos descendentes hoje ainda estão lá, na fazenda Bonsucesso, que fica no Campo do Meio. Hoje disponibilizam o pesque e pague, fazem rapadura e marmelada, e vão à feira aos sábados vender quitutes. É possível encontrar na feira de sábado Naná, filho de João Bernardes e Dona Leonia, a melhor amiga de Dona Flor – e sua esposa.

Nessa época antiga, quando Dona Flor começou a trabalhar, ela ia junto com Leonia, colher feijão e outros grãos, e cuidar dos ovos das cocás (galinha d’angola), que precisavam de um manejo específico: serem colocados junto aos das galinhas normais. As cocás são boas

⁵⁴ 1. peregrinação a algum lugar religioso 2. festa popular ao ar livre, que se realiza num local próximo de uma ermida ou de um santuário pela altura do dia da festividade religiosa desse lugar. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/romaria>, acesso em 30 de out. 2024.

trabalhadoras, resistentes, comem tudo quanto é tipo de cobra, mas não muito boas chocadeiras. Já as galinhas regulares o são, e sabem defender os pintinhos dos gaviões. Antigamente a fazenda de João Bernardes tinha uma enorme criação de cocás. Era tarefa de Dona Flor trocar os ovos de lugar para que as galinhas chocadeiras cuidassem dos pintinhos das cocás, enquanto as cocás protegiam o território.

Dona Flor: Era uma nuvem assim de cocá, igual esses patos que têm ai ditadinho, até chegar ali no meio do matão. Ficava as galinhas com as cocazinhas atrás, que as cocás ‘botava’ e as galinhas ‘chocava’. Porque as galinhas ‘sabia’ defender os pintinhos do gavião, e as cocás não sabia. (...) Aí pegava o ovo da Cocá botava na galinha. Aí lá tinha eu que era colhedeira dos ovos, e dava de comer pros cocazinhos, e aí tinha os perus, tinha pato (...) era uma coisa muito bacana [sic].

Dona Flor e Leonia iam trabalhar juntas, acordavam cedo e levavam a merenda para o trabalho, merendavam juntas e depois caminhavam de volta até o centro do povoado, mais ou menos 2 quilômetros, para ir à escola, atravessando a Serra. A rotina era puxada e não demorou mais que 6 meses para que Dona Flor desistisse de estudar, ela precisava ajudar a mãe a criar os irmãos, de modo que suas prioridades foram moldando suas opções.

Juliana: Que que você recebia?

Dona Flor: Roupa, sapato remédio e alimento. Eu também nem conhecia dinheiro, né? Não sabia que era dinheiro.

Juliana: E por que que você foi trabalhar com 11 anos?

Dona Flor: Porque o meu pai abandonou a minha mãe, eu tinha 11 anos de idade e meu pai e ele era preguiçoso, ele não trabalhava para ele. E no fim das contas, nós acabava passando muita crise, muita necessidade. Mas eu como mais velha, o povo gostava muito de mim também, porque eu era uma pessoa assim (...) [sic].

Além dos trabalhos constantes na fazenda dos Bernardes, trabalhos na roça, – sua própria (junto com a mãe) e de outros fazendeiros – colhendo, plantando, debulhando feijão, escolhendo arroz, e afins, Dona Flor também garimpava e vendia cristal, catava lenha no mato, lavava roupa e passava tempo cuidando de crianças para famílias em outras casas, outras cidades. Uma diversidade de serviços e trabalhos atrelados ao modo de vida na região, o “trabalho na roça”⁵⁵, que mantinha o garimpo em Cristalina e Formosa, e da roça que completava a alimentação das famílias da região.

⁵⁵ Trabalhos “da roça” e “na roça” são duas coisas diferentes, o primeiro, é o que garante o alimento para a família do trabalhador, o segundo, trabalhar “na” roça do fazendeiro, possibilitava acesso a produtos que não se conseguia retirar “da roça”, e até mesmo garantir um lugar para fazer uma casa.

Foto 19 – Dona Flor debulhando feijão



Fonte: autoral

Nessa época, Dona Flor, a mãe e os irmãos moravam numa fazendinha que, hoje, é aquela localizada “**na beirada**” da propriedade dos Bernardes. A propriedade conta com só uma casa e fica logo antes da ponte mais próxima da entrada do Moinho. Elas ganharam aquele terreno de João Bernardes, o senhor da fazenda Campo do Meio. Como mencionei, Dona Flor trabalhava lá desde muito nova, antes ainda do pai ir embora, e ela considera que João Bernardes foi quem a criou. Foi na fazenda dele que ela passou a maior parte da sua infância e juventude, trabalhando, aprendendo, conquistando “o pão de cada dia”.

Dona Flor: Eu morava aqui, num tem uma fazendinha pequeninha aqui na frente, que tem uma casa só, subindo a ponte aqui?

Dona Flor: Lá foi ganhado, nós não comprou, foi, do homem que me criou e me deu [sic].

Antes de se tornar o Senhor do Campo do Meio, João Bernardes era trabalhador da fazenda. Nos tempos antigos, o senhor anterior da fazenda deixou uma viúva, a senhora Salia. Essa senhora, após perder o primeiro marido, apaixonou-se por João Bernardes, casando-se com ele. Salia era mais velha que João e faleceu antes dele. Assim, o viúvo, passou a ser João Bernardes, que se apaixonou por Leonia, a melhor amiga de Dona Flor, e acabou casando-se com ela. Na época, Dona Flor contou que Bernardes tinha idade para ser avô de Leonia, ainda assim, eles tiveram alguns filhos.

Dona Leonia ainda está viva, eu a conheci alguns anos atrás, quando, em 2018, fazia pesquisa para o ProIC. Fui até lá com Dona Flor e Deija (filha de Dona Flor). A visita foi bastante bonita, as duas, Flor e Leonia, estavam muito felizes e colocaram a conversa em dia, com muita piada e riso. Lembro que Dona Flor elogiou o galpão de Leonia, as panelas bem areadas, sua plantação de mandioca, milho, banana e a impressionante horta de babosa, com pés tão grandes quanto arbustos de porte médio.

Nessa ocasião, ao falar das panelas bem areadas de Leonia, Dona Flor confessou que nunca conseguiu ter tamanha organização, julgava seu galpão bagunçado comparado ao dela, as panelas todas pretas por fora, queimadas do fogão a lenha. Leonia areava as panelas por dentro e por fora, diferente de Dona Flor. Não que Dona Flor não tivesse apreço, ou não buscase manter as panelas brilhantes, parecia mesmo ser falta de vocação, como diz ela. Isso não desmerece a organização e limpeza de seu próprio galpão e do processo de feitiço de remédios e realização de

tratamentos, algumas coisas são mais estéticas do que práticas, e as panelas de Dona Flor são muito limpas por dentro, só não são areadas por fora.

Comemos alguns quitutes, a casa estava farta, doces, salgados, biscoitos e bolos de todo tipo. Levamos para casa farinha de mandioca de presente, feita lá, e nos despedimos de Leonia. Uma senhorinha enrugada, encurvada, carinhosa e sorridente, com um pano amarrado na cabeça, cujo nó, ou laço, se dividia em partes que descansavam sobre os ombros. A última notícia que tive dela era que tinha tido um AVC. Ela sobreviveu, entretanto, está em cadeira de rodas e não consegue falar. Ela escuta e entende bem, além de reconhecer as pessoas. Leonia reconheceu Dona Flor quando ela foi visitá-la uma outra vez, mas estava com a comunicação limitada, dependente de outras pessoas. Dona Flor conta a situação com tristeza, nostalgia e saudade da amiga querida. Desejando não precisar passar por situação semelhante, Dona Flor me confessava: “Ela tá pior do que eu”, e seguia com suas histórias.

A fazenda Campo do Meio, no tempo de Dona Flor, é descrita por ela com muito afeto, ela aprendeu muitas coisas ali, começou cuidando dos ovos das cocás e das galinhas como contei anteriormente. Ela também cuidava de 4 crianças pequenas que foram acolhidas pelos Bernardes. Eles acolhiam “bastante menino sem pai”, ela conta. Histórias similares à do próprio pai de Dona Flor, Amaro. Com o tempo, além de cuidar das crianças, também passou a colher café, colher o feijão que sobrava depois de ser processado, o arroz *etc.* Selecionar alho e cebola colhidos da plantação local, entre aqueles que seriam vendidos e os que seriam guardados. “Aqui plantava alho igual à planta cana, Clarinha”, ela me contava.

Dona Flor descascava quatro quilos de alho por dia para fazer comida para os trabalhadores da fazenda: pais de família e homens da comunidade, em sua grande maioria, que trabalhavam no plantio, na colheita e processamento dos produtos no tempo da chuva, de outubro a maio, quando não dava para garimpar. Ou seja, metade do ano o serviço era na roça, a outra metade, no tempo seco, de junho a outubro, era no garimpo de cristal, catando cristal ou vendendo produtos para os garimpeiros, tijolo, rapadura, comida, alho, cebola e por aí ia.

Dona Flor: E tinha Mijolo⁵⁶, tinha Moinho, aqui (no Moinho) tinha moinho, lá (na Bonsucesso) também tinha outro moinho. Aí fazia farinha de trigo, plantava o trigo, fazia de trigo, pegava essa farinha de trigo levava ‘pra’ Formosa, ‘pra’ vender, levava

⁵⁶ Mijolo, ou monjolo é um “Engenho rústico, movido por água, usado para pilar milho e descascar café”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/monjolo/>, acesso em 31 de outubro de 2024.

‘pra’ Goiânia. Goiânia nessa época era do tamanho de Alto Paraíso [sic].

Nesse tempo então, do trabalho na roça, os peões do campo, como são popularmente chamados os trabalhadores de serviços mais pesados, nessa região, passavam a maior parte do tempo na fazenda dos Bernardes. Lá tinha um grande barracão de palha, com um sótão, no qual todos os homens dormiam. Dona Flor diz que não gostava muito de andar por lá, era tanto homem chegando para o almoço ela diz, que “chega dava medo”. Eles almoçavam todos juntos.

Dona Flor: É, morava todo mundo na fazenda, mas a casa dos peão era diferente. Era um barracão quase do tamanho desse aqui [casa de Dona Flor], de palha, mas ninguém dormia no chão embaixo. Eles ‘fazia’, hoje dá o nome de mezanino, antes era soti. Ce via aquela homaiada chegar do serviço [depois] ia pro rio tomar banho, e aí quando vinha jantar, era aquela mesa enorme assim, todo mundo ia lá no tachão, os panelão. Eu era a mais pequena que tinha, eu cuidava de 4 bebê, 4 menino [sic].

Quando apareciam com alguma doença, corte, ou outro machucado devido a um acidente de trabalho, o próprio João Bernardes fazia os primeiros socorros e outros cuidados possíveis. Mandando para Formosa ou Brasília somente casos muito graves. Dona Flor, que andava pela casa a serviço da fazenda, era frequentemente convidada pelo Senhor a ajudá-lo a cuidar dos doentes, fazer o chá para lavar os pés daqueles que tinham frieira, lavar cortes, aplicar injeção, unguentos. Ela conta que ele também trazia de fora remédios que não estavam disponíveis no povoado, como o Iodo. A casa da fazenda também era uma pequena farmacinha da região, e João Bernardes era como o Raizeiro que cuidava de todos, e que ensinou muitas coisas para Dona Flor.

Dona Flor usou, durante um tempo, o nome de sua mãe, ficando Florentina Purificação, em homenagem à Nossa Senhora da Purificação, ou Nossa Senhora das Candeias, que é também sincretizada com Iemanjá. Mais curioso ainda é que Dona Flor nasceu no dia 2 de fevereiro, dia da divindade do Candomblé, Iemanjá. Depois passou a usar, Florentina Pereira Santos, outro nome usado pela mãe, essa troca de nomes fez com que os filhos tivessem sobrenomes diferentes em seus registros. Florentina Pereira Santos, assim ficou, mesmo quando se casou com Donato Leite de Moraes, seu único esposo, pai de todos os seus filhos, que levam seu nome.

Até os 18 anos viveu essa vida, trabalhando na roça, no garimpo, cuidando da mãe e dos irmãos, trabalhando na fazenda dos Bernardes e em casa de família, ela conta que chegava a se deslocar para São João, que fica a 70 quilômetros do Moinho, para cuidar de “filhos dos outros”. Ela cuidava de crianças abandonadas ou perdidas, como foi seu pai, também de crianças em casas

de família, como essas em São João, mas não somente.

Dona Flor: É, Chico Bernardes era tio da mãe da Neide. Lá no campo do meio era o João Bernardes, que é o pai do Naná. Eu cabei de criar lá, fui ‘pra’ lá eu tinha 11 anos de idade, saí com 19, mas de lá eu ia pro São João D ‘Aliança, tudo, ia ‘pra’ lá, ia cuidar de menino, ainda correndo esses anos todos eu vi muita coisa.

Clara: Cê ia cuidar de menino em São João?

Dona Flor: Eu ia! [sic].

Nesse tempo São João era a cidade mais rica da região, com grandes roças e plantações diversificadas, eram grandes fazendas, mas que não chegavam ao tamanho nem ao modelo de um latifúndio – destruidor, que acaba com a floresta, como bem coloca a mestra – como é atualmente. Como havia dito, certa vez Dona Flor mencionou ter família lá, como em vários outros lugares da região, apesar de distantes e de difícil acesso, com as restrições da época, esses locais pareciam bastante conectados.

Clara: Quem é que morava lá? Era fazenda?

Dona Flor: Uai lá era o povo que tinha lá. Lá tinha um povão, tinha muito mais gente que aqui. E era tudo povo rico.

Clara: Mas mexia com terra?

Dona Flor: Mexia com terra, plantava o café, plantava cana, planta. Não é hoje que todo mundo só véve de pacotinho não. Povo hoje não quer mais nada com terra não. Se eles puder botar fogo e cabar com a terra eles põe. Como eles pões aí e acaba com a floresta [sic].

Sua vida mudou quando se casou com Donato, nesse mesmo tempo. Pouco depois de ter saído de casa, devido ao casamento, sua mãe se mudou da casa doada por João Bernardes, abandonando-a. Dona Maria se foi, com os irmãos mais novos de Dona Flor, ela não via sentido na vida da roça sem a filha mais velha, que era “o pão da casa”, palavras de Dona Flor.

Dona Flor: Era ali, aquilo ali era da gente, aí depois que eu casei minha mãe ficou sem chão, ficou sem... Por que o pão da casa era eu né? Aí ela piou e, [ela] não quis ficar lá mais, ficou mudando ‘pra’ qui mudando ‘pra’ li.

Dona Flor: (...) E, aí era, cabou. ‘pra’ ela o mundo cabou. Eu que levava o pão de cada dia ‘pra’ casa. Eu que agasalhava os meninos. Quando ela queria visitar a mãe dela eu ficava com os meninos ‘pra’ ela ir, aí ela arrumava uma senhora amiga dela ‘pra’ dormir lá em casa mais eu ‘pra’ ajudar com os meninos, que era muito.

Eu já não era menina mais, já era mocinha de 15, 16 anos, mas ela não confiava de dormir sozinha. Elas pensava que alguns dos meninos adoecia de noite [sic].

Donato também morou na casa dos Bernardes por um tempo, trabalhando lá. Sua família era do Sertão, um povoado que fica depois do Moinho, e estou tomando como referência a estrada que leva de Alto Paraíso até Nova Roma. Na sua juventude, era melhor amigo de Leonia, e muito próximo de Dona Flor também. Eles faziam muita coisa juntos e Dona Flor o conhecia

bem, por esse e outros motivos ela escolheu-o como companheiro de vida.

Durante a minha pesquisa de ProIC, realizei um curso com Dona Flor sobre Enema, foi quando ela contou sobre seu casamento com Donato, me marcou muito o momento em que ela condenou o estado de apaixonamento. Disse que se apaixonar é como estar doente, as pessoas largam suas vidas e fazem coisas das quais se arrependem depois, por isso ela “nunca foi apaixonada por Donato”. O que ela nutria por ele é amor. O amor é diferente, ele constrói e sustenta relações, é leve e não machuca. Juliana, aprendiz de Dona Flor, também fala sobre essa percepção de Dona Flor em sua dissertação de mestrado:

Em uma conversa que tive com Dona Flor sobre um caso de violência machista que aconteceu no Moinho refletimos sobre essa forma louca das pessoas se relacionarem, essa obsessão presente em muitas relações de casal. Dona Flor contava sua própria história e falou que nunca se apaixonou e não se apaixonará, que ela ama, tem muito amor, mas paixão mata, como Jesus morreu, e se chama sexta-feira da paixão, essa paixão mata. O amor é que cura. Ela fala que foi casada 50 anos, mas não era apaixonada pelo marido dela, amava ele. E que isso é saudável, a paixão adoece as pessoas (Watson, 2016, p. 109).

Quando Dona Flor casou e se mudou, Dona Maria largou do terreno que foi doado por Bernardes, como não tinha sido comprado, também não o vendeu, e acabou estabelecendo-se em Alto Paraíso. A casa ficou abandonada e passou para outra, eventualmente. Logo, nessa transição, entre o casamento de Dona Flor, sua saída de casa e o início de sua própria família, ela fez seu primeiro parto. A primeira vez que foi parteira, ela conta, foi na sua própria mãe, no evento do nascimento de Miguelina Cardoso de Jesus (depois de casada mudou seu sobrenome para Cardoso da Silva), carinhosamente apelidada Mirinha.

A chefe das parteiras, como faz referência Dona Flor, se chamava Zifirina, – ela é a mãe do Bispo Mariano, sua família ainda vive no Moinho – estava nesse dia, juntamente com mais algumas ajudantes de parteira. No dia do nascimento de Mirinha estavam três parteiras, além de Dona Flor, ela me disse assim: “Acho que ela é, a parteira dela se não me engano foi a, a chefe das parteira. A dona Zirifina, a mãe do bispo Mariano”.

Naquela época só podia ver parto quem já tinha parido, não se falava muito sobre o que acontecia lá dentro, Dona Flor espiava os partos de curiosa, por entre as frestas das portas, na época feitas de buriti, como me contou Mirinha, na ocasião em que a conheci. Sobre essas portas, Mirinha me disse que Dona Maria a enviava, junto aos irmãos, para buscar Buriti no local onde hoje é primeira vereda da fazenda São Bento, paralela a GO-239, no trecho em frente ao Morro

da Conceição, uma das grandes serras que fica próxima ao município de Alto Paraíso. Nesse tempo, que é depois do nascimento de Mirinha, a família já morava lá, tendo se mudado do povoado.

No dia do nascimento de Mirinha, Dona Maria estava tendo grandes dificuldades no parto, que já levava muito tempo, as parteiras presentes não pareciam otimistas e o quarto de Dona Maria estava restrito, só entravam as parteiras. Dona Flor insistia para entrar, ela queria ver, mas era impedida pelas parteiras. Não podendo aguentar mais o suspense e o medo de perder a mãe e a irmã, Dona Flor invadiu o quarto da mãe com uma faca, bradando que iria tirar o bebê da barriga da mãe de qualquer jeito. Acontece que ela tinha ouvido das mais velhas que os bebês eram retirados da barriga da mãe desse jeito, cortando-se o ventre com uma faca, por isso o ato desesperado.

Ao entrar no quarto se deparou com a mãe desfalecida, a beira da morte, e pensou consigo mesmo, “Meu Deus, o que que eu faço”. Ela não tinha experiência nenhuma, e pouquíssima noção do que deveria acontecer ou ser feito, fato evidenciado pelo descrito acima, o uso da faca. Seu apelo a Deus foi respondido, ela ouviu uma voz em sua cabeça, dizendo para colocar Maria ajoelhada. Ela o fez, o que permitiu que ela segurasse a mãe por trás. Nessa posição, pediu para que ela fizesse força, Dona Maria obedeceu e dali a pouco a neném nasceu.

Ela correu e chamou as parteiras, que se lamentavam na porta do quarto, do lado de fora, elas não acreditaram quando Dona Flor revelou o nascimento da criança. As parteiras entraram desconfiadas e partiram para acudir a mãe, sem dar muita atenção ao bebê, que julgavam já estar sem vida. Dona Flor, no entanto, não desistiu da irmã, pegou-a nos braços, agasalhou-a, mexeu nela, foi mexendo até que a Mirinha deu sinal de vida, chorou. Essa irmã mais nova é o grande xodó de Dona Flor, uma nutre pela outra todo o carinho do mundo, e Dona Flor sempre insistiu que eu a conhecesse. A partir do evento do nascimento da irmã mais nova, ela ficou “xingada de parteira”, palavras de Dona Flor. Esse foi o primeiro de muitos partos, se não contarmos o seu próprio nascimento. Pouco tempo depois, Dona Flor teve sua primeira filha, Denezita, a mãe Zita, foi o seu segundo parto.

Quando perguntamos sobre o ofício de parteira, Dona Flor tem dificuldades em contar como foi que aprendeu tudo. Ela conta das parteiras mais velhas, Zifirina, Libanea, Maria do Espírito Santo, que apesar de sábias e experientes às vezes eram muito lentas, de modo que ela

pouco pedia a opinião delas. Os mistérios da sabedoria sobre o partejar (Watson, 2016) de Dona Flor não podem ser completamente desvendados agora, não sei se algum dia serão, mas sabemos que Dona Flor foi muito requisitada durante muito tempo, e por vezes as mulheres grávidas se ressentiam dela quando ela negava fazer algum parto.

Dona Flor: Não. Eu de parteira eu digo ‘pra’ você que eu só não sei com quem que eu aprendi, eu não sei. (...) E as parteira mais velha elas era muito lenta, né? E ela não sabia muita coisa também, é o básico.

Dona Flor: Aí eu viajei para ir fazer o parto da minha irmã. Que é essa Mirinha, que eu falo muito nela. E a Irany ficou grávida, a Irany e a Neusa. E ela falaram, “ah você vai embora? E eu queria ganhar meu filho com a senhora e tal. Eu falei não. A Bíblia diz que primeiro buscar o reino do céu e a sua justiça, e as demais coisas serão acrescentadas. Então eu tenho que ir atrás do que é meu né? [sic].

Zita nasceu na Gameleira, uma região afastada do Moinho, na direção do Sertão. O lugar se chama Gameleira porque lá tem uma capoeira⁵⁷ grande, um descampado povoado por inúmeras árvores de mesmo nome, que qualificam o lugar. Lá, ela e Donato viveram algum tempo, fizeram roça e começaram a vida juntos. Dona Flor teve 18 gravidezes, 4 dessas crianças não chegaram a nascer, ou morreram pouco tempo depois. Uma delas, Anita, fruto da gravidez de Dona Flor, viveu até os 11 meses, mas Dona Flor conta que a criança era muito fraquinha, ela tinha má formação, nasceu com um rabinho, e acabou não resistindo. Restaram 13 filhos a Dona Flor, esses nasceram dela, depois ela adotou e criou muitos outros. Os 13 são: Zita (Denezita Leite de Moraes), Minga (Domingas Leite de Moraes), Quita (Maria Aparecida Leite de Moraes), Zete (Donizete Leite de Moraes), Wilson (Joaquim Wilson Leite de Moraes), Deija (Deijanete Leite de Moraes), Ná (Donailto Leite de Moraes), Denise Leite de Moraes, Delfirina Leite de Moraes (Rina), Bito (Denilto Leite de Moraes), Diel (Daniel Leite de Moraes), Nissinha (Dona Flor queria que seu nome fosse Denilce, mas ela foi registrada de forma errada, como Deniley Leite de Moraes) e por fim, Davi Leite de Moraes. .

Depois da Gameleira, Dona Flor e sua família se mudaram para a Mata, uma das coisas que contribuiu para isso foi um evento curioso com uma abelha. Nessa época, Dona Flor já fiava e era uma das poucas que possuía uma roda de fiar. A roda era disputada, todas pediam emprestado. Numa dessas, Dona Flor emprestou a roda para sua irmã, Rosa, que já vinha pedindo fazia um bom tempo. Simultaneamente, uma outra senhora, que morava na região da Gameleira, também, pediu a roda emprestada, entretanto, Dona Flor teve que desapontá-la, era impossível

⁵⁷ Clareira no meio do mato.

emprestar uma roda que já estava em outras mãos.

No outro dia, quando Dona Flor lavava roupa no rio, apareceu uma abelha, não era comum aparecem abelhas tão grandes como aquela por ali, a abelha se prendeu na roupa que Dona Flor batia na pedra – para lavar roupa no rio é preciso molhar a peça na água, esfregar o sabão, bater a peça na pedra, retirar o sabão no rio, tornar a bater a roupa na pedra, um processo repetitivo até que a roupa esteja limpa e enxaguada. Numa dessas batidas da roupa na pedra, Dona Flor acertou o golpe perto do seu pé, momento em que a abelha, que tinha agarrado no pano, ferrou o pé de Dona Flor. Essa picada inchou, depois abriu em uma ferida que não cicatrizava por nada, banho, unguento, remédio, chá, nada dava jeito na ferida, e Dona Flor sem poder fiar, com o pé inutilizado, não podia pedalar a roda, para torcer a engrenagem que rodava e retorcia o algodão bruto, transformando-o em fio.

Dona Flor: É porque lá nesse lugar tem, tem um território assim ó, só é gameleira, só é gameleira mesmo. Até essa madeira tem no meu quintal, a gameleira tem que ter um pé...

Deija: Faz uma sombrona assim.

Dona Flor: E aí, fui continuando, continuando, continuando [com a ferida] e o velho descobriu, era coisa que botaram ‘pra’ ferroar meu pé porque, eu fiava muito algodão, e a véinha queria que eu emprestasse a roda ‘pra’ ela, e eu já tinha emprestado a roda ‘pra’ minha irmã, que eu ia parir, não ia fiar né? E ela num tinha roda. Aí não deu ‘pra’ eu emprestar a roda ‘pra’ outra lá. E aí eu tô no rio, batendo roupa, lavando, quando eu senti, senti “tchum” a perna adormeceu na hora, escorreu tudo. Enrustiu, começou o sangue sair assim.

Clara: Gente.

Dona Flor: E aí foi comendo, foi comendo, mostrou o osso do pé.

Clara: Eu nunca vi picada de abelha desse jeito.

Dona Flor: Ela era uma abelhona amarela, grande assim. Eu nunca vi dela aqui, mas chama, ela é americana, africana, mas eu matei ela. Bati o saco. Quando eu tava batendo o saco de botar farinha, quando eu sacodi que ela me ferrou eu fiz assim com o saco, joguei ela dentro da água, ficou nadando, pelejando ‘pra’ sair...E aí minha filha! Lavar esse pé, lavar esse pé, lavar esse pé... cê acredita que eu fiquei muito tempo sem fiar, eu fiava no fuso, mas na roda não.

Clara: Porque não pisava.

Dona Flor: Uai, não tinha como, a perna tava desse tamanho, não podia pedalar.

Clara: Gente, isso foi coisa que os outros mando procê? [sic].

O homem que era o curador da região da mata, que recomendou a Dona Flor que ela se mudasse, para despistar a mazela e poder curar o pé em outro lugar, mas a ferida não melhorava. Remédio de farmácia e injeção também não adiantava, até que Dona Flor recebeu uma cigana que a aconselhou e orientou os caminhos que tinha que percorrer para se curar. Despistar o sentimento ruim, de inveja que alimentava aquela ferida, daria trabalho, trabalho para gente

humana, para água do rio e para as formigas, as curadeiras de Dona Flor na ocasião. Vê só:

Dona Flor: Foi muito engraçado, né? Primeiro o curador falou para mim que eu tinha que mudar do lugar que eu morava. E a cigana descobriu, esse pé aí ó, esse pé direito aí. A cigana descobriu, ela descobriu que tinham feito meu rastro, e botou um monte de espinho de pequi e botou um pedaço de gamela véio em cima, Eu já tinha mudado aqui para o Moinho. Aí ela disse cê vai lá. E vai ver. Tem uma trilha que vem a aqui uma trilha de formiga que vem, quando chega nessa gamela, a trilha da formiga vira a direita e não passa na gamela. Ela pediu uma bacia branca, ela pediu um pano branco e um pano azul. E que era para mim ir lá no rio pegar água e trazer, que não era água que estava no pote não, era lá do rio que era para pegar onde a água está com mais movimento. E aí nesse tempo não tinha balde, não tinha nada, peguei a combuquinha de pegar água, levei, enchi, e pus ‘pra’ ela. E aí ela pôs o pano branco embaixo de cima e a tigela branca, “vai apanhar lá” aí eu trouxe, e ela fez, aí e me mostrou, ela falou: tá aqui ó. Tá aqui o que fizeram “Eu sei que você não acredita”. Mas você pode ir lá, tá lá”. No outro dia, mandei meu marido arranjar o cavalo, e aí ele não quis ir, mas eu falei “cê não quer ir lá, eu vou”. Ele resolveu ir e foi, mas comigo. Aí eu fui direto lá no lugar, peguei o carreiro das formiga, tava tudo cheinho de folha assim ó, folhinha picada das formigas, quando chegou lá no canto da gamela elas viraram a direita. Sabe onde as formigas passava? Tinha um pau deitado no rio, o pau ficava, pegava de lá, o vento derrubou o pau de cá, que a raiz do pau tava assim, as formigas passava em riba da raiz do pau e atravessa o rio pro outro lado. Ela falou, “cê vai pegar a água lá”, e eu trouxe. Pediu um quarto de linha, eu dei. Que ela disse que o negócio foi feito ‘pra’ eu não fiar mais. Não fiei mais, a roda taí, mas não fiei mais, fiei foi no dia do curso. Daí ‘pra’ cá, taí a roda, eu tenho dois sacos de algodão que eu ganhei mas não consegui fiar ainda. Aí quando eu cheguei lá, tava do jeitinho que ela falou. Aí ela falou ó, você deixa, você só tira gamela de cima e deixa as formiga trabalhar. As formigas vai ser a sua curadeira. Ela queria um quarto de linha, eu peguei o novelo de linha e dei ‘pra’ ela, pois nunca mais voltou aqui, mas aí o pé melhorou. Ela me deu um negocinho desse tamanho assim, ó. Que não era para mim por lá na ferida era para mim por embaixo, era um trem que parecia um elástico. Eu enfiava no pé e deixava, sete dias da semana cê põe. Pronto, sarou aquilo ali, tomei remédio de mais, tomei injeção e nada com nada. Ela disse “não, isso aqui não é uma macumba que ela fez, isso aqui é inveja que ela tinha”, que essa, era duas mulher, inclusive uma era tia de Donato, era inveja que ela tinha, que eu fiava muito, fiava que dava para fazer coberta, fazia tudo e aí a minha irmã... Aí elas pensou assim, “ela não vai mais fiar”. Ela disse que não foi macumba, foi um olho grande, foi uma inveja, que minha vó falou que “a inveja quando não mata aleija” [sic].

Quem diria que o que levou Dona Flor a sair da Gameleira estaria relacionado a um fato desses? Lá na Mata nasceram Quita, Minga, Donizete e Deija. Wilson nasceu antes de Deija, mas por um contratempo do destino, acabou nascendo em Alto Paraíso. O que aconteceu foi que quando Wilson estava perto de nascer Dona Flor precisou acudir sua mãe, Dona Maria, que já não conseguia vencer todas as demandas de sua casa. Dona Flor pegou suas coisas e montou em seu cavalo, saindo da Mata em direção à Alto Paraíso, percorreu uma boa distância, mais de 15 quilômetros, com certeza. Essa viagem lhe rendeu sérias assaduras e bastante cansaço, imagine

só, andar a cavalo por horas a fio, sozinha, grávida de 9 meses.

Ao chegar em Alto Paraíso, Dona Flor pôs-se a cuidar de Dona Maria, depois disso teve que cuidar de si e suas assaduras nas coxas que tinham virado feridas, mesmo com todo cuidado e tratamento, essas feridas ainda perduraram por um tempo. Dona Flor teve que ficar em Alto Paraíso mais do que ela tinha planejado em primeiro lugar, acabou tendo o filho lá mesmo, não sem ter tentado voltar para a sua Mata, para parir. Ela pediu para o irmão buscar e selar o cavalo, para ela voltar, mas acabou entrando em trabalho de parto antes mesmo do cavalo chegar.

Wilson foi o único dos filhos de Dona Flor que nasceu na cidade, mas ela não se demorou lá não, com pouquíssimos dias depois de ter parido, Dona Flor montou o cavalo com o neném e voltou para casa, 15 quilômetros de volta, sem completar o tempo de resguardo. Logo depois de Wilson veio Deija, a sétima filha. Dona Flor diz que Deija já veio ao mundo despistando a mãe. Dona Flor ainda amamentava Wilson e não tinha percebido sua própria gravidez. Certo dia, enquanto amamentava Wilson sentiu seu filho, assustado, largar o peito abruptamente, ela, sem entender, devolveu-lhe o peito à boca e continuou alimentando-o.

Pouco depois ele tornou a se assustar e largar o peito, confuso, olhando para a barriga da mãe, que acompanhou o olhar do filho. Eis que Dona Flor vê um pé aparecer e marcar a pele de sua barriga por dentro, era Deija chutando o irmão, marcando seu espaço. Foi Wilson o primeiro a conhecer a existência de Deija, ele ouviu da mãe que logo o peito não seria mais só dele, ele teria que dividir com aquele novo ser que chegaria em pouco tempo. Desde esse momento ele nunca mais mamou, não esperou a irmã nascer, iniciou seu caminho de busca pela independência.

Dona Flor: Wilson não, Wilson não nasceu lá não. Wilson nasceu no Alto Paraíso.

Clara: Mas por quê? Cê tava trabalhando?

Dona Flor: Não porque eu fui para lá, que mãe tava morando lá na onde é a delegacia, e ela não sabia arrumar nada, eu fui ‘pra’ lá, já tava no dia de parir né? Ai, isso aqui ni mim pelou tudo na coisa da sela, e o pé. Ai eu em vez de voltar fui tratar do pé, [então] venceu os dias dele.

Clara: Ai nasceu ‘pra’ lá?

Dona Flor: Ai eu senti o movimento dele nascer, mandei meu irmão pegar o cavalo ‘pra’ mim ir ‘pra’ Mata, parir lá, ai ele não esperou. Deu nem tempo do cavalo chegar, quando o cavalo chegou ele já tinha nascido.

Clara: Lá na cidade?

Dona Flor: Lá na cidade.

Clara: Na casa da sua mãe?

Dona Flor: Uhum [sic].

Deija nasceu por volta de 4 meses depois do dia em que Dona Flor percebeu que ela

estava ali, os irmãos têm 9 meses de diferença em idade somente. O nascimento de Deija também foi inesperado, Dona Flor, enganada mais uma vez, também não se deu conta, que a filha já estava prestes a nascer, quando pensa que não, atravessando a porta, sentiu alguma dor na barriga, assim colocou a mão entre as pernas e deu de encontro com a cabeça da filha, coroando. Wilson e Deija, hoje, são os filhos que seguem o ofício da mãe, raizeiros, acompanharam Dona Flor por muito tempo, cada um do seu jeito, escolhendo seu lugar na imensidão que é o ofício de Raizeira e Raizeiro do Cerrado.

A família seguia a vida da roça, tanto na Mata quanto na Gameleira plantava, colhia, coletava, fiava, lavava roupa no rio, criava porco, galinha, pato, plantava milho, mandioca, cana, abóbora, algodão, chuchu, árvores frutíferas, como o limão (apesar de Dona Flor não ser muito chegada), laranja, manga, tamarindo, mamão, dentre outros. Para além do trabalho na roça, Dona Flor saía da Mata para fazer outros serviços, vender alguns de seus produtos, como sabonetes e farinha, saía para fazer parto, auxiliar familiares, cuidar da mãe *etc.* Seus produtos eram feitos com criatividade, a sabedoria que aprendera com os mais velhos e suas próprias pesquisas e experimentos.

Deija: Eu já enformei, mas na lata de sardinha não é bom não, porque ele garra naquela beiradinha assim para tirar ele é ruim, mas eu já fiz.

Dona Flor: Foi, nos cortava assim... [sic].

Naquele tempo Dona Flor usava latas de sardinha, reutilizadas, lavadas e esterilizadas para enformar⁵⁸ os sabonetes que fazia, como o de tinguí. Foi com a venda e troca desses produtos que Dona Flor criou seus filhos, conseguiu se mudar diversas vezes, colocá-los na escola, vesti-los. Além da força de Dona Flor presente em seus afazeres também estava a força do coletivo, mulheres lavando roupa juntas no rio e contando histórias, fazendo farinha, fiando, fumando cachimbo e amamentando seus filhos, até amamentando os filhos das outras, quando precisava, seja por motivos mais dramáticos, como a falta de leite, ou mais cotidianos, como a ocupação das mães, que eram muito atarefadas. Momentos de troca, construção coletiva e estreitamento de laços.

Dona Flor: É, criei esses meninos tudo lavando roupa com esse sabão aqui ó! Hoje eu não posso mais, que fica muito caro, mas esse sabão eu fazia e trocava mais a mulherzada e saía pro rio, lá na ponte lavar roupa com esse sabão. Tirava primeiro suja, ensaboava de novo e estendia tudo, nos capim, é o que dava, e voltava ‘pra’ pedra.

⁵⁸ É um verbo que significa colocar algo em uma forma ou molde, como, enformar um bolo.

Ficava o dia inteirinho lá fazendo... fazendo farra. Mulherzada naquele tempo era as mulher unida, hoje cada uma com suas máquinas, tem mulher que tem máquina até de passar. A roupa já sai passada [sic].

Não só por motivo de serviço Dona Flor via necessidade em sair da Mata ou do Moinho. Em certa ocasião, conta que se deslocou até a cidade de Alto Paraíso, um percurso de mais de 10 quilômetros, para levar a mãe à Igreja. Uma época em que a mãe já estava mais velha e não conseguia fazer as coisas sozinhas. Dona Maria foi piorando com o tempo, a velhice e o alcoolismo dificultaram seus últimos dias. Dona Flor ia na casa da mãe de tempos em tempos, ajudar a limpar e organizar tudo. Quando olhava embaixo da cama da mãe encontrava uma quantidade de garrafas de pinga, vazias ou cheias. As filhas repreendiam a mãe, e tentavam ajudá-la como podiam, como sabiam. Não somente, Maria passou por outras dificuldades no fim de sua vida, retirou um rim, quebrou a costela, quebrou o braço e ficou acamada durante muito tempo, Deija fala com afeto da avó, de quem ela era muito próxima. Dona Maria ficou muito tempo de cama e faleceu quando tinha 91 anos.

Clara: Sua mãe bebia muito?

Dona Flor: Minha mãe bebia cachaça, o que matou ela foi pinga.

Clara: Ela perdeu o rim?

Dona Flor: Perdeu 'pra' pimenta.

Clara: Mas não foi no hospital?

Dona Flor: Não, ela tirou o rim, voltou 'pra' casa, controlou, minha mãe morreu com 91 anos.

Clara: Uai, tá bom né? Cachaça matou, mas demorou um tempo.

Deija: Quebrou o braço.

Dona Flor: Mas ela quebrou o braço, quebrou a costela.

Deija: Ficou muito tempo em cima da cama Clara, ficou vários anos em cima da cama [sic].

Depois de um tempo morando na Mata, Dona Flor quis mudar-se para o povoado do Moinho, colocar os filhos na escola e cuidar de um terreno seu, com maior estabilidade, pois na Mata era preciso se locomover muito e o acesso era mais difícil.

Dona Flor: eu morava na mata, mas eu já tinha muito filho lá na mata e eu queria por os meus filhos ni escola.

Juliana: Já tava, você morava na mata perto da sua vó da sua mãe, você morava na mata

Dona Flor: Já tinha casado, já tinha um filho a gente ficou mudando o lugar para o outro até o homem que me criou, e eu fui lá e pedi para ele, que me desse um pedaço de terra aqui, eu precisava fazer uma roça criar meus filhos e que eu precisava de ter alguma coisa para mim vender para mim vir para cá para botar meus filhos na escola que ele viu que eu não estudei eu não queria que meus filhos não estudasse e ele falou assim, "olha eu vou lá para mim ver essas terras: Aí ele não veio mas mandou um rapaz lá para ver como é que é era, onde que eu queria a terra, aí eu mostrei onde é que eu queria, né? Queria perto do rio mas não muito perto. Aí ele foi e deu para mim a tarefa, porque meu

marido acabou de criar mais ele, né? Eu [também] acabei de criar mais ele, então já conhecia.

(...) Aí ele mandou eu plantar na meia “não Florença, a meia não, cê tem muito filho, vou cobrar renda”, [Aí eu falei] “rapaz cê tem muita terra”. Aí falei tá bom. [Ele falou] ‘Então assim, o meu controle, se você colher 10 sacos de arroz, 1 é meu. Nove é seu’. Aí eu falei, “Graças a Deus”. Aí foi roçar, nos roçamos a roça, botou fogo, queimou tudo, e meu marido montou, montava assim os pau pro fogo não passar pro mato, aí botava fogo e queimava aquilo lá. Eu já ia, apanhava a cinza já guardava lá no cestão ‘pra’ fazer sabão [sic].

Conseguiram um terreno com João Bernardes, mais uma vez. Bernardes também conhecia Donato, que vivera, como Dona Flor, uma boa parte de sua vida na fazenda dele. Esse terreno é onde hoje é a casa de Loro, vai de lá até a casa de Irany, bem na entrada do povoado, um terreno grande. “O véio”, como Dona Flor o chama, foi fator importante para ela, e acabou padecendo de câncer, ela conta, mas já em idade avançada.

Apesar do lugar diferente, a rotina ainda era similar, atrelada ao cuidado com a roça, preparar a terra, plantar, cuidar, colher. As crianças eram inseridas nesse cotidiano quando os pais julgavam pertinente. Zita, por exemplo, ajudou muito Dona Flor a criar os irmãos, a mãe tinha que trabalhar, catar lenha, cuidar da Roça, comprar sal, vender farinha, fazer parto⁵⁹. Por isso, Zita é chamada por todos os irmãos de Mãe Zita. As crianças pequenas se revezavam para vigiar as plantações e espantar os passarinhos, ajudavam a catar lenha, pilar arroz, fazer comida *etc.* Deixa conta que ficava em casa e tinha que pilar o arroz antes dos pais chegarem da roça, para fazer a janta. Quita conta que tomava conta da cozinha, limpava e cozinava para a família. Aqueles que tinham mais força e gosto ajudavam na roça, como Rhina e Wilson.

Dona Flor: (...) meus meninos tudo sabe fazer as coisas. Agora eles têm que escolher os que ele quer fazer. Ia todo sábado lavar roupa e passar roupa, todo mundo. Agora as meninas mulher na cozinha tudo bem, mas na roça, só tem duas que trabalha na roça [sic].

Também compunham quando era preciso pisar adobe⁶⁰, levantar paredes e fazer forno e fogão a lenha. Além disso, Dona Flor levava os meninos pequenos para o mato, quando ela ia buscar remédio para chás, xaropes, banhos, vermífugos ou algum outro remédio para a

⁵⁹ Dona Flor não cobrava pelos partos, coloco aqui para citar enquanto atividade que ocupava o tempo dela, mas não como serviço que era remunerado de alguma forma.

⁶⁰ Dona Flor me contou sobre uma das técnicas de construção tradicionais no Moinho: a do adobe. Nessa técnica, uma mistura de barro vermelho e palha ou capim era cuidadosamente pisada até atingir a consistência ideal. Com esse material, erguiam-se paredes robustas para as casas. Uma variação interessante era a adição de espuma de caldo de cana à mistura, que, por conta da cola natural do açúcar, tornava o adobe mais resistente ao calor, perfeito para a construção de fornos.

enfermidade que estivesse precisando ser tratada. Gostava mesmo de ir para o mato, conta. Lá era onde se sentia mais feliz, observando as maravilhas do Moinho, estudando as plantas, aprendendo com os bichos, e ensinando os pequenos.

Dona Flor tem orgulho de dizer que deu a oportunidade de estudo a todos seus filhos, por mais que alguns não tenham seguido firme no caminho, escolhendo outros afazeres. Alguns foram trabalhar na cidade, mudaram-se para Alto Paraíso para continuar os estudos. Quita, mudou-se para Brasília, trabalhando como empregada doméstica na casa de outras pessoas, destino similar tiveram muitas das filhas mulheres de Dona Flor, como Deija e Rhina.

A vida seguiu no povoado do Moinho, as crianças foram crescendo, mas depois de um tempo surgiu um bar do lado da casa de Dona Flor no povoado do Moinho. Ela conta que se incomodava muito com o barulho. Voltava cansada após um longo dia de trabalho e desejava descansar, mas o movimento do bar incomodava seu sono. Até recentemente era acometida por esse tipo de incômodo. Tem um estabelecimento que promove rituais de ayahuasca e kambô, dentre outros, logo em frente a sua casa atual. Quando esses rituais estão em andamento, todos ali da casa têm dificuldades em dormir, e o assunto da manhã é o som que não parou durante a noite.

Entendo que, nesse tempo antigo, além do barulho, ela também se preocupava com o marido, cujo grande defeito era o fraco pela bebida. Quando bebia muito não era muito bom com ela, ou com os meninos. Daí que Dona Flor passou a pedir a Deus, em suas próprias palavras, por um outro lugar para morar. Seu pedido foi atendido e ela se mudou para o Solarion, uma grande fazenda, cujo proprietário na época era Dylan. A propriedade é banhada pelo rio São Bartolomeu, e abriga dentro de seus limites a cachoeira Anjos e Arcanjos, atração turística atualmente.

Deixaram a casa no povoado a cuidado de outros, e construíram um rancho na beira do rio, se mudando com a família. Antes de se mudarem, Dylan demonstrou preocupação com a gravidez de Dona Flor da época, que já estava muito avançada. Ele não considerava o Solarion um lugar propício para se parir ou criar bebês pequenos. Dona Flor contestou, falando que aquela ali (referindo-se à bebê em seu ventre) nasceria antes da mudança, e que se outros viessem a querer nascer, que ela resolveria – como foi o caso de Daniel. Evidente que Dona Flor levou Dylan na conversa e se mudou para o Solarion, como queria.

Ela revela ter sido muito feliz lá, fazia queijo e requeijão do leite das vacas, além de pastoreá-las. Cultivava roça de tudo quanto é tipo de coisa, e estava perto daquele mundo de

água, seu jeito de descrever o rio.

Dona Flor: Não pode ir...Falei não ‘Dylon, essa menina aqui, eu to grávida dela, eu vou parir ela aqui ainda, agora o outro que vier eu não sei’... Aí, fui ‘pra’ lá. Mas foi bom! Criava cocá, criava pato, criava galinha [sic].

Donato, contrariando os conselhos e pedidos de Dona Flor, construiu a casa para sua família muito perto desse rio. Por isso Dona Flor e sua família passaram sufoco durante a época das águas. Na região da Chapada dos Veadeiros, a grande maioria dos rios, após dias de constante chuva, enchem e transbordam. Depois da voçoroca, ou tromba d’água, há rios que enchem e vertem mais de 30 metros para fora de cada margem, triplicam de tamanho e geram grande impacto na vida das pessoas, que no mínimo, ficam ilhadas, sem poder atravessar o rio.

Dona Flor: Aquele mundo de água, depois eu falei com Donato: “Donato, não faz a casa perto do rio, porque o rio enche, carrega a casa”. (Donato) “Hun! Ta, ta longe, não tá perto não, tá longe”.

(...) Digo “Moço, cê num me peita, vem inté barro. Esse rio vai jogar água dentro de casa, vai matar a gente aqui”. Teimou. Aí quando foi, eu lembro foi, março, nas últimas chuva de março. Nós... Anoiteceu, a lua cheia, o céu limpinho, limpinho. Quem pensava que ia chover? Daí a pouco a gente escutou aqueles trovão longe. Ah menino, mas foi chuva, foi chuva, foi chuva, quando nós acordou o rio tava passando debaixo da cama”.

Dona Flor: O rio, me rastou três vezes. A última vez que o rio cheio me arrastou eu tava grávida de Daniel, eu morava no Solarion [sic].

Numa dessas enchentes o rio alcançou a casa de Dona Flor, nessa noite, ela acordou com o rio passando embaixo de sua cama. Os utensílios boiando, a chuva que não parava e a preocupação com as crianças, o medo de ser levada pelo rio, sentimentos, anseios e experiências que Dona Flor qualifica como de muito sofrimento. Depois desse episódio, o então patrão de Dona Flor, Dylon, preocupado com o bem-estar dela e das crianças, frente ao risco de deslizamento, assoreamento e enchentes, arranhou para que ela se mudasse. Isso entristeceu ela e a família, porque gostavam muito daquele lugar, a terra boa para roça, o sossego, a água, os animais silvestres e o gado, que trazia também todas as possibilidades do leite.

Dona Flor fazia manteiga, coalhada, a nata, o requeijão, e mais uma diversidade de usos. O requeijão é um tipo de queijo cremoso, que leva nata e manteiga. No dia a dia com Deija e Dona Flor, ouvi muito falar do tempo quando Dona Flor fazia queijo para vender, ou para os grandes festejos, e como era difícil achar um bom requeijão ultimamente. Inclusive, Deija recomenda somente um ou dois produtores que vendem um bom requeijão.

Dona Flor: Dylon (...) Ele chegou lá em casa cedinho. Ai, graças a Deus, graças a Deus que a casa tava inteira, não sei o que... (Dylon falou) “Ceis não vai ficar aqui mais não”.

Ai mais me deu **uma frieza no coração**⁶¹ quando ele falou [sic].

Dylon, então, apelou a Loro (Lourenço Farias Sodre), cunhado de Dona Flor, casado com Zita. Ele, na época, era dono da Flor de Ouro – uma fazenda às margens do rio, cujo poço mais visitado para banho recebe o mesmo nome – para que desse um jeito de Dona Flor se mudar para lá com a família. Assim aconteceu, Dona Flor e Donato se mudaram para a Flor de Ouro; mais uma vez fizeram roça, plantaram uma variedade de frutíferas e grãos: abóbora, milho, feijão, arroz, cana, banana *etc.* Como em todo lugar no qual decidiam ficar por algum tempo.

Foto 20 – Colheita de banana na casa de Dona Flor



Fonte: autoral

⁶¹ Grifos meus.

Como a Flor de Ouro era mais ou menos perto do Solarion, foi possível também que continuassem cuidando dos animais de lá. A Flor de Ouro está localizada virando a primeira esquerda logo após a “entrada do povoado”, seguindo por pouco menos de um quilômetro. O Solarion, por sua vez, fica seguindo a estrada da rua de cima, na mesma direção. A partir do relato de Dona Flor, subteme-se que a distância era manejável, mas nas minhas poucas andanças por ali, não diria que é perto, vão alguns quilômetros entre uma propriedade e outra.

Dona Flor: Porque nós ia morrer tudo, na chuva, no rio. Ele falou que já tinha dado muita erosão de lá, muita chuva ‘pra’ lá, já tinha caído (...) Eu falei “e agora? Já tem gente morando na minha casa no Moinho, eu num vou ‘pra’ lá”. Agora... ‘Não, vamos dar um jeito...’” Aí Loro tinha essa Flor de Ouro aí era de Louro. Aí ele falou “ó Loro, cê arruma lá ‘pra’ sua sogra, lá na flor de Ouro ‘pra’ sua sogra, porque eu não quero tirar ela de lá, porque eles faz muita coisa boa lá ‘pra’ mim. Eles sai, mas os animais não vão sair, nem o gado. E eu não quero que eles fica lá que eu tô vendo eles morrer tudo lá. Esse tanto de menino!” E era menino, era menino, não era pouco não. (ri)

Dona Flor: E aí, eu fui ‘pra’ lá, nós fizemos uma roça, plantou cana, banana, mandioca, milho, feijão, arroz. Fomos vivendo [sic].

Isso aconteceu quando Zita ainda tinha somente a primeira filha, Francineide, que é mais velha que Davi, filho de Dona Flor, Davi tem mais de quarenta anos, ou seja, Dona Flor e sua família moraram na Flor de Ouro no final da década de 70. Passados dois anos que a família morava na Flor de Ouro e o nascimento de Nice lá, o dono da última casa em que Dona Flor viveu, a casa com a farmacinha e o galpão, foi conversar com ela para convencê-la a se mudar da Flor de Ouro. Àquela altura, ela era católica e frequentava a igrejinha que hoje fica ao lado do ginásio de esportes e da escola da comunidade, que funciona no antigo postinho de saúde. Todo dia Dona Flor se deslocava da Flor de Ouro para a Igreja, todo ano ajudava e liderava a organização dos festejos da comunidade, a novena do Menino Deus em dezembro, festejo de Reis, e São Sebastião em janeiro. São João em junho, Terço do Sagrado Coração de Maria em agosto, a época da caçada da Rainha, dentre outros.

Dona Flor: Eu saía de lá do Solarion ‘pra’ vir rezar aqui, daqui lá no Solarion não é muito pertinho. Não é longe, mas não é muito pertinho não. Sai de lá ‘pra’ fazer missa de natal, todos os Santos, eu vinha. Agora, nesse tempo, no meu tempo que eu não era evangélica, tava a festura todo dia, a procissão todo dia, o terço do sagrado coração de maria, todo dia [sic].

Sobre o envolvimento de Dona Flor com os festejos, Deija relata:

Deija: O nome é Menino Deus. Menino Jesus, Menino Deus, uns chamavam de Menino Deus, outros chamavam de Menino Jesus. É um nenenzinho. Esse nenenzinho, ele tinha

roupinha. E nas épocas da festa, assim, a gente lavava as roupinhas deles, passava a roupinha do menininho. Até hoje eu lembro, era tão bonitinho. E mamãe que era responsável por essas coisas, lavava as toalhas da igreja, arrumava a igreja. Aí ela colocava a gente para arrumar a igreja [sic].

Dona Flor conta nostálgica como era o tempo de organizar os festejos, juntar a comunidade, reunir as mulheres para preparar a comida, enfeitar a igreja, arrumar as crianças – quando tinha procissão com elas – e afins. Cada um ajudava como podia, trabalhando ou com doações. Costuravam as fantasias, preparavam os doces com o leite doado por aqueles que criavam gado, construindo coletivamente, acionando redes de relações que tornavam possíveis as trocas de bens e serviços.

Dona Flor: Eu ajudava muito aí na Igreja, Tassiano, quando era no tempo das festas eles davam leite ‘pra’ mim, fazer biscoito, Paulino me dava o café que tinha que fazer. Nilson dava queijo ‘pra’ mim, me ajudavam muito [sic].

Antes de ser responsável pelas festas, Dona Flor já rezava desde cedo, seguindo os passos de sua mãe e avó, antes de ter igreja era mais comum ter altar. Assim, cada mulher, chefe de família, tinha o altar do santo ao qual era devota.

Dona Flor: Eu fui aprendendo fazer as coisas, né, em casa eu gostava toda vida de serviço de oficina, cozinha não gostava muito, mas [se] pedia eu fazia. Para quando era tempo das festas era aquela multidão de gente, era tanta comida era tanto doce, era tanto biscoito é tanta coisa e ali eu fui curiando.

Juliana: A sua mãe fazia alguma festa?

Dona Flor: Não, era tinha uma reza de Nossa Senhora do Livramento todo ano ela fazia ela, todo ano, toda a vida de minha mãe [ela era] devota de alguma coisa, ela era rezadeira, né? Ela era rezadeira, então ela tinha o altazinho dela lá. Aí quando era dia 15, as amigas ia, as irmãs, mamãe, vovó ia, botava as folhinhas lá e rezava, fazia os bolinhos no forninho, tipo aquele ali, fazia as festas dela. Ela era uma morena muito bonita, mais ou menos assim do meu corpo, gordinha. Mas bebia uma pinga... Foi o que levou ela.

Juliana: E a senhora aprendeu as rezas também na época?

Dona Flor: Eu era rezadeira também. Quando ela não podia ir eu ia, às vezes nós ia nós duas né. Eu tinha as preferências das pessoas. Que nesse tempo tinha muita rezadeira, mas tinha a rezadeira que tinha uma reza no altar que ela não sabia, e eu tudo que eu pegava eu gravava tudo. Reza que a gente rezava, porque eu tinha 11 anos, tá tudo aqui dentro da cabeça. Tem dia que eu tenho saudade assim daquelas, só Comadre Severa que tem aquele Altar, bonito, maravilhoso.

(...) Era altar, aqui tudo no Moinho tinha altar sem ser Igreja, tinha as novenas que eles faziam. Tava falando ‘pra’ Rosa, falei “Rosa, não deixa o certo pelo duvidoso. Você está abandonando o catolicismo, o catolicismo vem antes” (...) [sic].

O dono da igreja na época, João Ribeiro⁶² – ele era casado com Georgina, tia da Neide, vizinha de Dona Flor e uma das melhores amigas de Deija. João perdera sua esposa, e por isso

⁶² Já o Padre da época, era o padre Bena.

estava se afastando das atividades que exercia intensamente. Como Dona Flor era muito dedicada à sua fé, e João também se preocupava em cuidar para que alguém assumisse aquele espaço com a dedicação esperada, ele ofereceu para Dona Flor seu terreno, localizado atrás da igreja, ele disse que estava fazendo um acordo mais vantajoso para Dona Flor, justamente porque junto com o terreno vinha a responsabilidade com a Igreja, o cuidado tanto do espaço físico quanto da atividade religiosa que acontecia ali.

Dona Flor: O veio vendeu a casa, o terreno aqui ‘pra’ mim e vendeu mais em conta, e falou “Ô Dona Flor, essa igreja é sua”. Eu to fazendo esse negócio para a senhora porque a senhora é que zela, a senhora que... a senhora cuida. Então vou fazer um preço bom ‘pra’ senhora, por causa da igreja [sic].

Dona Flor não queria aceitar o acordo de prontidão, mas Donato ficou muito entusiasmado com a possibilidade e vendeu o terreno que eles possuíam na entrada do povoado, – aquele que hoje corresponde ao espaço que se inicia na propriedade de Zita e Loro, e termina na casa de dona Irany, para aqueles que já estavam ali, Loro, Chico Preto, Raimundo, dentre outros.

Dona Flor: Não, vendeu, nós vendeu. Vendeu ‘pra’ Loro, vendeu ‘pra’ Chico Preto, vendeu ‘pra’ Raimundo, vendo ‘pra’ quem mais? Uma turma juntou e comprou o terreno. Comprou a casa com o terreno, com tudo [sic].

Ela reclama e diz que o marido, ansioso para comprar o terreno atrás da igreja, vendeu aquele que eles possuíam muito barato, sem consultá-la. O plano dela era vender de modo a sobrar dinheiro para investir no novo terreno, o que não foi possível.

Dona Flor: Aí ele, vendi... Vendi não, que foi meu marido que vendeu, ele ficou tão ansioso que nem falou comigo que ele ia vender. Porque se ele falasse que ele ia vender eu ia dizer, “não, não é seu não, quem vai vender sou eu”. Vendeu por muito menos do que tinha que ser.
(...) É, ele vendeu lá a casa, o terreno lá ‘pra’ poder comprar aqui. Dava para comprar aqui com sobra, mas ele não sabe fazer negócio, a ansiedade foi demais [sic].

O terreno que compraram não estava em condições ideais, ao mesmo tempo em que continha muitas árvores frutíferas, como a jaca, o marmelo e a jabuticaba, também era cheio de mato. A casa não era do tamanho ideal para a família de Dona Flor, que continuava crescendo. Dona Flor já conhecia aquele terreno, na época da chuva, por volta de janeiro, colhia muito marmelo maduro por lá, uma fruta vinda da Ásia, que foi ambientada a áreas mais úmidas do Cerrado, uma pequena bola marrom e cremosa, muito utilizada no feitiço de doces.

O feitiço de doces, inclusive, era prática corriqueira no povoado, uma dessas que juntava as pessoas para a produção coletiva, não só de marmelada, mas também rapadura, goiabada, dentre

outros. Essa casa de Dona Flor ainda guarda, em seu galpão, muitos artefatos históricos utilizados nesses momentos, um moinho, o engenho de cana, a roda de fiar algodão, todos de madeira, produzidos na região. O engenho da cana, inclusive, precisava ser manejado por mais de uma pessoa, para poder funcionar.

Dona Flor: Eu vi! Eu to com 85 anos, eu passei por tudo isso aqui. Eu colhi muito marmelo aqui nessa chácara aqui.

Clara: Essa aqui?

Dona Flor: Isso, ajudando a dona que morava aqui apanhar marmelo, fazer marmelo. Mas não fazia com açúcar cristal não, ele moía a cana, fazia açúcar de forma, guardava. Aí quando era tempo (...) eles fazia. Fazia goiabada, fazia tudo com rapadura. Ó o engenho aí ó.

Clara: É...

Dona Flor: Só tem isso aqui em casa, isso aí é tocado no braço de homem. É muito bonito mexer com isso aí.

Clara: Gira assim?

Dona Flor: É, fica um homem de lá outro de cá. Um puxa 'pra' cá, outro puxa 'pra' cá, um puxa 'pra' cá, outro puxa 'pra' cá. É muito bonito [sic].

Ao se mudarem, outra vez, eles trabalharam a terra, capinaram, queimaram, levantaram paredes e foram construindo, habitando, cuidando, plantando, nutrindo aquela nova casa. Se iniciarmos a contagem do tempo de existência dessa casa a partir de quando Dona Flor se mudou, ela já pertence a família há 45 anos. Foi com o tempo que o restante das paredes subiu, a palha foi substituída por telha, o chão batido, no qual Quita, uma das filhas mais velhas de Dona Flor, jogava água para acalmar a poeira, e refrescar o dia, deu lugar ao cimento queimado:

Dona Flor: E Deus me ajudou, que eu comprei quase tudo caindo, isso aqui. Essa frente aí onde é a loja tudo era mato, mato e tudo. E nós caiu, nós dois assim, na enxada, na foice. E foi queimando também queimando, cabando com esse mato... e eu morando lá” [sic].

A igreja, motivo que levou o dono da casa a vendê-la para Dona Flor, também continua lá, em frente a sua casa, na chácara Lírrios dos Vales, Dona Flor garantiu que sim. Num primeiro momento, eu inclusive entendia que a igreja fazia parte do terreno de Dona Flor. Essa foi a primeira igreja do povoado, e continua lá, a cruz que sinaliza a quina mais alta, onde o telhado declina para um lado e para o outro ainda é a mesma desde o primeiro dia.

A Igreja tem uma pintura de cor rosada, desbotada de uma maneira que almeja o alaranjado, e um formato quase quadrado, com telhas de barro e sustentação de madeira. Dentro tem fileiras de bancos de madeira e um altar. Imagens de Jesus, Maria, Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião, e um púlpito com uma imagem/escultura de Jesus menino, que data do início do

século 20. Em frente à igreja tem um pé de goiaba, que oferece sombra para o meu carro, a grande maioria das vezes que estaciono ali, com exceção das vezes em que a sombra está ocupada. Além da sombra, se for tempo de chuva, desde fevereiro até o início de abril, o carro também ganha goiabas maduras, que amassam no para-brisa com impacto da queda, e cocô de passarinho. Do lado direito de quem olha para a igreja tem um pequeno cemitério familiar, pertencente à família dos Bernardes, Neide e Badi Bernardes são vizinhos da Chácara Lírios Dos Vales, bem como da igreja nessa divisa em questão. Esse cemitério está sempre com plantas verdes e um bocado de margaridão. À esquerda da igreja, atravessando um pequeno caminho, que dá espaço para um carro, tem o local de coleta do lixo, uma placa indicando a lojinha de “Dona Flor, Wilson e Deija”, pintada sobre o metal, com tinta verde e partes coloridas, ornamentando a informação com desenhos de plantas. Enfeitada ainda por um jardim de rosas, plantado e cuidado por Wilson.

Foto 21 – Jardim de Rosas enfeitando a Placa em frente à casa de Dona Flor



Fonte: autoral

Atrás desse jardim tem o viveiro de Wilson e um grande pé de cajá-manga, que foi plantado por Donato – quando o pé está carregado, os frutos caem no telhado de Wilson, fazendo barulho –, por ali também fica a oficina de Wilson, onde ele processa as plantas, armazena uma parte de sua coleta de espécies vegetais e minerais, como argila branca coletada por ele, e os cristais que ele garimpa esporadicamente. Seguindo atrás desse espaço, tem a casa de Wilson,

uma construção de dois andares, em vias de acabamento.

Ali as casas, muitas vezes, vão sendo construídas aos poucos, parede por parede, cômodo por cômodo, porta por porta, janelas, reboco até que eventualmente esteja finalizada, sempre podendo crescer e ser reformada, para melhor acomodar as necessidades do morador. Continuando por esse corredor, da largura de um carro, entre a Igreja e o jardim e casa de Wilson, damos com um portal de ferro, pintado de marrom, com uma escultura em madeira de uma arara canindé, que o ornamenta.

O portão que parece ser como o de uma garagem tem uma porta para pedestres que normalmente está aberta, e cujo som avisa aqueles que estão sentados na sala, ou na varanda, quando algum visitante, turista, chegado ou familiar se aproxima. Quando passamos do portão nos maravilhamos com as cores do Quintal de Dona Flor e Deija, o grande pé de “lanterninha chinesa”, xodó de Deija, com suas florezinhas que misturam o rosa, o laranja e o vermelho, num formato de lanterna, ou tulipa de cabeça para baixo, que os beija-flores adoram.

Nesse canteiro também tem um pé de Justicia Vermelha, com folhas verde escuro, largas, e cachos de flores vermelho-violeta, que volta e meia crescem demais e obstruem a visão da entradinha do portão. Do lado oposto a esse canteiro, ao lado direito, está a lojinha de Dona Flor, que conta com duas janelas verdes com vidros coloridos, uma em formato curvo e outra retangular, com grades. Entre as janelas tem a porta, que normalmente fica fechada. A base da pintura da lojinha é rosa⁶³ e por cima está ilustrada uma rama⁶⁴ envolvendo uma mulher.

⁶³ Durante o trabalho de campo, a pintura das paredes exteriores da lojinha era branca, mas em 2024 foi repintada, e agora é rosa.

⁶⁴ rama “[...] Conjunto de ramos e folhagens de árvores e outras plantas; 2. Folhas que aparecem nas árvores com as primeiras chuvas [...]” (Aulete, 2024).

Foto 22 – Os gatos de Deija: Lucas e Nayana, em frente à lojinha de Dona Flor, Deija e Wilson



Fonte: autoral

Continuamos andando e passamos por mais um canteiro, que tem um pé de patchouli e outras plantas ornamentais. Enxergamos atrás desse canteiro os fundos da casa de Wilson, o ranchinho de Dona Flor à esquerda, e um dos varais de roupa. O varal fica embaixo de uma estrutura de cimento, quatro pilares, que no topo são conectados por vigas, também de cimento. Em cima dessa estrutura, de pilares e vigas descansa uma caixa d'água. É preciso ligar a bomba da caixa d'água de tempos em tempos, para que ela fique sempre cheia.

Ao lado esquerdo dessa estrutura tem um pé de acerola, e à frente um canteiro com lírios, dois tipos de dama-da-noite e outras flores ornamentais. O canteiro está colado no coreto, uma meia parede que coloca limites numa pequena área, como uma varanda, entre esse muro e as paredes da casa. Esse coreto está dividido por um portão baixo, na altura da cintura, feito de madeira. O outro lado do coreto também abriga, de um lado a varanda, do outro um canteiro, com rosa maná, vinagreira, clitória, mil ramas, e mais outras espécies medicinais e ornamentais.

O canteiro é contornado por um caminho de brita, que passa por um pé de sene, transplantado da beira do Rio Bartolomeu, uma parreira, um pé de algodão e ramas de abóbora, que volta e meia oferecem frutos aéreos, ou escondidos entre as outras plantas. Já o canteiro do sene e do algodão se estende para a direita e para cima, ficando entre os fundos da lojinha, da cerca do galinheiro e dos muros do cemitério familiar. Para baixo continua tangenciando a estradinha de brita, que segue pela lateral da casa de Dona Flor, e é rodeada por outro canteiro de seu lado esquerdo. Ao final do caminho é possível chegar ao galpão de Dona Flor.

Foto 23 – Uma abóbora aérea e Dona Flor de costas



Fonte: autoral

A estreita varanda da casa de Dona Flor é enfeitada por muitos vasos com plantas, diferentes tipos de rosas, orquídeas, bromélias e outras flores, que Deija zela⁶⁵ com muito carinho. Ali tem alguns bancos e cadeiras de madeira que oferecem descanso para os visitantes e lugar para uma boa prosa. Na parede da casa, que é amarela, está pendurado o cartaz do lançamento do livro de Dona Flor – que ocorreu em setembro de 2022, contando um pouco sobre a raizeira e seu sonho da Casa de Saberes, além de oferecer um meio para que visitantes, turistas e quem mais se dispuser, doem alguma relevância para alimentar esse sonho.

A porta de entrada é marrom, feita de metal e vidro, fica aberta quando o clima está ameno, por assim dizer, mas quando está muito quente, ou muito frio ela fica fechada, para manter o frio e o calor de fora, ou dentro, a depender. As luzes da sala, principalmente durante o dia, ficam apagadas a maior parte do tempo, criando uma atmosfera intimista, talvez um pouco misteriosa, leva pouco tempo para os olhos ajustarem e encontrarem a televisão sobre o móvel da sala, quase centralizado na parede direita.

O armário também abriga arranjos de flores de plástico coloridas, fotografias, fios elétricos e outros: caixas de remédios, chaves, tesouras, aparelhos de medir pressão, celulares carregando, dentre outras coisas boas de se ter à mão. Nos armários tem mais remédios e utilidades para primeiros socorros, nas gavetas tem rótulos para os produtos da farmacinha e mais algumas coisas importantes. Demorei para entender o que ficava em que lugar, quando precisava guardar ou pegar algo.

São quatro sofás na casa de Dona Flor, três de frente para a televisão, o quarto fica perpendicular à ela, encostado na parede. No lado oposto ao sofá perpendicular, encostada na parede, tem uma mesa redonda. Ela também acomoda coisas que precisam ficar à mão, que estão em busca de um lugar ou que não podem ser esquecidas, como encomendas que vão ser buscadas ou entregues. Entre o sofá perpendicular encostado na parede e a parede a que ele é perpendicular tem uma porta que leva à cozinha. Quase alcançando esse vão, na parede está o último sofá dos

⁶⁵ zelar “1. Tomar conta com dedicação: A enfermeira zelava pela paciente]; 2. Cuidar (para que algo aconteça) [tr. + para, por : zelar pelo cumprimento das leis]; 3. Tomar cuidados, precauções (para evitar acontecimento indesejável) [tr. + para : Zelava para que o filho não se perdesse] [...]” (Aulete, 2024).

três que ficam em frente à televisão. O preferido de Dona Flor, lembrar da sala de sua casa, é imaginá-la deitada lá, descansando ou vendo televisão.

Ou pelo menos foi assim durante muito tempo, de agosto de 2023 para cá muitas coisas mudaram de lugar, e continuam mudando, um dos sofás virou pufe, as estantes da cozinha trocaram de posto, os utensílios novos, que estavam guardados a muito tempo, dentro da embalagem foram colocados para jogo e as maçanetas dos armários foram concertadas. Nesta casa, nasceram Davi e Denise. Davi tem mais de 40 anos, de modo que a família está ali, no terreno com a Igreja, desde antes do nascimento, final da década de 70. Durante esse tempo outras árvores frutíferas foram plantadas, como o pé de cajá na frente da casa de Wilson. Muita roça foi feita, milho, banana, mandioca, cana, gergelim, feijão, abóbora; bichos criados e cuidados, cachorro, gato, galinha, porco, pato. Gente nasceu, cresceu e se criou ali.

As paredes da casa foram levantadas aos poucos, até chegar ao formato atual, no começo era só a sala e dois quartos, os que hoje pertencem a Deija e à memória de Dona Flor, esse foi reformado no começo de 2023, porque Dona Flor dormia no galpãozinho de trás, junto com móveis, roupas, objetos diversos, o freezer, produtos, ervas, e uma quantidade de coisas que eram guardadas ali. Dona Flor passou a dormir ali depois da morte de Donato. Diz ela que o quarto em que dormiam juntos a fazia lembrar dele, e a cama ficou muito grande, mas o armário da suíte ainda continha suas roupas, de modo que ela se trocava ali, e utilizava o banheiro também.

O Donato de Dona Flor era um homem bom, trabalhador, honesto, do qual ela não tinha muito ciúme, mas que, como eu disse, não deixou de aprontar com ela. Mesmo assim, Dona Flor não tinha medo de deixá-lo conversando com suas amigas. Ela cuidou dele até os últimos momentos. Nem sempre eles concordavam sobre a caminhada que seguiam, queriam viver em lugares diferentes quando Dona Flor decidiu que precisava sair da Mata e ir para um lugar em que fosse mais fácil para seus filhos estudarem, por exemplo, ele viajava e ia trabalhar em outras fazendas, até mesmo na cidade, e nem sempre trazia tudo o que Dona Flor esperava que ele trouxesse.

Ao mesmo tempo, ele sempre foi seu companheiro quando ela o pressionava a começar a lavoura, é possível perceber isso quando ela conta sobre as mudanças de casa e todo o processo de cuidado com a terra para transformar o mato em quintal e roça. Ela também conta com admiração sobre todas as árvores que Donato plantou, como ele tinha mão boa, como ele gostava

de mato, igual a ela, e que saía e buscava as plantas do Cerrado para ela, quando não iam juntos.

Com carinho e risada ela relata as travessuras do marido, que muitas vezes dava mais trabalho que os filhos nesse sentido. Em um dia de abril de 2023 eu estava no galpão com Dona Flor, Lucas, seu neto, Leo, amigo de Lucas e Paulo, aprendiz e ajudante, ouvindo Lucas e Dona Flor contarem das peripécias do avô. Quando foram construir um dos fornos de adobe, que Dona Flor utilizava para fazer rapadura, o maior deles, Lucas disse que o avô juntou todos os netos para ajudar. No entanto, ele, Lucas, não estava com muita vontade de trabalhar e deitou-se no carrinho de mão que estava ali perto, pequeno, ele ainda cabia lá. Enquanto descansava e observava o movimento, não percebeu, rápido o suficiente a movimentação do avô, que o pegou desprevenido e lambuzou toda sua cara com sumo de limão galego, rindo da brincadeira.

Dona Flor ri lembrando que Donato se escondia no mato para assustar as crianças, e que no meio dos netos e filhos se confundia com menino em meio a tanta brincadeira. Suas palavras são sempre cheias de amor e saudade, mas ela não deixa de apontar que Donato não era perfeito, chegando a deixá-la sozinha em casa, com muitos filhos, por tempo demais, e não se dispor a trabalhar todas as vezes em que ela precisou de ajuda. Mesmo assim, ela nunca voltou a dormir no quarto em que dormia com ele quando ele estava vivo, porque não gostava de olhar para as coisas dele, que ela manteve por muito tempo ainda depois de sua passagem.

Donato tinha problema de pressão alta, no final da vida ficou acamado e precisando do cuidado de todos que iam visitar frequentemente. Os filhos ajudaram Dona Flor a cuidar do pai durante esse período, revezando-se. Deija relatou com pesar não ter podido estar com o pai em seus últimos dias. Ela estava viajando a trabalho esse tempo, junto com seus patrões, treinando uma equipe em Minas Gerais. Eles não quiseram liberá-la para ir ao velório do pai, e estar com ele. Fato que influenciou Deija em sua decisão de sair de Brasília para estar com a mãe, quando a situação da saúde de Dona Flor começou a ficar mais crítica. Sobre a morte dele, ela relata:

Dona Flor: (...) as enfermeiras veio, [e falaram] deus me livre, seu Donato não vai morrer não.

Aí eu falei, tomara que vocês fala e Deus ouça. Aí eu vim na terça feira, cheguei. “Como e que cê tá aí?” “Ele falou “Tô bem”. Aí eu comprei as frutas, trouxe, cortei, botei no pratinho, fui lá, levei, ele comeu. Aí as amigas dele foi lá, brincou com ele, brincou, brincou, brincou, e eu olhava e ele assim, e eu via a lágrima correndo, ele sem chorar, e a lágrima corria. Eu falei esse aí, ele pode passar de hoje, mas de amanhã ele não passa. Aí quando foi ali, a noitinha eu fiz o mingau de novo para ele, ele adorava mingau de milho, fiz mingau, uma tigela grande, dei esse mingau, eu olhando ele e pensando “esse já vai”. Ele comeu, comeu e todo mundo foi dormir. E as meninas ficaram, as duas, era Neuza,

Santa e Conceição, era duas sobrinhas dele. E as meninas brincando com ele (...).

Ele rindo, mas você via o sorriso, que não era um sorriso de uma pessoa que tava morrendo, parece que tava morrendo aos poucos. Eu olhava ‘pra’ ele assim, “será que é hoje?”. Já tinha escara muito grande, todo dia ele pedia ‘pra’ mudar de lado. Eu falei, cê não quer mudar de lado não? Ele falou, não hoje não.

Eu voltei e perguntei “cê quer água?” ele falou “quero”, quando eu levei a água ‘pra’ ele, ele já não quis a água, ele já não teve a força mais de beber a água. Mais tarde eu fiz um chá de erva doce. E eu sentindo que ele tava indo.

E Wilson lá dormindo e Denise dormindo. Não tinha ninguém, eu não quis acordar eles, porque ia virar escândalo. Ficou por ali, ele falava alguma coisa, logo ele perdeu a fala. Ficou por ali olhava para mim assim, parece que queria falar alguma coisa. Eu queria conversar com ele e ele não aguentava não.

Aí eu senti a respiração dele diminuindo, aí eu fui dar ele o chá de erva doce, que ele gostava demais. Não bebei. Eu vi que ele tava partindo eu dei água na boca dele, ele não gostava de beber água na vida, mas eu digo agora você bebe. Agora você tá partindo você vai beber essa água. E ia água, ia água, ia água, ia água.

Quando foi 4 horas da manhã eu senti que ele tava, já tava com (...) abria a boca não fechava, fechava a boca não abria, revirava o olho assim, estirava a mão assim ‘pra’ mim, eu pegava na mão dele, ele soltava minha mão, parecia que ele tava despedindo de mim.

Eu não quis chamar os meninos não, o dia amanheceu. Fiquei acordada a noite todinha, não dormi. Aí o Wilson trabalhava no Solarion, saiu 5 horas, foi lá pro Solarion abrir porteira lá, ainda era domingo, que ele só levantava depois da 7. Falei “é, esse menino não vai ver ele morrer não”.

Aí chegou uma amiga minha com nome de Zenaide e a Neide, que a Neide ela levanta cedinho. Aí Denise falou. Ah Mamãe, eu vou chamar Zita para vir medir a pressão de papai para vir, é, como é que é o negócio? Nebulização. Falei não precisa, não vai assustar ela deixa ela vir por livre e espontânea vontade, se você chegar lá e falar que ele tá nessa situação ela dá um piripaque lá e morre, que ela tem a pressão muito alta.

Já era 9 horas. Zita chegou antes das 9, já trouxe todos os aparelhos para ele, “mamãe eu vim medir a pressão de papai”. Mas eu sei que cê mede, mas não vale nada não, a pressão dele tá zero 5, não tem sinal de vida não.

“Mamãe, mamãe, mas papai não vai morrer hoje”. Eu falei “não?” Queria por nebulização, o homem mal estava respirando mais, mal ele fazia assim, ofegava. Passava mais de uma hora sem respirar.

Eu digo, da sinal vital nele procê ver, põe a mão aqui no coração dele, tudo tremendo. Dava aquela crise da morte nele e passava. Eu falei “Zita, não adianta”, quando ela pôs o nebulizador nele, ele não teve ar mais.

Aí foi medir a pressão, nem o aparelho não funcionou. Aí ela falou ‘pra’ mim, “mamãe, mas você vai ver papai morrer e a senhora desse jeito aqui?” Falei “desse jeito, cê quer que eu vou fazer o que? Sair aí na rua rasgando a roupa? Gritando? Todo mundo sabe que ele vai morrer, e eu é quem bem sei que ele vai”.

Ainda brinquei com ele, falei, cê tá indo embora né, tá me deixando, vou buscar tuas minas procê namorar com elas primeiro. Ele riu ainda, ainda riu ainda, já aqui no meu colo. Ele só olhou assim, queria falar alguma coisa, estendeu a mão, a mão não me alcançou.

Aí eu peguei a mão dele, eu não tenho homem nem ‘pra’ apertar minha mão, segurar minha mão, e aí ele foi indo, olhava assim. Eita, e agora? Agora as meninas não quis aceitar. Que que cês vão fazer?

Agora eu fiquei durona assim, mas depois. Eu tinha que prestar atenção um pouco, ficaram nesse lerere de choro, aí ligou ‘pra’ lá, Deixa tava em minas, aí ligaram pra ela, tava de noite, aí veio a turma. Ainda ficou um encravado ainda...[sic].

Donato fez muita falta a Dona Flor, “é ruim a vida de uma viúva, é uma vida de chorar”, foi como ela disse. Entretanto, o local em que ela se aconchegou – para sair do quarto que a fazia lembrar dele – durante tanto tempo estava fazendo mal a ela. As telhas estavam muito mofadas, quando chovia, e depois fazia calor, Dona Flor tinha crises de asma, por causa das alergias que acometiam seu corpo já curado pelo trabalho com o fogo e a poeira. Quando a chuva era muita, as calhas não aguentavam e o quarto enchia de água. Na primeira vez que dormi na casa de Dona Flor, em 2017, isso aconteceu. Eu me levantei, no meio da madrugada, com o barulho de pessoas indo de lá para cá, de cá para lá. Eu estava num dos quartos desocupados, eram 2, além da suíte, que Dona Flor podia escolher para si, mas ela gostava do seu canto. Deixa, eu e Dona Flor puxamos a água com o rodo, ela estava com o braço quebrado nessa época, e sua cama molhou bastante, sua saúde já estava frágil, mas não tanto quanto nos anos de 2022 e 2023.

Quando se mudou para essa casa, Dona Flor era católica e assumiu seu compromisso, cuidava da Igreja, garantindo que os festejos acontecessem, Seu João que havia vendido o terreno para Dona Flor, voltava esporadicamente para atividades na Igreja. Nessas ocasiões ele dormia na casa de Dona Flor e utilizava de seu banheiro, ocorrência que podia tumultuar um pouco, a dinâmica do dia a dia de todos que moravam ali. Nessa história do banheiro, seus filhos chegavam a opinar sobre o assunto, desgostando do uso que João fazia da casa de Dona Flor, já que as pessoas da igreja poderiam se organizar para melhorar a estrutura do lugar, de modo a atender melhor as pessoas.

Dona Flor: Mas aí (meu filho) deu ‘pra’ falar, que eu eles tinham era que fazer fossa lá e fazer não sei o quê. Que eu não tinha que ficar deixando eles ficar invadindo casa aqui ‘pra’ usar banheiro. Eu falei “Meu filho, não pode ser assim não...” “Não pode ser o que mamãe? Isso é fora de lei, eles têm que fazer os trens dele” [sic].

De todo modo, Dona Flor se orgulha de ter sido fiel e zelado pela igreja até o fim de sua vida, mesmo que pudesse cuidar menos nos últimos tempos do que antigamente. Ela lamenta a situação atual do jardim, que agora tem muito mato, lembrando do tempo em que podia se dedicar e deixar o jardim da igreja como é o de sua casa.

Dona Flor: Agora do lado de fora é uma tristeza né? Nem o cemitério não é igual isso aí, tá tudo sem capinar em volta. Quando no meu tempo era (...) lá naquela frente até a cruz, era do jeitinho desse jardim aqui da frente, era muito lindo. Mas aí foi cabando, cabando, cabou. A metade do povo que era católico quando viu que nem o padre num vinha aí mais [se foi]. Porque o padre coitado, quando ele vinha não tinha nem lugar de fazer xixi. (...) [eu] já tinha os filhos tudo nascido, [eles] já tinha uns 12, 10 anos, 11

anos, quando eu desisti de igreja caindo, ninguém [cuidava] duas vezes depois que arrumei mandei pintar tudo, eles deixou acabar tudo de novo. Eu tenho muita saudade daí [sic].

Dona Flor deixou de ser católica depois de um episódio com uma senhora mais velha da comunidade, que também era católica. Ela acusou Dona Flor de usar o dinheiro da Igreja em benefício próprio. Essa acusação ofendeu profundamente Dona Flor, que sempre se desdobrou pela igreja e por aqueles que frequentavam as festas, as procissões, as missas e todos os outros eventos que ela liderava, alguns juntamente com outras mulheres, como Dona Romana e Conceição. Em um dos momentos no início do campo ela me contou sobre esse período, disse que não se converteu ao evangelho prontamente. Inclusive dispensou o pastor muitas vezes, quando ele foi bater em sua porta.

Entretanto, depois de um tempo ela teve um sonho, com uma criança pequena, branca de olhos azuis, foi como ela descreveu. Que a pegou pela mão e levou-a até o local onde seria a nova Igreja CePro Deus. Eu não lembro do sonho que ela me contou com detalhes, foi em uma ocasião que eu não gravei sua fala, acabei me distraindo com a história que ela contava. Mesmo depois de se tornar evangélica, Dona Flor continuou zelando pela igreja, pedia a Davi para roçar em volta quando podia dispor do tempo ou do dinheiro. E o banheiro do qual falamos anteriormente rendeu mais história.

Uma das grandes lutas de Dona Flor, foi pela conquista de um banheiro público na comunidade, que desse suporte aos eventos que ali acontecem, além dos festejos, feiras, cursos, e demais reuniões que pudessem acontecer. Esse banheiro foi inaugurado em setembro de 2022, quando ela lançou seu livro “O partear e a farmacopeia de Dona Flor”, Florentina Pereira Santos (2022). O livro foi feito em cima de entrevistas, cursos e passeios no mato com Dona Flor em que Juliana Floriano, a organizadora da obra, estava presente, majoritariamente, organizando esses momentos. A concepção veio em conjunto, a partir da demanda de Dona Flor, o livro se fez por mais mãos ainda, que tiraram fotos, ilustraram, transcreverem e editaram a obra.

No evento de lançamento do livro, o neto de Dona Flor, Lucas Marinho, o MC Marinho, filho de Deija, cantou, ao lado de Juju Êre, multiartista local, em homenagem à avó e à comunidade. Eu estive lá nesse dia, me emocionando e reverenciando a sabedoria de Dona Flor, que não perdeu a oportunidade de dar instruções para o futuro, para a continuação de seu sonho, sonho próprio, mas também para a comunidade. Muitas pessoas se reuniram na quadra de

esportes, que é a terceira construção depois da casa de Dona Flor, contando assim: primeiro a casa de Wilson à esquerda, descendo a rua, depois o postinho de saúde, onde funciona a escola, e por fim a quadra de esportes.

Dona Flor mobilizou políticos e moradores para a construção desse banheiro, que foi erguido pelas mãos daqueles que se dispuseram a ajudar, como de praxe. Um doou o cimento, outro levantou as paredes, um terceiro instalou os sanitários e assim seguiu. A inauguração do banheiro, junto ao lançamento do livro foi emocionante, Dona Flor, Mestra, parteira, raizeira, quilombola, analfabeta, pode colocar no mundo uma partezinha de seu conhecimento, em formato papel para alcançar além de sua casa e de seu tempo.

Conforme Dona Flor foi dominando seus ofícios de raizeira e parteira, ela foi espalhando seu conhecimento. A parteira foi tornando-a conhecida na região da Chapada dos Veadeiros, inclusive Marina Abramovic⁶⁶ foi até a mestra para filmar partes de um filme seu. Meus pais mesmo, quando se mudaram para Alto Paraíso, em 1996, procuram a mestra para que ela fosse a parteira da minha mãe, Isabel, que estava grávida de mim. Muitas outras pessoas a procuram em busca de seu saber e orientação, querendo aprender com a mestra, contando com sua ajuda, e nem sempre se preocupando com as necessidades da própria Dona Flor.

Uma das pessoas que aprendeu muito com Dona Flor, foi a Doutora Andrea, que depois de aprendiz, virou amiga muito próxima de Dona Flor, médica dela e da comunidade. Dona Flor conta que fez inúmeras saídas a campo com Andrea e seu marido e Donato, conversou sobre as plantas e sobre o Cerrado. Andrea tem uma propriedade na comunidade do Moinho há muitos anos, propriedade inclusive que conseguiu com Dona Flor. Hoje essa propriedade abriga um lindo jardim de plantas medicinais, nativas e exógenas ao Cerrado, espécies como patchouli, melaleuca, lavanda, canela, capim limão e outras.

Wilson, filho de Dona Flor, que também é raizeiro, cuidou do jardim nos últimos 5 anos, manejando a plantação, bem como coletando plantas no Cerrado para compor os diversos chás que são produzidos ali e depois vendidos. Entretanto, nos últimos tempos, Wilson decidiu iniciar uma transição do jardim para seu próprio negócio, sua loja, seu jardim e suas ervas, o processo segue, no ritmo de Wilson, pouco a pouco e com bastante planejamento. Volta e meia Wilson traz

⁶⁶ Artista, considerada a mãe da performance, de grande importância para esse meio, sobre ela ver: <https://www.cobogo.com.br/marina-abramovic>, acesso em 2 de novembro de 2024.

alguma erva excedente do jardim de Andrea para a produção dele, Deija e Dona Flor, às vezes utiliza os momentos em que vai fazer coleta para o biochás (produto do jardim de Andrea) e coleta ervas para a irmã e para a mãe também, as plantas transitam entre essas casas, seus quintais e o cerrado, e os chás da Doutora Andrea também são vendidos na farmacinha de Dona Flor. Andrea está constantemente vigilante com a saúde de Dona Flor e o nome da médica sempre vem à boca para falar de alguma restrição imposta ou de alguma recomendação, muitas vezes também vem cheia de agradecimentos porque ela atende a comunidade em grande parte usando a farmacinha ou a sala de Dona Flor de consultório.

Uma outra pessoa que se aproximou muito de Dona Flor foi a Juliana Floriano Toledo Watson, hoje, aprendiz de raizeira e de parteira de Dona Flor, doula, professora da rede pública em Cavalcante e Doutora em Bioética pela Universidade de Brasília. Seus trabalhos são conectados com sua relação com Dona Flor e nos ensinamentos da mestra. Junto com sua pesquisa e seus estudos, Juliana desenvolveu uma relação íntima, de amor e confiança com Dona Flor e Deija, buscando retribuir sempre que possível a generosidade de Dona Flor. Foi nesse tempo então, a partir de 2014, que Juliana começou a ajudar Dona Flor na organização e realização de seus cursos, bem como a encabeçar, junto ao um grande grupo de aprendizes, a criação do Instituto Casa de Saberes Tradicionais Flor do Moinho (Casa de Saberes), um dos grandes sonhos de Dona Flor.

Os cursos aconteceram desde 2015, pararam com a pandemia e foram retomados em 2023, com um módulo sobre o parto, o último a acontecer. Eu participei, em 2018, de um módulo sobre Enema, foi quando retomei o contato com Dona Flor, que passou de minha mãe de parto, para também minha mestra, cúmplice, interlocutora de pesquisa e amiga. Ao redor dos cursos se reúnem e organizam as aprendizes de Dona Flor, algumas delas ficam por mais tempo, vão a todos os módulos e continuam a frequentar a casa de Dona Flor, trocando e cuidando. Outras aprendizes vão querendo conhecer, muitas procuram conselhos para o parto, algumas grávidas, outras querendo engravidar. Muitas vêm e vão, algumas ficam e até se estabelecem na região.

Além das pessoas que se aproximam por causa dos cursos, tem aquelas que viram amigas, que se mudam, que admiram a mestra, que apoiam e admiram sua trajetória e história, essas estão ligadas também à Casa de Saberes, organização sem fins lucrativos que apoia a materialização do sonho de Dona Flor, um espaço onde é possível, aprender, plantar, ensinar, cuidar, abrigar,

acolher, partilhar, parir, e manter viva a Cultura do Moinho, a cultura das plantas, dos partos, das rezas, das festas, da lavoura, da alimentação do Cerrado, do cuidado com o meio ambiente, dentre outros objetivos descritos em seu estatuto que se edificam a partir do desejo e visão de Dona Flor.

A formação de Dona Flor tem muitos agentes e muitos acontecimentos, é tão ampla quanto o modo de vida pedia e permitia. Desde, como já dito, os afazeres da roça, do garimpo, dos festejos da comunidade, da casa, até o parto, cuidados com recém-nascidos e a medicina das raízes do cerrado, não se restringindo a esses. Por exemplo, Dona Flor passou por um curso de agente sanitária de saúde⁶⁷. Nesse tempo os meninos já eram todos nascidos e ela teve de deixar sua casa, roça e família por um tempo, enquanto estudava em Goiânia. Para chegar lá, teve que sair de seu povoado, pegar a estrada de terra entre Moinho e Alto Paraíso, e a rodovia até Brasília, que também não era asfaltada nessa época.

Com esse curso, Dona Flor complementou seus conhecimentos de cura com os protocolos de higiene e sociais colocados pelo Estado e as políticas públicas em torno disso, como cuidar dos materiais, como agulhas e tesouras, aplicar injeções, qual a limpeza e organização necessárias em uma casa e nos cuidados com crianças, doentes e recém-nascidos. Além dos padrões esperados pelo Estado naquilo que se entendia por lares saudáveis para crianças. Foi uma das únicas vezes em que Dona Flor saiu do Moinho, e pelo que eu entendo, a única em que ficou verdadeiramente, um tempo fora. Desde o começo foi assim, ela conta que a primeira vez que saiu do Moinho foi aos 7 anos de idade, nesse tempo a cidade de Alto Paraíso do Goiás ainda se chamava Veadeiros.

Ela conta que uma das primeiras pessoas a chegar no Moinho para ficar, vindo de fora, foi Peter, vindo da Alemanha. Ele chegou lá por volta de seus 17 anos e ficou sob os cuidados de Dona Flor por um tempo, “ele acabou de criar aqui”, diz Dona Flor.

Dona Flor: Tudo. Primeiro alemão que chegou aqui, no meu conhecimento foi o Peter, quando ele chegou, ele tinha, não sei se era 17 ou 18 anos, ele acabou de criar aqui em casa [sic].

⁶⁷ “O Agente Comunitário de Saúde (ACS) é um dos profissionais que compõem a equipe multiprofissional nos serviços de atenção básica à saúde e desenvolve ações de promoção da saúde e prevenção de doenças, tendo como foco as atividades educativas em saúde, em domicílios e coletividades. O ACS é o profissional que realiza a integração dos serviços de saúde da atenção básica com a comunidade”, Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/04-10-dia-nacional-do-agente-comunitario-de-saude-e-dos-agentes-de-combate-as-endemias/>,. Acesso em 2 de nov. de 2024.

Depois dele, muitas outras pessoas chegaram ao Moinho, e continuam a chegar. Também muitos outros “acabaram de criar” na casa de Dona Flor. Ela pode ter gestado 18 vezes, criado 13 filhos até a idade adulta, mas também adotou mais 27 pessoas. Eram parentes que vinham morar em sua casa para estudar, como Mica, primo de Donato, crianças que não recebiam todo o cuidado necessário em casa e acabavam ficando na casa de Dona Flor, se criando ali, como o Mi. Eram ainda netos que ficaram sob seu cuidado e de Zita enquanto as mães trabalhavam para criá-los, mandavam dinheiro, roupas, material escolar, e o que mais fosse preciso.

Além de mandarem tais bens para os filhos, elas batalharam a vida na cidade, em busca de se estabelecer e estabilizar para poderem receber os filhos. Deixa, por exemplo, me conta que passou muitas dificuldades para conquistar sua casa em Santa Maria - DF, onde, posteriormente, criou seus dois filhos, Danilo e Lucas, sendo que Danilo viveu muito tempo com Zita, no Moinho, até ela se estabilizar. Há muito tempo ela viveu em pensionatos e às vezes em casas de patrões. Naquele tempo, Santa Maria ainda era um assentamento, cada trabalhador estava batalhando por seu lote, para então poder construir sua casa, ocupando e resistindo, gente vinda de fora, buscando trabalho e melhores condições de vida em Brasília. Deixa ficou acampada em seu lote por mais de mês, recebeu ajuda e apoio de amigos, passou medo e foi acolhida por outras mulheres que a receberam em sua barraca. Até que o lote fosse designado para ela. Quita também conquistou um terreno em Santa Maria de modo similar, e até hoje mora lá, junto com Rhina, que comprou uma parte do terreno de Quita.

Enquanto agente de saúde, Dona Flor conta que já “tomou muito menino por aí”, muitos deles ela criou, outros ela “deu para outras pessoas criarem”. Essas crianças foram retiradas de suas mães porque Dona Flor julgava que elas não tinham condições ou capacidade de cuidar dos filhos. Ela menciona mães que faziam a comida no fogo, no centro da casa, porque não tinham fogão, e deixavam as crianças soltas perto do fogo. Conta de crianças com sarna, piolho, sem vestimenta apropriadas, shorts amarrados com arame enferrujado, que podiam cortar e adoecer uma criança.

Além destas, havia crianças que foram abandonadas, como sua neta Cibele, que ela conta ter encontrado na beira da rua, junto ao lixo. Ela encontrou Cibele e sua irmã gêmea, cuidou-as e curou-as. Quando elas estavam bem, as entregou a Wilson, seu filho, e à Lucimar, sua nora, que as adotaram. No ano passado Cibele, por sua vez, teve filhos gêmeos, um casal, motivo de muito

orgulho na família, Wilson mesmo, sempre me mostra foto quando tem oportunidade.

Não menos importante é a história daquelas crianças que escolheram a casa de Dona Flor, Mi, por exemplo, lavrador, e pessoa muito querida por Dona Flor, mudou-se para a casa dela aos 9 anos de idade. Na percepção da mestra, ele encontrou ali uma mãe, e acolhimento. Um dia acabou dormindo lá, e só saiu quando já estava adulto. A história dessa casa está entrelaçada com a história daqueles que nasceram ali, que foram adotados ali, que foram cuidados ali, ela foi se formando para dar conta da família, da liderança e do ofício de Dona Flor.

Dona Flor: E aqui foi enchendo de menino, enchendo, enchendo, enchendo, enchendo. Antes, eu peguei o sobrinho, antes eu peguei o irmão de Donato, depois eu peguei o sobrinho de Donato. Depois eu peguei um primo meu. Tudo ‘pra’ pôr na escola né? Os pais moravam lá no Sertão. A escola era aqui. Não podia por Wildo, veio ‘pra’ cá. Wildo não tava abandonado não. Veio para estudar, outro que tinha nessa também era o Elson, veio ‘pra’ estudar, não tava abandonado. Mas o ponto certo era aqui. Alguns deles deu um bom resultado. Mas teve outros que prestou não. Esses meninos é o Jessé, Mica, O Gilson, esses meninos, tudo as mãe abandonou. E, ficou aí, mais a vó. E eu que encaminhei todo mundo ‘pra’ escola. Na hora deles ir ‘pra’ escola eu acompanhava. Na hora de vir da escola eu acompanhava. Aí quando eu saía, eu falava ‘pra’ Zita, “Cê dá um idinha na escola Zita, olhar aqueles meninos lá. Ver o que eles tão aprontando. Zita ia “Não mamãe, tá tudo bem”. Eu botei todo mundo, não ficou um sem ir na escola. Quem quis aprender aprendeu, quem não quis... [sic].

“A coisa mais bonita que eu já vi na vida, primeiro o nascer do sol, depois as crianças”, foi o que a mestra respondeu quando uma de suas aprendizes perguntou, “qual a coisa mais bonita que você já viu?”. Uma outra vez, quando eu estava com ela no hospital, no final de junho, porque a perna estava muito inchada, e a dificuldade em respirar estava muito grande, ela falou algo parecido para mim. Uma de suas netas foi visitá-la com sua filhinha, que nascera há poucos meses, eu tinha chegado a pouco no hospital, com Julia, minha irmã, e estávamos proseando com Dona Flor um pouco, ela estava chateada por estar no hospital, ao mesmo tempo achando que era bom porque tinha que descansar um pouco, coisa que não fazia em casa. No meio dessas visitas e prosas ela olhou para a neném e falou “eu vivo é por causa disso aqui ó”, seus olhos lacrimejaram um pouco e ela continuou falando sobre a importância das crianças, o cuidado com os bebês e como gostaria de poder voltar a costurar – se fizesse a cirurgia de catarata – roupinhas de neném, e passou a descrever os babados, o modo de cortar e costurar e como é que ela gostava que as peças fossem feitas.

Paradoxalmente, ou não, uma das coisas mais bonitas que Dona Flor já viu – as crianças,

também foi uma das questões que causaram mais transtornos ao longo da sua vida. No seu dia a dia, os desafios não eram somente os ligados aos trabalhos que fazia – tanto os que contribuíam para a sustentação da vida, como a roça e a casa, quanto os que fazia por amor à vida e missão na terra, como o de parteira. As crianças, tão virtude como desafio eram motivo de seu sofrimento – quando se machucavam ou aprontavam. Algumas das histórias que marcaram a vida de Dona Flor nesse sentido, são por exemplo, a vez em que os filhos quase botaram fogo em sua casa com uma brincadeira, ou quando Deija se machucou caindo da árvore, e ainda quando Rhina quase morreu porque comeu veneno de rato.

Percebo que, por mais que se sinta um tom de desgosto na voz de Dona Flor, quando ela conta essas histórias, não entendo que elas sejam definidoras da relação de Dona Flor com seus filhos, elas são parte do desafio de se criar 13 filhos, as consequências de uma casa cheia e uma quantidade de trabalho que era necessária para alimentar tantas bocas, que tirava do tempo que poderia vir a dispor para dar atenção a essas crianças.

Dona Flor: Eu já, eu não sei não, tem hora que eu fico pensando assim, gente, mas eu to fraca demais, eu já passei por tanta luta, eu guentei, porque que eu num guento agora? Agora que eu to mais madura, mais veia. Ah!!! (...) coragem, coragem Dona Flor, fica de pé.

Um dos momentos mais difícil (...) Eles não pegaram?! Eu fui para a igreja e deixei a ninhada aqui. Sabe que que eles fizeram? Ajuntou Wilson, Nã, Deija.

Deija: Ihu?

Dona Flor: Ó lá! (risos)

Deija: Uá, falou meu nome eu falo: presente!

Dona Flor: Ó lá, tá dando sinal, já escutou na malandragem. Ai tinha muito gato, e aí tinha um gato que eles não gostava do gato. Um porque arranhou um periquito num sei onde o gato pegou.

Deija: Falou meu nome eu tenho que falar presente né?

Dona Flor: [Deija falou] “Eu mato oce desgraçado, eu mato ocê miseravi, eu mato esse gato”. Sabe que que eles fizeram? Tinha um paiolão de milho ali, eles foram lá, tirou palha do milho, tirou palha do milho, tirou palha. Fizeram uma faixa assim de palha, marrou no rabo do gato. (Dona Flor riu)

Ô gente, esses meninos, olha, marrou no rabo do gato, botou fogo, fechou as portas,

Deija: Quase que nois tudo morre queimado.

Dona Flor: Fechou as portas e esse gato miava, miau! Miau!

Deija: Botava fogo no cu dos gato e soltava dentro do rio, nadavam com a tocha de fogo no rabo.

Dona Flor: E eles “qua qua qua”. Daí eu fui vendo cheiro de cabelo queimado, cheiro de pano queimado.

Deija: ‘pra’ mim mais Wilson era a coisa mais linda ver os gatinhos nadando com o fogo no cu, era na palha que nós botava.⁶⁸

⁶⁸ É preciso ter sensibilidade e ficar atento às questões que perpassam o desenvolvimento de uma criança, por mais que histórias como essa possam soar estranhas para alguns, valorações como “violência” ou “maus tratos” são rasas. Trata-se de uma ação que, desde o raciocínio infantil não significa algo moral ou ético, como Deija relata, ela não se

Dona Flor: Cê olha aí, de noite!

Deija: Até o fogo apagar, e gato nada, mas nada! Eu pensava que não nadava nada.

Dona Flor: Ai eu grávida de Davi.

Deija: É igual cobra, ela desliza, flutua.

Dona Flor: Eu grávida de Davi, com o pezão inchado, fui pegar roupa do varal, que não tinha onde guardar roupa na época. Ai tinha uma camisa de Nylon, essa camisa de nylon pegou fogo, e eu puxei a camisa, e aquela manteiga que cai. Gente caiu no meu pé. Ó o buraco. Grudou [sic].

Podemos falar da trajetória de vida de Dona Flor também, tanto a partir das pessoas que cuidou e criou, quanto pelos partos que fez, e pelas vezes que pariu – duas partes de uma totalidade cuidadora, amorosa, de liderança e de contradições que amarram e costuram seus passos no mundo.

Falar dos partos de Dona Flor, não é só falar dos 365 partos que fez como parteira, é muito sobre as suas 18 gravidezes, o que significa que ela passou pelo menos 13 anos de sua vida grávida, começando aos 18, com Zita, só foi terminar depois dos 40, com Davi. Cada gravidez tem uma história, cada parto também. Deija conta que Dona Flor, quando ia parir, não “fazia escândalo”, como a grande maioria das mulheres. Ela saía, aos poucos, recolhendo as coisas que precisava para parir, plantas, panos limpos, água, tesoura. Entrava no quarto e lá ficava, quando tudo estava terminado, cordão umbilical cuidado, placenta enterrada, ela chamava os filhos para ver o novo serzinho que nascera.

Dona Flor passou muito tempo parindo e fazendo partos, em parte os filhos se ressentem um pouco por ter que dividir a atenção da mãe com sua vocação de parteira, ela saía no meio da noite, de madrugada ou de dia, largava o que estivesse fazendo e ia acudir quem estivesse parindo. Idealmente, quando não era uma emergência, Dona Flor ficava antes e depois do parto, cuidando da mãe e do bebê. É assim que nossa história começa a se entrelaçar. Eu lembro quando minha irmã mais nova nasceu, Julia. Eu já tinha 5 anos, completados em março, Julia nasceu no final de agosto. Uma semana antes da data em que Dona Flor previra para o parto a mestra foi para a minha casa.

Tenho vivas imagens dela andando no jardim da frente da minha casa, a grama estava verde porque nós tínhamos a possibilidade de irrigar o quintal, agosto é um mês seco e quente, a terra ferve e é possível ver a penumbra da poeira vermelha no ar, principalmente ao meio-dia e ao

lembra de si enquanto criança como tentando fazer uma “maldade”, mas como uma brincadeira, na qual estava testando os limites e criando um momento bonito.

final da tarde. Ela estava colhendo algodão, de um pé que ficava em frente, mas do lado esquerdo da casa, mais para frente no jardim, referenciado quem olha para o algodoeiro. Ela colheu algodão e fiou em seu fuso manual. Esse eu não lembro, mas a minha mãe me disse que também foi ela que fez, com um pedaço de cabaça e um galho de alguma árvore resistente, que ela coletou. Ela fiava aquele algodão sentada na cadeira de balanço preta, tem uma foto da minha mãe com a Julia recém-nascida sentada naquele balanço. Tenho nítida a visão de Dona Flor naquela cadeira, em frente à janela, logo após a descida das escadas, perto da cama da minha mãe, que havia sido trazido para o andar de baixo, por recomendação de Dona Flor. Era melhor evitar qualquer dificuldade de locomoção.

Eu dormi durante a maior parte do parto da Julia, acordei de madrugada, por volta das 4:30 da manhã, com as vozes da minha irmã mais nova, Ana Rosa. Ela tinha 2 anos na época e estava muito curiosa com o parto. Nós dormíamos no andar de cima, enquanto o parto acontecia no andar de baixo, não lembro de ouvir minha mãe gritar, e quando contam a história também não comentam nada em relação a isso. O parto foi demorado porque o cordão umbilical da Julia estava com duas voltas no seu pé. Dona Flor identificou o problema e comunicou aos familiares que ali estavam, a mãe de meu pai, a irmã de minha mãe, meu pai, e as amigas/companheiras de vida da minha avó, Carmem e Mariah. Dona Flor disse que faria ainda algumas manobras para tentar desfazer as voltas do cordão umbilical, mexeu na barriga da minha mãe, fazendo o bebê girar, para lá, para cá. Quando as contrações vieram, já perto do amanhecer, minha mãe rezou um pai nosso, fazendo força e clamando a ajuda de sua avó, que falecera na semana anterior. Julia nasceu às 5:40 da manhã, do dia 31 de agosto de 2001, ainda com uma volta do cordão umbilical no tornozelo.

Do meu lado, conta-se muito sobre a força da reza de minha mãe, as manobras de Dona Flor, e a reação da Rosa, minha irmã do meio, ao parto, do que sobre gritos, dor e sofrimento. Todos estavam com medo, claro, ainda por cima quando ouviram Dona Flor falar sobre o cordão umbilical. Durante esse tempo, eu estava lá no andar de cima, com a Rosa e a Carminha, amiga de minha avó, acima mencionada. Carmem tentava distrair minha irmã, que queria ir ver o parto a qualquer custo. Eu acordei com a conversa e pensei, “ai ai, vou ter que ir lá ajudar a cuidar da Rosa”. Ficamos eu e Carminha distraíndo-a, até que fomos autorizadas a descer. O parto já tinha acabado e Juju estava deitada na cama com minha mãe, o cabelo bem preto, toda avermelhada.

Foi a primeira coisa que vi, fiquei encantada com minha irmã e logo pedi para minha mãe deixar que eu a segurasse. Rosa identificou uma massa de sangue em uma bacia no chão, preocupadíssima perguntou, “Mamãe, isso é o seu coração?!”, anedota repetia com frequência nos jantares de família, pela minha mãe a avó.

Tudo correu bem, Dona Flor ficou mais uns dias cuidando de minha mãe, cozinhando pirão e outras receitas próprias para mulheres paridas, depois se foi, mas eu não lembro. Ela nunca cobrou por nenhum dos partos. Meu pai sempre esteve próximo dela, por causa do trabalho ia muito ao Moinho e lidava com os coletores de flor no cerrado. Num desses encontros ela pediu por alguns sacos de cimento, que foram doados para ela, depois, em 2017, quando a reencontrei, ela disse que utilizou os sacos para construir sua nova lojinha, nunca pediu outra coisa, mas ela não pede mesmo, cabe a nós termos sensibilidade, e a Deus, garantir o retorno, diz ela.

A história de quando Ana Rosa nasceu foi bastante mais dramática, e a minha, por algum motivo não sei contar bem. Não lembro do nascimento da Rosa, eu tinha 2 anos na época. Mas sei que Dona Flor não chegou a tempo, Rosa nasceu sozinha, nas mãos da minha avó, mãe de meu pai, e do meu pai. Logo depois Dona Flor chegou, toda machucada. Ela teve um acidente na estrada, seu filho Ná, dormiu no volante na estrada do Moinho para Alto Paraíso, durante a noite, Dona Flor vinha de última hora, não tinha conseguido estar antes para acompanhar os últimos dias antes do nascimento. O carro capotou na última curva antes de chegar em Alto Paraíso, Dona Flor bateu a cabeça e canela, sangrando, andou até a cidade e conseguiu outra carona, até a entrada da estrada de terra que levava à fazenda onde Ana Rosa nasceu, nesse tempo, inclusive, a GO-239 ainda não era asfaltada.

Da Entrada da GO-239 até a Fazenda de João Batista ela andou ainda um trecho de 1 quilômetro. Quando chegou e Ana Rosa estava bem, ficou aliviada, ainda assim, pôs a ajudar minha mãe com a expulsão da placenta. Eu soube dessa parte da história durante esse curso em 2017, eu estava lá, ouvindo várias histórias de partos, quando chegou nessa, fui juntando os pedaços. Aprendi sobre as condições das contusões de Dona Flor, e da preocupação dela com a minha mãe, que lhe pareceu fraca e deixada de lado, porque todos estavam muito preocupados com o novo bebê.

Quando minha avó conta a história, ela não deixa de mencionar que Dona Flor chegou com alguns machucados leves e fala do acidente, no qual “por milagre” nada acontecera com

Dona Flor. Antes desse dia, eu não tinha ouvido especificamente sobre o corte na canela e na cabeça, os trechos longos, trechos caminhados, as contusões, os perigos, as dores, e sobre a falta de atendimento no hospital, onde minha avó a deixou, vestida com roupas dela, e sobre o fato de Dona Flor ter andado, no dia seguinte, de volta até o Moinho, com seus machucados. De uma casa para a outra, imagino o choque e a preocupação de seus filhos, a transição da cena de alegria e alívio na minha casa, para a cena de dor e sofrimento descrita por Dona Flor.

Cresci ouvindo essas histórias, a aventura e disruptiva de minha mãe, a benção de Dona Flor, sua sabedoria e generosidade, a alegria da minha família, mas demorou até que despertasse o interesse por Dona Flor enquanto mestra do saber, o interesse antropológico, e o entendimento e admiração também a partir desse lugar, não só do lugar afetivo. Durante o primeiro curso que acompanhei, de Enema, dormi na pousada ao lado da casa de Dona Flor, estava tímida e não mencionei o vínculo histórico, a partir do meu nascimento com Dona Flor, paguei a hospedagem do curso, Dona Flor me deu uma bolsa.

Acordávamos cedo, cada dia uma equipe cuidava de uma refeição diferente, e nos encontrávamos para o café da manhã no salão da pousada. Lá tinha um fogão a lenha e um espaço aberto com sofás, redes, tapetes e almofadas, sentávamos em roda, para ouvir Dona Flor, nos apresentávamos, falávamos sobre questões pontuais de organização e horário e a Mestra se punha a contar histórias, através das quais explicava sobre o Enema. Também estavam disponíveis as ervas que iam na receita, para podermos ver, cheirar, sentir.

O curso correu bem, apesar de Dona Flor estar com o braço quebrado, neste tempo as condições de saúde dela já começavam a respingar em seus afazeres. O braço demorou um pouco para ficar bom e por causa dele ela também não podia exercer todas as tarefas que gostaria. Visitamos o quintal e a roça de Dona Flor, que ficam ali ao redor da casa dela, ela nos mostrou as plantas medicinais que tem ali, e às vezes se perdem, confundem e se escondem por trás das flores que ornamentam o jardim. Vimos a babosa, a artemísia, o artemijo, mentrasto roxo, mais indicado para o sistema reprodutor feminino, e o branco, indicado para o masculino. Andamos pela vasta “plantação” de picão, erva que nasce espontaneamente nos quintais por aí, muitas vezes lida como mato, dentre outras plantas. Dona Flor ia andando por seu mato particular, os trechos em que a vegetação era mais fechada pareciam se abrir com a sua presença, e se fechar para nós, que íamos atrás, arrastando mato e carrapato.

O curso ocorreu bem, as pessoas que estavam ali para aprender passaram por um tratamento de Enema, para saber como é a terapia que estavam aprendendo. É preciso muito cuidado, atenção e cautela. As proporções podem não ser exatas, mas são bem delimitadas dentro de uma margem segura de flexibilidade, punhados, porções, colheres, xícaras, pitadas são as medidas usadas. Cozinhamos o chá, cuidamos do espaço, cantamos, rezamos, nos conhecemos, ouvimos Dona Flor longamente, e fizemos tantas perguntas quantas conseguíssemos. O curso ocorreu bem, foi bonito, emotivo e muito intenso, a Enema terapia mexe não só com o intestino – o corpo –, mas limpa também o espírito, a mente, a alma e o coração, como disse Dona Flor.

Tudo correu muito bem, a exceção – ou não – de um evento de furto entre as aprendizes. Alguém entrou num dos quartos e levou uma quantidade em dinheiro que não poderia ter levado. O problema foi levado ao grupo e Dona Flor logo identificou o possível culpado. As pessoas que foram furtadas pensaram em acionar a polícia, coisa que Dona Flor desaprovou. Ela não queria que a polícia fosse lá, ela sabia que, além de demorar para chegar, não resolveria muita coisa e seria violenta com essa pessoa, que era de sua comunidade, e que ela considerava uma pessoa doente, que precisava de ajuda, não de punição. Dona Flor sugeriu que organizássemos uma passeata pela comunidade, pedindo respeito, amor, e o que o que foi levado fosse devolvido. Ela apontou ainda que deveríamos construir um movimento pacífico, com cuidado para não expor demais essa pessoa. Fizemos a passeata, andamos pelo circuito que Dona Flor sugeriu e as coisas se resolveram.

A próxima vez em que fui visitar Dona Flor, minha pesquisa de ProIC já estava mais estruturada, eu queria falar sobre a Casa de Saberes, esperando que um registro desse tipo pudesse contribuir para a construção dela. Conversamos sobre a Casa de Saberes enquanto estive lá, dentre muitas outras coisas, desenhei, a meu modo, com pouca experiência, a planta da casa, isso foi naquele dia da chuva forte que sobrecarregou a calha e inundou o quartinho de Dona Flor, um dos primeiros momentos em que consegui me desvencilhar do lugar de convidada, sendo tratada com mordomias, e fui aceita dentro dos afazeres da casa.

Nesse tempo sentia que Dona Flor ainda estava me testando, saíamos para o quintal e ela sumia na minha frente, eu persistia em acompanhá-la todo dia, por mais cedo que eu acordasse, ela sempre acordava antes e já fazia muitas coisas sem que eu conseguisse presenciar: alimentava as galinhas, os cachorros, regava plantas, começava o preparo de algum remédio, acendia o fogo

a lenha. Era por volta de março ou abril, quando vem a colheita do milho, nessa ocasião ajudei Dona Flor nessa tarefa, ela estava preocupada, dizendo para eu não entrar no milharal porque poderia ter alguma reação alérgica no contato com a palha do milho. Eu estava preocupada com ela, com o braço recém-curado, carregando pesadas sacas de milho.

Ficamos eu e ela, uma tentando trabalhar mais rápido que a outra, eu consegui pegar um ritmo no qual recolhia todos os milhos que ela deixava no chão, empilhados, antes que Dona Flor tivesse a chance, e os levava na saca, andando ligeiro, do fundo da roça até o galpão. Gosto de pensar que meu esforço deu frutos, conquistei algum respeito de Dona Flor, e ela começou a me explicar algumas coisas sobre as plantas, ao invés de deixar minhas perguntas para depois, ou respondê-las com outras perguntas.

Acordávamos cedo, Dona Flor e seu cachorro, Cajueiro – que morreu poucos anos atrás –, encantavam as galinhas, separando-as, juntando-as e colhendo seus ovos. Eu tentava ajudar com algum afazer da roça, do quintal, do galpão ou da cozinha, que me foi restringida durante muito tempo, porque era visita. Almoçávamos e descansávamos após. A tarde ainda tinha coisas a fazer, rotular e envasar produtos, como o vinho e o xarope. Organizar a lojinha, lavar a louça e organizar o galpão. Antes de escurecer muito Dona Flor começava a insistir que eu tomasse banho, e reclamava quando eu lavava o cabelo a noite. Jantávamos quase a mesma coisa do almoço, às vezes com um ou outro prato diferente, quando não sobrava comida o suficiente. Por fim assistimos às novelas e nos recolhíamos após a novela das nove.

Foto 24 – Interior da lojinha



Fonte: autoral

Foi o tempo da fundação da associação da Casa de Saberes, na época Dona Flor foi eleita presidenta da associação e Juliana vice, além de outras aprendizes que assumiram outros cargos da diretoria. Eu assinei a ata como sócia fundadora, mas não consegui assumir grandes responsabilidades. Depois da fundação da Casa de Saberes retornei à Brasília, ao meu trabalho e à minha graduação, passei por um processo intenso e me frustrei um pouco com o ProIC, de modo que acabei por deixar de lado a minha pesquisa, optando por focar na licenciatura em Ciências Sociais, planejei cursar pedagogia e seguir na educação.

De todo modo, continuei a acompanhar a Casa de Saberes, fui em quase todas as reuniões desde então e sempre que podia contribuía com algo, nem que fosse a escrita de uma ata.

Continuei com o contato distanciado assim por um tempo, conversava pouco com Deija por mensagem e raras vezes visitei ela e Dona Flor. Numa dessas vezes fui lá com Ana Rosa, minha irmã do meio, que fez um desenho de nós duas, Dona Flor e eu, que vi guardado dentro da Bíblia de Dona Flor.

Foto 25 – Flor e Clara, por Ana Rosa Nabuco, 22 de dezembro de 2018.



Fonte: por Ana Rosa Nabuco

O contato continuou assim até que, retornei à Antropologia, com o ingresso no mestrado, em junho de 2022. Em setembro de 2022 Dona Flor lançou seu livro. O lançamento, como já contei, foi uma festa, muito emocionante, Dona Flor estava orgulhosa de sua conquista, tanto do livro quanto do banheiro da quadra, mas mais ainda, esperançosa com o futuro, para o qual deixava seu legado, ou uma parte dele, que poderia transcender os tempos sem o seu corpo, que já estava bem mais fraco do que eu lembrava, desde a última vez em que a tinha visto.

Quando vou para o Moinho me comunico com Deija e Wilson para saber se eles não precisam de alguma coisa de Brasília, as mercadorias demoram para chegar lá, muitas coisas que têm em Brasília não tem na Chapada dos Veadeiros, e a diferença de preço é bastante significativa. Eu sabia que Dona Flor estava tendo muitas dificuldades para dormir, por causa das dores no corpo, da dificuldade de respiração e pelo costume de dormir no sofá. Seu quartinho estava cada vez mais impróprio para ela, as telhas mofaram com a chuva, o que aumentava sua alergia e sua dificuldade de respiração.

Quando retornei ao Moinho em outubro de 2022, para iniciar meu contato de pesquisa com Dona Flor, explicar para ela minhas intenções e descobrir como poderíamos combinar essa nova, ou renovada relação, me preocupei muito ao me deparar com seu estado de saúde. Não conseguia pedir nada dela, sem antes garantir que ela estivesse minimamente bem, dormindo e sem dores, de modo que organizei, junto ao meu pai, que é muito chegado nela também, uma vaquinha para trocar as telhas de seu quartinho, na esperança de que isso trouxesse alguma melhora para a sua qualidade de vida.

Fotografei o teto, medi, pesquisei preços, angariei os fundos e consegui mandar entregar as telhas na casa de Dona Flor, mas isso demorou um pouco. Ao mesmo tempo, a partir de setembro, passei a me comunicar mais intensamente com Deija, que me mantinha e mantém a par da rotina no Moinho e do estado de saúde dos mais chegados. As telhas chegaram no começo de 2023, era preciso esperar que chegasse a seca para poder trocar o telhado, antes que isso acontecesse, um dos filhos de Dona Flor, Diel, entrevistou e reformou um dos quartos da sala, transformando-o em uma suíte ao utilizar o banheiro da antiga suíte de Dona Flor e Donato. As paredes foram pintadas de rosa, um tom claro e bastante presente, o teto foi forrado com PVC e as roupas e outras coisas de Dona Flor foram mudadas para lá. Quando cheguei, em março, com minha irmã Julia, que estava ali para fotografar também, vi toda a reforma.

Dessa vez eu levei uma almofada para Dona Flor, ela e Deija mencionaram que um travesseiro que ajudasse a manter o corpo de Dona Flor inclinado ao dormir, com a cabeça mais alta, liberando um pouco a pressão nos pulmões, pudesse ajudar seu sono. Eu levei um que parecia ser de um bom tamanho, porque o que ela tinha era muito alto. No canto do quarto, perto da entrada do banheiro, estavam dois tanques de oxigênio, que eram utilizados por Dona Flor quase todo dia, pelo menos uma vez. Ela estava fraca, magrinha, com muita vontade de melhorar

e ficar boa para o encontro de raizeiros que aconteceria em maio, e para o curso de parteira que daria em junho. Eu demorei a conseguir pedir algo para Dona Flor, por algumas semanas fiquei esperando que sua saúde melhorasse, pois não queria pressioná-la e incomodá-la. No meio tempo, fiquei visitando sua casa, ajudando no que podia, tentando entender se teria que mudar a minha pesquisa, e como faria para cuidar de Dona Flor.

Foto 26 – Dona Flor no Oxigênio



Fonte: Deija compartilhou comigo no *WhatsApp*.

Durante essa visita, Dona Flor pediu que Julia tirasse algumas fotos da gente, eu e ela, ela e Julia, nós e Deija, ela e Davi *etc*, conforme é possível notar:

Foto 27 – Eu e Dona Flor, maio de 2023



Fonte: autoria de Julia Nabuco

Foto 28 – Julia e Dona Flor, maio de 2023



Fonte: autoria de Clara Nabuco

Foto 29 – Davi e Dona Flor, maio de 2023



Fonte: autoria de Julia Nabuco

Foto 30 – Deija e Dona Flor, maio de 2023



Fonte: autoria de Julia Nabuco

Apesar de estar preocupada com a Dona Flor, fiquei feliz com a mudança de quarto, e esperançosa. Passava fins de semana na minha casa na Chapada dos Veadeiros, que fica por volta de 60 quilômetros distante da casa de Dona Flor, assim, eu pegava a estrada pelo menos um dia durante o fim de semana, e passava o dia lá com ela e Deija, entregava encomendas, lavava louça, ouvia histórias, tomava café, e alimentava a nossa relação. A rotina com Dona Flor começou a se estabilizar, aos domingos Deija e Wilson ia para a feira do produtor que acontece em Alto Paraíso, no CAT (Centro de Atendimento ao Turista), e não gostavam de deixar a mãe sozinha com Davi, de modo que passaram a contar comigo para ficar no Moinho com ela, sempre que possível.

O primeiro domingo que passei sozinha com Dona Flor foi em abril, era aniversário de Diel, coisa que só soube depois que já estava lá. Foi também a primeira vez que conversamos diretamente sobre a pesquisa. Eu lavava a louça na cozinha enquanto ela descascava o alho para o almoço. Dona Flor se queixava da saúde, desgostosa por não poder fazer várias das coisas que estava acostumada, cansava rápido e o corpo já não tinha força para levantar tachos com xarope, cortar raízes duras de mamacadela, e outras tarefas mais pesadas da rotina de raizeira e lavradora. Eu sugeri que escrevêssemos um novo livro, eu ajudaria no trabalho mais pesado enquanto ela me orientava sobre o melhor modo de fazê-las, além de contar histórias. Eu queria ouvir e falar sobre a história de Dona Flor, e de outros raizeiros.

Ao longo desse dia foram chegando pessoas para visitá-la, outras aprendizes que ficaram ali durante boa parte da manhã, Mi, Dra. Andrea, que foi consultá-la, repreendê-la pelo excesso de trabalho pesado e orientá-la sobre novos hábitos que deveria seguir, para prolongar sua vida. Por último chegou Diel, suas duas filhas, Nathália e Flora, e seu filho pequeno, Benício. Diel convocou várias pessoas da comunidade para visitar a mãe, que, apesar de cansada, ficava muito feliz com as visitas, inclusive reclamando, com quem aparecia, que visitavam pouco. Nathália fez uma moqueca⁶⁹ e eu ajudei ralando a cenoura. Depois, enquanto ainda mantinha um olho em Dona Flor, minha atenção foi dividida com Benício, que ficou sozinho depois que Flora foi brincar com os amigos e outros primos que não via com tanta frequência, e parou de lhe dar atenção.

⁶⁹ Ensopado de peixe, pode ser feito à tradição baiana, com óleo de dendê e leite de coco, ou a moda capixaba, com azeite de oliva e molho de tomate.

Passei com Benício pelo quintal, ajudei com o almoço e carreguei-o no colo durante quase todo o tempo em que estivemos juntos, a criança de 3 anos se apegou comigo. No plano de fundo estava sempre vigiando Dona Flor, acompanhando seus passos e me certificando de que ela não estava sozinha, ou de que não tinha conseguido escapar para o quintal desacompanhada. Por volta de 15 horas Deija e Wilson chegaram, eu já precisava ir embora porque queria passar na Loja do Tom das Ervas, outro raizeiro com quem estava tentando estabelecer uma relação de pesquisa. Com o pé já passando para fora do portão marrom, ouvi Diel me chamar.

Ele me agradeceu pelo cuidado com sua mãe e com seu filho, disse que gostou muito de mim e me presenteou com um pingente de uma imagem de Obaluaê em prata, que eu uso pendurada em um colar, todos os dias desde então. Obaluaê, para o Candomblé Ketu, ou Kavungo, para o Candomblé Angola, é só senhor das chagas, das doenças, da cura e de tudo que é microscópico e habita a crosta da terra, tem caminhos que interseccionam com os poderes curativos da água salgada e doce, e outros que percorrem o calor do centro da terra, que escapa pelos vulcões. Além disso, anda perto da morte, e orienta os que percorrem esse trajeto. Quando bati os olhos no pingente soube que veria Dona Flor adoecer mais e mais, sua pele afinar, sua força esmorecer, seu último suspiro e sua morte. Agradei o presente, abracei Diel, emocionada e atordoada, entrei no carro e chorei durante o caminho de volta.

Durante esses dias em que estive lá, Deija estava planejando uma surpresa para Dona Flor para o Dia das Mães. Pouco a pouco ela foi fazendo sabonetes de todos os tipos, dentro do seu catálogo de receitas – que ela mesma criou. Coordenou com todos os 13 irmãos, todos os netos e bisnetos de Dona Flor, bem como Mirinha, a irmã de Dona Flor, e quem mais pudesse comparecer. Fazia um tempo já que Dona Flor tinha começado a falar com mais frequência sobre o seu “caixote de madeira”, indicando que seu tempo de vida estava chegando ao fim. Ela confessou a Deija que seu maior sonho, antes de morrer, era ver a família reunida. Poder estar com todos os filhos e os chegados mais próximos. No Dia das Mães, apareceram lá de surpresa, quase todas as pessoas que a Dona Flor pediu.

Nos momentos em que Dona Flor estava mais distante, Deija partilhava seus planos comigo, mostrando as sacolinhas de sabonete que ela fazia aos poucos e escondia. Falou da organização para conseguir que todos os parentes chegassem até o Moinho, muitos moram em Brasília, em Santa Maria, na Cidade Ocidental - GO e em outras Regiões Administrativas que são

ainda mais distantes da Chapada do que no centro de Brasília. Eu ofereci ajuda a Deija, me disponibilizei para levar algum familiar caso precisasse, ou qualquer outra necessidade que pudesse aparecer. Ela já havia me convidado e eu, por um lado queria muito estar lá, por outro queria passar o Dia das Mães com a minha mãe, coisa que eu fiquei sem fazer por dois anos.

Como minha ajuda não foi necessária eu acabei ficando em Brasília, também estava difícil conciliar a demanda das aulas do mestrado com a pesquisa de campo que eu estava adiantando. Deija me enviou muitas fotos e vídeos, que mostravam uma mesa farta, com frutas e quitutes de todo tipo, incluindo os preferidos de Dona Flor, e os biscoitos que são tradicionalmente feitos no Moinho. Os vídeos eram de momentos de canto e reza, é impressionante testemunhar Dona Flor crescer ao cantar, como ela já estava muito fraca e frágil, conversando pouco para poupar o fôlego, surpreende que ela cante com tanta força. A família forma um belo coro, eu – vendo o vídeo – me emociono, e espio alguns ali emocionados também.

Foto 31 – Dia das Mães, 2023



Fonte: foto compartilhada por Deija

Dona Flor me contou muito feliz da “arte” de Deija, são poucos que conseguem enganar e surpreender Dona Flor, Deija é uma dessas pessoas, desde o caso de seu nascimento inesperado. Ela lamentou que eu não pude estar, principalmente porque ela queria que eu conhecesse Mirinha, sua irmã querida. Deija ficou muito feliz com sua conquista, e com a oportunidade de ver a mãe tão feliz, em um momento da vida que estava sendo muito difícil. Wilson também trouxe relatos para mim, contando que, no dia, Dona Flor dirigiu a palavra a cada um dos filhos, lavando, tratando das feridas e curando as mágoas. Também o fizeram alguns dos filhos, como ele mesmo, devolvendo a palavra e usando a oportunidade para não deixar coisas não ditas.

Voltei no final de maio, para o Encontro de Raizeiros, passei a semana toda na casa de

Dona Flor, trabalhando muito para que a produção estivesse pronta para o encontro de raizeiros. Senti o carinho de Deija e Dona Flor aumentar. Envasamos vinho de amora, fizemos xarope, vermífugo, sabão de tingui, embalamos tudo. Deija me ensinou a fazer sabonete, pó dental, desodorante, repelente, xampu, sabonete líquido e vários outros produtos que compõem o catálogo dela e da mãe. Trabalhamos sem parar durante toda a semana, lavei muito louça, organizei o galpão com a ajuda de Paulo, que sempre estava por ali, trabalhando para Deija e Dona Flor, ansioso também para aprender, e sendo cuidado por elas, que davam notícias dele para sua mãe, já que ele estava sem celular. Também limpei e organizei a farmacinha/lojinha de Dona Flor.

Rimos muito, fizemos piada, ouvi muitas histórias após o almoço e durante o jantar, para além dos momentos de produção com Dona Flor e Deija, fiquei para lá e para cá a semana toda. Vi várias pessoas transitarem por ali, pediram bênçãos, conselhos, deixarem carinho, fé e amor. Concluimos uma produção digna de muito orgulho. Dona Flor estava feliz com ela e com a casa movimentada, apesar de um pouco reticente quanto às “mudanças” que eu, Paulo e Deija estávamos inventando. Tivemos a ideia, por exemplo, de engarrafar o vinho e o licor em recipientes menores, o tradicional era de um litro, ou mais, e queríamos fazer garrafas de 300 e 500 mililitros.

Ela ficou meio cabreira no começo, mas quando viu o licor de amora de Deija engarrafado, foi logo perguntar sobre umas garrafas suas, de mesmo tamanho, que estavam separadas. Paulo e eu, na expectativa de Dona Flor concordar com a novidade, já tínhamos lavado e esterilizado todas as garrafinhas. Entretanto, mesmo contente com o movimento, a mestra estava desgostosa porque não poderia participar do evento. Sua saúde não tinha melhorado muito e ela não achava que aguentaria o traslado de carro do Moinho até São Jorge, quase 50 quilômetros, e o ritmo puxado do evento, com extensas caminhadas, muitas pessoas perguntando e extensos dias de oficina e de feira.

Foto 32 – Dona Flor fazendo Garrafada da Mulher, maio de 2023



Fonte: autoral

Inclusive, não poder fazer tanta parte da produção quanto gostaria já a estava incomodando, enquanto estávamos para lá e para cá pela casa, Dona Flor ficava no ranchinho, seu lugar de produzir garrafadas, uma das únicas coisas que ainda conseguia fazer, porque ficava sentada a maior parte do tempo, completando a garrafa de vinho Jundiaí⁷⁰ com as ervas, folhas, frutos e raízes, apropriados. No último dia desse período, recebemos a visita de Henyo e Silvia. Silvia, minha orientadora, coordena o projeto de Patrimonialização do ofício de raizeiras e raizeiros do Cerrado junto ao IPHAN. Henyo, professor do Departamento de Antropologia, também está na equipe do projeto. Silvia queria muito conhecer Dona Flor, ambos estavam na

⁷⁰ Vinho branco e doce, do tipo mezcál com baixo teor alcoólico, muito utilizado pelos raizeiros na região.

região por advento do encontro de raizeiros, cuja abertura seria nesse mesmo dia. Ela trouxe bolos, pães e outros afagos, sentamo-nos na sala e conversamos, enquanto eu terminava alguns rótulos – e Sílvia também porque “coloquei ela para trabalhar”, como é de costume com os mais chegados ali naquela casa.

Foto 33 – Henyo, Dona Flor e Sílvia, junho de 2023



Fonte: autoral

Fui embora logo após Henyo e Sílvia se retirarem, nos encontramos à noite na abertura do evento, que foi linda, mas passou por problemas técnicos. Wilson e Deija acabaram não participando de grande parte do evento, Deija foi no último dia, para o fechamento e a feira dos raizeiros. Lucas, seu filho, a levou, optaram por montar seu estande no lugar em que normalmente montam para a feira de domingo, de modo que a feira dos raizeiros mesmo ficou no edifício ao lado, não era muito distante, mas também não era no mesmo ambiente.

Foto 34 – Deija e Lucas na feira do encontro de Raizeiros, junho de 2023



Fonte: autoria de Julia Nabuco

Uma semana depois do evento, fui visitar Deija no Moinho para seu aniversário, apresentei meu então namorado, Christian – americano que não fala português – para a família, Dona Flor gostou dele, o que me deixou muito feliz, e Deija adorou as orquídeas que levamos de presente. Nos despedimos rindo da piada de Dona Flor, que em meio a um desentendimento de tradução disse que era fácil resolver o conflito de comunicação, era só “arranjar uma nova língua para ele”.

No meio de junho aconteceu o curso de Parteira, ministrado por Dona Flor e Andrea, uma parteira indígena que se mudou para o Moinho. A mestra me contou depois, muito contente, que fez certo em se resguardar durante o encontro de raizeiros e destinar sua energia para o curso, que foi maravilhoso. Ela desabafou, dizendo que “saiu um peso de seus ombros”, porque agora as

mulheres do Moinho podiam contar com uma boa parteira, Andrea, que passou no crivo da Mestra das Parteiras, Dona Flor.

Figura 2 – Postagem “Vivências de Saberes Tradicionais: sobre gestação, Parto e Nascimento



Fonte: circulação no grupo do *WhatsApp*

Em julho, com o final do semestre e da demanda efetivamente presencial do mestrado, me

⁷¹ Editada por mim com quadrado azul para omitir informações de contato.

mudei para Alto Paraíso, eu até tinha conversado com Dona Flor de ir morar com ela em julho, quando ela reclamou que eu passava pouco tempo lá. Assustada com a minha prontidão ela desconversou um pouco e disse que primeiro, queria fazer a operação para colocar o marca-passo que deveria ter colocado 40 anos antes, quando descobriu a doença de chagas. Dona Flor tinha medo de cirurgia, não operou a hérnia na barriga que veio com tantas gestações, nem o coração, além disso, era preciso fazer tanto para poder passar por esses procedimentos e deixar sua casa “sozinha” – sem ela – por tempo de mais também, de modo que ela adiou o máximo que pode. Infelizmente a janela de oportunidade passou, quando ela finalmente concordou em operar, colocar o marca-passo porque queria operar a catarata, já não havia tanta certeza de que seria possível, ou de que seu corpo aguentaria uma cirurgia complicada como essa. Mesmo assim ela pareceu determinada, pediu a Danilo, seu neto, filho mais velho de Deija, que organizasse tudo e parecia que ele estava organizando mesmo, ela estava contente e esperançosa. E eu esperançosa de que passaria a morar bem pertinho dela em algum momento do mês de agosto.

Fui para a minha casa no meio tempo, no finalzinho de junho eu visitara Dona Flor novamente, passamos o domingo juntas e eu fui embora quase de noite. Quando estava indo embora, Dona Flor estava recolhendo verduras, farinha, produtos e outras coisas que ela gostava de me entregar quando ia embora. Todas as vezes que fui lá, sempre sai com algum agradecimento em forma de presente, que coloriram a minha cozinha e aconchegaram meu corpo no tempo que morei sozinha no meu mato. Nesse dia em específico, ela estava procurando ovos para me dar, entretanto não encontrava, como já estava ficando tarde eu disse a ela que não se preocupasse, que eu já tinha muita coisa, que não precisava de mais, e que se fosse o caso ela podia me dar ovos caipira da próxima vez que eu visitasse. Ela concordou, e eu fui para casa, deixando-a com Deija.

Não sei dizer se foi nesse mesmo, ou alguns dias depois, mas o que aconteceu foi que Dona Flor foi atrás de uma galinha no entardecer, caminhando para depois do fundo da casa e entrando na roça. As pessoas que estavam na casa não notaram sua ausência, de imediato. Mesmo assim, não demorou muito para que Deija saísse atrás da mãe. Ela me disse que andou muito pelo quintal de Dona Flor, chamando pela mãe, a roça é grande, e Dona Flor já não aguentava gritar muito. Custou até que Deija a encontrou caída no chão, bem lá no fundo da roça, quase depois do milharal. Deija e Dé conseguiram levá-la de volta para casa, e dali direto para o hospital. Foi só

quando eu mandei mensagem para Deija para perguntar se podia ir visitá-las, pouco tempo depois da minha última visita, que eu soube que Dona Flor estava no hospital. Tudo isso começou no dia 9 de julho.

Eu fui visitar Dona Flor no hospital, ela parecia muito fraca, as pernas estavam inchadas, ela não encontrava uma posição confortável na cama do hospital e eu estava com medo. Não gostei de vê-la tão vulnerável, e com dor, apesar de já ter presenciado várias noites em que ela não dormiu se revirando em sua cama. O quarto estava com algumas visitas, ela estava descansando e eu me sentei na outra cama disponível, ao lado de Deija, olhando-a. Conversamos sobre algumas coisas, elas me contaram do acidente e do estado de Dona Flor, que no momento parecia ser mais por conta de uma inflamação na perna, e as questões de pulmão, coração e circulação de sempre. Não havia sido identificada nenhuma fratura.

Mas Dona Flor foi colocada de castigo no hospital mais uma vez, para que descansasse e parasse de ficar procurando o que fazer em casa, e se sentindo triste por não conseguir fazer as coisas direito. Quando eu estava lá olhando ela, ela pegou e me disse “por que que você está aí longe? Eu não sou bicho, não!” Eu fiquei sem jeito, levantei rapidamente e me coloquei ao lado dela, ajudei a passar o creme nas pernas dela e fiquei ali chamegando minha amiga, parteira, mestra, avó, mãe.

Depois de um tempo me despedi dela e fui para casa, esperando que Dona Flor ficasse boa, porque ela sempre nos surpreendia, e eu queria que ela se surpreendesse de novo. Dona Flor voltou para sua casa, mas suas pernas não desincharam e a dor não passou de jeito nenhum, como ela estava muito frágil e as pessoas muito ocupadas com ela, acabei não indo visitar. Não muito depois de voltar para casa ela teve que retornar ao hospital de Alto Paraíso.

Enquanto isso, acontecia o Encontro de Culturas⁷² em São Jorge, e eu fui acompanhar o evento, busquei contato com alguns raizeiros e presenciei algumas rodas de conversa que tratavam sobre temas relacionados a minha pesquisa e ao projeto de extensão que também participo, tudo em torno das raizeiras. Fiz isso enquanto Dona Flor se recuperava, porque não queria incomodá-la com perguntas.

Surpreendentemente, meu pai estava na região na época, fazia tempo que ele não visitava

⁷² Festival de cultura popular que acontece anualmente na Vila de São Jorge, na Chapada dos Veadeiros, mais sobre o encontro em: <https://www.encontrodeculturas.com.br/>.

a Chapada dos Veadeiros, e fazia tempo que Dona Flor reclamava para mim que “morreria sem ver meu pai”, porque ele nunca mais apareceu, e ela estava com saudades, eu ficava trazendo notícias de lá para cá, de um para o outro. Quando meu pai estava por perto, Dona Flor ainda estava no hospital de Alto Paraíso, por tanto, fomos à floricultura e passamos no hospital para visitá-la, finalmente meu pai e Dona Flor se encontrariam. Quando chegamos lá soubemos que Dona Flor e Deija haviam se dirigido para Uruaçu, o centro de atendimento do SUS do Nordeste Goiano. Perdemos a visita por pouco.

Dona Flor precisava fazer alguns exames de sangue e tirar mais alguns raio-x da perna e da bacia, porque não estava melhorando e os médicos precisavam investigar, esses exames eram feitos somente em Uruaçu, de modo que Dona Flor foi levada até lá de ambulância. Deija foi junto, claro, não levou muda de roupa ou cobertor, esperando que voltaria no mesmo dia. A estrada até Uruaçu tem mais de 200 quilômetros, dos quais 70 são de terra. É perigosa, cansativa e faz o carro chacoalhar. Após saírem os resultados dos exames de Dona Flor ficou óbvio que não voltariam para casa tão cedo.

Ela estava com uma fratura na bacia, seu corpo estava muito inflamado, icterícia na perna, situação que ficou muito grave combinada com todos os outros sintomas que Dona Flor vinha cuidando a tanto tempo. O médico de Uruaçu confessou para Deija que estava surpreso que Dona Flor estivesse viva com o coração do tamanho que estava, sem força alguma, espremendo o pulmão, lutando para mantê-la respirando “Ela só está viva porque é muito bem cuidada”, ele disse para a Deija.

Os dias no hospital foram se prolongando, não demorou muito para organizarmos as visitas à Dona Flor, primeiro foram Najda, uma das aprendizes, e Lucimar, ex mulher de Wilson e eterna nora de Dona Flor. Elas levaram roupas, cobertores, comidas e o que mais puderam pensar ser necessário para tornar a estadia no hospital mais confortável. Todo dia eu recebia uma nova foto de Dona Flor, um vídeo dela e Deija, fotos com os familiares que foram visitar, vídeos de Deija cantando hinos para a mãe, pedindo que ela fosse forte.

Foto 35 – Neta de Dona Flor trançando seu cabelo no hospital de Uruaçu



Fonte: Foto enviada por Deija

Dona Flor aparecia cada vez mais miúda nas fotos, o cabelo grisalho – que nunca chegou a ficar totalmente branco pelo uso do sabão de tingui – e cada hora um filho, um neto, um bisneto diferente. A quantidade de visitas por dia era restrita e a prioridade era da família. Felizmente, a grande maioria dos parentes conseguiu visitá-la. Eu fui me dando conta de que não veria Dona Flor novamente, mas demorei a abrir a boca para falar isso para alguém, eu contava que ela estava no hospital e que estava tentando ir vê-la esperançosa de que ela voltaria logo.

Eu desejava que ela melhorasse, mas comecei a deixar esse sentimento diluir no dia em que aquela majestosa borboleta azul entrou na minha casa, trazendo notícias, senti como se fosse a última visita de Dona Flor à minha casa, me dei conta, minha amada mestra estava partindo. No outro dia fui à cidade, encontrar uma amiga, Mari. Dona Flor não saía da minha cabeça, recebi fotos de Deija que finalmente conseguira sair do quarto do hospital e encontrara algumas flores no jardim. Ela estava feliz com o ar puro, mas não demorou muito tempo longe da mãe.

Eu e Mari, minha amiga, assistimos ao pôr do sol, eu confessei a ela que achava que Dona Flor ia morrer em pouco tempo. Voltamos para sua casa e ficamos conversando até mais ou menos umas 19 horas, quando recebi uma ligação de Deija. Atendi o celular, Deija estava chorosa, confusa, sozinha, desamparada, ela falava “Clarinha, levaram mamãe, ela estava aqui nos meus braços e eu senti que ela estava morrendo, e os enfermeiros levaram ela”, enquanto ela me contava, confusa, falava também com as enfermeiras perguntando sobre a mãe, as enfermeiras pediram o documento de identidade de Dona Flor. Nesse momento, Deija pediu que eu avisasse Bito, seu irmão, o que estava acontecendo.

Eu fui a primeira pessoa com quem Deija conseguiu falar, eu tinha mandado uma mensagem para ela pouco antes, e seus irmãos não atendiam. Eu tentei falar com Bito e com Zete, com as esposas e filhas deles também, ninguém me atendeu. Liguei para meu pai que é amigo da dona da pousada em que Bito trabalha, na esperança de contactá-lo. Ele também não conseguiu ajudar. Eu não sabia muito o que fazer, ou falar, se podia ligar para alguma outra pessoa, se Dona Flor tinha morrido mesmo, ou se ela teve uma parada cardíaca e voltou, porque Deija me disse que estavam tentando ressuscitá-la.

Deija me enviou o número de telefone de Diel e de Lucas, tentei ligar, não atenderam, um telefone desconhecido, com DDD de Brasília, imagino, não chamou muita atenção. Mandeí mensagem, explicando tudo para os dois, me colocando à disposição. Depois Deija me ligou de novo, Dona Flor já não estava mais viva. Ela já estava resolvendo as coisas junto com os irmãos, por telefone, e duas amigas raizeiras, que moram em Uruaçu – elas se conheceram por causa do encontro de raizeiros, mas se aproximaram mesmo nesse meio tempo, porque iam com frequência prestar ajuda à Deija e à Dona Flor no Hospital. Ela disse que me ligaria se precisasse de algo. Depois Deija me contou a história desde a sua perspectiva:

Deixa: Porque eu ia dar o remédio para ela, ela tirava oxigênio e eu (...) e as enfermeiras brigavam comigo que tinha vez que eu até deixava um pouquinho ela sem com dó dela, mas a enfermeira chega chamava minha atenção sabe que não era para mim deixar ela sem oxigênio, aí eu colocava ela tirava, colocava ela tirava e eu sei que ela já tava aborrecida com tudo aquilo sabe, não era com você o último remédio que eu dei para ela, ela cuspiu. Deu de novo, ela não queria mais remédio e aí as meninas deu na segunda.

Mas aí foi pouco tempo, depois ela morreu, mas já era medicamento que ela tava tomando todo dia porque ela não queria mais aceitar aquele remédio, a comidinha, depois do remédio eu fui dar uma comidinha eu dei a primeira colherinha assim amassadinho, arroz no caldinho do feijão, frango desfiado, igual comidinha de bebê mesmo. Eu amassei e dei a ela, [ela recusou]. Tentei a segunda vez [ela recusou]. Dei a terceira vez, ela travou os dentes na colherzinha. Aí eu falei tá bom não vou mais, joguei [fora] eu queria dar para ela, porque a menina já tinha ido para colocar a sonda dela e eu falei: não eu botei a janta para ela.

Já era os finais que aí depois dessa janta.

A enfermeira foi trocar o plantão faltava uns 10, 15 minutos para dar 7 horas. E ela, ela tinha tomado suco, que eu tinha tentado dar comida para ela. Aí nós vamos olhar o xixi dela e eu olhei ela tinha feito um monte cheio, fiquei feliz, aí eu falei para Noemia, enfermeira, minha mãe fez xixi! Porque ela não tava fazendo, já tinha quase dois dias que ela tava fazendo só as gotinhas.

Eu acho que o rim dela já tava parando né, aí eu fiquei feliz que ela fez xixi, acho que na hora mesmo da morte não é fácil, né? Na hora da morte, ela fez xixi nesse dia que ela morreu quando eu fui dar banho nela.

Que ela não queria ficar na cadeira de banho nem nada.

E aí foi depois do banho eu levei ela para cama. Sequei direitinho, passei creme ‘pra’ pentear o cabelo. E a menina que tava lá do lado cuidando da mãe dela, ela pediu a menina para tirar as fotos para mim. A menina que tava lá, Cláudia, tirou as fotos. E ali já era despedida, aí eu fui dar comida, cuidado, dei um pouco de suco para ela.

Mas aí na hora, aí ela dormiu depois do banho, depois que passou tudo ela dormiu, dormiu, dormiu, dormiu dormiu, aquele sono?! Até de tarde, eu dormi até 6 horas da tarde.

Eu saí mais uma menina, fui lá buscar a roupa da menina que tinha ficado lá no guarda volume. Respirei um pouco, foi um dia para sair do hospital lá fora.

Eles queria um pouco lá fora das Flores. Aí voltamos, voltei logo preocupada com medo dela acordar.

Aí nada ela não acordou, eu peguei tinha um lugar que tinha um solzinho bate um solzinho. Eu peguei, sentei lá pedir para Cláudia ficar olhando nela, se ela acordasse me chamar e eu fui tomar um solzinho lá.

Fiquei voltei, conversei com Junior no telefone aí Ju falou para mim, você sabe que ela não quer sonda. Que não pode por sonda nela, eu falei de tudo para ele não passou, mas eu acho que hoje não vai ter mais jeito. Mano.

Acho que vou colocar só porque a moça foi umas 5 horas botar a sonda nela. Eu falei não a hora que ela acordar eu vou tentar dar a janta para ela.

Aí foi que ela morreu, eu tava lá sentada no solzinho, passou duas Moças. Aí me chamou para ir para uma sala lá que tem uma sala de apoio dos acompanhantes.

Fala as coisas, né confortar faz brincadeira essas coisas aí tem um dia que tem isso no mês aí a moça me chamou. Eu falei ‘eu não posso ir não, porque eu tô cuidando da minha mãe e eu não posso deixar ela só’ aí ela falou ‘mas você pode pedir para outra pessoa que tá no quarto para olhar ela’.

Eu falei tá bom vai depender se ela acordar ele pode se ela acordar ela estiver melhorzinha. Pode até ser que eu vá mas não ia, né? Eu só falei assim para ir para um lugar para ficar uma hora afastar aí se eu tivesse ido.

Mamãe tinha morrido no hospital e eu não tava presente, eu ia ficar pensando um monte

de coisa, né? Eu não ia ver que ela morreu ali deitadinha na enfermaria quietinha. Só fiz isso e eu não ia ver, eu ia pensar. Poxa ela pode ter se engasgado? Ela estava no oxigênio e pensar que ela morreu, eu vi ela morrer, né? Aí ia ficar com isso na minha mente o resto da minha vida, ainda bem que eu não fui. Mamãe morreu naquele dia, eu não tava esperando mamãe que ia morrer não [sic].

No dia seguinte eu tinha marcado uma saída de campo com Seu Dedé, um raizeiro de São Jorge, que me custou muito para conseguir ter esse encontro. O velório de Dona Flor estava marcado para de tarde, Lucas, Diel e Leo (amigo de Lucas), pegaram a estrada longa e perigosa a noite, dirigiram por muito tempo e buscaram Deija, o corpo de Dona Flor viria no carro da funerária, que Dona Flor já tinha organizado. Eu saí cedo, chorosa, escolhi alguma roupa que pareciam boas o suficiente para o velório, quando fiz as malas em Brasília não passou pela minha cabeça estar preparada para uma situação assim, eu não tinha nada de cor preta, vesti azul, e uma saia florida que achei que Dona Flor e Deija iam gostar.

Dirigi 30 quilômetros até São Jorge, encontrei seu Dedé e sua esposa Terezinha, pela primeira vez, entreguei o dinheiro combinado e não consegui conter o choro ao explicar que não poderia ir à saída de campo, porque Dona Flor morrera e eu iria no velório. Seu Dedé conhecia Dona Flor, ele e Terezinha pareceram se compadecer comigo, me abraçaram e Seu Dedé fez questão de remarcar o passeio, agradeceu que eu fui até ele entregar o dinheiro, porque ele estava precisando, disse que eu era “uma pessoa de palavra”. Eu entrei no carro e segui para o Moinho, mais ou menos 70 quilômetros de estrada. O dia estava bonito, a estrada e suas paisagens de campos do Cerrado, buritis, afloramentos e serras enchiam o peito que continuava a transbordar em lágrimas. Eu estava triste por não ter podido ajudar Deija quando ela precisou.

Quando terminei de atravessar a cidade de Alto Paraíso e avistei a entrada da estrada de terra que leva ao Moinho, percebi um carro preto, chegando mais perto identifiquei que era um carro de funerária. O corpo de Dona Flor estava ali dentro, não ultrapassei o carro, fui seguindo vagorosamente atrás, me perguntando se eu estava certa sobre aquele ser o carro que levava o corpo de Dona Flor. Dali a pouco o carro parou, o motorista me perguntou qual era a direção para o Moinho, eu disse que estava indo para lá, que ele podia me seguir. Fui escoltando Dona Flor, cuidando para que chegasse em seu velório, sem se perder, ou deixar o carro quebrado na estrada, eu estava com uma caminhonete boa para estrada de terra, que poderia puxar aquele carro se fosse preciso.

Dona Flor planejou tudo muito sem pontas soltas, fez a cama para se deitar, e eu agradei por poder cuidar dela mais um pouco. Levei o carro até a quadra de esportes do Moinho, ainda não tinha ninguém quando cheguei. O carro da funerária estacionou e eu fiquei ali, tentando descobrir o que fazer, com medo de olhar o “caixote de madeira”. Chorando. Fui encontrando os familiares, amigos e aprendizes de Dona Flor pouco a pouco. Muitos deles eu só conhecia por histórias, e via pela primeira vez. Deija estava muito bonita, mas cansada, triste e confusa, a casa de Dona Flor estava cheia e nós, que não éramos exatamente familiares, rodopiávamos, meio tontos, tentando ajudar na organização e dar suporte para a família, principalmente para Deija.

O corpo de Dona Flor foi velado por um tempo, vieram o pastor e o bispo, Tia Severa, cunhada de Dona Flor, que já tem lá seus noventa anos, cantou um hino para ela, as crianças passavam por ali, estavam curiosas, assustadas e tristes. África, filha de Dani, uma das aprendizes de Dona Flor, ficou muito tempo segurando a mão da avó adotiva, deitada, fria e pacífica em seu descanso. Perto do pôr do sol voltaram o caixote de madeira para o carro preto, e a procissão seguiu atrás, a pé, até o cemitério, que fica um pouco afastado do centro do povoado. Andamos cantando, descemos o caixão cantando e chorando, tinha terra, formiga, criança, planta, flor, água e muito amor. Todos sabiam cantar um de seus hinos favoritos e entoaram tanto quanto conseguiram, prolongando a despedida, que não foi só triste, foi cheia de gente que amou e foi amada por Dona Flor. Hino “O chão dá se a gente plantar”, de Jair Pires:

Plantei amor no meu coração profundo,
 Dei amor para todo mundo
 Ainda tenho amor pra dar
 Plantei amor no meu coração profundo
 Dei amor para todo mundo
 Ainda tenho amor para dar,
 O chão só dá se a gente plantar
 Se a gente não planta, o chão não dá
 Mas o chão só dá se a gente plantar
 Se a gente não planta, o chão não dá.⁷³

⁷³ PIRES, Jair. **O chão dá se a gente plantar**. [s.d.]. 1 faixa. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jair-pires/o-chao-da-se-a-gente-plantar/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

Foto 36 – Flores de bucha e Dona Flor no ranchinho



Fonte: autoral

4. COZENDO PERCEPÇÕES, TECENDO IDEIAS

[Eixos conceituais]

Agora que a trajetória de vida de Dona Flor foi costurada, podemos, a partir dela e junto com a antropologia pensar conceitos que dialogam com as histórias contadas por Dona Flor e com aquilo que foi observado. As movimentações e relações da mestra **no, com e do** território, entrelaçadas com o estabelecimento de alianças com humanos e mais que humanos, a fé norteadora e as trocas de gentilezas e dons, entre pessoas, pessoas e terra, pessoas e Deus, pessoas e plantas, serão pensadas em primeiro em conjunto com Ellen Woortmann e Klaas Woortmann e Marcel Mauss.

Posteriormente, essas noções de relação com a terra, fé e estabelecimento de alianças serão alargadas em conversa com a teoria do Cuidado, os ensinamentos de Antonio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo e as considerações de Lélia Gonzalez, que trazem mais reflexões sobre os modos de ser e fazer de Dona Flor, enquanto mulher, quilombola e negra. Passados esses, eu adentrarei mais especificamente no ofício de raizeira, suas características, história e princípios que se alicerçam também nesses diálogos teóricos já postos. Ao falar de ofício é preciso falar sobre transmissão de conhecimento, já que essa é uma parte do saber para Dona Flor, e muitos raizeiros, é preciso compartilhá-lo, promovê-lo, mantê-lo vivo através das gerações: na prática, eles carregam memória viva.

Assim, outro aspecto importante que marcou a vida, prática e sonho de Dona Flor são suas interações com as instituições ocidentais, tanto em termos de ideias quanto em termos de espaços físicos, direitos públicos, essas andanças entre mundos também marcam seu ofício, tanto o de raizeira como o de parteira, porque essas histórias carregam sentido para se pensar a trajetória de Dona Flor, também estarão aqui, em diálogo com Sílvia Guimarães e Carneiro da Cunha para pensar também a relação entre saber popular/tradicional e saber científico.

Ao fim do capítulo, pensaremos junto com Dona Flor, sobre as complexidades de sua trajetória, ao mesmo tempo em que refletimos sobre a complexidade dos sentimentos, a partir dos ensinamentos de Dona Flor sobre o assunto, e em diálogo com Mary Douglas, para adensar as complexidades das relações adentrando conceitos, a princípio contraditórios, de pureza e impureza, pensando a ideia de fluxo, as inclinações tanto boas quanto ruins, as vezes ambas ao

mesmo tempo, a fim de não naturalizar lugares romantizados, ao mesmo tempo que não queremos normalizar lugares de sofrimento e dificuldade.

4.1 “Tem que trabalhar a Terra”

[sobre ser quilombola e as heranças do campesinato]⁷⁴

O pai de Dona Flor, Amaro, fugido de seus “senhores”, se perdeu da família no meio do caminho da fuga e se encontrou no Moinho, quando tinha mais ou menos 12 anos. Aparentemente muitas crianças apareciam ali pela região dessa maneira, fugindo da escravidão. Ele foi acolhido pela comunidade como tantos outros iguais a ele. Cresceu e criou ali, com uma família reconfigurada. Dona Flor não mencionou nada sobre a família dele que ficou.

Em algum momento mais tarde, Amaro se casou com Dona Maria, cuja mãe era indígena, ou “índia”, que é como Dona Flor descreve a avó. Ela foi capturada na mata quando ainda era pequena, por volta dos 7 anos, e criada na fazenda, com os brancos. A mãe de Dona Flor era branca de pele, seu pai era negro retinto, e ressentia Dona Flor por ser negra também, suas palavras diziam “meu pai era racista, ele batia e judiava muito de mim, por isso eu passava mais tempo com a minha avó, fugia de casa e ia ficar com ela”. Dona Flor nasceu na fazenda Santa Rita, quilombola do Moinho, só na última casa dela no quilombo morou 45 anos, ser do Moinho é ser de um lugar de fartura, de acolhimento, de partilha, de cuidado e de trabalho, muito trabalho.

Dona Flor: No Moinho aqui eu só tenho 45 anos que eu moro aqui nessa casa.

Ninguém passava fome, e num ficava sem roupa. Quando era assim junho, eles iam ‘pra’ planaltina comprar mercadoria, comprar tecido, os pais de família que tinha filho, tinha mulher ‘pra’ da roupa né? Eles não via dinheiro não, aí eles vinha e acertava com o patrão. Mas o patrão deles era muito bom, trazia botina, trazia sal, trazia. Nesse tempo não existia óleo, era os porcão mesmo. Era bom de mais, era fartura de mais. No tempo do milho fazia pamonha, final de semana assim, no dia de sábado, o veio liberava os homens ‘pra’ ajudar a fazer as pamonhas, o mingau.

Ai no domingo era o angu, botava 3, 4, 5, 6 panelonas lá. Fazia aquele molho engrossado de carne, aí fazia engrossado com linguiça. Aí fazia feijão com quiabo. Dia deles que não comia, fazia arroz. Era aquele banquete, aquele povão, feliz. Tinha pai de família que o Vêio falava: “traz sua mulher ‘pra’ almoçar aqui junto, vamo controlar essa família”. Povo era muito bom. A velha era danadinha, mas ela era boa demais também [sic].

⁷⁴ Aqui, a noção de campesinato é entendida a partir do conceito de proto campesinato desenvolvido por Ciro Flamarion (Santos, 2011).

Esse cotidiano que Dona Flor descreve nos remete a um regime de trabalho e ocupação do território de protocampesinato (Cardoso, 1987), a partir de seu relato é possível apreender essa dinâmica na qual o negro ex-escravizado era autorizado a morar em uma parcela da terra do Senhor, o “Véio”, assim, eles plantavam sua própria roça, dando uma parte da produção doméstica para o senhor, o trabalho da terra, e ao mesmo tempo trabalhava na fazenda do senhor, e garantia, com esse segundo trabalho, roupas, remédios, produtos que não se conseguia da terra, como o sal, o óleo, dentre outros, e um pedaço de terra para construir uma casa, que não podia ser de alvenaria, para não constituir direito ao território como propriedade. Além dessas pessoas que moravam continuamente na região também existia um outro regime mais itinerante, no qual, usualmente, os pais de família e homens solteiros iam trabalhar nas fazendas, durante o período da chuva, e depois iam trabalhar nas minas durante o período da seca. Esses podiam ser tanto pessoas da região, do Moinho, de Alto Paraíso, São Jorge, ou Cavalcante, como pessoas de lugares mais distantes. Nesse sentido, como coloca Klaas Woortmann (1990, p. 45):

A fazenda tradicional também pode ser um território camponês e o lugar da liberdade, na medida em que aí se dá um tempo e um espaço da família (...) Os espaços físicos da fazenda eram, portanto, espaços sociais diferenciados e, dentro do seu, o agregado “mandava” porque a roça “foi derrubada por ele”. Mandava, portanto, no produto do trabalho e no processo de trabalho. O espaço da roça era o espaço onde se desenvolvia o tempo de família e a liberdade.

Além disso, quando Dona Flor fala que o “povo era muito bom”, referindo-se ao senhor da terra e sua esposa, tal declaração nos remete ao colocado pelo autor quando qualifica relações desse tipo:

Temos, assim, uma situação onde o fazendeiro é um homem do povo, dono de terra cujo papel é servir o morador. Parece tratar-se de uma relação de patronagem representada como uma relação entre iguais. Situação oposta é a que conforta o cativo: “o camarada mora com uma pessoa rica e vive precisando dela, e ela matando o camarada na unha” (Leão, 1986:8). Há uma clara inversão nas representações: “homem do povo” (igual)/ “pessoa rica” (desigual); o primeiro “serve” o agregado e o segundo “mata o camarada”. Por baixo e para além da dicotomia fazendeiro/agregado, desenvolvem-se relações que medeiam essa oposição formal e lhe atribuem conteúdos variáveis (Woortmann, 1990, p. 46).

Ainda que Dona Flor tenha um entendimento do Véio João Bernardes como um bom patrão, e inclusive como pai que a criou, como já colocado pela fala da própria no capítulo anterior, vale refletir sobre as relações, conscientes ou não, que, como bem coloca Lélia Gonzalez, tratam de um sistema de escravidão e colonização típico do universo ibérico, e bem

implementado nas colônias portuguesas, na qual, o senhor conferia ao escravizado certo grau de proximidade. Esse sistema colonial, de origem ibérica, é mais bem entendido em contraposição ao sistema encontrado na colonização anglo-saxã, a qual é assentada em um tipo de racismo escancarado, nessa segregação é institucionalizada, a exemplo mais gritante do *apartheid* na África do Sul. Já no Brasil, o racismo por denegação (Gonzalez, 2020) permitia uma proximidade amigável entre senhor e escravizado, que não precisava de uma separação institucional porque a diferença de cor, fazia muito bem o papel de definir as hierarquias. Como consequência, o negro, “bem tratado” estabelecia uma relação de menos enfrentamento e de mais afeição aos senhores.

A intenção de se trazer esse apontamento não é a de qualificar as relações entre senhores escravizados e ex-escravizados no Moinho, ou a relação de Dona Flor com seus senhores como simplesmente boa ou ruim, pacífica ou de enfrentamento, certamente existem nuances e uma história de resistência invisibilizada, mas sim atentar para as características intrínsecas dessas relações. Ou seja, por mais que o “Veio” seja visto como um “bom senhor”, e que existam “bons senhores” por aí afora, a relação em si é fortemente marcada pela raça, e esse marcador traz relações de poder que tem implicações sociais, políticas, econômicas e históricas desse modo, por mais que Dona Flor tenha trabalhado a terra incansavelmente, morado, cuidado, nascido e sido criada ali na fazenda dos Bernardes, a fazenda é propriedade dos Bernardes.

Tanto a experiência de Dona Flor é marcada pela sua cor e origem que ela com frequência traz o assunto à tona e revela sua opinião e sentimento sobre ele, entretanto é preciso sublinhar que as reflexões dela sobre a sua cor chegaram a mim em outros contextos. Durante sua vida, ela teve que lidar com muito desrespeito, discriminação e racismo, poucas vezes se encolheu frente a situações como essa, a grande maioria das histórias em que esse tipo de situação aparecem são aquelas em que Dona Flor ocupou espaços institucionais, como hospitais. E, em nenhuma dessas histórias, Dona Flor transpareceu vergonha de si, e contá-las ensina o mesmo aos que a ouvem.

Ao mesmo tempo, por causa de situações como essa, Dona Flor evitava frequentar esses espaços, não queria ir ao hospital “para ser desrespeitada”, e muitas vezes se retirava deles, sem receber tratamento, porque não queria se submeter ao desrespeito. Esse tipo de situação permeia as relações que Dona Flor estabelece de diversas maneiras, tanto as institucionais quanto as pessoais, e o preconceito e racismo irrigam a sua trajetória de maneiras inegáveis, mas nem sempre muito francas aos olhos:

Dona Flor: Eu falei, “pois é, mas porque que você não fala com a gente, como se a gente fosse gente igual a você. Por que eu não sou não sou igual a você? Sou negra. Sou velha, sou uma pessoa humilde, não sou uma pessoa rica. Mas desse jeito que cê tá falando aí, isso é uma gozação” [sic].

Passadas as análises iniciais mais generalizantes, como bem coloca Klaas Woortmann, é preciso reconhecer e lembrar que as diferentes experiências de campesinato tem texturas particulares, ainda que se possa identificar os eixos comuns da campesinidade, a terra, a família e o trabalho e seus transpostos antropológicos, honra, reciprocidade e hierarquia. Nesse sentido, trago então, minhas percepções tanto a partir das histórias ouvidas quanto a partir do trabalho etnográfico junto à Dona Flor, a fim de pensar a ideia de campesinidade no contexto específico de sua casa e de seus entendimentos de pertencimento, apresentando tantos as congruências em torno da terra, da família e do trabalho, como também das lógicas de reciprocidade de Mauss, articuladas por Klaas Woortmann (1990) que complementam esses eixos organizadores da vida camponesa, e aqui, quilombola.

A relação com a terra está intimamente relacionada com os entendimentos de pertencimento enquanto quilombola e lavrador. Ser do Moinho é ser quilombola e/ou kalungueira. Essa identidade vem sendo ativada desde o reconhecimento do povoado como remanescente quilombola em 2016, antes era Do Moinho, agora é quilombola do Moinho. Ao mesmo tempo a identidade quilombola, da região, está muito aliada ao primeiro quilombo a ser reconhecido na região, o quilombo Kalunga, de modo que essas duas categorias se confundem, como é possível perceber na fala que segue.

Para além, ser kalungueiro, ou quilombola, para Dona Flor está intimamente relacionado a praticar, fazer a vida como faz um kalungueiro. Isso inclui saber sobre a história, a cultura e a prática, tudo isso é possível aprender, e precisa ser ensinado para as próximas gerações, para que a cultura, para que o quilombola permaneça vivo. Tão importante quanto fazer e ser quilombola, é estar junto, acolher, receber e ensinar os dali e os que chegam, para construir o lugar/o território juntos. Mais que isso, ser quilombola, para Dona Flor, é um reconhecimento que se estabelece a partir da relação com a terra e com a agência e troca com ela, na prática cotidiana.

Dona Flor: Nós tem que botar o pé na terra, eu vou morrer vou deixar um princípio ‘pra’ vocês, lá do lado do seu pai eu não sei mas, do meu lado, todo mundo sabe fazer essas coisas. Se você quer ser Kalungueiro cê tem que ter talento de Kalungueiro, não é só falar que eu sou Kalungueiro. E não fazer as coisas que Kalungueiro faz. Que os

Kalungueiro mesmo aqui é eu, Ceissão, Dirinha mais o marido [...] [sic].

Esse princípio do qual fala Dona Flor é essa sabedoria da relação com a terra, como pisar nela, trabalhar, nutrir e compartilhar as coisas da terra, com a terra mesma e com os outros. É essa sabedoria que ela deixa para as próximas gerações, bem como, na medida do possível, a própria terra. Assim, podemos escolher acompanhar a história de Dona Flor a partir da sua movimentação entre casas, lotes, terrenos, fazendas, dela e de senhores, indo de lá para cá, seja por motivo de trabalho, casamento, filho, estudo, feitiço, onde Dona Flor pousava fazia roça, o trabalho da e na roça é aterrador da trajetória de Dona Flor, faz parte de sua identidade, modo de vida e noção de pertencimento, estranho seria parar em algum lugar e não plantar, não colher, não cuidar da terra. A terra é onde Dona Flor estabelece a fundação de sua casa, ao mesmo tempo, sempre levando sua família, para quem levanta os pilares e alicerces da casa. Aqui, portanto, passamos a pensar sobre a família de Dona Flor, e seu entendimento sobre ela. No trabalho de Tamara Campos (2013, p. 29), Dona Flor explica o que é família:

Família pra mim é muita coisa, família pra mim simboliza um projeto. É um projeto de produção. É um projeto que tem muita honra, muita luta, tem que ter muita humildade, muito amor, muita união desde o começo. Tem que ter muito conhecimento com as histórias da vida. A minha família significa pra mim como se fosse construir uma casa, é uma construção, pelo pouco entendimento que eu tenho é isso. Nós construímos uma casa, colocamos porta, colocamos isso, colocamos aquilo. Assim, eu coloco no lugar os meus filhos, minha família, meu marido. Então eu acho que a família ela é um projeto que tem que ser muito bem cuidado, não tem que ter discriminação, não tem que ter racismo. A família tem muito detalhe, o que eu dou pra um eu quero dar pra todo mundo. A família é uma casa, é um lar todo mobiliado e bem cuidado, se você tem um móvel e não cuida dele ele fica empoeirado, ele fica sujo, ele fica sem valor. É como o filho da gente, como uma nora que também é filha. Família pra mim não pertence só os filhos, a nora, o genro, tudo pra mim é família. Seja a família o tamanho que for, mas ela tem que ser cuidada. A família é um projeto que só tem que crescer, entra nora, entra genro, nasce um neto, um bisneto. Por que projeto, não é assim?! Você faz um projeto e esse projeto dar outro projeto e vai crescendo igual a família. Você já percebeu isso?! Isso é família.

Além da família enquanto um projeto que pede cuidado, que tem que ser trabalhado como uma casa e construído aos poucos, na terra, o entendimento de Dona Flor sobre família também pode ser pensado desde um olhar sobre a maternidade, ser mãe, para ela, é tão importante para o seu entendimento sobre si no mundo, quanto para o entendimento de seu papel dentro da sua própria família, e para além dela, tanto a família quanto a maternidade “tem o tamanho que for e nela não pertence só os filhos, a nora, o genro, tudo pra mim (ela) é família”.

Dona Flor é mãe de Zita, Donizete, Ná, Bito, Quita, Rhina, Minga, Deija, Wilson, Davi,

Daniel, Denise e Dena. Avó de Lucas, Danilo, Ian, Nathália, Benício, Flora, e tantos outros. Bisavó de Gabriel e Maria Flor. Ela teve 18 partos e hoje tem vivos 13 filhos que nasceram do ventre dela, mais tantos outros que ela criou durante grande parte da vida de cada um, como Mi. Além desses, tem aqueles que são acolhidos como filhos e aprendem a chamá-la de mãe, vó e mestra. Estes são vizinhos, aprendizes, pessoas que ela ajudou a trazer para o mundo, crianças que ela tratou como raizeira, pessoas que se aliam à família de uma maneira ou de outra e mais alguns.

Dona Flor: Agora o Mi, o Mi foi quase tomado, mas veio também porque quis né. E porque Rhina gostava dele demais, Rhina falou, “Mi porque cê não mora mais mamãe mais papai, não tem mais menino aqui, fica aqui”. Ele “é, mas mãe mais pai num deixa”. E ela, “que nada moço, leva ela nas conversas lá e vem embora”. Mi andava maltratado de mais, magrinho, magrinho, magrinho, magrinho. Sem dente, sandalinha pé dum pé doutro. Short amarrado com arame de tela. É aqueles meninos, sabe? Que a mãe não cuida né? Ele veio ‘pra’ cá não quis voltar mais. Eu criei ele 9 anos [sic].

É costume estar em sua casa e ouvir as pessoas pedirem licença para entrar dirigindo-se a ela como Mãe Flor, perguntando por ela: “Mãe Flor está aí?”, deixando recados para “Mãe Flor”, pedindo “a benção, Mãe Flor?”. “Aqui o povo me conhece é assim, Mãe Flor”, é o que a mestra me fala quando pergunto sobre sua história. De maneira controversa, quando conversei com Dona Flor sobre a possibilidade de eu ter filhos ela me disse: “para que? Só para ter preocupação? Não precisa ter filho não, vai cuidar de você, da sua vida! Eu só aceito você ter filho se for fazer igual a mim, sabe quantos filhos eu pari!? 18!” Eu dei risada e admiti que 18 filhos era realmente muito, estava com 2 ou 3 em mente. Ela riu e passou a me contar sobre como costurava as roupas de seus filhos, e o assunto foi continuando. Ou seja, ser mãe, constituir família é algo honroso, mas é algo que dá trabalho, é um grande projeto a ser cuidado e não pode ser feito sem dedicação total. Sejam 18 ou 3 filhos, é preciso incorporar, sustentar e ir com tudo.

Além dos filhos que ela pariu, Dona Flor é mãe dos filhos que ela adotou, é mãe daqueles que ela pegou no parto, mãe dos que amamentou, são várias vestimentas de mãe, que partem de um denominador comum, a mãe. E se diversificam com as diferentes combinações e práticas desse denominador. Mais ainda, Dona Flor não é mãe só de gente. No ano de 2018, quando fiquei hospedada em sua casa por mais de uma semana, certa manhã ela veio até mim. Ela já estava acordada há muito tempo, e eu lutava para acordar o mais cedo possível, todos os dias, nunca foi cedo o suficiente. Dona Flor estava vestindo um roupão, no inverno as manhãs são muito frias e

Dona Flor sofria muito com o frio. Ela chegou perto e me perguntou: “Você já viu mãe de pinto?”, eu não entendi nada, a confusão deve ter transparecido na minha cara, porque logo em seguida ela abriu o bolso do roupão e mostrou um pintinho, bem amarelinho, enrolado num algodão, guardado no bolso dela. Ela disse que tinha virado chocadeira, estava esquentando o pintinho porque a galinha, mãe desnaturada, tinha esquecido dele. Dona Flor o encontrou tremendo de frio e foi cuidar deles.

Dona Flor é mãe das plantas de seu quintal e do Cerrado, mãe do tingui, mãe da artemísia, mãe dos lírios dos vales, é “mãe até de cobra”, porque certa vez uma cobra coral mamou nela. Uma história difícil de acreditar, ela disse que estava dando de mamar para um de seus filhos quando a cobra veio por cima de seu ombro, deu o rabo para o neném mamar e pegou o peito. Ela não percebeu porque achou que era o cabelo trançado repousando por sobre o ombro, não uma cobra, mas quando pegou no cabelo e sentiu a textura diferente ela se assustou e a cobra acabou mordendo, a ferida que ficou, só curou com benzimento. Sobre essas cobras que mamam, Dona Flor relata que era comum ver cobra mamando nas vacas que estavam dando leite no pasto, histórias confirmadas por Seu Dedé, que me revelou contos similares.

Para Dona Flor ser mulher tem muito a ver com ser mãe, ao mesmo tempo, ela não desqualifica enquanto mulheres, as mulheres que não têm filhos. Ser mulher também é ser mulher unida, compartilhar os saberes e os fazeres, viver as coisas juntas, lavar roupas, trocar/compartilhar objetos, afetos, histórias, ajudas, cuidados. Ela é preocupada com a vida das mulheres de sua comunidade, quem vai cuidar delas? Das gestações, do pré-parto, do pós-parto, do resguardo. Dona Flor mulher é parideira, mãe, avó.

Dona Flor: É, criei esses meninos tudo lavando roupa com esse sabão aqui ó! Hoje eu não posso mais, que fica muito caro, mas esse sabão eu fazia e trocava mais a mulherzada e saía pro rio, lá na ponte lavar roupa com esse sabão. Tirava primeiro suja, saboava de novo e estendia tudo, nos capins é o que dava e voltava ‘pra’ pedra. Ficava o dia inteirinho lá fazendo, fazendo farra. Mulherzada naquele tempo era as mulher unida, hoje cada uma com suas máquinas, tem mulher que tem máquina até de se, até de passar. A roupa já sai passada [sic].

A família e maternidade, portanto, se dão tanto **na** e **a partir** da terra, quanto com a própria terra e todos os seus seres, Dona Flor trabalha a terra para construir sua casa e sua família, ao mesmo tempo a própria terra é sua casa e sua família e ela provém e precisa do mesmo cuidado que os primeiros.

Até aqui, pudemos ver como a vida cotidiana e histórica de Dona Flor se entrelaça na relação com a terra e com a família, e que ambas as relações são de muito trabalho, o trabalho, que garantiu a compra da terra de Dona Flor e a sua liberdade. Essa fala, no entanto, revela uma outra coisa, também levantada por Woortmann, o modo de vida camponês trazia outros modos de relacionamento, troca, dádiva, comunhão, traço que é reafirmado em contraposição ao seu par mais individualista, da mesma maneira que Woortmann, Dona Flor reflete sobre como o modo de vida do consumo separa os indivíduos, cada um com seu carro, com sua máquina, ou seja o mundo compartilhado dos fazeres cotidianos que se individualizam com o consumo, o que nos permite refletir sobre as relações de reciprocidade no modo de vida camponês e no modo de vida de Dona Flor. De acordo com o autor:

É, todavia, a noção de reciprocidade, mais do que a noção de troca, que permite entender a campesinidade em sua dimensão mais geral. Isto porque a reciprocidade não significa, necessariamente a troca, mesmo que a tenha como paradigma. Reciprocidade não implica, necessariamente, a circulação de objetos concretos. O que ressaltei neste trabalho foi o que se poderia chamar de espírito de reciprocidade, em oposição ao que a modernidade individualizante construiu como o espírito da mercadoria, ou o fetiche da mercadoria. O espírito da reciprocidade se afirma pela negação do negócio, ainda que nada seja trocado (Woortmann, 1990, p. 47).

Podemos começar a pensar reciprocidade com Dona Flor, no reino da troca de coisas, serviços, dons e gentilezas, eu, por exemplo, sempre saio de lá com alguma coisa, abóbora, chuchu, farinha. A história do “pagamento” dos partos que ela auxiliou na minha casa demonstra também esse tipo de relação, a reunião de mulheres para fazer farinha, organizar festas dos Santos do catolicismo popular, como a novena do menino Jesus ou a novena de São Sebastião, mulheres lavando roupas juntas, uma ajuda a outra com o que tem e todas conseguem o que precisam; guardar parte da produção do remédio e dar para aqueles que não podem comprar? A troca que se faz com a terra, que ao mesmo tempo cuida e é cuidada.

Inegavelmente a lógica da reciprocidade está presente na vida, cotidiano, casa e trajetória de Dona Flor. E Mauss (2017) nos ajuda a pensar sobre as várias dimensões dela, em muitos momentos a troca é de coisas e a medida não é exata, 3 partos valem 5 sacos de cimento? Ajudar com as tarefas da casa, da roça e da produção de remédios vale um mestrado? Um bolo vale uma visita? Essas perguntas, no entanto, são perguntas que eu me faço, a troca, na casa de Dona Flor, é regida por outra lógica, aquela de se oferecer o que pode e receber o que é oferecido. Um outro

exemplo pode ser o dos porcos criados na meia – alguém dá o porco, outro cria, ou os progenitores são de donos diferentes e um deles fica engordando o filhote na fazenda – quem fica com a melhor parte? A melhor parte é a que vale mais ou a que cada um gosta mais? Dona Flor gostava de costela, e por isso costumava manter consigo essa parte, mas dificilmente era só para si, ela guardava a costela para a visita de um neto querido, desse modo, a dádiva vai se multiplicando, e a troca do porco a partir do compartilhamento do trabalho de criá-lo, proporciona no futuro, um momento de comunhão de outro valor.

Além disso, seja qual for o valor do bem, dom, afeto, conselho, a coisa (tangível ou não) doada, a troca, ou compartilhamento, como sugere Antônio Bispo (2023) em seu jogo de palavras contracolonial⁷⁵, é feita porque é parte de como as relações se estabelecem, com o entendimento de observância de um princípio regido por Deus – assim é como Dona Flor explica –, porque, no final das contas, é ele quem garante que a coisa doada será retribuída, o ato de dar em si premedita o ato de receber, e vice-versa, e não necessariamente uma pessoa dará um todo e outra o receberá por inteiro, as partes que compõe o valor do que foi dado podem voltar em tempos diferentes, através de agentes diferentes, e isso, quem garante, é Deus algo que podemos fazer dialogar com o *hau*, o espírito, alma, sombra, vontade das coisas dadas e recebidas, ou seja uma reciprocidade que pode estar tanto no âmbito material, político, econômico, quanto espiritual, todas essas dimensões podem estar conectados ao mesmo tempo, acontecer simultaneamente, ou até ser cada uma a sua própria experiência completa, como bem analisou Sahlins (1974), em relação ao ensaio de Mauss:

So, as we had in fact already suspected, the hau of the forest is its fecundity, as the hau of a gift is its material yield. Just as in the mundane context of exchange hau is the return on a good, so as a spiritual quality hau is the principle of fertility. In the one equally as in the other, the benefits taken by man ought to be returned to their source, that it may be maintained as a source. Such was the total wisdom of Tamati Ranapiri. "Everything happens as if the Maori people knew a broad concept, a general principle of productiveness, hau. It was a category that made no distinctions, of itself belonging neither to the domain we call "spiritual" nor that of the "material," yet applicable to either. Speaking of valuables, the Maori could conceive hau as the concrete product of exchange. Speaking of the forest, hau was what made the game birds abound, a force unseen but clearly appreciated by the Maori. But would the Maori in any case need to so distinguish the "spiritual" and the "material"? Does not the apparent "imprecision" of the term hau perfectly accord with a society in which "economic," "social," "political" and "religious" are indiscriminately organized by the same relations and intermixed in the

⁷⁵ De acordo com Bispo (2015), contracolonial é quem contraria o colonialismo, aquele que é contracolonial é quem carrega o antídoto para o colonialismo.

same activities? And if so, are we not obliged once more to reverse ourselves on Mauss's interpretation? Concerning the spiritual specifics of the hau, he was very likely mistaken. But in another sense, more profound, he was right. "Everything happens as if " hau were a total concept (p. 168).⁷⁶

Em resumo, sobre a configuração campesina da região do Moinho, Tamara Campos (2013, p. 30-31), relata:

Esse contexto social da vida de Dona Flor é marcado pela dinâmica do meio rural ou campesinato, onde as relações familiares, de vizinhança e compadrio vigoram. Essas relações estão baseadas em uma rede de solidariedade, são marcadas pela reprodução familiar, com modos específicos de gerir a herança, a sucessão e a socialização dos filhos (WELCH *et al.* 2009). O Povoado do Moinho se remete a um coletivo rural ou bairro, conforme definição de Cândido, a unidade por excelência da socialidade campesina, isto é, uma rede ampla de solidariedade ligando os moradores de uma vizinhança uns aos outros e contribuindo para a sua unidade territorial (2009). A rede de solidariedade que marca o campesinato reúne vizinhos que prestam serviços em colaboração, além de festejos religiosos que reúnem o coletivo. No entanto, Moinho passou por algumas mudanças, não há a configuração de sítios, as pessoas não trabalham em suas terras, mas em fazendas, casas e pousadas de outros. Além disso, os festejos populares que marcam o catolicismo popular e o contexto rural, agora, reduziu-se com a introdução de uma igreja evangélica, como já falado, única igreja do Povoado. Mesmo com essas mudanças, a dádiva e contra-dádiva, ou melhor, o dom de dar, receber e retribuir (MAUSS, 1974) ainda pautam as relações sociais e os atos de partejar e como cuidadora de Dona Flor.

Nesse lugar, é possível expandir a ideia de reciprocidade com Dona Flor, ela está nas relações com as pessoas, ela está na ideia de dom no sentido de talento, ou “jeito para a coisa” e criatividade, e na fé. Dona Flor gosta de ter gente por perto, a casa cheia, gente para almoçar junto e trabalhar junto. Ela gosta de conversar, de ensinar, de companhia, de fazer piada e rir junto. Mesmo nos momentos em que estava muito doente e que ficava cansada só de colocar para fora algumas palavras ela ainda queria ter gente por perto. Mesmo após a conversa que teve com

⁷⁶ Então, como já havíamos suspeitado, o hau da floresta é sua fecundidade, assim como o hau de uma dádiva é seu rendimento material. Assim como no contexto mundano de troca o hau é o retorno sobre um bem, também como uma qualidade espiritual o hau é o princípio da fertilidade. Tanto em um caso quanto no outro, os benefícios tomados pelo homem devem ser devolvidos à sua fonte, para que ela possa ser mantida como fonte. Essa era toda a sabedoria de Tamati Ranapiri. ‘Tudo acontece como se’ o povo Maori conhecesse um conceito amplo, um princípio geral de produtividade, o hau. Era uma categoria que não fazia distinções, que por si só não pertencia nem ao domínio que chamamos de ‘espiritual’ nem ao do ‘material’, mas que era aplicável a ambos. Falando de objetos valiosos, os Maori podiam conceber o hau como o produto concreto da troca. Falando da floresta, o hau era o que fazia as aves selvagens abundarem, uma força invisível, mas claramente apreciada pelos Maori. Mas os Maori precisariam, em qualquer caso, distinguir o ‘espiritual’ do ‘material’? A ‘imprecisão’ aparente do termo 'hau' não concorda perfeitamente com uma sociedade em que ‘econômico’, ‘social’, ‘político’ e ‘religioso’ estão organizados indiscriminadamente pelas mesmas relações e misturados nas mesmas atividades? E, se assim for, não somos obrigados mais uma vez a inverter nossa opinião sobre a interpretação de Mauss? No que diz respeito às especificidades espirituais do hau, ele provavelmente estava enganado. Mas, em outro sentido, mais profundo, ele estava certo. ‘Tudo acontece como se’ o hau fosse um conceito total. Tradução minha.

a Doutora Andrea, sobre poupar suas energias, Dona Flor ainda queria ter gente por perto, e ter gente por perto está, muitas vezes, relacionado ao trabalho, ajudar a fazer farinha, sabão, faxina, festa, e ao mesmo tempo compartilhar afetos e rir junto, sobre esse modo de ser e fazer as coisas, atentemos para o seguinte diálogo:

Nalu: É eu sei... Chamou!? Nós vem correndo!

Dona Flor: Que eu não tô, eu não tô muito... Aí assim, eu não quero que venha todo mundo de uma vez não, aí vem uma numa semana, outra na outra, outra na outra... 'pra' mim num ficar sem...

Clara: Sem gente?

Dona Flor: É meu povo, então é meu povo! [sic].

A partir desses nós: a amizade (em diálogo com a reciprocidade), o trabalho, a maternidade – que é múltipla, os ofícios de raizeira e parteira, além de todos os outros, lavradora, garimpeira, fiadeira; o conhecimento e a sabedoria que vem com o tempo, o território e o pertencimento a ele e a uma comunidade, que está intimamente formada, desde o princípio junto ao território (Bispo, 2023). Dona Flor cria e nutre relações que são ativadas de modo a alimentarem de volta os próprios nós e fortificando-os e assim possibilitar o crescimento das relações, essas e outras. É o povo dela que ela quer perto, para alimentar a terra, cuidar da casa e alegrar a alma, dando e recebendo, em várias direções, através do tempo. Para mais, essas relações são frequentemente ativadas para cuidar da comunidade e dos outros, através do cuidado consigo e com seu trabalho. Com a noção de amizade, portanto, é possível alargar as possibilidades da reciprocidade.

4.2 “Nós tem um criador dentro de nós que ele cria tudo pra nós, só depende de nós”⁷⁷

[Fé, dom e criatividade]

A reciprocidade pode ser pensada também com princípio da fé, que é diferente do princípio do lucro, como colocado anteriormente com as palavras de Woortmann (1990) levando a fé a sério, como além da reciprocidade, no sentido moral do modo de ser ou substância que permeia o ethos, as relações e construção da comunidade, e aceitá-la, como coloca Dona Flor, como coisa existente mesmo que tem ação.

Todos os dias, entre 16h e 17h, Dona Flor se retirava para ler a Bíblia, eu pude testemunhar um desses momentos certa vez. A todo tempo estávamos com Dona Flor no canto do olho, sua condição de saúde naquele tempo estava bastante frágil, sua falta de força era motivo de grande frustração para Dona Flor e a todo tempo ela insistia em continuar levando a vida que sempre viveu, mas que naquele momento seu corpo não aguentava mais. Nesse dia, eu a perdi de vista, preocupada, procurei-a por todo canto, com medo de que ela tivesse descido para a roça atrás de alguma coisa, acabei encontrando-a sentadinha num canto, com a Bíblia nas mãos, lendo.

Fiquei ali observando e me perguntando o que acontecia ali, dado que ela com frequência declarava não saber ler. Eu percebi que ela sabia, letra por letra, muitos trechos da bíblia, porque sempre os citava quando estava nos oferecendo algum ensinamento, contando alguma história. Na bíblia ela também guarda algumas coisas importantes. A fé é prática, substância e coisa em si que conecta, orienta e materializa as ações, escolhas, vida, cotidiano e relações de Dona Flor. Fé e Deus existem por si só, mas se não for estabelecida uma relação com eles, de cuidado, rezar, trabalhar, agir conforme certa ética, a fé e Deus não tem abertura ou ponto de encontro para agir.

⁷⁷ Dona Flor (2023).

Foto 37 – Dona Flor lendo a Bíblia



Fonte: autoral

No sentido prático, por exemplo, a fé e os momentos que ela premedita e organiza, como as novenas, folias, casamentos, enterros e outros rituais são oportunidades para as pessoas se reunirem e trocarem uma diversidade de coisas, afetos, informações, alimentos, presentes, produtos, cuidados, presenças, conhecimentos, a própria fé, *etc.* No caso das novenas, por exemplo, cada família tem uma tradição que normalmente é guardada pela matriarca desse núcleo.

Antigamente, descreve Dona Flor, cada casa tinha um altar para o Santo guardado por aquela família, altares que eram visitados e cultuados, na época do festejo de cada santo, a igreja era enfeitada para o mesmo, recebendo rezas diárias por vários dias, até a última missa, após a qual eram oferecidas, com fartura, comidas para os devotos que ali estavam. Biscoitos tradicionais como o quebrador, a peta, o pão de queijo, bolos diversos, uma quantidade de frutas da região, plantadas ali, colhidas das hortas e pomares ou coletadas no cerrado. Tudo isso era produzido em conjunto, agregando pessoas antes, durante e após o festejo, que partilham comida, afeto, conhecimento e fé.

O cuidado com a Igreja Católica da comunidade também é um exemplo de outros sentidos da fé e devoção de Dona Flor, ela foi, durante muito tempo a guardiã da Igreja, organizava o festejo do Sagrado Coração de Maria, fazia as roupas para as crianças que caminhavam na procissão, decorava a Igreja, confeitava *etc.* A dedicação de Dona Flor à Igreja Católica permaneceu ainda depois de ela se converter para a igreja evangélica. Ela reformou o telhado da igreja, por exemplo, garantindo que a grama em volta dela estivesse sempre aparada, e o jardim quando possível, florido.

O fato de ela continuar se dedicando à Igreja Católica mesmo quando se declara evangélica vai ao encontro com os valores de união e respeito que ela reitera com constância, e que desengessa a fé de uma prática específica e restrita. A fé, com Dona Flor – essa força que garante que as coisas aconteçam, que as sementes que jogamos no mundo nasçam e deem frutos, esse lugar onde as pessoas podem exercer esse cuidado com o outro, e consigo – é para todo mundo, afirmação que Dona Flor faz frequentemente acompanhados de citações bíblicas, como no exemplo a seguir.

Dona Flor: Mas o povo aqui é... eles vêm falar para mim que eu sou eu sou crente, que eu não posso estar ajudando católica, ajudando espírita, ajudando isso e aquilo. Eu digo, não, crente até o diabo é. Eu sou uma serva de Deus. Eu sou serva é para servir todo mundo. não tem estrela na testa não, não vem que não tem. Na Bíblia não está escrito separação não, divisão não. Na Bíblia está escrito união. Ôceis nunca leu a bíblia, ninguém lê.

Eu saí daí não foi porque ninguém mandou embora não porque eu vi que não era mais meu lugar, que lugar de mentira e calúnia não me cabe. Mas eu nunca vou deixar de tratar bem uma pessoa que ele é espírita porque ele é Buda, porque ele é branco, porque ele é pequeno porque ele é grande, não! Comigo não tem essas coisas não? Tudo é de Deus. Nós somos como o mundo, nós somos coloridos, então a pequena e a grande. Isso é nós.

O povo que quer dizer que não fulano é baixinho. Tem isso não. Fulano é preto, fulano é marrom, fulano é louro, fulano é branco. Para mim tudo são bem-vindos. “É, mas você não pode fazer isso”. Eu digo: “eu posso, eu nunca li na bíblia ‘pra’ discriminar as pessoas. Nunca. No tempo que eu dava conta de ler a bíblia, eu nunca achei essa palavra. Ele manda é unir. Separação não é de Deus não.

A Bíblia disse assim: sim, sim; não, não. Se eu peço a mão para te fazer mal eu corto. Mas cortar a mão é para cortar? Não, é para separar o bem do mal. Mas eles acham que xingar uma pessoa que expulsar a pessoa da porta da gente, discriminação é que é agrada Deus, não é não! Negócio de fulano é de tal igreja não pode ir na minha igreja. Fulano é de outra igreja, eu não vou porque não é da minha Igreja. Não tem isso não!

Quando Deus veio ao mundo, com os discípulos dele, ele não falou com Pedro mais Paulo que não era para entrar na casa de palha não. Na onde ele ia os discípulos iam. Onde ele deitava os discípulos se deitavam. E por que que hoje tá essa putaria? Que Fulano que Fulano é da Assembleia. Não pode ir na igreja católica? [sic].

Tudo é de Deus. Essa parte da fé permeia a ação acolhedora de Dona Flor, uma orientação moral, que agrega, que cuida. E que alimenta Dona Flor em seu espírito. Não esqueço de um dos domingos em que estivesse com ela, quando as irmãs⁷⁸ da Igreja Cepro Deus visitaram Dona Flor, elas vinham recolher o dízimo e trazer a comunhão para Dona Flor em casa, dado que ela não conseguia mais se deslocar até a Igreja, que não ficava nem um quilômetro de distância. Dona Flor mudou de roupa como fazia cedo, todas as manhãs, vestiu uma saia de lã, de cintura alta, rodada com um padrão quadriculado em tons de laranja.

Ela e as outras duas mulheres se reuniram em roda, uma das mulheres pregou um sermão e em seguida as três começaram a cantar. Eu chorei ao ver a força do canto de Dona Flor, que já respirava com dificuldade todos os dias e noite, tendo de recorrer ao tanque de oxigênio às vezes mais de uma vez por dia. Dona Flor se alegra muito em cantar e o fez até o último momento em

⁷⁸ É prática, dentre as pessoas da Cepro, se chamarem de irmãs, irmã Deija, Irmã Flor, Irmã Neide *etc.*

que pode, quando já não era mais possível, Deixa cantava para ela, seus hinos preferidos.

À Deus, Dona Flor também atribui não só o conhecimento e a prática moral, mas também o conhecimento sobre a vida, as coisas, as plantas e o parto. Neste lugar, a fé se mistura com o dom enquanto talento, o qual quem provém é Deus, portanto é uma dádiva. É possível identificar esse entendimento de Dona Flor quando ela conta sobre o parto fatídico de sua mãe, a partir do qual iniciou sua caminhada como parteira. “Bota ela no joelho”, foi o que lhe disse uma voz, quando ela clamou por Deus sem saber o que fazer para salvar a vida de sua mãe. Não só em momentos críticos essa comunicação com o divino se manifesta. Dona Flor criança, por exemplo, seguia um instinto, ou intuição ao escolher as plantas que colhia no Cerrado quando ia passear com a avó, a escolha era baseada nesse diálogo com o divino, além de outros fatores.

Dona Flor: O Espírito Santo é quem ensina. Homem não ensina ninguém não, se ele sabe é porque o espírito santo ensinou ele. Porque a maioria dos médicos trabalha para ganhar dinheiro, não é para ganhar a vida não. **E eu não, eu trabalho para salvar vida.** As pessoas ficam “Ah, porque a senhora é muito boba, nunca vê de ganhar dinheiro. Gasta dia, gasta noite. Eu falo não, não fico com isso de ganhar dinheiro não. O dinheiro bendito é o dinheiro que vem na minha porta. Qual é o boletim que eu tenho? Não tenho nenhum boletim para dizer assim que eu estudei 6 meis? Eu vou bater papo, ah por que eu sou parteira eu sei ler eu sei escrever? Eu não sei é nada. O que eu tenho que fazer, **o que eu tenho que fazer vem na hora é agora e pronto.**”⁷⁹ [sic].

Paralelamente, na perspectiva de Tamara Campos (2013) é comum que essas guardiãs de saberes ancestrais, terapeutas tradicionais ou populares, na maioria das vezes, tem certa elevação espiritual, assim Dona Flor (2013) a relatou que, às vezes, ela escuta vozes que a orientam no seu ofício terapêutico:

Essas vozes que eu escuto são avisos, não é sempre que eu escuto. Eu escuto quando é mais urgente, quando tem mais necessidade. Porque quando tá ‘pra’ chegar uma pessoa aqui em casa doente, que vai dar preocupação ‘pra’ mim eu escuto uma voz falar comigo, me chamando. Eu saio ‘pra’ ver quem é aqui na porta e não tem ninguém. Eu entro em casa e a pessoa fala: ‘cuidado!’ Foi o dia que veio uma mulher aqui e eu briguei com ela. Outros [vozes] falam: ‘prepara!’ Quando fala prepara eu sei que é doença. Outro dia, eu tava dando um curso aqui, antes das pessoas chegarem pra fazer entrevista veio a voz e falou assim: ‘prepara!’ Aí eu já preocupei e falei: ‘ó meu Deus o que será?’ Isso mexeu comigo, me abalou muito, não conseguia dormir. Aí fiquei sabendo que a velhinha morreu, a mulher mais velha aqui do Moinho. Quando foi um outro dia, me chamou de novo e falou: Dona Flor? Eu vim correndo, quando vi não tinha ninguém lá no portão. Aí eu falei: ‘ai meu Deus quem é que me chama e não aparece, não manifesta e não fala nada?’ Mas a voz falou: cuidado! Quando foi mais tarde chegou um homem aqui. Eu sempre escuto essas duas palavras: prepara e

⁷⁹ Grifos meus.

cuidado. Quando eu escuto ‘prepara’, eu sei que é gente que vem encher meu saco. Quando é cuidado eu sei que é doença. Então, nesse dia, chegou um rapaz aqui com um buracão na perna, leishmaniose, tudo comido. Eu fiz curativo na perna dele, coloquei um remédio. Ele ainda não tinha feito exame, mas eu já sabia que era leishmaniose. Ele fez o exame e deu e o meu Médico [Deus] já sabia (2013, p. 37).

Tanto a fé é agência que foi por causa dessas vozes, que a orientam, Dona Flor parou de realizar partos:

O último parto que eu fiz eu lembro foi dia 13 de janeiro de 2008 eu levando a criança pro colo da mãe a voz falou comigo: ‘para!’ Aí eu perguntei pro pai do bebê: ‘Daniel, você falou alguma coisa comigo?’ Aí ele: ‘não!’ Aí eu me perguntando quem tinha falado isso comigo. Quando eu tornei pegar o bebezinho no colo a voz falou comigo: ‘para!’ Aí eu falei comigo: ‘eu não vou fazer parto mais não’. Aí eu não fiz mais, hoje eu só dou curso pra quem quiser ser parteira (Campos, 2013, p. 31).

Desse modo, Dona Flor coloca a fé em prática, para alimentá-la, cuidá-la e fazer com que essa conexão se mantenha presente e constante. Isso pode ser percebido durante o tratamento com a lavagem intestinal, o enema. Na primeira vez em que ouvi Dona Flor ensinar sobre isso foi no curso de enema terapia que frequentei no ano de 2018. Ela nos explicou que a terapia cuida, não somente do intestino, mas também da alma, da mente, do coração, do sentimento, do espírito. Por isso, é preciso seguir os passos ritualísticos de limpeza espiritual, de si e do ambiente, acendendo incensos, vestindo branco, montando um altar, antes de se aplicar o enema. Juliana Watson (2016, p. 100-101) traz uma reflexão similar:

O enema, um dos principais tratamentos utilizados por Dona Flor, como ela ensina, é uma limpeza espiritual. Corpo e espírito não são coisas desconectadas, funcionam de forma diferente, mas em conexão:

É difícil nosso organismo, muito sensível, o que passa no nosso organismo é o que passa na nossa cabeça. O estômago trabalha de uma maneira, e o espírito trabalha de outra maneira. O estômago ingere as porcarias que a gente come, e o espírito fica trabalhando pra limpar (Dona Flor, 2015).

Ela também ensina pra quem vai aplicar o enema que tem que preparar também o espírito: ‘gente, se vocês não tiver diboa mesmo, não vai mexer com isso não que não dá certo, a energia da pessoa passa pra vocês’.

As sabedorias e informações que Dona Flor recebe de Deus também vêm em formato de sonho. Às vezes os sonhos são simbólicos e trazem mensagens de Deus para que quem sonha possa lidar com alguma coisa que acontece consigo. Deixa, filha de Dona Flor, carrega esse dom consigo, ela me contou de um sonho que teve na época em que estava confusa sobre sua vocação para Doula e/ou Parteira, ela sonhou com uma montanha e uma vaca que estava parindo, ela tomava coragem e auxiliava no parto da vaca, depois carregava o bezerro como um neném,

salvava a vida dos dois, vencendo seus medos em relação ao parto. Ao final do sonho a vaca vira uma estrela, como que abençoando Deija e seu trabalho como doula e – talvez – parteira.

Deija: Aí era um lugar baixo, mas em cima tinha uma serra muito alto assim, era tipo essa serrona assim, cheia de pedra, cheia de coisa. E eu tava num lugar mais afastado um pouco do fundo, tá certo? E eu olhava para Serra para o barranco. Tinha uma vaca lá deitada. Aí eu olhava de novo a vaca tava querendo ter neném, bezerrinho. Só que o bezerrinho vinha amarrado no cordão umbilical. Descia, descia, descia. A vaca lá em cima o bebê ca embaixo, estava grudado no cordão. Aí eu olhava e ficava desesperada. Eu falava assim gente a vaca tá tendo neném e tá grudado no cordão. Eu ficava vendo que ela ia cair lá de cima, ia matar o bebê sabe, eu tinha que fazer alguma coisa, aí eu me aproximei. (...) aí eu chegava lá e eu tenho eu tinha muito medo de cortar o cordão, né? Eu não tinha coragem eu tinha medo. Só que quando eu sonhei esse sonho eu já tinha cortado um cordão que era do Henrique.

Aí eu falava assim: eu preciso cortar esse cordão umbilical. Para pegar o bebê, né? Porque eu vi que ela podia cair, a vaca que tava deitada lá na serra. Agora você vê que sonho mais doido, aí eu pegava e cortava o cordão, não lembro com o que, se era com tesoura se era faca. Eu cortava o cordão, pegava um bebezinho para mim o bezerro né? Aí eu saía toda feliz, quando eu olhava para o céu a vaca subiu para o céu a vaca subiu para o céu chegou lá no céu. Ela virou uma estrela bem grandona [sic].

Outros sonhos são premonitórios mesmo, os sonhos revelação, como a vez que Dona Flor sonhou com um chegado seu sendo emboscado ao percorrer a estrada que conecta Alto Paraíso e o Moinho. É por causa de situações como essa que os sonhos de Dona Flor são valorizados e respeitados na comunidade, são parte da sabedoria, dos ensinamentos e dos conselhos da Mestra.

Dona Flor: Aí Sanvara me pediu, mandou ele comprar não sei o que, ou buscar não sei quem. Acho que era buscar uma amiga dela lá. Ele falou “[03:21] e agora como é que eu faço? Pra mim falar não, não posso falar”. Foi. Quando chegou ali tem a primeira ponte que vem de lá pra cá e tem a segunda né. Quando chegou ali depois da segunda ponte, foi que eu sonhei com as duas mulher e um homem, pedindo a carona. E eles, dois foi pra um lado da estrada e um foi pro outro lado.

Aí diz que eles, no sonho ele parou, ele parou quando eles se aproximou dele, pediu carona e ele falou que não podia não. E ele foi, depois saltou pra lá diz que eles alcançou ele. E ele foi, foi, foi, sumiu deles, no sonho. Quando foi, ele diz que ele foi daqui pra lá, verdadeiramente a viagem dele mesmo, aconteceu certinho.

Clara: É?! Mas ele não deu carona não?

Dona Flor: Ele alembrou, ele parou, depois ele alembrou. Ele alembrou do sonho que eu tinha sonhado com ele. Ele parou, depois alembrou. Esse povo tava correndo da justiça, polícia. Eles ia tomar o carro dele e ia embora. E ele ia ficar a pé. Ele disse que quando ele alembrou do que eu tinha falado pra ele, que o sonho estava encaixadinho que eu falei, ele falou que não podia não que estava com pressa o carro tava cheio. Quer dizer que ele tava sozinho, mas atrás tava cheio, não tinha jeito.

Ele disse “gente, mas, como é que mãe Flor faz umas coisas dessa, fala umas coisas dessa”. E agora? Agora ele entrou no medo, não queria voltar. De lá eles voltou, nem chegou na cidade, o povo que tava atacando carro, foram embora pra Nova Roma. Voltou pra Nova Roma. E foi a viagem dele e ele voltou.

Quando ele voltou, ele passou aqui e falou comigo assim, “quase que o negócio, mas seu

santo é forte”. Ta bom, falei, “pois, é, tá bom, enquanto cê acreditar tá livre do perigo” [sic].

À Deus é atribuída não só a informação que vem como intuição ou sonho. O dom também é dádiva de Deus. Sendo ele importante para mostrar caminhos e guiar seus mantenedores através da jornada de alimentar e perseguir esse dom, dar vida a ele. Ser parteira, por exemplo, não é para qualquer um, é preciso ter dom, como certa vez Dona Flor me explicou, ela, também por conhecer o ofício sabia bem identificar esse dom nas pessoas, estando certa, na maioria das vezes. Importa reforçar que não basta nascer com o dom, mas é preciso desenvolvê-lo em combinação com a prática, o estudo, a experiência e a criatividade, além disso o dom é frequentemente ativado em momentos críticos, acasos e coincidências favoráveis, como Dona Flor relata a seguir.

Clara: Eu não sei se eu tenho vocação assim.

Dona Flor: Eu sei que você não tem coragem, você vai ser uma bela doula, mas parteira eu nunca vou chamar ocê ‘pra’ ser parteira. Você não tem dom, você tem medo. Juliana também tinha medo, mas ela tem dom. E é uma bela parteira aquela dali.

Dessas parteiras todinhas aí, ela é a primeira, ela fez um parto, o primeiro parto da Luana, pela sorte dela ela chegou aqui eu tava mal, mal, e tava com essa Luana aí ‘pra’ parir. Eu já tava preparada ‘pra’ Félix me levar pro Alto Paraíso. Aí eu falei Deixa, um menino chorou aqui na minha cama, e eu não vou ‘pra’ Alto Paraíso não. Para mim era Luana. “não é não mamãe, apronta senhora aí que é nós mesmo” [sic].

A Fé, portanto, ainda em diálogo com Mauss, como o *hau* pode ser essa força que orienta a reciprocidade, tanto na prática como nos momentos de organização da coletividade para organizar junto os festejos, nos quais dádivas são distribuídas, quanto como substância moral, ou ética que orienta princípios, ou com agência que atua sobre esses princípios em diálogo com aqueles que alimentam a fé.

Assim como colocou Sahlins (1974), a fé/*hau* pode ser tanto tudo como somente um ou até mesmo nem um desses princípios, em combinações diversas. Ainda assim, ela existe e atua com o princípio da reciprocidade, mas, aqui em Dona Flor, não somente, porque com ela, a fé e Deus são lugar e provedores de conhecimentos outros, sobre remédios, para conselhos, ou até por sonho, para receber avisos sobre acontecimentos específicas, ou para apreender ensinamentos sobre questões mais individuais, do subconsciente.

Em todos esses lugares, Dona Flor nos ensina, mora Deus. Para mais, essas dádivas de Deus não podem ser objeto de comercialização, por isso também que Dona Flor não cobra pelos

partos, ou pelas consultas, mas cobra pelos remédios e pelas aplicações de Enema, porque esses, ela aprendeu com outras pessoas, ainda que o critério para diferenciar dom/dádiva de estudo/conhecimento adquirido, Dona Flor caminha por essa complexidade negociando essas fronteiras e agindo conforme a lógica da reciprocidade por entre sua fé e dom.

Por sua vez, ao dom então é possível vincular a ideia de criatividade a qual Dona Flor confere grande importância para aqueles que querem desenvolver seu talento, perseguir sua vocação e criar sua vida. Dona Flor considera sua filha Deija, uma pessoa muito criativa, como ela, inventa e faz a vida acontecer com o que tem disponível, sabendo aproveitar as oportunidades que se apresentam. Para Dona Flor, Deija é assim desde que estava em sua barriga, dado que antes mesmo de nascer já defendia seu espaço e fazia as coisas sem Dona Flor perceber, a exemplo da própria concepção, porque Dona Flor só percebeu que estava grávida quando Deija já morava em sua barriga há 5 meses. Ela, antes de nascer, já enganou a mestra parteira.

Dona Flor: Uma hora dessa ela bateu na minha barriga e doeu. Eu olhei, a cabecinha dela, botei a mão em cima, o coquinho dela. Eu falei “Meu deus do céu”, **essa aqui dá nó ni goteira mesmo**, meu Deus, que que eu faço agora? [sic].

A produção de sabonetes artesanais de Deija é uma outra conquista da filha que Dona Flor atribuiu ao dom e à criatividade. Dona Flor se identifica com Deija, ou identifica a filha consigo mesma. Fato é que, alguém ensinou Deija a fazer as bases para o sabonete, uma viajante que Deija ajudou e que retribuiu o acolhimento com o que podia oferecer. Deija não precisou ver a receita mais de uma vez. Na primeira vez fez para aprender, seguindo a receita original. Depois dessa começou a combinar ervas do cerrado, plantas e frutos do quintal, óleos essenciais, argilas da região, criando um cardápio de sabonetes que se renovam constantemente e fazem muito sucesso.

Foto 38 – Produção de sabonetes da Deija



Fonte: autoral

Dona Flor fala com orgulho sobre a produção da filha, que não parou com os sabonetes, hoje conta também com outros diversos produtos como shampoos, hidratantes, repelentes, desodorantes, *etc.* os quais ela submete ao mesmo processo criativo, modificando e incrementando a receitas, combinando as bases com aquilo que o Cerrado e o quintal oferecem, conhecendo as propriedades medicinais dessa dádiva, ao mesmo tempo em que alimenta o quintal para dar conta de sua produção, ano passado mesmo começou a colher maracujá de sua própria produção, um pé lindo, do qual Deija tem muito orgulho, que é muito bem cuidado e sempre farto.

É assim que criatividade, combinada com a prática, a experiência e a fé são substância de alguns dos pilares que sustentam a vocação e o conhecimento produzido e acumulado por Dona Flor e aqueles que estão ao seu redor, uns mais próximos que outros. Um conhecimento ancestral

que é atualizado em vida. Um tipo de conhecimento que ela contrapõe ao que ela entende como aprendido na escola, através do estudo formal. Dona Flor diz, “o que eu tenho que fazer, o que eu tenho que fazer **vem na hora** é agora e pronto”. A criatividade e a intuição parecem o elo, ou canal pelo qual o humano se conecta com o divino e o faz transparecer:

Dona Flor: Nós tem um criador dentro de nós que ele cria tudo ‘pra’ nós, só depende de nós [sic].

Por mais que eu acione a imagem de elo ou canal, a relação entre criador e criatura parece muito mais simbiótica – nos ensinamentos de Dona Flor – do que essas imagens possibilitam visualizar. Deus e a pessoa não estão separadas, mas é preciso cuidar da fé, nutrindo Deus dentro de si, estreitando a conexão e a comunicação para que a criatividade, a intuição e o conhecimento saiam de dentro e possam ser oferecidos para o mundo. Melhor ainda se forem utilizados de acordo com o que a fé premedita, para que o fluxo se retroalimente. Nota-se que, dada essa simbiose, podemos questionar raciocínios que levam a desacreditizar alguém como Dona Flor, já que o que ela sabe é por causa de Deus, seria fácil concluir que Deus na verdade é o responsável pela conquista. Mas a manifestação da vontade de Deus, por assim dizer, só é possível por causa da agência de Dona Flor, é o Deus que mora dentro dela, que ela desperta e que é portando dela, ou ela mesma.

Enfim, com Dona Flor percebo operar a lógica da reciprocidade através de diferentes dádivas, que podem vir em diferentes formatos, texturas e dimensões (sonhos, vozes, Bíblia, plantas). Essas dádivas estão frequentemente imbricadas com e na fé, que tanto é reciprocidade em si, como é orientada pela mesma e ainda, transborda-a. Correndo o risco de trazer informações que não se encaixem exatamente naquilo elaborado pelos autores que trouxe para trabalhar comigo os conceitos dessa seção, ao colocar o assunto da dádiva para Dona Flor, é o reino da fé é ativado, este, por sua vez traz ainda outras dimensões que caminham em direções diferentes das organizadas pela primeira.

4.3 “Eu gosto de plantar. Eu gosto de colher, eu gosto de comer, gosto de dar”⁸⁰

[O Cuidado]

A intenção em passar a falar de cuidado, depois de falar de reciprocidade/fê é porque o cuidado ajuda a aprofundar as reflexões que se dão no âmbito da reciprocidade enquanto ética, e a ética enquanto o saber fazer, o como. Portanto, qual a medida em que o porquê (lógica da reciprocidade) vai se tornando um como (cuidado e sua ética); um fluxo que vai e volta entre o porque e a maneira como as coisas acontecem tendo, em cada ponta de seu trajeto a reciprocidade e o cuidado, que se misturam e invertem papéis por diversas vezes, se complementando.

Cuidado é uma palavra que vive na minha boca, soa abundantemente nos meus ouvidos e que me atravessa com frequência mais que cotidiana. Em campo, então, principalmente em volta da saia de Dona Flor essa palavra é semeada, nutrida, colhida, podada a todo momento, recebendo significados e valorações diversas, habitando contextos conflitantes e paradoxais, sendo fagulha de pensamento, devaneio e elaboração para mim, a todo tempo.

Quando trouxe essa palavra– em tom de pergunta – para Deija, ela logo respondeu no sentido da ação que tem a palavra: “Não é muito difícil falar de cuidado porque eu – a vida toda – eu sempre cuidei das pessoas que onde eu trabalhava, das pessoas ao meu redor, eu sempre cuidei”. Ao ouvi-la, um sentimento engraçado me arrebatou, como se eu tivesse feito uma pergunta boba, um autojulgamento porque não previ essa resposta, que me soou tão óbvia. Não no sentido de fazer pouco caso da resposta, mas mais como um alter ego meu, me cutucando e dizendo “mas é claro né, Clara, cuidado é ação, e existe” e sorrindo no canto da boca.

Porque o cuidado está em todo o canto. Cuidado com a casa, cuidado com a roça, cuidado com os bichos, cuidado com os filhos, cuidado com os achegados, cuidado com os adotados, cuidado com os doentes, cuidar dos que precisam, cuidar para que os remédios saiam bem feitos, cuidar das visitas, cuidado ao entrar no mato, cuidado com a cobra, com a abelha, cuidar das galinhas, dos porcos, cuidar para não cair da árvore, cuidar dos vizinhos, cuidado com a comunidade, cuidado para a comunidade, cuidar do passado, cuidar no presente, cuidado para o futuro, cuidado em pesquisa, cuidado com a pesquisa, cuidado com os pesquisados, seus

⁸⁰ Dona Flor (2023).

interlocutores, minhas amigas, mães, avós, cuidadoras, cuidar das mulheres. Cuidar para que as plantas cresçam, cuidado na hora de arrancar os remédios, cuidar do Cerrado, das águas, das crianças.

Foi cuidando da louça, tomando de conta dela que eu fui conseguindo me ambientar na casa de Dona Flor, e foi porque Dona Flor cuidou da minha mãe, quando eu nasci, que eu a conheci. Cuidar costura a minha relação com ela, com Deija, com o Moinho e com o sentido da antropologia para mim, nessa pesquisa. Cuidar, contribuir, ajudar, retornar, devolver, criar. Para se criar as crianças também é preciso cuidado, cuidar dá trabalho, cuidar cansa, cuidar exaure, drena energia. Além de dar trabalho, é preciso trabalhar para cuidar. Criança dá alegria e pode trazer preocupação, tristeza, desgosto, no caso de Dona Flor, também sempre muito amor e esperança.

O cuidado vem sendo pensado por teóricas feministas em diferentes formas e áreas do conhecimento, em termos de ética, prática, divisão do trabalho, saúde, ecologia, dentre outros. A intenção aqui, não é a de se discutir extensivamente sobre o que é ou não cuidado, nem escolher uma definição específica que englobe o cuidado a partir de Dona Flor, como diz Bellacasa (2017), o “cuidado significa todas essas (muitas) coisas e coisas diferentes para pessoas diferentes em situações diferentes”, tomando essa multiplicidade como imperativa, faço da escolha da autora a minha, e opto por abarcar o cuidado, com Dona Flor, de maneira “especulativa e exploratória”, e seu significado para a vida de Dona Flor. Para mais, a fim de trazer alguma substância teórica para o leitor, reproduzi aqui algumas definições de cuidado, que não se esgotam, mas ilustram a diversidade de possibilidades com que dialogo:

Care, caring, carer. Burdened words, contested words. And yet so common in everyday life, as if care was evident, beyond particular expertise or knowledge. Most of us need care, feel care, are cared for, or encounter care, in one way or another. Care is omnipresent, even through the effects of its absence. Like a longing emanating from the troubles of neglect, it passes within, across, throughout things. Its lack undoes, allows unraveling. To care can feel good; it can also feel awful. It can do good; it can oppress. Its essential character to humans and countless living beings makes it all the most susceptible to convey control. But what is care? Is it an affection? A moral obligation? Work? A burden? A joy? Something we can learn or practice? Something we just do? Care means all these things and different things to different people, in different situations. So while ways of caring can be identified, researched, and understood concretely and empirically, care remains ambivalent in significance and ontology.⁸¹

⁸¹ Cuidado, cuidando, cuidadora. Palavras carregadas, contestadas. Ainda assim, tão comuns na vida cotidiana, é como se o cuidado fosse natural, para além de alguma expertise ou conhecimento particular. A maioria de nós precisa

Bellacasa (2017, p. 1)

In the most general sense, care is a species activity that includes everything we do to maintain, continue and repair our world so that we may live in it as well as possible. That world includes our bodies, ourselves and our environment, all of which we seek to interweave in a complex, lifesustaining web ⁸² (Tronto; Fisher, 1990, p. 35 - 62).

a range of activities and relationships that promote the physical and emotional well-being of people “who cannot or who are not inclined to perform these activities themselves (Yeates, 2004, p. 69-91)⁸³

Como então escolher um exemplo só do cuidado com Dona Flor, qual é o primeiro relato a ser colocado aqui para falar de cuidado **com, para e** desde a Dona Flor? Cuidados com o recém-nascido? Cuidados com a recém parida? Cuidado com a gestante? Cuidado com a criança? Cuidado com a alimentação? É do meu entendimento que Dona Flor começou a ficar conhecida primeiro como parteira, além disso, se orgulhava muito, num nível mais pessoal de ser mãe e de ser parideira, coisas diretamente proporcionais para ela, quanto mais parideira mais mãe, quanto mais mãe mais parideira, sem necessariamente definir outras experiências de maternidade como inferiores ou superiores.

Como os agenciamentos da teoria do cuidado são abundantes quando é para falar do reino da maternidade, ser mãe está social e historicamente relacionado com ser mulher, gestar, parir. Ser ou tornar-se, mulher e pensar desde esse lugar fez nascer as teorias feministas, e é dentro do feminismo que se começou a pensar o cuidado, mas sem naturalizá-lo, pensando-o como também dentro de uma relação histórica de política da divisão social do trabalho baseada no gênero, um

do cuidado, sente o cuidado, é cuidada ou encontra o cuidado em uma ou outra forma. O cuidado é onipresente, inclusive através dos efeitos da sua ausência. Como um sentimento de falta que emana dos efeitos da negligência, ele passa dentro, através, por todas as coisas. Sua falta desfaz, permite que se desemaranhe. Cuidar pode nos fazer sentir bem; também pode nos fazer sentir péssimos. O cuidado pode fazer o bem; também pode oprimir. Seu caráter essencial para os seres humanos e os inúmeros seres vivos faz com que todas sejam suscetíveis a ceder a esse controle. Mas o que é o cuidado? É um afeto? Uma obrigação moral? Trabalho? Um fardo? Uma alegria? Algo que podemos aprender ou praticar? Algo que simplesmente fazemos? Cuidado significa todas essas coisas e coisas diferentes para pessoas diferentes, em situações diferentes. Assim, embora as formas de cuidado possam ser identificadas, pesquisadas e compreendidas concreta e empiricamente, o cuidado permanece ambivalente em seu significado e ontologia. Tradução encontrada em Puig de la Bellacasa, Maria, Ana Gretel Echazú Böschemeier, Cíntia Engel, Lucrecia Raquel Greco, e Helena Fietz. 2023. “O Pensamento Disruptivo Do Cuidado”. *Anuário Antropológico* 48 (1):108-33.

⁸² No sentido mais geral, o cuidado é uma atividade própria da espécie que inclui tudo o que fazemos para manter, continuar e reparar nosso mundo, de modo que possamos viver nele da melhor forma possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso ambiente, todos os quais buscamos interligar em uma teia complexa e sustentadora da vida. Tradução Minha

⁸³ Uma gama de atividades e relações que promovem o bem-estar físico e emocional de pessoas "que não conseguem ou não estão inclinadas a realizar essas atividades por conta própria". Tradução minha

trabalho não pago, que é imprescindível para a sustentação do capital e que não é valorizado, como coloca Alba Carosio (2014, p. 3).

Mirando bien descubrimos que el ámbito público no puede sostenerse sin el ámbito privado, y es allí donde a partir del contrato sexual (originário y oculto) las mujeres proveen cuidados para la vida y dan soporte al individuo abstracto que concurre a la sociedad civil. El contrato sexual legitima la subordinación de las mujeres, la división sexual del trabajo y la explotación del trabajo femenino, además pone todo esto en el ámbito privado natural y hace invisible el soporte que proporciona a la vida pública, manteniéndolo em una posición políticamente irrelevante. El contrato sexual es el fundamento del patriarcado⁸⁴.

Quando nasceu, como sua mãe, as parteiras e as mulheres mais velhas da época, gostam de falar, Dona Flor teve o cuidado de nascer bem rápido, para não infligir dor à sua mãe, que tinha tido um primeiro parto muito sofrido. Na sua primeira infância, quem ela considera como a sua maior cuidadora foi a avó, a primeira a lhe ensinar sobre as coisas do mato, e a quem pedia refúgio porque não queria se submeter a uma relação com seu pai que a fazia mal. Quando seu pai foi embora, aos 11 anos, sua mãe queria que ela cuidasse dos irmãos, tarefa que ela rejeitou, e substitui o cuidado do trabalho doméstico pelo cuidado do trabalho que traz o sustento material (no sentido de necessidades imediatas para a vida, alimento e moradia, vida camponesa). Ela foi para a roça trabalhar e trazer o “pão de cada dia”.

Dona Flor: E, aí já era, cabou. ‘pra’ ela o mundo cabou. Eu que levava o pão de cada dia ‘pra’ casa. Eu que agasalhava os meninos. Quando ela queria visitar a mãe dela eu ficava com os meninos ‘pra’ ela ir, aí ela arrumava uma senhora amiga dela ‘pra’ dormir lá em casa mais eu, ‘pra’ ajudar com os meninos, que era muito [sic].

Ela cuidou da mãe e dos irmãos enquanto aprendia a cuidar da roça, concomitantemente, estando na roça e no Cerrado, assim, ela aprendeu com as plantas do Cerrado, com sua avó, com João Bernardes, com Deus e consigo mesmo, a cuidar e usar as plantas do Cerrado para cuidar da saúde dos outros. A primeira vez em que colocou esses conhecimentos na prática do cuidado foi quando fez aquele chá para a sua avó, que teve um resfriado forte, e para ela mesma, que percebeu estar adoecendo junto com a avó. João Bernardes a ensinou a usar as plantas para fazer

⁸⁴ Ao observar com atenção, descobrimos que o âmbito público não pode se sustentar sem o âmbito privado, e é ali que, a partir do contrato sexual (originário e oculto), as mulheres fornecem cuidados para a vida e dão suporte ao indivíduo abstrato que participa da sociedade civil. O contrato sexual legitima a subordinação das mulheres, a divisão sexual do trabalho e a exploração do trabalho feminino. Além disso, coloca tudo isso no âmbito privado natural e torna invisível o suporte que fornece à vida pública, mantendo-o em uma posição politicamente irrelevante. O contrato sexual é o fundamento do patriarcado. Tradução minha.

emplastos, chás e banhos quando cuidava dos pés dos trabalhadores, que apresentavam casos amenos e graves de frieiras com frequência.

Na fazenda dos Bernardes, e com seus próprios irmãos, Dona Flor começou a aprender sobre os cuidados com recém-nascidos e crianças, aprendeu a dar banho, vestir, alimentar, educar. Nesse ritmo, ela percorreu seu caminho, até os 19 anos, quando o Dom de parteira despertou e ela cuidou e salvou a vida de sua mãe e sua irmã que nascia, Mirian. O trabalho da parteira envolve conhecer a mulher, a grávida, as pessoas que a acompanham, histórico da família, ouvir sobre os sentimentos e angústias das mulheres, aconselhar, acompanhar, apoiar, dar segurança às mulheres.

Ela recomenda cuidados com a alimentação, atividades, sentimentos a evitar ou a incentivar, chás que são bons, banhos que são ruins, garrafadas específicas para grávidas, recomendações sobre como se vestir a fim de evitar friagem e vento, dentre outros. Além das recomendações, análises, sugestões e conselhos, a parteira Dona Flor deve visitar suas grávidas. Certificar-se de que tudo corre bem em sua casa, auxiliar, se preciso, nas atividades domésticas para que a grávida não faça muito esforço. Ele se aplica às paridas⁸⁵, depois que o parto acontece a parteira continua cuidando das mulheres e das crianças, orienta sobre amamentação, cuidados com o bebê, auxilia com atividades domésticas mais uma vez, durante o período de resguardo. Ela cozinha comidas boas/saudáveis para quem pariu, pirão, galinha caipira, gergelim, dentre outros, faz banhos de rosa maná para o bebê e para a mãe, ou de picão, ou rosa branca.

⁸⁵ parida “1. Fêmea que pariu, que deu à luz recentemente [...]” (Aulete, 2024).

Foto 39 – Deija segurando rosas maná



Fonte: autoral

Depende do que ela percebe ser necessário para aquele par, para aquela família, para aquela casa, em termos de saúde do corpo, mas também do espírito, da alma e do sentimento, todos esses precisam ser cuidados para que as pessoas e os ambientes estejam prósperos e férteis para o crescimento de uma vida saudável. Todos esses cuidados são recomendados desde a ideia da concepção do bebê até a maturação completa da criança, variando em prática, em cada contexto, para cada idade, para cada pessoa. Ao mesmo tempo em que virou parteira, Dona Flor virou mãe, sua primeira filha, Denezita, a mãe Zita, nasceu pouco menos de um ano após o nascimento de Mirian. Também recém-casada, foi aí que ela começou a cuidar da própria casa, do seu marido e de seus próprios filhos, da sua roça, da sua produção de sabão, cuidar de colher e fiar o seu algodão, fazer roupa para os filhos, dentre diversas outras atividades que promoveram a vida e crescimento de sua família.

Dona Flor: Não é o trabalho, é o sofrimento das Mães, com os filhos sem pai. Pai faz o filho, depois, por qualquer coisa larga mãe e fala, eu vou dar a pensão. Que que uma criança quer com pensão?

Pensão dos filhos é o amor, é o carinho, é o cuidado. Pega um monte de moeda e dá ‘pra’ uma criança ‘pra’ ver o que que ela faz. Vai tudo ‘pra’ boca. E brigo com as mulher. Falo não, não quero dar, vou dar remédio ‘pra’ ninguém ter filho mais não [sic].

Um fator que contribuiu para os entendimentos de Dona Flor sobre os cuidados com as crianças e dentro das famílias, e quando na falta desse cuidado em outras famílias, acontecia de Dona Flor pegar as crianças de seus lares e cuidar delas, foi ser agente de saúde, assim ela acabou interferindo em núcleos familiares, criando amizades e inimizades. Quando via uma criança que não estava sendo bem cuidada o suficiente por uma família, após alguns avisos ela tendia a “tomar” a criança da mãe, por vezes realocava a criança com outra família, frequentemente alguém de sua confiança e de seu círculo mais íntimo, como Zita ou Leonia, e tantas outras vezes ela mesma cuidava das crianças, o que contribuiu para o grande número de filhos adotivos que Dona Flor teve.

Dona Flor: Eu saía ‘pra’ trabalhar, ela pegava e ajudava Zita a cuidar dos meninos. Então eu tomei dela 3, 4 filhos. 4, 5. Zé, Dilson, Nair e Ester, 4.

Clara: Criou aqui?

Dona Flor: Aqui em casa não. Criei 2, as 2 meninas eu dei pros outros. Não sou muito chegada à menina mulher não. É que o cuidado é muito grande, cuidar dela, pentear cabelo. Ainda tem que tá vigiando, meninas que foram lá pro rio.

Ai, Deus me ajudou que, os meninos com esse negócio de ir lá pro Alto trabalhar. Meu marido era grosso, estúpido. Num deu certo com os meninos eles foram embora ‘pra’ lá, num voltou mais. Mas criei até ficou grandão.

E aí as mães tomavam raiva de mim, porque eu tomava e dava. Eu tomava e dava pros outros. A casa ficou cheia aqui, meu marido brigava. Eu falei “Ó, cê foi criado sem mãe e eu fui criada sem pai, vamos parar com isso?” Nós precisa sentir que nós tem coração igual a eles. O baixinho é pequenininho, não dá conta. “Essas cachorra, pari e não quer saber de criar os filhos”. Eu falei “não é cachorro não, é mulher desequilibrada que não sabe o que é a vida. Ela não sabe que na velhice dela vai precisar dos filho” [sic].

A alimentação de maneira ampla, não só as que são cuidadosamente recomendadas às grávidas, é um meio e um fim **para e do** cuidado. Quantas vezes não ouvi Dona Flor comentar de uma comida que alguém gosta, que alguém trouxe, que alguém fez para ela com carinho, com amor. Ela sempre lembrava de guardar jenipapo na geladeira e reservava para fazer o chá preferido de seu neto Lucas, quando ele visitava. Todas as vezes que comíamos angu e frango caipira ela lembrava do neto Danilo e desejava que ele estivesse ali, compartilhando daquela refeição, porque é uma de suas preferidas, e ela nunca esquecia.

Quantas vezes Deija se atentou em fazer a comida preferida de Dona Flor, principalmente

nos dias em que ela não estava se sentindo bem e não queria comer coisa alguma. Quando o alimento é rejeitado então, é como se o cuidado fosse rejeitado e a coisa estruturante da vida e do cotidiano fosse abalada, ou ameaçada. Muitas vezes Deija e Dona Flor se entristeceram quando o irmão de Deija passava dias sem comer em casa, no entendimento delas, recusando aquele cuidado.

Em algum momento todos esses cuidados começaram a interferir uns nos outros, são muitas atividades e muita devoção para uma só pessoa, alguns filhos ressentem, em parte – ao mesmo tempo em que respeitam e admiram a jornada da mãe – o ofício de parteira da mãe. Ela já deixou muitas panelas no fogo aos cuidados das filhas mais velhas, saiu no meio da noite deixando os filhos aos cuidados uns dos outros e do marido.

Desrespeitou seu próprio resguardo depois de parida porque tinha saído de casa, para cuidar da mãe, que morava muito distante. Nessa ocasião ela acabou dando à luz a Wilson na casa da mãe, e teve que voltar para casa o quanto antes, tinham muitas tarefas e cuidados a serem observados lá, tinha um compromisso com sua casa, seus filhos, seu marido e seus sonhos, que muitas vezes não dava espaço para que ela cuidasse de si.

Deija conta que não gostava quando era pequena, que a mãe fosse fazer parto. Ela ia para longe e por vezes ficava fora durante dias, além disso, muitas vezes, quando a mãe voltava, Deija ouvia histórias das dificuldades que a parteira passou, acidentes de percurso, maus tratos e descasos, cansaço, dores no corpo. Ainda nesse sentido, da ausência de cuidado para com Dona Flor bem como o fato dela própria não se permitir cuidar de si o suficiente, Deija relata que um dos motivos que a levou a retornar para casa e a morar com sua mãe foi testemunhar a situação em que ela se encontrava, sem cuidado. Horas a fio a serviço dos turistas, visitantes, doentes, que por diversas vezes faziam com que ela não fosse ao banheiro por muito tempo, ficasse sem beber água o dia todo, almoçasse muito tarde *etc.* Em uma das visitas que fez à mãe, Deija se deu conta dessa situação, que não desejava a ninguém, principalmente a sua mãe, que na época já era uma senhora de idade.

Dona Flor: Se eu tivesse pegado ela (Deija), jogado fora, judiado dela, dado ela pros outro, ela tava aqui hoje? E mais quem que eu havia de ta? Sozinha. Porque Zita já tá precisando de gente ‘pra’ ajudar ela. Porque as outra cuida, se eu for lá ‘pra’ Brasília cuida. Na oportunidade que elas têm de vir praqui elas cuida. Mas morar ‘pra’ cá a gente não confia (...) [sic].

Conversando com Dona Flor, certa vez, num dia em que ela estava muito triste, pois já não conseguia executar muitas tarefas de cuidado, ao menos um pouco, de tudo e de todos, como ela sempre fez. Ela me contou que volta e meia tinha vontade de largar tudo, vender a chácara, deixar o sonho da Casa de Saberes para trás e ir morar com mais conforto na cidade. Em seguida ela abandonou esse pensamento, me disse que jamais sairia do Moinho, pois ali morava uma pessoa a quem ela devia a vida, que cuidou dela a vida toda e a ajudou a cuidar da vida dos outros, perseguindo sua missão. Sua filha mais velha, Denezita.

Dona Flor: Eu gosto de plantar. Eu gosto de colher, eu gosto de comer, gosto de dar. A maior tristeza minha, maior tristeza que eu tenho na minha vida é que as minhas forças tá pouca, e eu não dou conta de fazer mais nada [sic].

Mãe Zita é chamada assim por todos seus irmãos mais novos, ela é a segunda mãe de todos eles, e de muitos dos netos de Dona Flor, além de algumas crianças que Dona Flor acolheu, mas não conseguiu cuidar sozinha. Quando Dona Flor não tinha tempo pedia que Zita fosse a escola conferir se os meninos estavam se comportando, foi Zita quem ajudou Dona Flor a intervir junto a Deija e acolher seu primeiro filho, Danilo, por um tempo, enquanto Deija precisou trabalhar para prover o “pão de cada dia”. Davi, o filho mais novo de Dona Flor é um dos que é mais chegado em Zita, ele a visita todos os dias, sempre levando verduras, ovos, sabonetes, ervas para banho, uma diversidade de coisas que Dona Flor pedia para ele levar; e trazendo o mesmo, cuidados em formas de coisas que são trocadas diariamente entre as duas casas, de Dona Flor e de Zita, que ficam distantes 5 minutos de caminhada.

De lá para cá, com Davi andam também as notícias, sobre a saúde de cada um, mas a saúde num sentido amplo, tanto as dores nas pernas de Dona Flor, as dores na coluna de Zita, as idas de Loro à cidade, a saúde das plantas, dos porcos, das galinhas, e todas as outras coisas importantes que precisam de cuidado.

É com outros, como mãe Zita, que Dona Flor consegue cuidar e ser cuidada, dividindo tarefas. Isso se dá de muitas maneiras, além do colocado acima posso dar o exemplo das trocas entre as mulheres da comunidade, que amamentavam os filhos umas das outras, que auxiliavam as paridas nos resguardos, vizinhas que olham os filhos das outras. Momentos de feitio de farinha, quando as mulheres se juntavam todas, cada vez em uma casa, fazendo a farinha a partir da colheita daquela casa e dividindo a produção entre si. Situações similares se aplicam à colheita

do feijão, do café, do milho, do feitiço de pamonha, da cana e do feitiço da rapadura. Colheita de jabuticaba e o feitiço de geleias e licores.

Dona Flor: Dei de mamar a sobrinho, os meninos de Zita já mamaram tudo em mim, Nalvinha mamou em mim (...).

Dona Flor: Saia daqui a pé, ‘pra’ ir dá de mamá lá em Alto Paraíso, eu fazia o parto, a mãe não dava leite né? E aí eu tava dando de mama pros meninos meu, tem as companheiras também, tem hora que eu fico pensando assim, tinha razão né [sic].

Essas auto-organizações coletivas e mais ou menos orgânicas – no sentido de não serem oficialmente institucionalizadas, mas que são prática ancestral – que promovem a partilha de cuidado, tempo, conhecimento, ensinamentos, informações, aprendizado, e que não vem sem seus desafios. Ouvi histórias de vezes em que uma lactante recusou compartilhar seu leite, sendo necessária muita insistência e fortes apelos para conquistar a ajuda; ou outra ocasião em que uma doceira não quis contar a receita de uma geleia de jabuticaba, o que fez com que Dona Flor inventasse a própria receita, que não saiu tão boa da primeira vez, mas que foi sendo aperfeiçoada com o tempo.

O nascimento de Dona Flor enquanto liderança é outra parte de sua existência e obra⁸⁶ que nasce dentro destas escolhas a partir e em direção ao cuidado. Para ser parteira é preciso conhecer a vida das pessoas atendidas, para ser raizeira também. Conhecer a vida de cada um é saber sobre suas dores, doenças, família, história, trajetória, dificuldades, facilidades, dons. Os momentos de estar em coletivo, como o feitiço de farinha e de rapadura também são momentos de troca de informações sobre a família de cada uma, saber como as pessoas da comunidade estão, a partir destas mulheres que conhecem a vida de todo mundo. Conhecer e se importar, dedicar tempo a ouvir é uma das formas do cuidado.

Outra forma de cuidado, como coloca Tronto (1993) é, ao tomar conhecimento sobre algo, positivo ou negativo, e se importar ao ponto de agir sobre. No caso de Dona Flor, por exemplo, estamos falando de ter conhecimento, por exemplo, de uma família que não pode arcar com xarope para as crianças, assim, ela guarda uma garrafada⁸⁷ de xarope em sua despensa, que ela completa com uma parte de sua produção toda vez que cozinha um novo tacho, para poder dar para essas crianças, quando elas aparecem por ali, com ou sem suas mães. Ou quando, sabendo

⁸⁶ Obra no sentido que Seu Dedé coloca, aquilo que construímos durante a nossa vida.

⁸⁷ Garrafada [...] “Medicamento líquido guardado em garrafa, preparado com ervas, raízes *etc.* por curandeiro: “Só sabe é fazer feitiço, vender garrafada de raiz do mato...” (Guimarães Rosa, *Sagarana*.)” (Aulete, 2024).

que Mi, um dos filhos que criou, mas não pariu, e cuja história já expliquei anteriormente, conhece bem o Moinho, anda muito pelos matos do Cerrado afora, “nasceu e criou” ali, ao tomar conhecimento que a Associação Quilombola do Moinho estaria disponibilizando um curso de guia, Dona Flor conecta os pontos e sugere que ele seja guia:

Dona Flor: Você é muito profissional, eu ia ficar alegre demais. É Deus que abre o caminho desse povo. É aquilo, curso de guia. O que que é o guia, o guia é o que ta... faz as trilhas e sai guiando o povo que não é daqui. Porque aqui não tem. Aqui não tem guia daqui que nasceu e criou aqui, que conhece os mato, conhece os cristal, conhece os rios, conhece... Num tem... [sic].

Esse é um de muitos exemplos de conexões e contatos que Dona Flor faz e promove para cuidar e ajudar as pessoas, de maneira que ela percebe e julga melhor, mas que nem sempre os outros fazem o mesmo juízo. Dentro dessa rede de conexões e ações que endereçam problemas e oportunidades que precisam de cuidado está também a própria comunidade enquanto agente do cuidado, ou receptora dele. A busca de Dona Flor por uma parteira, para seguir seus passos, por exemplo, nasce não só da vontade de Dona Flor de manter viva, através do tempo, com as gerações que se passam, as coisas que aprendeu, edificando seu legado.

Apresenta uma disposição em ajudar e cuidar para que uma parteira ou parteiro em potencial desperte e desenvolva seu dom. É também sobre a necessidade que Dona Flor identifica na comunidade a existência de uma parteira que mora ali, que esteja envolvida com aquele lugar e que tenha habilidades para ajudar aquela comunidade, garantir a chegada de novas vidas, as quais irão garantir, por sua vez, a continuidade do Moinho, de sua cultura, a sobrevivência e vida das mulheres que por uma razão ou outra, dão a luz longe dos hospitais públicos.

Todos esses casos sobre os quais refleti até o momento, é possível investigar e experimentar as possibilidades do cuidado na prática e história de Dona Flor não esgotam as possibilidades que vi e que espelho ainda existirem para o cuidado com e a partir de Dona Flor, além das nuances que talvez não tenha apreendido. Ainda pincelando as grandes contradições e fluxos que permeiam este ser, estar e fazer no mundo orientado para o cuidado de Dona Flor, não posso esquecer do senso de humor que tempera as relações entre as pessoas, as coisas, os sentimentos e alivia as angústias, as tensões e os medos.

Poder fazer piadas, ser motivo de piadas, rebater-las, criá-las, entendê-las e interagir através do riso é cuidar do espírito próprio e do outro, é inventar e criar vida, com cuidado, é

prática cotidiana na casa e fazer parte desse momento abre uma porta para aqueles que querem fazer parte dela e das relações de Dona Flor. Inclusive, as piadas podem vir com ensinamentos profundos, como a que segue, que com graça, resume um dos aspectos do cuidado acima expostos, o que diz respeito ao planejamento, gestão e liderança da comunidade, das relações e pessoas que precisam ser cuidadas.

Dona Flor: ‘pra’ que que foi as parteira que eu formei? ‘pra’ fazer meu parto!
Aqui não tem trabalho perdido não minha filha, primeiro eu faço a cama! Primeiro eu arrango um noivo, depois...! (*Dona Flor ri*) [sic].

Dessa forma, o intuito de especular sobre a lógica do cuidado com Dona Flor é tanto para alargar as experiências diversas do cuidado em si, e aqui localizadas em uma comunidade negra rural, quilombola, no interior do nordeste goiano, além disso essa lógica nos ajuda a dar materialidade e encontrar os modos pelos quais a reciprocidade se dá, para mais, ambas, substituem a lógica da exploração que permeia as relações no mundo capitalista.

4.4 Ofício que nos une

[Conhecimento, mestra, parteira, raizeira]

Dona Flor: Olha, esse aqui é o sabão de Tingui. Lá pro lado do ceis tem tingui?

Lucas: E corrói?

Dona Flor: Corrói, acabar ele, lava a mãozinha passa um óleo. A minha já criou 7 couros não tá nem aí [sic].

Foto 40 – Dona Flor finalizando o Sabão de Tingui 1



Fonte: autoral

Foto 41 – Dona Flor finalizando o Sabão de Tingui 2



Fonte: autoral

Foto 42 – Dona Flor finalizando o Sabão de Tingui 3



Fonte: autoral

A mão do raizeiro tem 7 couros, os olhos lembram todo o tipo de cor, textura, brilho, viscosidade, quantidade. O nariz conhece centenas de cheiros e os ouvidos escutam os sussurros da floresta, dos quintais, a risada e o choro de criança. A munheca, ou pulso, do raizeiro tem de ser forte, o braço, a cabeça, o pescoço também, a enxada precisa de energia para manejar e os

tachos de rapadura são pesados, é preciso força para manuseá-los e lavá-los. Raizeiro conhece todo o tipo de terra, e cada canto do mato e do quintal guarda um monte de possibilidades, como aquelas beiras que são aproveitadas para plantar feijão, e os cantinhos escondidos em que nascem os pés de tabaco, sem terem sido plantados.

Dona Flor: Eu aproveito ‘essas’ beira de quintal e toco feijão ali dentro [sic].

Raizeiro sabe andar no mato, e o mato gosta do raizeiro, ele sempre pede licença ao entrar, cada um tem seu jeito, mas o mato reconhece cada um e os cede passagem. Além disso, os pés dos raizeiros sabem evitar as formigas, não esmagar os brotinhos e desviar dos espinhos das plantas. Os passos são leves e não incomodam os passarinhos e os tatus. E as mãos são gentis e econômicas, só levam o que é preciso e deixam todo o cuidado disponível. Eles escutam as plantas, lembram seu cheiro e as identificam mesmo quando escondidas, os olhos são como de águia, conhecem todo os tipos de verde, cinza, amarelo, marrom e azul, assim as plantas não se confundem.

Os raizeiros também têm muitos mapas guardados na memória, que morro leva a que colina, que tipo de planta gosta de qual vale, quanta água tem em cada vereda e o tanto que cada rio enche em cada época do ano. Raizeiro sente cheiro de chuva dias antes de chover e ouve a cobra rastejando no mato, respeitando seu território. Não anda em noite de lua nova porque conhece as preferências das onças, não corta árvore nova, nem árvore que dá sombra, sempre deixa alguma coisa plantada e as suas casas são fartas de cuidado, carinho, atenção e conversa boa.

Raizeiros sempre tem alguma receita de remédio na ponta da língua, das mais simples às mais complexas, e não guarda muito segredo quando alguém está precisando. Caiu um cisco no olho? Bota óleo de mamona. O útero está inchado, toma chá, faz o tratamento com garrafada, tem vermífugo, tem xarope, tem pílula de babosa. Tem remédio para se manter saudável, tem remédio para tratar doenças, para antes, para depois, para todas as partes do corpo e do espírito. E não deixam de cuidar de quem precisa, até mesmo quando alguns teimam em não querer cuidado. Raizeiro vê a necessidade e oferece ajuda, dá cuidado. A exemplo desta vez em que Dona Flor cuidou de seu neto Danilo, que estava com uma infecção no nariz quando bebê.

Dona Flor: E veio ‘pra’ cá, e eu não peguei remédio nem um em farmácia. Cheguei com... Ela chegou come ele, eu falei “não leva ele lá ‘pra’ casa não. Fica aí mesmo, eu

vou fazer o remédio lá”. Aí fui fazer, cortei pacari, cortei folha de mastruz, fiz uma panelada com se fosse ‘pra’ mulher parido, deixar o trem ferver até for, botei folha de fumo e fui banhar.

Quando eu banhei que eu vi, tava tudo amarelo, e ia drenar. Aí botei sabão de tingui. Ele ia chorando e coçando, chorando e coçando. Aí não tô lembrada quem era mulher que tava dando leite não. Eu sei que eu pedi e ela me deu o leite materno, eu peguei a folha de arruda. Machuquei ela, machuquei, machuquei. Pedi a mulher, botei na folha da arruda, molhei o algodão, botei.

Ele dormia assim, parecia que tava morto. Eu botei as gotinhas, botei no conta gota e botei dentro do olhinho dele, ele foi, chorou, chorou, chorou, chorou, chorou.... Aí eu deixei ele dormir. Ele dormiu, botou o dedinho na boca. Eu fui lá e peguei a – que até hoje eu tenho –, a cachaça canforada que a Maria fazia.

Dissolvi na água e banhei tudo. Clarinha, aqui em baixo aqui, os caroços nele tudo. Tinha uma febre [sic].

Parteira tem o corpo fechado com Deus e aberto para a vida, o coração que conhece os murmúrios da intuição e a coragem das grávidas. Sabe ver bebê dentro da barriga, sem ultrassom, e identificar cheiro de mãe. Faz chá para a cólica com as ervas do quintal, pode ser amora, artemísia, artemijo, canela, clitória, uma grande variedade de combinações que aliviam não só a dor do útero contraindo, mas também o mal-estar do espírito, o mal humor, porque o chá também é afeto. Parteira sabe fazer leite de gergelim para ajudar as contrações de parto, utiliza gema de ovo e pimenta, pirão, galinha caipira, todas comidas boas para diferentes etapas da gravidez e do parto.

Parteira sabe conversar com pai, mãe, avó, tio, sobrinho, cachorro, gato, galinha, pato. Sabe quando mulher pari tanto quanto sabe quando as galinhas estão botando ovo, e onde, lembra todos os lugares preferidos de cada galinha, nos quais elas se escondem do gavião, do gambá e da cobra papa-pinto. Tem o jeito de conversar com a família e aconselhar sobre os cuidados não só com as pessoas, mas com aquele lar que se forma e que precisa de certas coisas para receber bebê novo e novos guardiões dessa nova vida.

Dona Flor: Está muito jovem, muito jovem. Muito jovem para ficar sofrendo essas dor daí. Tem que cuidar, tratar. Saber o que que tem, saber o que que tem, saber o que que bebe. Precisa controlar com o maridão ‘pra’ não discutir, ‘pra’ não passar raiva quando ta assim. Tem muitas coisas que não pode fazer e faz [sic].

Essa interação cotidiana do saber que transita entre o observar, ouvir, no miúdo da vida constrói esse saber que é vivido e experienciado no cotidiano, que parece não acontecer, mas está

ali. De uma prática cotidiana, vivida no dia a dia, esses saberes ancestrais e tradicionais passam a se configurar com a presença de práticas biomédicas ou da medicina hegemônica, Guimarães (2017, p. 3):

Na conceituação desses modos de saber/fazer populares ou localizados, muitos autores afirmam que esses se operacionalizam e passam a ser definidos na inter-relação que mantêm com os saberes técnico-científicos ocidentais e outros (LOYOLA 1978 e CARNEIRO DA CUNHA 2009, MENÉNDEZ 1994). Portanto, esses terapeutas populares dominam saberes tradicionais ou populares que, de acordo com Loyola (1978), não são reconhecidos muitas vezes pela medicina oficial, ou biomedicina, o que faz suas ações serem mediadas por relações de força. Consequentemente, esses saberes constroem-se em oposição e subordinados ao conhecimento científico.

O conhecimento que circula entre as mulheres, as experiências corporais são centrais, como informa Guimarães (2017, p. 115):

Além da importância dessa rede de sociabilidade, outro ponto a ser considerado na formação e atuação de um terapeuta popular (tradicional) é o fato de o ofício marcar sua biografia corporal/social, uma vez que vive as experiências terapêuticas em seu próprio corpo, em seus processos de saúde-adoecimento e em seus partos. As raízeiras, por exemplo, afirmam que trabalham com uma raiz em outra pessoa, após terem testado a mesma em seus corpos ou, ainda, no caso do ato de partejar ter sido uma ajudante de parteira, observando as pessoas de sua rede familiar, ou ter passado por um parto com uma parteira.

Ambos precisam e compartilham com seus quintais e com o Cerrado, pois as plantas são fundamentais para seus ofícios, é com o velame branco que eles limpam o sangue, a curcuma ajuda a reduzir inflamação, angico branco é bom para a dor de cabeça, barbatimão é cicatrizante, tingui é bom para tratar todo o tipo de infecção na pele, água de bananeira ajuda a juntar partes de pele separadas por cortes profundos. Algodão é bom para cicatrizar o útero depois do parto, faz garrafada da mulher que tem uma combinação de ervas especial, japecanga, rabo de tatu, angico, barbatimão, pé de perdiz, e muitas outras que ajuda a limpar o corpo e promovem a fertilidade. Pessoas vêm de longe atrás das garrafadas de Dona Flor.

Para aprender sobre as plantas é preciso estar com as plantas, observá-las, cheirá-las, sentir sua textura, lembrar seu tamanho, sua cor, os lugares que prefere, se é solo com pedra, se é solo com argila, por exemplo. Se é sombra, se é sol, que outras plantas ela gosta de estar por perto. Que os bichos fazem com elas, a começar por como as plantas ajudam o teiu quando ele tem embates com cascavéis e jararacas. Estar sempre andando no mato e conhecendo, procurando o lugar das plantas, prestar atenção para lembrar esses lugares, as quantidades disponíveis ali,

para comparar na próxima visita.

Quando levam as plantas para casa precisam processá-las, não se guarda de qualquer jeito, é preciso secar, picar, ou não picar, destalar, lascas raízes com o facão, as vezes triturar algumas dessas secas, então é preciso saber manejar o triturador, o moedor, o secador, ou o forno, na falta dele. Embalar, deixar longe de água, de sol, de rato. Além disso, para preparar e lidar com as plantas e com as pessoas é preciso cuidar de si, ter o corpo e o espírito fortes, sadios, alimentados, para não pegar nem passar doença de corpo ou de espírito.

Dona Flor: E eu num quero se não daqui uns dias eu posso não fazer remédio, se eu não to com a energia positiva como é que faz? A energia é importante, que esses tem poder.

Dona Flor: Eu aprendi a aplicar ni mim, que eu peguei febre malária, e aí eu fiquei ruim. Aí eles passaram a injeção, e não tinha quem aplicasse. Aí o meu tio era meio assim, meio igual eu, curioso.

Clara: Seu tio Irmão da sua mãe?

Dona Flor: Era. Ele aplicava, ele ia lá no veio, ele ia ajudar a aplicar coisa lá nos outro. E lá quando adoecia, adoecia 4 ,5 pião, dessas doenças doida. Uns arranjavam doença venera, as transmissível hoje.

E eu fui vivendo aquela vida mais um pouco e ia guardando tudo que eu via eles fazendo, e fui curiando. Minha avó fazia muito banho, fazia enema, minha avó fazia uns remédio lá que eu não sabia nem o que que era, que hoje eu sei que é o gel. E fazia sabão de tingui. Fazia tudo, e tudo curava.

Paulo: Dona Flor que escutou, virou e achou ainda.

Dona Flor: Mas foi uma cena tão engraçada, a cobra pegou o rato, quando ela me viu ela esqueceu do rato deixou o rato escapulir o gato foi e pegou o rato, foi muito bonito. Eu falei ‘pra’ vizinha, “vizinha! Olha aí o rato, olha aí a cobra, olha aí o rato... “ah, a cobra pegando é o gato” eu digo “Pega nada”.

Dona Flor: Não, mas é porque já teve oportunidade, eu ensinei ‘pra’ meninas. Dirinha aprendeu, Juliana pedalou, pedalou, mas ela não soube alimentar a roda com a linha. Dani, pedalou aí, mas ela não faz como a gente manda [sic].

Através da parteria⁸⁸ Dona Flor se fez mãe de várias pessoas. Muitas crianças que ela pegou, hoje crescidas, mantêm forte vínculo com a parteira, uns mais que outros, e até os que o vínculo não é tão exercido na prática a chamam de mãe, e ela os reconhece como filhos, em algum nível de filhos. Dona Flor se orgulha de ser parteira mesmo, “caipirona mesmo”, ela sabe do seu valor, conhece a dimensão e o alcance de seu reconhecimento. Frequentemente ela contava histórias nas quais seus conhecimentos eram contestados, defendidos e comprovados. No relato que segue, uma das pessoas que ela “pegou ao nascer” a defendeu de um médico que atendeu o filho dele, que ela também pegou ao nascer.

Dona Flor: É, filho meu igual ocê. Só que ele mamou ni mim ocê num mamou Ele mora aqui, é pai de família, é avo. Vez em quando ele aparece aí. É muito meu ele, ele é meu

⁸⁸ Se diz do ato de ajudar outras pessoas a parirem, parteira, usado por pessoas como Dona Flor.

sobrinho, eu fiz parto...

Dona Flor: Era! Era bruto, mas era um bom médico. Aí ele, “Esse menino nasceu no hospital?” Ela falou, não, nasceu de parteira. E o que que essa parteira falou quando esse menino nasceu? Ela era assim uma, caipirona da roça? Ela disse é mesmo, ela é caipira da roça mesmo, mas é parteira. Ela me pegou quando eu nasci, pegou meu marido quando ele nasceu. Amamentou meu marido, e fez o parto dele aí ó, quando ele nasceu. Caipira verdadeira ela [sic].

Dona Flor é Raizeira, assim como é parteira, esses dois ofícios são os que atraíram mais atenção para Dona Flor, são saberes fazeres regidos por éticas e morais que dialogam com as elaborações em torno da reciprocidade e do cuidado, são também conhecimentos corporificados, habilidades das mãos, aprendizados da pele, que resiste a corrosividade do tingui, é um modo de aprender e fazer conhecimento na prática, experimentando, observando, com o tempo, de maneira atenta e cuidadosa, e que a seguir, com Dona Flor, poderemos pensar sobre a sua transmissão.

4.5 Eu quero deixar um legado, quero deixar lembrança

[Transmissão de conhecimento]

Dona Flor construiu seu legado para o seu povoado, para a sua família, cuidou de muita gente e tirou do feitio de remédios parte de seu sustento, ela é conhecida e pessoas vêm de longe para conversar com ela, ver sua lojinha e possivelmente, comprar seus produtos. Esse legado ela deixou para Deija, para ela coordenar e encabeçar, ainda assim a lojinha também está ali para receber a produção de Wilson, que aprendeu muito com Dona Flor, mas preferiu seguir seu próprio caminho, desenvolver suas próprias receitas e seus produtos, diferentes dos de Dona Flor. A mãe conseguiu plantar seu legado nesses dois filhos, que hoje continuam alimentando-o, memorando-o.

Dona Flor: eu sentei com Deija e conversei com ela. E ela disse que tava sem jeito de falar comigo né, eu falei ‘pra’ ela, Deija, cê já criou seus filhos, e eu to vivendo uma vida de tristeza, doente, eu to com aquela loja lá não quero desfazer, e agora chegou o momento de você vir cuidar de mim.

Acho que ela estressou muitas vezes, do que que ela ia viver. Aí ela falou, como é que ela ia viver. Eu falei, como você tá vivendo, só que não vai mais trabalhar pros outro. A não ser que cê arranja aqui, Bito arranja emprego, procê lá nas lojinhas, procê trabalhar no caixa lá, e pronto. “Ah não mamãe, eu não quero não, eu vou dar um jeito, eu vou ficar mais a senhora”. Aí veio [sic].

Aprendi com Dona Flor, e com outros raizeiros, que é importante compartilhar aquilo que se sabe, aprendi a mesma coisa com Antônio Bispo, Hugo Rodas, meus mais velhos, o

conhecimento está aí para ser repassado, incrementado e atualizado através das gerações, conhecimento ancestral é vivo. Ele não é estático, estacionado, imobilizado no tempo, nem propriedade de ninguém. As coisas que são importantes saber é bom que todo mundo saiba. Ao mesmo tempo, não é qualquer um que consegue saber, o conhecimento está disponível, mas é preciso alcançá-lo, de certa maneira.

Aqueles que procuram saber e aprender, que tem curiosidade, que tem disposição, que tem compromisso, que persistem, e que bom, tem também algum tipo de dom, de vocação estão mais perto de alcançar certas sabedorias. Porque, de todos os irmãos, Seu Dedé, Dona Flor, Tom das Ervas, Deija, Wilson, conquistaram o conhecimento das plantas? Seu Dedé me contou que era o único dos irmãos que “procurava”, perguntava a sua mãe que planta era aquela que ela estava usando, ajudava quando ela precisava que uma raiz fosse retirada, repassava as receitas, também o fez com sua esposa e outros que passaram em seu caminho.

Dona Flor nunca deixou passar um aprendizado, espiando pela porta na hora do parto, observando e experimentando com as plantas, aprendendo com os bichos, com a avó, com os mais velhos, qualquer coisinha ia sendo armazenada na memória, então fixada na prática. Em momentos críticos, todas essas informações são acessadas, temperadas com intuição e fê, e colocadas em uso. O conhecimento está em todos os lugares e muito pode ser útil, é preciso habilidade, e ela é treinada, experienciada, para que ganhe eficácia, ao longo do tempo.

Dona Flor: Não. Eu de parteira eu digo ‘pra’ você que eu só não sei com quem que eu aprendi, eu não sei.

Clara: Pariu 13 filhos né? [sic].

É preciso primeiro aprender para depois ensinar, e o método de ensino replica o de aprendizado, claro que ele é também atualizado a partir daquele que ensina, porque ele coloca sua personalidade, sua mágica própria, naquilo que faz. Dentro disso, a fala, a prática, a contação de história e os afetos parecem uma constante. É preciso ganhar a confiança do mestre, mostrar que você dá valor aquilo que está sendo passado, que tem compromisso, e que entende também os deveres que vem com o conhecimento. Ele não é, como disse acima, privado, poder apreender também tem a ver com entender que, quando aprendido, o conhecimento tem que ser compartilhado.

Dona Flor leva muito a sério esse fluxo, o que não exclui a possibilidade de esse repasse

de conhecimento ser interessado também. Uma coisa não exclui a outra. A Casa de Saberes, por exemplo, sonho de Dona Flor, é tanto para que a comunidade tenha um lugar a que possa recorrer, para aprender e ensinar, quanto uma edificação do legado de Dona Flor. O legado é tanto da comunidade quanto dela, e reconhecer sua marca não é privatizar o conhecimento.

A Casa De Saberes entra tanto na categoria de transmissão de conhecimento, quanto de cuidado, até porque a transmissão de conhecimento tem, também, um valor de cuidado, para com a comunidade, para com o futuro, para com o conhecimento em si, para com o passado e para consigo, valorização de si. Eu acompanhei e ainda acompanho o crescimento do instituto, estava lá em sua fundação institucional, assinei a ata de fundação da associação junto com muitas outras mulheres e menos homens, que acompanham essa jornada. Durante a pandemia, que atrasou os processos, continuei indo às reuniões e trabalhando para edificar esse sonho como podia. Fazendo a curadoria de editais, produzindo atas, organizando grupos, buscando dinheiro, sempre é possível fazer algo e contribuir de alguma forma.

A preocupação da mestra em encontrar uma parteira que cuide de sua comunidade, por exemplo, é colocada por Dona Flor, às vezes como um fardo, outras como legado e sempre como uma necessidade comum, com a qual ela se preocupa e sobre a qual ela age, naquele sentido do cuidado, que ao identificar uma necessidade não só se importa pessoalmente, mas se envolve na prática, porque quem se importa age.

Dona Flor: Então já tô treinando essas meninas aí para ver se agora eu tô vendo dizer que tem uma senhora de Andrea, e vai ser a responsável pelos partos aqui. Ah, tirei mais um fardo das minhas costas [sic].

Ensinar e repassar seu conhecimento, no entanto, traz seus desafios, por isso também é importante escolher a quem ensinar. A palavra tem poder, e se o legado for reproduzido de maneira inconsequente é possível que a palavra que fique na boca do povo manche a reputação de Dona Flor. Com o advento dos cursos sobre plantas, chás, enemas, cerrado, parto, garrafada *etc.* a mestra foi espalhando seu legado, e a informação, quando sai do mensageiro cria vida própria, se renova com os próximos receptores e futuros mensageiros.

A parteria, por exemplo, ofício bastante delicado, que lida intensamente com o fio da vida e da morte, nos mostra esses riscos. Muitas das grávidas que são atendidas pelas novas e jovens parteiras confiam nelas não só por elas mesmas, mas muito por causa do legado de Dona Flor que

elas trazem e divulgam.

Dona Flor: É, eu num gosto. Eu deixei de ser parteira por muitas coisas. Um que eu não tenho mais resistência para isso, meu coração não aguenta mais uma mulher sofrendo. Então eu ensinei elas, agora elas que quer ensinar. Chega cá fazendo as coisas errado e eu digo não tá certo.

Vai ensinar outras pessoas porque eu ceis não ensina não, depois faz essas coisas lá, não foi eu não. Se morrer uma mulher aqui no Moinho na mão suas é na mão suas. Cêis tá com, viu, certificado, diploma, não falando as práticas. Eu quero que você ‘pra’ onde ceis vai, ceis vai dizer que é eu. Eu já fiz, eu fui fazer as contas outro dia não é 335, não é 339, parto que eu fiz. Nunca morreu uma mulher na minha mão. Nunca, e nem morre. Só se ela já chegar aqui morta. Eu não nasci para ser parteira. Eu nasci para ser parteira [sic].

O caminho é contraditório a todo tempo, a vontade de ensinar é grande, e existe o desejo de deixar um legado, mas ela precisa se retirar um pouco quando a responsabilidade sobre os erros cai sobre ela. Uma estratégia é apontar e evidenciar que os erros cometidos não acontecem por falta de instrução ou aviso, mas sim por falta de atenção e respeito ao que foi ensinado. Ela chama a atenção de suas aprendizes para essas situações, para que elas saibam que carregam grande responsabilidade, e que a responsabilidade está no pacote que foi entregue, contendo também conhecimento, afeto, caminho.

Foi preciso uma vida inteira para que Dona Flor chegasse no lugar que chegou, e aqueles que vem precisam percorrer seu próprio caminho, aprender com o coração, com a mente, com o corpo, com o espírito, treiná-los diariamente, nunca deixar de procurar, de aprender, de curiar, de criar, porque é aprendendo que se ensina, e aprendizado anda junto da prática.

Dona Flor: Eu acho muito bonito elas vim atrás da Cultura, eu tenho muita cultura para ensinar.

Dona Flor: Eu nunca ensinei a terça metade do que eu sei [sic].

A simbiose da prática com o conhecimento, com o corpo, com o espírito e com a mente precisa estar sempre equilibrada, pois tão intensa que, se foge do equilíbrio causa adoecimento. Nos últimos meses da vida de Dona Flor, ela conseguia cada vez menos exercer um dos últimos ofícios em que conseguiu se manter. Escolheu ensinar porque já não conseguia executar as funções mais pesadas, mas podia usar da fala e instruir. Em certo momento, o equilíbrio entre o corpo e o espírito se desfez, porque o corpo parou de dar conta até da fala. É preciso ar nos pulmões para falar o tanto necessário, e Dona Flor já não tinha tanto. Mesmo assim, a missão e o dom estavam tão imbricados que ela não conseguia evitar, e falava, e ao final do dia precisava ir

para o oxigênio.

Dona Flor: O que eu... num, o que eu num achei bom foi as criancinhas, pequeninho com as crianças. Eu sinto assim de falar né? [sic].

Uma das netas de Dona Flor, Nathália é alguém em que Dona Flor vê potência de parteira. Alguns são os elementos que ela elenca para isso, de certa forma o sangue, a prática e a cultura passada através de gerações, aquilo que ela carrega de família, vêm das duas avós parteiras e do pertencimento a uma comunidade que mantém viva essa cultura. Além disso, ela passou por aquele momento crítico. No caso de Dona Flor foi o fatídico parto de Mirinha, no caso de Nathália foi a parto de uma amiga, vizinha. Calhou de Nathália estar, junto com seu legado, quando um parto precisava ser feito, um neném precisava nascer. E ela fez o parto.

Dona Flor: O caminho ‘tá’ aberto. A outra ‘vó’ dela era parteira, eu sou parteira! [sic].

Nos últimos anos de Dona Flor, a mestra perseguiu a missão de ensinar, repassar seu conhecimento e deixar seu legado tanto quanto pode, sempre com muito gosto, depois de ser parteira, raizeira, garimpeira, mãe, lavradora, avó, agente sanitária, fiadora, doceira, e tantos outros ofícios, ela foi professora, nossa mestra, com alegria e gosto preencheu seus dias com as esperanças para o futuro.

Sílvia: Gosta Dona Flor? É que a senhora inspira aí pro povo trabalhar né Dona Flor.

Dona Flor: Ah, eu gosto muito de ensinar, ver as pessoas aprendendo, fazendo. Minha alegria é essa.

O gosto de ensinar, como disse, é também uma maestria, que nem todo mundo tem, é possível perceber essa relação quando Dona Flor utiliza de comparações e outros exemplos para falar de sua missão. A ver por sua filha mais velha, Zita, que apesar de saber muito de planta e remédio, tem mais gosto pela tapeçaria, a criatividade e o dom estão ali, sendo ativados, em outro ofício, que Dona Flor admira, com a filha ela compartilha o apreço por ensinar quem se interessa de verdade.

Dona Flor: Lá ocê já vai aprender a fazer o crochê, que cê tá vendo esses tapetão que tem aí? Tudo é ela. Com ela num instante cê aprende. Que ela é igual eu, ela tem o maior prazer de ensinar. Gosta de ensinar [sic].

A transmissão do conhecimento se edifica no sonho de Dona Flor de construir a Casa de Saberes, projeto que nasceu dela e que ela coordena e alimenta, a fim de tornar seu legado perene, atravessador de tempo. Dona Flor transmitiu seus conhecimentos para seus filhos, mas

também criou formas alternativas de ensinar, como nos cursos que oferece, ela explicou para Tamara Campos (2013, p. 54):

É uma coisa útil, pra mim e o que é bom pra mim eu quero que seja bom pra todo mundo. E outra, eu não consigo fazer o que eu conseguia antes, eu andava quilômetros buscando minhas ervas, mas agora eu estou cansando, não estou dando conta mais. Por isso, faço os cursos, preciso que alguém pegue isso que eu sei e coloque em prática. O difícil é isso, colocar em prática, porque, muitas vezes, tem gente que faz o curso e guarda tudo aquilo no bolso, não passa pra frente uma coisa que é tão humana e respeitosa.

Enquanto anciã Dona Flor é referência e uma das guardiãs da cultura, dos saberes e práticas da comunidade do Moinho, além disso, é a ela que, muitas vezes, os mais novos recorrem para pedir conselhos, pedir um afago, pedir a benção.

Dona Flor: Ia ser bom é se a gente pudesse ir pro mato, ‘pra’ eu te mostrar, fazer demonstração, das maravilhas do Moinho. Tem que ser uma pessoa igual eu, com a minha idade, ‘pra’ contar as histórias, essas coisas. Esses mininu é tudo novo, tem que ser alguém do tempo véi. Eu sei contar história dos escravos, dos indígenas [sic].

Em um relato para Tamara Campos (2013, p. 49-50), Dona Flor traz a prática de ser conselheira, pois as pessoas não buscam somente uma garrafada para curar ou aliviar alguma dor, elas, também, querem o entendimento da sua vida:

No hospital, o médico só conhece a doença, mas não passa conhecer a pessoa, fazer amizade com ela. Porque, às vezes, minha filha, você vem aqui, você não tá doente, você não tá precisando de uma injeção, você não tá precisando de um comprimido, você não tá precisando ficar internado, você não tá precisando de um soro. Sabe do que você tá precisando?! De amor, de uma boa palavra, de uma pessoa para você dialogar, desabafar. Quantas pessoas vêm aqui deprimidas e eu não dou nenhum remédio aqui, sai daqui bem melhor. Um dia chegou uma mulher aqui desmaiando, o amigo dela trouxe, ela ficou ali deitada no sofá chorando, chorando. Aí eu disse: ‘Mulher por que tu chora? O quê que foi?’ Ela falou: ‘Ai Dona Flor não aguento, tô com uma dor na alma, tô com isso, tô com aquilo’. Aí eu disse: ‘Você não tá com nada, não fica assim, a tristeza não faz parte da nossa vida. Eu sei tudo que você tem’. Ela perguntou: ‘O que Dona Flor o que eu tenho?’ Aí eu disse: ‘Você sabe mais do que eu’. Aí deitei ela, fiz uma massagem no pé dela, fiz um chá para ela de rosa maná. Essa rosa você pode tá pulando de tanta angústia que você acalma. Eu fiz o chá, dei pra ela, ela dormiu, acordou. Bom, aí falei pra ela, bom agora vamos conversar, aí peguei, sentei com ela. Aí ela me contou a história dela, que tinha envolvido com um cara e começou usar droga e depois o cara foi embora. Aí eu falei: ‘nós mulheres, nós precisamos nos valorizar muito. Aquela história de falar aquele fulano é herói, não... Nós que somos. Mas se nós não soubermos, não somos nada, nós não podemos envolver com certo tipo de coisa, nós temos que envolver com o nosso futuro, nós temos que envolver com nossa vida, ser mulher do bem, bem vista pela sociedade, estudar, que foi uma coisa que eu não fiz’. Eu tenho uma parte de mulher em mim que é podre, eu não sei ler e eu não sei escrever. Então, essa parte aí eu deveria esquecer dela. Então é assim, às vezes a gente sai pra o mundo procurando... Fica internado, vai para UTI, pinta e borda e o remédio não dá jeito, tá nas mãos de Jesus.

Quando Jesus me usa, usa você, usa ele, nem remédio não precisa, basta uma boa palavra, basta sentir o que Jesus sofreu por nós nesse mundo. Então nós devemos seguir isso aí sofrer com paciência, com amor e amar o próximo. E a Bíblia diz: Amai ao próximo como a ti mesmo e é o que a gente não faz.

Não só com Wilson e Deija Dona Flor deixou seu legado, seus conhecimentos sobre partos e sobre plantas atraíram várias pessoas de diferentes lugares do Brasil e do mundo, algumas vieram por ela, outras vieram pela fama da região e acabaram encontrando-a. Dessas, algumas vieram, aprenderam coisas e foram embora, sem manter contato, outras mantêm contato esporádico e um seletivo grupo é reconhecido por Dona Flor como suas aprendizes, uma esmagadora maioria de mulheres, grande parte dela se estabeleceu na região da Chapada dos Veadeiros (São Jorge, Cavalcante, Alto Paraíso).

Elas mantêm contato constante com Dona Flor, continuam visitando para ajudar na produção dos remédios e assim continuar aprendendo, além de ajudar a organizar e participar dos cursos que Dona Flor oferece, conquistando seu reconhecimento. Além das aprendizes formais, tem aqueles que aprenderam muito com ela em tempos mais antigos, ambos os grupos tendem a criar uma relação maternal com a mestra, muitas vezes chamando-a de mãe, ou avó, como muitos outros que ela ajudou, acolheu e instruiu.

Dona Flor: Não é uma coisa que ela tem, porque não é só dizer “Ah isso eu aprendi com Dona Flor” Cadê a obra? A obra sem fê é morta. A fê sem a obra é morta, eu quero ver é fazer. Nós vamos fazer a pílula de babosa, cê faz uma vez, duas vezes, comigo! Mas ‘pra’ você aprovar seu trabalho, cê vai fazer sozinha.

É, eu tô precisando da presença de vocês.

Cê tem medo de morrer Dona Flor? Eu falo eu não. Eu não queria morrer agora não que eu tenho umas coisas para fazer ainda. Eu quero deixar uns legado, quero deixar lembrança.

Quero ver, eu não sei se eu vou ter oportunidade de ver o povo falar. “Ah isso aqui eu aprendi com Dona Flor. Ah isso Dona Flor fazia, ah isso aqui Dona Flor me ensinou. Elas dizem não, mas vai acontecer. O que é do bem é difícil Dona Flor, o mal chega instantâneo, mas o que é do bem tem que caçar o bem. Senhora pode esperar que vai acontecer.

Senhora quer fazer uma casa, Senhora quer ter um, quer ensinar a fazer a cultura. E Deus vai ajudar que a senhora vai fazer. Só na expectativa, porque nunca, eu nunca achei uma pessoa ‘pra’ falar comigo “Não, não vai acontecer”, não. Tudo da esperança de que quem espera um dia recebe né? [sic]

4.6 Navegadora de Mundos

[Relação com a ciência]

Dona Flor é muito boa em mostrar que sabe muitas coisas, e falar que sabe sem dizer exatamente, palavra por palavra, ela vai contando suas histórias e as histórias falam por ela, quem presta atenção entende o que ela está querendo dizer, e aprende o que ela está oferecendo ali, com aquela história. Paradoxalmente, ela declara, com frequência, que não sabe das coisas: “Eu sou analfabeta; eu sou boba; eu não sei ler; eu não sirvo para burocracia”, são as palavras de Dona Flor que costumam acompanhar essas declarações.

Os partos que fez são uma boa amostra dessa constante dualidade do discurso da mestra. Ela garante sua expertise enquanto parteira, evoca os 338 partos que fez, sem nunca ter perdido uma mulher, ou criança. Conta histórias de sucesso, algumas mais tenras, com partos mágicos e etéreos, como aquele da Solange e do Ângelo, em que as luzes se apagaram e os pais dormiram, feitiço do bebê, que já nasceu cuidando dos pais.

E nós fez o parto à luz de vela, que eles mora no mato, num tinha energia. Eu também num gosto de energia ‘pra’ fazê parto. Se puder tê lampião bem longe de mim, se puder tê luz de vela tudo bem, tive uma lanterna, tudo bem, não gosto de energia.

Aí, as vela foro apagano assim, parece que deu um vento assim... Foi apagano, apagano que um pouco veio uma coroa de estrela brilhano, como se fosse uma árvore de Natal, em volta, rudiano assim.

Eu falei:

— Uá! Que que isso? Cumé que eu vô fazê esse parto aqui no escuro? E o pai e a mãe dormino... e o mininu veio nascê. Quando eu dei toque nele a bolsa num abriu. Eu num vô abri que a cabecinha já tá saino. Ele saiu, num chorô dentro da bolsa, mas mexia lá dentro.

Eu falei:

Eu não vô abri, eu vô acordá esses pai. Cadê eu podê acordá? Ninguém acordava. Parece que u mininu não queria que eles vesse ele nascê. Foi uma coisa estranha. Eu fiquei besta quando eu vi aquilo. As estrela brilhava assim ó, uma coroinha assim ó, do lado dele lá... abria e fechava, quando uma fechava a outra abria. Eu fiquei pensano:

— Meu Deus... Será que isso é de Deus? Faz uma obra dessa, só pode sê de Deus...

E eles dormino. Quando eles acordô, as estrela apago e as coisa sumiu tudo. Eu fiquei besta. Eles chego vê. Só um pouquinho. Que eles abriu o olho ‘pra’ vê.

Eu falei ‘pra’ eles assim:

— Esse mininu é um mestre.

Ele que abriu a bolsa, eu deixei ele, um dos meus filhos também abriu a dele. Ele faz o movimento, ele nada lá dentro, aí abre a bolsa e sai. Duas histórias que o povo não acredita é essa aí e que a cobra mamô em mim (Santos; Watson, 2022, p. 81-82).

Outras histórias são mais críticas, partos demorados, críticos, perigosos, nos quais a mãe e o bebê sofreram grande risco, ou até ela mesma, arriscou-se, se machucou, cansou, foi

maltratada. O parto de Raimunda, que não sabia que estava grávida de gêmeos até o dia do nascimento, foi um desses difíceis. No princípio, inclusive, Dona Flor não era a parteira designada de Raimunda, mas ela foi chamada pelas outras parteiras porque a situação estava muito difícil, de modo que ela chegou lá com tudo já acontecendo. Ela disse para as parteiras que estavam lá que Raimunda estava grávida de gêmeos, mas elas não acreditaram. Dona Flor insistiu para que Raimunda continuasse tentando após o nascimento da primeiro bebê, que já estava muito fraco. Quando o segundo veio ao mundo, as outras parteiras não acreditaram.

Dona Flor: Eu mandei preparar um ovo caipira com pimenta quente. Enfiei nela, ela também tava bêbada né...aí bebeu esse ovo, falei, “vai deitar um pouco”. Mas foi, chega tava mole, mole, mole, mole. Aí eu mandei a moça que tava lá, fazer um caldo ‘pra’ mim aí. Cebola, pimenta, alho, cominho, pimenta de macaco, jaborandi. Fez. Depois eu apimentei ela com malagueta. Daí a pouco, essa nega veia chega chiava. E ela lá falando, falou que tem outro menino, quero ver que menino. Cê vai matar essa mulher. Eu dei uma sacudida nela, até o menino, passou daqui. Eu falei, do jeito que tá aqui não pode sair não. Aí eu mandei o cara que tava, irmão, acho que era irmão dela. Mandei ele sacudir ela, eu fui e aproveitei. Ela ficou com os pés, assim no ar, aí eu falei apoia ela um pouco. Aí ele apoiou ela e ela começou a querer dormir. Eu digo “cê dorme”, aí a pouco ele, ó. Ela de lá falou, a outra que se chama Raimunda também, Antônia nasceu. (...) era a mulher de Onofre, chamava Raimunda. É, ela tá falando que, que o outro menininho nasce. “É mentira, é mentira” Quando ela falou é mentira duas vezes o menino chorou. Chorou, falei “aí gente, nunca tinha visto mentira chorar, tô vendo hoje”. Mas essa parteira chorou, mas chorou, chorou. Chorou eu digo: “Vocês tá chorando de alegria de ódio? Raiva? Ou tá alegre por que o outro já morreu?”. Elas ficou sem saber que que respondia. “Esse daí escapou, mas o outro. Já nasceu morrendo mesmo”. Viveu pouco tempo, porque o peito da mãe era desse, era um mamãozão desse tamanho, com o bico desse tamanho. E o outro lá era raquítico, ele não tinha força ‘pra’ mamar. E nós deixou eles só com esse que já tava morrendo, só no peito da mãe. Mas eu, como eu vi que ele tava, ansioso ‘pra’ ele beber alguma coisa. Tirei o peito e botei na boca dele [sic].

Exemplifico os partos para que o leitor possa sentir-se próximo desses momentos de modo a, quando começarmos a pensar sobre a dualidade, a qual abordarei em seguida, a empreitada teórica tenha lugar no espaço, no tempo, na história, cor, cheiro, cara, carne. Sempre que possível, ao receber uma grávida, Dona Flor decide se acompanhará o parto ou não, depende um pouquinho, bem pouco, de sua disponibilidade, depende mais das possibilidades daquela mulher que se apresenta, ela tem a quem recorrer? Depende dos níveis de risco daquela gravidez, que Dona Flor calcula, não somente a partir dos exames, sempre que possível, mas também a partir da sua percepção daquela pessoa, daquela família, os hábitos e os sentimentos coexistem ali, naquele ambiente-família. Não são tão raras as vezes que Dona Flor encaminha mulheres para o médico e recomenda que tenham os bebês no hospital, sob a supervisão de tal, não é qualquer

parideira que pode parir no mato, e a depender da gravidez, a situação pode mudar.

Dona Flor conhece as limitações e desafios de seu ofício de parteira, às condições boas o suficiente para que os partos ocorram sem que a mãe ou o bebê sofram demasiadamente. E reconhece o lugar do hospital e dos médicos, e as potencialidades deles para certas ocasiões. Às vezes qualifica os médicos de carniceiros, mercenários, que não sabem de muita coisa. Outras os elogiam, agradecem e recomendam. Vai de caso a caso.

Dona Flor: Ela me ajudou a fazer parto desse Nica, chô ver se ela tava. Tem um monte, os meninos de Dirinha tudo. Só não Lane. Mas assim mesmo ela tava junto comigo até a hora que eu mandei Hélio sair com Dirinha, Dirinha tava muito desnutrida, não tava tendo força ‘pra’, ‘pra’ expulsar a bolsa da menina dela, tava de mal jeito ‘pra’ nascer. Aí eu falei, “Olha, melhor cê sair antes, fazer os exames dela lá. Do que ocê perder as duas, porque a menina não nasce, a mãe está muito fraca, eu não dou conta disso aqui. Da um jeito aí, arranja um carro, vai levar ‘pra’ Brasília. Aí foi ‘pra’ Sobradinho.

Clara: Deu tempo?

Dona Flor: Deu, chegou lá, fez os exames tudo. Aí terminou na maternidade ficou, ficou, ficou. Aí quando chegou na hora do parto, fez o parto. Porque o nosso osso que se chama osso do pente, esse aqui assim, ‘pra’ mulher parir fácil o osso larga assim aí a bolsa vem e abre o osso, aí a água estoura e a cabeça do menino passa. E quando não é assim, que é assim ó. Esse é o perigoso. Porque a cabecinha do Neném vem. Fica aqui ó, aí não passa. Aí a criança sufoca e morre, porque ele pode beber a água, a água que ele tá nadando dentro dela, que ela cria ele, não pode beber. Aí eu dei fê que tava desse jeito e mandei ela ir lá, aí ele foi, chegou lá deu certo [sic].

Saber decidir que parto, parideira e bebê se encaixam em cada situação é uma das expertises de Dona Flor, saber escolher, analisar, combinar experiência, possibilidades, intuição, forças e fraquezas e optar pela melhor decisão para que o nascimento ocorra sem maiores preocupações é conhecer e agenciar diferentes mundos, o da medicina moderna, suas possibilidades, riscos e limitações. Bem como o do ofício da parteira tradicional, que também tem possibilidades, riscos, vantagens e limitações.

Enquanto raizeira, o mesmo acontece. Em certos casos ela combina os remédios caseiros, chás, banhos, emplastos, rezas e carinhos com os remédios de farmácia. A história do tratamento da infecção no nariz de seu neto é um bom exemplo. Outro exemplo escancarado é o cuidado com ela mesma que eu presenciei até os últimos momentos possíveis. Óleo de andiroba, cremes de farmácia, bombinha de asma, remédio para o coração, inalação com remédios de farmácia, tanque de oxigênio, banho de negranima para as pernas, chá de camomila, de erva doce. Tudo para lidar com diversas questões de seu corpo, espírito, mente e coração.

Como quando seu neto Ian, filho de Rhina, nasceu antes da hora, por causa de um susto

que Rhina levou quando caiu um raio perto da casa de Dona Flor, e o barulho do trovão que seguiu rugiu tão alto que o bebê acabou nascendo prematuro. Os cuidados em casa, com um bebê prematura tem que ser muito bem feitos para que nada de ruim aconteça, o medo e apreensão permeiam a atmosfera do lar.

Dona Flor: Hun! Ian se eu não sou uma parteira ajudada por Deus ele já tinha era morrido.

Porque o trovão caiu aqui dentro de casa, e ela tava aqui dentro de casa, e na hora que o trovão caiu Ian assustou na barriga dela e a bolsa d'água estourou, e ele prontificou 'pra' sair, saiu. Saiu com a cabecinha peladinha.

Clara: De quantos meses?

Dona Flor: ele era para nascer de nove? Ai ele não nasceu de nove, nem de, nasceu de 8 e pouco. Eu sei que ele era 'pra' nascer dia 23 de abril, ele nasceu parece que dia 10 de abril. Não tô lembrada direito não mas foi, eu sei que ele é de abril. Não tô sabendo é a data direito mais. Aí nasceu, e eu fiquei escondendo ele dela, 'pra' ela não ver a cabecinha dele.

Clara: Pelado de que? Não tinha...

Dona Flor: Não porque, ele não nasceu no normal, ele é prematuro, num é de 7 mês, não é de 8, não é de 9. Ele já tava muito bem. Aí eu fiquei colando a cabecinha dele, dando banho maria nele. Ai quando eu levei ela 'pra' fazer pós-parto lá no hospital eu encontrei um anjo lá. Dei na sorte que tinha um pediatra.

Aí ele falou comigo ó “esse caso dele aqui é complicado, mas como a senhora é parteira, não vou fazer o que que ele precisa não, mas que a senhora também sabe o que que ele precisa”. “Não doutor, mas o seu doutorado é diferente do meu, porque eu não sou doutora, eu queria saber o que...” O que a senhora pretende fazer com ele?” O que eu pretendo fazer com ele é, a gente já comprou o abajur, 'pra' dar banho maria nele, de manhã a gente põe ele no solzinho, eu tô banhando ele com erva, com o picão, com a marcela, tô passando óleo de Mamona na cabecinha dele. Eu peguei minhas meias calça, cortei, fiz toca 'pra' ele. E foi, foi, foi, foi, foi. Quando eu levei ele lá de novo, ele botou o dedo assim na cabeça dele né? Já tinha colado tudo [sic].

Enquanto mestra também, às vezes Dona Flor sabe de tudo e clama responsabilidade, livra seus aprendizes de apertos e apazigua conflitos com base no seu mérito social, dentro da comunidade. Por outras, ela se coloca como boba, velha, cansada, e abre mão de afazeres e outras responsabilidades para as quais ela julga ser preciso alguém que não é analfabeto, ou que sabe lidar com as burocracias. A depender da situação sua expertise serve para eximi-la da responsabilidade ou o inverso, o mesmo se dá com a falta de conhecimento sobre certas coisas.

As últimas ocasiões em que ouvi Dona Flor agenciar esses conflitos e explicar seus argumentos, explicar seus motivos, são as que dizem respeito ao trabalho de parteira de suas aprendizes. Em uma situação de conflito ela utilizou de seu mérito e humildade para desencorajar que uma mulher causasse problemas para suas aprendizes, porque esses problemas respingariam nela. Para as aprendizes ela não utiliza do mesmo argumento, ela lembra que as mesmas

carregam suas próprias responsabilidades, que os diplomas são os que garantem a segurança delas e afastam Dona Flor da responsabilidade por sobre as decisões tomadas de maneira indevida.

Dona Flor: Por isso que elas ganharam, a moça ia processar elas, não processou porque eu não deixei. Falei, você vai me prejudicar moça, você veio ‘pra’ cá ‘pra’ ganhar neném, elas falou ‘pra’ você que elas é.... Elas é aprendiz, elas não é parteira não. A parteira é eu. Vocês não procuraram a Raiz, vocês foi logo pelo galho. Se você pendura no galho, o galho quebra.

A mulher ficou brava, botou as meninas de açougueira. Eu falei, você não vai denunciar essas meninas se não você perder. Porque a parteira foi eu, você nem me conhecer me conheceu. Você foi me ver no diinha, porque tava dando início o trabalho de parto. E aí as meninas que tavam lá, fazendo o parto.....

É, eu num gosto. Eu deixei de ser parteira por muitas coisas. Um que eu não tenho mais resistência para isso, meu coração não aguenta mais uma mulher sofrendo. Então eu ensinei elas, agora elas que quer ensinar. Chega cá fazendo as coisas errado e eu digo não tá certo.

Vai ensinar outras pessoas porque eu cêis não ensina não, depois faz essas coisas lá, não foi eu não. Se morrer uma mulher aqui no Moinho na mão suas é na mão suas. Ceis ta com viu certificado, diploma, não falando as práticas. Eu quero que você ‘pra’ onde ceis vai, ceis vai dizer que é eu. Eu já fiz, eu fui fazer as contas outro dia não é 335, não é 339, parto que eu fiz. Nunca morreu uma mulher na minha mão. Nunca, e nem morre. Só se ela já chegar aqui morta [sic].

O hospital, a partir da narrativa de Dona Flor, é um lugar em que esses mundos colidem com maior evidência. Por mais que Dona Flor evite ao máximo se deslocar até o hospital, devido ao custo material, físico e emocional da viagem, bem como o custo daquilo que a espera lá, ela vai quando julga ser estritamente necessário. Enquanto ela pode, ela se cuida e trata com seus conhecimentos, plantas e fé, e com a ajuda de amigos, médicos, como a Doutora Andrea. Sendo assim, deslocar-se para Alto Paraíso mostra, na materialidade uma espécie de limite de seus conhecimentos e de suas relações. Dentro do hospital, no entanto, esse limite continua a ser esticado, tensionado. Por exemplo, algumas necessidades de tratamento não são grandes o suficiente a ponto de ofuscarem a necessidade de respeito e estadia em um ambiente acolhedor.

Outro fator é que, por conhecer e ser conhecida no hospital, o tratamento que a instituição oferece, através das pessoas que mantém laços com Dona Flor, é mais flexível da parte delas, oferecendo a Dona Flor tratamentos que a deixam mais confortável e evitando ao máximo tomar medidas mais drásticas, como encaminhar Dona Flor para hospitais maiores, em outras regiões, nos quais ela teria menos autonomia. Desse modo, a instituição, por sua vez, a partir da relação

com Dona Flor estica e estressa seus próprios limites a fim de fazer os mundos dialogarem.

Dona Flor: Graças a Deus, porque ali tava uma bagunça, cê vê um médico sozinho passando, socorrer parto, socorrer aborto, cachorro doido, cavalo doido, homem doido, mulher doida, tudo lá. Rasgando trem comigo lá “Ah que o cavalo, não sei o que...”

Gente, não tem mesmo quem aguentava não. E o povo bruto, ignorante. Xingando, falando de matar. Rumando capacete na cara dos médicos, que horror é esse? Eu falei ‘pra’ eles “Eu não venho aqui mais não, vou beber minhas folhas, eu não gosto de violência. Todo mundo que trabalha com gente sofre.

Clara: É, gente não é mole não.

Dona Flor: Gente não é brincadeira não, cê vai educar a pessoa, cê vai ensinar a pessoa. A pessoa pensa que você que tá precisando dele. Não é. Né, não!

Dona Flor: Vocês que fica aqui na emergência, tem que saber o nome das pessoas. Sabia que essa mulher não tá boa? Eu falei “Eu não tô boa não, que se eu tivesse boa eu não tava aqui. Quando eu vou procurar médico, Clara, eu to morrendo.

Quando eu chego lá no hospital eles tomam logo uma providência que eles sabem que eu não fui à toa. E eu fiquei “O meu Deus, dá sabedoria ‘pra’ essa moça, ela precisa de ganhar o dinheiro dela, mas precisa respeitar a gente. Dá um jeito nela” [sic].

Nos momentos em que as vidas estão sob maior risco, seja a vida de Dona Flor ou de alguém por sobre quem ela é responsável são aqueles em que as tensões e possíveis diálogos entre saberes tradicionais e saberes científicos⁸⁹ se mostram mais evidentes. O parto, por ser um momento de criação de vida, e de possível perda de mais de uma vida, é um desses momentos de risco de que falo. De modo que os relatos sobre parto são aqueles que trazem maior abundância de elementos para se pensar essa tensão/diálogo.

Pensar esse diálogo é reconhecer os agenciamentos de Dona Flor entre “seu mundo” e o “mundo ocidental”, o movimento e negociação da mestra, evocando por um lado sua expertise enquanto parteira e raizeira e a importância de seu saber e cultura, alicerçado em sua experiência e êxito de sua trajetória; e por outro lado, sua autopercepção e agenciamento em relação a sua lacuna de escolaridade e dificuldade no trato com a burocracia, bem como ingenuidade perante o saber dos médicos, adicionada do reconhecimento do valor do conhecimento ocidental para determinadas situações.

Dona Flor navega águas calmas, correntes frias e quentes, e por vezes se encontra em águas turbulentas, onde as correntes se misturam e geram movimentos complexos e vorazes. Sem, no entanto, diminuir ou sobrepor técnicas de navegação promotoras de vida, que podem ser

⁸⁹ Estes conceitos, saber tradicional e saber científico, são baseados em Cunha (2007), que os diferenciais são, dentre outros princípios, a partir da qualidade agregadora do primeiro, e excludente ou hegemônico do segundo, mas que ainda de acordo com a autora, têm encontrado campos na ciência em que o diálogo pôde ser estabelecido, não somente no sentido de validação de um pelo outro, mas, como também exemplifica a prática de Dona Flor relatada ao longo do texto, “práticas de ciências tradicionais são fontes potenciais de inovação da nossa ciência” (p. 81).

encontradas tanto nos saberes das raizeiras e parteiras, quanto nos saberes ocidentais. Sendo que ambos têm suas lacunas, vantagens e desvantagens, podendo ser combinados de modos a garantir o melhor cuidado para os seres.

4.7 “Desorganizando posso me organizar”⁹⁰

[Busca por equilíbrio e fluxo de emoções]

Estando na casa de Dona Flor, ouvindo suas histórias, observando as suas maneiras de ser, estar, se relacionar, o que fazia e o que falava sobre o que fazia, tanto no presente quanto no passado, encontrei o contraditório em dois níveis, o primeiro que tem a ver com a minha expectativa sobre a Dona Flor – que se expande para a expectativa de muitos outros que chegam – que foi surpreendida, desafiada. E segundo, um modo de ser que abraça diversas contraditoriedades nos modos de ser, fazer e pensar. Nesse sentido, é interessante pensar a primeira contradição como um “cuidado sem troca de cuidados”, tanto minha quanto aquela que também capto existirem alguns daqueles que buscam Dona Flor, e outras raizeiras, para cuidados, conselhos, conversas. Ou seja, muitos chegam querendo receber cuidado, e nessa ânsia, esquecem de cuidar e prestar atenção às necessidades da Dona Flor, que, vista como pura, curadora, solucionadora de problemas, não poderia ter ela mesma, seus próprios problemas.

Já a segunda, que tem diálogo com a primeira, porque a quebra de expectativa, que é contraditória, tem a ver com a natureza contraditória. Essa segunda contradição então, é mais bem definida com um fluxo de ações, pensamentos, modos de ser, sentimentos, que não são nem um todo puro ou um completo impuro, um que doa tudo, ou algo que não doa nada, é um fluxo. Esse fluxo organiza e desorganiza as ações, corpo, mente, espírito, relações, quintal, jardim, pacientes de Dona Flor. Em resumo, temos três pontos num fluxo de ações e relações, a pureza (que se estabelece de maneira mais evidente no lugar da expectativa de quem vê de fora), a contradição, que é como as coisas se dão na prática e por consequência, a impureza, que está muito próxima da ideia de contradição.

Essas ideias então, nos remetem ao que coloca Mary Douglas (1985) quando explora a impureza e sua equivalência à desordem, por isso o título da seção, que remete a relação entre

⁹⁰ Trecho da música “Da Lama ao Caos” de Chico Science, disponível em <https://www.lettras.mus.br/nacao-zumbi/77655/>, acessado em 18 de dezembro de 2024.

essas práticas, expectativas e relações, buscando entendê-las como fluxo, um fluxo entre organização e desorganização, ordem e desordem, pureza e impureza, que é agenciado por Dona Flor de diferentes maneiras, em diferentes contextos.

Começemos com a ideia de pureza e seu nascimento na expectativa daquele que busca Dona Flor. Existe uma imagem de um ser puro no sentido positivado do negativo, como aquele cuidado que deve ser feito, é sustentador da vida, e ainda assim, não é valorizado, e, portanto, colocado num lugar de menos importância. Com positivado do negativo quero dizer, por exemplo, alguém que pode dar tudo, e que não precisa receber nada. Dar tudo de si é negativo porque drena a pessoa, mas é positivado porque é bem-visto, e qualificado enquanto missão, generosidade, bondade, iluminação, expectativas que recaem sobre aqueles que curam, como se fossem obrigados a curar em qualquer situação, em qualquer contexto, mesmo que isso signifique adoecer.

Dizer que existe uma expectativa em torno de Dona Flor, e em torno dos mestres de saberes, dos curadores, que devem ser sempre bons, elevados espiritualmente, que devem compartilhar seu dom, *etc.* dialoga com o fato de que, às vezes, as lógicas de reciprocidade entram em desequilíbrio, pesando para o lado daquele que cuida, que deve sempre doar e estar bem, porque isso é esperado de sua dádiva, só que essa lógica desconecta a dádiva da pessoa humana, com necessidades, e de lugares e relações de poder para os quais precisamos nos atentar. Às vezes esse desequilíbrio recai sobre Dona Flor. No imaginário dos que estão fora, Dona Flor é pura, está ali para conversar sem parar, por muitas horas, pode curar todas as doenças, é sempre caridosa, cuidadosa e paciente. A sua missão de cuidadora e curadora é quase que como um dever esperado, que se ela não cumpre se torna imprópria, ou impura.

É uma expectativa tamanha que às vezes parece penetrar um pouco na própria Dona Flor e a sua percepção por sobre si, fator que identifico na prática, porque, de uma maneira ou de outra ela acaba por aceitar a expectativa e a se submeter a situações como essa, seja por decoro, fé, necessidade daquele visitante que pode comprar algo em sua loja, ou por não saber lidar com a falta de cuidado desse outro, que não percebe as necessidades da mestra como ela percebe a necessidade de todos. Um exemplo clássico disso são as infinitas horas que Dona Flor passou atendendo a pessoas em sua loja, sem tomar seu tempo para comer, beber água ou ir ao banheiro, até mesmo terminar um serviço em sua casa, sua roça, ou feitiço de remédios, que precisava ser

executado. Isso pode ser exemplificado através da percepção de Deija, por exemplo:

Deija: Eu quero servir. Mas eu não quero me transformar na minha mãe sabe é eu quero viver também sabe eu quero sair eu quero viajar, né? Eu quero cuidar de mim também. Eu quero como é que fala programar minha vida, né? Para mim não ficar só doando para as pessoas. Eu quero doar? Eu quero doar. Mas eu também eu acho que antes da gente cuidar de qualquer pessoa primeiro a gente tem que cuidar da gente porque se eu não tiver bem não tem como eu cuidar de ninguém.
Né mesmo? Porque você tem muitas pessoas que não tá interessado só em me sugar, que me cuida de mim também que tá interessado também, né? Tem umas pessoas que não que pensa que a gente tá ali só para isso porque comprou um sabonete eu tenho que ficar ali duas três horas falando com ele, entendeu? Mas tem outras pessoas que não que já pensa diferente, né? [sic].

Falar sobre essa expectativa de pureza facilita a tarefa de contar sobre o que eu percebi, vi e ouvi: algo que contrasta com tal expectativa, um fluxo de emoções, processos organizadores e desorganizadores, pelos quais Dona Flor, e qualquer um, passa e se submete, em busca do equilíbrio. O equilíbrio é bom para si, para o outro e para a relação, mas ele não é estático, ele é produto de um trabalho constante em busca de tal. Além disso, esse trabalho pode ser auxiliado por outras pessoas, plantas, fé, remédios *etc.* Dessa forma, o contraste proporcionado pela comparação entre a expectativa de pureza e o contraditório encontrado dá forma para o processo em busca do equilíbrio, algo que é difícil de palpar e justificar em si mesmo.

Assim, encontro ressonância no que postula Mary Douglas quando diz que “as crenças relativas à separação, à purificação, à demarcação e ao castigo das transgressões tem como principal função sistemática uma experiência essencialmente desordenada” (1985, p. 8), ou seja, me parece que essa ideia e expectativa do puro nasce, imbricado com a realidade prática da desordem. Ainda que não estejamos falando de religião e sim de noções que aterram reflexões sobre relações, práticas e sentimentos, o que me ocorre é que, não exatamente pura, Dona Flor tem sentimentos difíceis, histórias controversas e doses de mau humor que às vezes respingam em quem está por perto, ou em quem é motivador de tal sentimento. Tristeza, raiva, desesperança, medo, esses sentimentos existem em todos nós, eles fazem parte do fluxo da vida, do processo de ser, de ser qualquer coisa, pessoa, parteira, raizeira, filha, mãe, avó, mestra. Esses cargos/expectativas por sobre a pessoas fazem com os que encontram a mestra se esquecem justamente do elemento pessoa, que carrega coisas próprias, quem vem de diversos lugares e diferentes relações. Se para Mary Douglas:

a reflexão sobre a impureza implica uma relação sobre a relação entre a ordem e a

desordem, o ser e o não-ser, a forma e a ausência dela, a vida e a morte. Onde quer que as ideias de impureza estejam fortemente estruturadas, a sua análise revela que põem em jogo estes profundos temas (1985, p. 9).

Para Dona Flor essa reflexão aparece nos atos a partir dos quais ela reflete, aprende e ensina a partir dessas contradições em diversos âmbitos da vida. Por exemplo, quando está falando da fé dentro da igreja, ela não esconde sua decepção e desgosto de saber de histórias de padres pedófilos, fieis abusadores e casos de traição. Ela comenta sobre essas situações sem desqualificar a instituição como um todo, dando espaço para que ela melhore, processualmente reequilibre-se:

Dona Flor: Ué! Não sei, eu só sei dizer que deram o tiro no padre, mas o tiro do padre não pegou certo ‘pra’ matar não, ele não morreu não. Agora o outro lá, morreu mesmo. Eu acho que aqueles pastor que fica mexendo com muié dos outro. O povo pensa que porque botou a gravata no pescoço, a bíblia aqui, é santo. Tá?! Santo. Hun! Não é todas as igreja não, mas tem. Eu falo as Igreja, tem uma Igreja, teve uma Igreja lá no Alto Paraíso que o cara pegou foi enfiou a mão debaixo da saia da membra dentro da Igreja. É! Esses aí eu chamo de santarrão [sic].

Ainda sobre a igreja enquanto instituição e a quebra de expectativa de pureza da mesma, e da própria Dona Flor enquanto parte, uma boa maneira de exemplificar a contradição e as estratégias e argumentos que Dona Flor utiliza para lidar com aquilo que acha certo e errado, bom e ruim, sem desqualificar totalmente nenhum ou o outro e possibilitando a busca em torno daquilo que, para ela, é equilibrado, é a sua postura diante de questões morais dentro da Igreja, a seu ver podem ser resolvidas de forma simples, como o que segue:

Dona Flor: [falam] que eu não posso ser uma mulher que vou receber viado. Eu falo não, nunca vi viado dentro da igreja não, o dia que eu vou bater no colo. [falam] “Cê é muito chegada nessas Sapatonas”, eu olho o pé assim todo mundo, quase tudo dum tamanho só... Todo dia, **não aceito [esses comentários] mesmo** [sic].

Ela também fala abertamente sobre a existência de sentimentos como a raiva, o medo, a inveja, a tristeza, dentre outros que ela qualifica como negativos, entretanto parte do ser. Ao falar sobre tais sentimentos costuma trazer as estratégias e maneiras que ela usa, ou que vê outros utilizando para lidar com eles. Quando fala de Deija, por exemplo, não elogia sem criticar, nem critica sem elogiar, reconhecendo as conquistas e dificuldades da filha, que é carinhosa, cuidadosa, sem vergonha, faz tudo para todos, até que atinge o seu limite. Dona Flor conhece o limite da paciência e doçura da filha, e entende quando o limite é ultrapassado, desequilibrando, pode chegar à raiva.

Dona Flor: Deixa assim, ela é uma menina assim, até hoje para mim uma menina, ela é muito carinhosa, ela é muito paciente. Ela tem dó de todo mundo. Desde criança, ela gosta muito de criança. Gosta muito de ficar puxando boca de gente velha para escutar conversa besta. É uma mulher sem vergonha essa Deixa gente, nossa, tenha paciência. Mas ela tem suas razão dela (...) E ela não tem esse negócio de fazer as coisas com má vontade não, o que ela pode fazer ela faz. O que ela não pode, não quer também, então não faz. Chegou na hora da raiva dela, pronto.

(...) A raiva é pobre meu filho, a raiva é pobre e o medo é mentiroso. Cê bota isso na cabeça... [sic].

Seus filhos, inclusive, são um assunto que trazem bastante contradição em sua fala, ao mesmo tempo em que são a alegria de sua vida, e que ser mãe é motivo de grande orgulho, ela não esconde os desafios e dificuldades que passou, deixando pesar a parte que pesa na balança das relações, e traz outras medidas que contrapõe essa questão, num processo dialógico:

Dona Flor: Não, vou falar procêis, já sofri de mais com esses meninos, mas se eu tivesse pegado ela, jogado fora, judiado dela, dado ela pros outro ela tava aqui hoje? E mais quem que eu havia de tá? [sic].

Dona Flor, no entanto, é bastante consciente desse fluxo, desse processo, digo isso com base em alguns elementos que aprendi com ela e que achei por bem qualificar aqui, através desse lugar de “não pureza”. Ou uma pureza que não é carregada somente de coisas positivas o tempo todo, ela é um processo, uma busca constante e que se dá em todas as dimensões do ser, como quase tudo que Dona Flor faz leva em conta uma ampla gama de dimensões: o corpo, o espírito, a mente, o coração e a alma. A busca do equilíbrio habita diversas relações conflituosas de Dona Flor, e de maneira intensa é atravessada por sua relação com Deus, em quem ela se apoia ao desejar seu próprio equilíbrio e o equilíbrio dos outros, sobre uma situação em que foi destrutada no hospital ela relata:

Dona Flor: Quando eu chego lá no hospital eles tomam logo uma providência que eles sabem que eu não fui à toa. E eu fiquei “O meu Deus, dá sabedoria ‘pra’ essa moça, ela precisa de ganhar o dinheiro dela, mas precisa respeitar a gente. Dá um jeito nela” [sic].

Para cuidar de alguém, portanto, é preciso estar com todas essas dimensões cuidadas e equilibradas. Tanto para não desequilibrar quem está sendo cuidado, para não desequilibrar a si, e para ter a força de reequilibrar quem está num caminho de desequilíbrio. Para alcançar o equilíbrio é bom se aliar às plantas, à fé, à boa alimentação, às boas relações, à natureza. Não adianta só tomar um chá de camomila, é preciso buscar a calma em outros lugares da vida

também, o chá, nem a raizeira, nem a parteira, nem a pessoa consegue fazer todo o trabalho sozinhos. São elementos combinados, que fluem, compartilham e dividem essa grande tarefa de equilibrar-se.

As plantas ajudam a organizar, tanto na forma de chás, emplastos, remédios, banhos, quanto na sua forma original, estando no mato. Nos dias em que Dona Flor estava muito triste, e eu a via chorar, ela conversava comigo e falava que, quando ela estava triste assim, sem forças, desanimada, ela olhava ao seu redor, observava e percebia, as plantas, o canto dos pássaros, o correr dos bichos do mato e do quintal, o céu azul, o sol, a chuva, o vento, as nuvens, o nascer e o pôr do sol. Ela me disse que se colocava a pensar consigo: “Deus me colocou nesse mundo tão bonito não foi para ficar triste, eu tenho que me animar”.

Dona Flor: E eu fico ‘pra’ cá e fico sozinha, aí eu pego, vou botar terra na, sacola, vou pensar a vida como é que eu vou fazer, daqui ‘pra’ frente como é que é. Eu tenho de achar ocupação aqui em casa, porque, não dá. Ficar deitada naquele sofá ali não dá.

Me abate muito mais, eu fico muito mais cansada, acaba a energia. E eu num quero se não daqui uns dias eu posso não fazer remédio, se eu não tô com a energia positiva como é que faz? [sic].

As plantas e os remédios de Dona Flor atuam na cura processual dos desequilíbrios, que podem estar em diversas dimensões, sendo que essas dimensões estão conectadas e relacionadas. Em certa ocasião, quando conversava com Dona Flor na companhia de Sílvia e Henyo, que foram conhecê-la a partir de seu envolvimento com o projeto de patrimonialização do ofício de raizeiras e raizeiros do Cerrado, junto ao IPHAN, Dona Flor conversou com Sílvia sobre as questões de saúde que ela trouxe. Dona Flor qualificou as queixas de Sílvia, a partir do diálogo, como uma desorganização hormonal, que poderia retornar ao equilíbrio com a ajuda das plantas, na forma de chás, banhos e garrafadas.

Ainda no mesmo tema, quando eu vi Dona Flor se preparar para a aplicação de Enema – sobre a qual já falamos desde a perspectiva do cuidado –, uma das partes fundamentais do tratamento é a limpeza e promoção do equilíbrio espiritual do ambiente antes de cada aplicação. Para isso, se pode rezar, fazer defumação com as plantas, montar um altar, vestir cores claras, prender os cabelos, na busca de emanar segurança e fortalecer aquele espaço multidimensional (corpo, espírito, sentimento e alma). O intestino é uma parte muito sensível do corpo, que conecta essas dimensões, a limpeza por sua vez, trabalha em todas elas, de modo que todo cuidado é

necessário para que coisas (sentimentos, energias *etc.*) indesejadas não atrapalhem o tratamento.

Do mesmo jeito, o parto é um momento para o qual é preciso buscar o equilíbrio de si e do ambiente, é um cuidado que demanda muita energia, e um momento em que aspectos negativos podem desequilibrar o momento, dificultando-o. “Parto é uma coisa espiritual” é como Dona Flor fala. Nesse sentido, ela aconselha que não haja aglomeração de pessoas em volta da parturiente e do neném, porque isso pode abalar o nascimento e respingar no bebê e na mãe, que acabaram de passar por um processo muito delicado.

Um último exemplo, de como o tratamento e o cuidado é entendido como processo diz respeito ao derrame que Dona Flor teve, ela o relaciona a um sentimento profundo de preocupação o qual ela guardou durante um tempo e que implodiu no corpo. Para tratar dele foram precisos anos, os quais ela foi cuidando diariamente, até que a situação normalizasse, momento no qual um novo sentimento a inundou, mas que dessa vez ela não lidou com ele da mesma maneira, para que não se desequilibrasse e adoecesse uma outra vez.

Dona Flor: E eu olhei assim, falei ei diacho, aqui tá sofrendo igual eu soffro, essas duas muié ela num tá aqui atoa, uma hora dessas, essas tão fazendo é alguma coisa. E passei, e fui. E aquilo ficou dentro da minha cabeça. Será o que que aquele homem que tava preso tinha feito, será que ele tinha matado alguém. E fui criando aquilo na cabeça, quando eu cheguei na prefeitura já senti a mão direita fazer assim, era o começo do AVC. A mão direita fazia assim, o pescoço fazer assim, a perna encolhia e eu fui calada.(...) Para não ficar assim, os olhos ficavam assim, puxados. A oreia parecia que tinha alguém puxando a oreia. Aí eu passei ‘pra’ tomar água ardente, água ardente alemã, ela é remédio próprio “pra” tudo quanto é tipo de jeito. Aí fui consertando, consertando, passou uns dois anos, três anos [sic].

Além das plantas, do cuidado, do remédio e do tratamento que ajudam processualmente a equilibrar o ser multidimensional que é cada um, o riso, a piada, o humor, ajudam a lidar, compreender e acolher o conflito, o contraditório.

Dona Flor: Seu avô era sem vergonha mesmo. Chegava aqui essas mulherada mal, mal vestida ele ficava “Essa daí tá sem calcinha” Muruim⁹¹. E os meninos ‘caia’ na risada. “Que que é que cês tá rindo, que que foi?” Ele: “É, os muruim tá indo ‘pra’ festa e voltando da festa”. Diz que é os muruim saindo, e os menino caia na risada. Era tudo sem vergonha igual ele [sic].

Lucas: É, tá explicado!

Dona Flor: Mas era uma pessoa boa demais.

Tal qual o riso, o entendimento da união enquanto valor também proporciona a aglomeração das diferenças num todo mais ou menos coeso e equilibrado, que trabalho para o

⁹¹ Muruim é como Donato chama o Micuim, uma espécie de carrapato (*Amblyomma cajennense*).

bem comum, um objetivo e meio por sobre os quais o processo pode se apoiar.

Dona Flor: Mas o povo aqui é... Eles vêm falar para mim que eu sou eu sou crente, que eu não posso estar ajudando católica, ajudando espírita, ajudando isso e aquilo. Eu digo, não, crente até o diabo é. Eu sou uma serva de Deus Eu sou serva. É para servir todo mundo, não tem estrela na testa não, não vem que não tem. Na Bíblia não está escrito separação não divisão não. A Bíblia está escrito união. ‘Ocês’ nunca leu a bíblia, ninguém lê, ninguém [sic].

Estar organizado, ou não, equilibrado ou não é matéria de fluxo temporal e relacional, esses estados não estão fixados, rígidos, organizar-se é busca constante, e o desequilíbrio faz parte da vida, do ser, na qual o impuro, transfigurado, torna-se puro no fluxo. O desequilíbrio pode acometer qualquer um que não esteja vigilante, observando a si e buscando o equilíbrio. Existem maneiras de conquistar o equilíbrio, estratégias de aliança com plantas, pessoas, fê, remédios, experiência e entendimento de mundo. Dicas para o entendimento e aceitação da contradição que é a existência de partes supostamente opostas das pessoas dentro de uma só, lidar com o encontro do contraditório com humor traz leveza para aquilo que é difícil de entender, e buscar a união oferece horizonte e calma para esse processo. Desse modo, as metáfora de Mary Douglas que conclui suas reflexões sobre puro e impuro, ecoam, com as práticas e histórias de Dona Flor, por isso, a reproduzo:

Mudando de metáfora, um jardim não é uma tapeçaria; arrancando todas as ervas daninhas, o solo fica empobrecido. Para que permaneça fértil, o jardineiro deve, de certa maneira, repor o que tirou: transformar as ervas daninhas e a relva aparada em húmus” (1985, p. 119).

5. “DEIXAR RASTRO NO CERRADO”

[A despedida?]

Por fim, nesse capítulo me proponho a refletir sobre os processos de adoecimento e como, em campo, eles estão intimamente ligados com o envelhecimento e a perspectiva de morte. A morte, a doença e o envelhecimento se entrelaçam em campo porque são assuntos do cotidiano da casa de Dona Flor, onde ela também estava envelhecendo, adoecendo e morrendo, ao mesmo tempo em que era cuidada e cuidava de todos e do futuro. Como as pessoas com quem convivi lidam com esse aspecto da vida, a morte, que é constante, não só pelo estado de Dona Flor, mas também por todos aqueles que a visitam em busca de alguma cura ou afago para seus próprios processos que estão intimamente ligados a essas categorias.

Quando Omolu era um menino de uns doze anos, saiu de casa e foi para o mundo para fazer a vida. De cidade em cidade, de vila em vila, ele ia oferecendo seus serviços, procurando emprego. Mas Omolu não conseguia nada. Ninguém lhe dava o que fazer, ninguém o empregava, e ele teve que pedir esmola. Tinha um cachorro que o acompanhava. Omolu e seu cachorro retiraram-se no mato e foram viver com as cobras. Omolu comia o que a mata dava: frutas, folhas e raízes. Mas os espinhos da floresta feriam o menino. As picadas de mosquitos cobriam-lhe o corpo. Omolu ficou coberto de chagas. Só o cachorro confortava Omolu, lambendo-lhe as feridas. Um dia, quando dormia, Omolu escutou uma voz: “-Estás pronto. Levanta e vai cuidar do povo” Omolu viu que todas as feridas estavam cicatrizadas. Não tinha dores nem febre. Omolu juntou as cabacinhas, os atos, onde guardava água e remédios que aprendera a usar com a floresta, agradeceu a Olorum e partiu. Naquele tempo uma peste infestava a Terra. Por todo lado estava morrendo gente, todas as aldeias enterravam seus mortos. Os pais de Omolu foram ao babalaô e ele disse que Omolu estava vivo e que ele traria a cura para a peste. Todo lugar aonde chegava, a fama precedia Omolu. Todos esperavam-no com festa, pois ele curava. Os que antes lhe negaram até mesmo água de beber agora imploravam por sua cura. Ele curava a todos, afastava a peste. Então dizia que se protegessem, levando na mão uma folha de dracena, o peregrum, e pintando a cabeça com efum, ossum e waji, os pós branco, vermelho e azul usados nos rituais e encantamentos. Curava os doentes e com o xaxará varria a peste para fora da casa, para que a praga não pegasse outras pessoas da família. Limpava as casas e aldeias com a mágica vassoura de fibras de coqueiro, seu instrumento de cura, seu símbolo, seu cetro, o xaxará. Quando chegou em casa, Omolu curou os pais e todos estavam felizes. Todos cantavam e louvavam o curandeiro e todos o chamaram de Obaluayê, todos davam vivas ao Senhor da Terra, Obaluayê.

R. Prandi⁹²

Adentrar uma casa de cura, cuidado e amor significa conviver com seus complementares,

⁹² Disponível em: <https://www.brenoloesser.com/produtos/obaluaye-e-seu-cachorro-itans/>, acessado em 20 de junho de 2024.

doença, descuido e desamor. Porque na casa de Dona Flor são compartilhadas as dádivas que promovem a vida, aqueles ou aquelas situações nas quais a vida está ameaçada visitam todos os dias. Pessoas chegam em busca de remédios, carinhos e conselhos porque estão adoecidas, são miomas, doenças de pele, desânimo, gripe, insônia, ansiedade, estresse, vermes, furúnculos, cortes, solidão e afins.

Males dos quais Dona Flor, seus filhos-aprendizes e suas aprendizes cuidam e buscam curar com toda a dedicação possível, cobra-se de quem pode oferecer e compartilhar o dinheiro, compartilha-se sem custos materiais com aqueles que não podem oferecer tal, outras vezes, trocamos dons, ajudas, talentos, serviço e o que mais puder ser oferecido, será bem-vindo, se um não pode oferecer algo naquele momento, no futuro poderá, e a oferta virá em tempos providenciais.

Engana-se quem assume que tais males não acometem os curadores e os cuidadores. Como havia dito, na busca processual pelo equilíbrio, Dona Flor – raizeira, parteira, quilombola, mestra – desvia, apetece e se reorganiza frente a seus próprios males. Alguns que ela pega de quem chega, outros que desenvolve por si, frutos da idade, dos sentimentos, dos maus tratos do tempo e da vida de luta e muito trabalho.

Os males podem aparecer no corpo, na alma ou no espírito, e muitas vezes um alimenta o outro, o coração doente de sentimentos de preocupação de Dona Flor sucumbe ao inchaço das chagas. Seus pulmões cansados de ensinar se calam pedindo oxigênio, as pernas cansadas e inchadas de tanto trabalhar em pé. O corpo fraco entristece a alma e o espírito, a alma triste e o espírito sem ânimo não ajudam o corpo a se curar, não há remédio que trabalhe sozinho. O espírito forte afasta a morte.

Dona Flor: É, dei ‘uns’ empurrão na morte aí que ela deu o fora.

Volta e meia Dona Flor comentava alguma dificuldade que tinha com o próprio corpo. No dia em que estávamos cortando toucinho, por exemplo, comentou do pulso “tenho a munheca quebrada” queixando-se da falta de força e resistência para realizar o trabalho de cortar a gordura do porco. Ela convivia com sequelas diversas, algum acidente que teve a caminho ou durante o parto; colhendo os frutos da roça, algum bicho que mordeu; brigas com o falecido marido; doenças desde gripe até reações alérgicas fortíssimas, a doença de chagas e ultimamente, quedas

e outras dores da velhice.

A velhice, por sua vez, agrava as doenças de Dona Flor e interferia na capacidade do seu corpo de se reerguer, aumentando o desafio de estar de pé na vida, seus passos eram lentos e miúdos, ela precisava de um corrimão para descer a rampa que saia da cozinha e levava ao galpão, ficávamos observando sua perseverança, a postos para qualquer falha que se apresentasse em sua postura.

Dona Flor: E é esse que é o perigo, é as vistas e a pele. Quando eu ando ‘nesses’ quintal aí, hoje eu não tenho plano de ir no quintal, nem vestir calça. Porque quando eu vou pro quintal, é calça ‘merma’, tem que botar ‘pra’ não ferir, então, tô aí como eles pediram né [sic]. Tem hora que eu fico muito abatida, muito enjoada de ficar sentada, agora não, agora eu tô bem aqui, com você aqui, um pouco, em quando a outra fica aqui outro pouco. Mas tem hora que Deixa deserta ‘pra’ lá nos ‘trem’ dela ‘pra’ lá. E eu fico ‘pra’ cá e fico sozinha, aí eu pego, vou botar terra, ni sacola, vou pensar a vida como é que eu vou fazer, daqui ‘pra’ frente como é que é. Eu tenho de achar ocupação aqui em casa, porque, não dá. Ficar deitada naquele sofá ali não dá. Me abate muito mais, eu fico muito mais cansada, acaba a energia. E eu num quero, se não daqui uns dias eu posso não fazer remédio, se eu não tô com a energia positiva como é que num, a energia. Que esses ‘trem pode’ ter [sic].

Dona Flor trabalhou a vida toda, antes disso, aprendeu a trabalhar brincando de trabalhar, sempre fazendo alguma coisa, como ela e Deixa sempre falam, o serviço não acaba nunca, o trabalho só para quando a gente decide, porque se for trabalhar enquanto tem trabalho, não vamos parar nunca. Por esses e outros motivos na sua velhice, estar impossibilitada de fazer a grande maioria das coisas que sempre fez foi motivo de muita dor para ela. Fato é que, Dona Flor não parava quieta, era preciso sempre ter alguém de olho nela, e era preciso insistir muito para que ela descansasse. Muitas vezes ela acabava indo para o hospital, e somente lá, onde não podia ver todas as demandas da lojinha, da casa, da roça e dos visitantes, ela descansava um pouco.

Dona Flor: Não, Loro foi, fez, veio embora, aí ele ficou indignado, ficou doidinho. Ele não quieta não. Loro é igual uma formiguinha.

Clara: Do seu tipo, do seu ‘mermo’ tipo.

Dona Flor: Não, ele é pior do que eu. É que ele não ocupa assim com serviço de casa, né? [sic].

Desde as minhas visitas à Dona Flor, que se iniciaram em 2017, pude observá-la em sua persistência e luta pela vida, em 2018 quebrou o braço, em 2020 se isolou por conta da Covid-19, que abalou seus planos e seu sentimento de segurança no mundo. Em 2023 ela já estava com dificuldades de respiração, a alergia, o mofo, os anos inalando fumaça dos fornos e contando história, as pernas estavam inchadas quase sempre, às vezes melhorava um pouco e não havia

diagnóstico. Zita mandava negramina para ela banhar as pernas, Deija massageava as pernas com andiroba, ela fazia inalação, bebia chás, mais e mais banhos, xaropes, ia alimentando sua força sempre que possível, quando desanimava demais ia para o quintal observar o dia e se reencantar com a natureza, a beleza lhe inspirava coragem.

Todos os chegados que visitavam, incluindo as aprendizes, sempre traziam algo para alegrá-la, boa conversa, boa companhia, massagem, remédio, acupuntura, chá, chocolate, chamego, boas notícias, alegria de rever pessoas queridas. Ajudavam com os serviços que ela precisava fazer, carregar panelas de xarope, arrumar o balcão, arrumar a loja, lavar louça, fazer comida, colocar rótulos em produtos, puxar conversa, ficar de olho.

Quando alegre ela fazia piada com a morte, quando triste também. Sua partida era um assunto parcialmente velado, porque não queríamos pensar ou considerar essa possibilidade, e parcialmente exposto, porque era possível ver a morte chegando, além disso, com suas piadas e puxadas de orelha, Dona Flor não nos deixava esquecer desse fato:

Dona Flor: [...] aqui é caso de vida ou morte. Ou morre ou deixa. Ah é tempo, cês tem que conformar, que vai acontecer, que cês vai ver. Eu já arrumei até meus documentos. Eu não quero sair daqui. A hora que eu arruinar mesmo eu quero ver aonde é que eles ‘vai’ me levar. É de Alto Paraíso ‘pra’ cá, ou muito mais longe, São João D’Aliança. Pra lá eu não vou não, para Brasília para ficar lá entubada? Vivendo na maca? Arrumei tudo, tudo prontinho. Meu caixão tá ‘compro’ e pago, minha roupa tá paga, meu sapato, tá tudo lá. Até o dinheiro do velório eu vou trabalhar ‘pra’ pôr no banco ‘pra’ dar lanche pro povo [sic].

Seu “caixote de madeira” estava sempre na ponta da língua, os termos de sua morte foram assunto recorrente na casa, ela não queria ser entubada e pediu que algumas de suas relações mais próximas assinassem um documento garantindo que não a levariam para longe de Alto Paraíso, ela não queria ficar presa num hospital, longe de seu lugar.

Entretanto, no mês de julho do ano de 2023, Dona Flor saiu do hospital de Alto Paraíso de Goiás, rumo à Uruaçu, a central do SUS do nordeste goiano, com a promessa de que somente faria alguns exames que não estavam disponíveis para serem realizados no hospital de Alto Paraíso, por falta de estrutura. Em Uruaçu, ela descobriu que tinha uma fratura no quadril devido a uma recente queda no quintal, quando saiu despercebida, à noite, para buscar uma galinha. Quando foi examinada em Alto Paraíso e em São João D’Aliança, a fratura não foi encontrada, de modo que Dona Flor saiu do hospital, mas acabou voltando, ela tinha fortes dores e o inchaço

na perna não diminuía.

Por causa do seu estado de saúde, o coração inchado das chagas, o pulmão sobrecarregado e exprimido, a fratura no quadril e o inchaço nas pernas que desenvolveu para uma erisipela, os médicos de Uruaçu não a liberaram. Deija, que sempre a acompanhou, ficou com a mãe no hospital, elas não tinham levado roupas, itens de higiene, cobertor ou nada que pudesse tornar a estada no hospital mais confortável. Lucimar, ex-nora de Dona Flor, eterna amiga, e Nadja, uma das aprendizes, foram as primeiras a visitar Dona Flor e levar tais artefatos.

Os dias foram passando e Dona Flor foi ficando cada vez mais miúda, sua extensa família foi se organizando para pegar a perigosa estrada, por mais de 4 horas e vários quilômetros de estrada de terra querendo visitá-la. Eu recebia fotos das visitas no telefone, gravações de cantoria de hino, muita dor, sofrimento, vulnerabilidade, carinho e amor.

O adoecimento, as dificuldades da velhice e a perspectiva de morte, que na maioria das vezes aparecia na casa de Dona Flor junto com aqueles que vinham de fora, nesse momento, acumularam-se nela. Ela manteve seu espírito forte até seus últimos momentos, por mais que às vezes a tristeza a invadissem ela retornava ao equilíbrio de seu espírito, com a ajuda de pessoas queridas, plantas, animais, da natureza e de sua fé. Foi difícil perder Dona Flor, mas ela já vinha nos preparando para a sua morte, mais que isso, ela deixou muitas coisas encaminhadas para que aqueles próximos delas pudessem dar continuidade para o seu legado, mas para que eles também pudessem seguir com suas próprias vidas.

São diversas as maneiras de lidar com a morte, com a doença, com a tristeza, com a despedida, com a velhice. São coisas difíceis que fazem uma pessoa estremecer; tudo bem estremecer, conquanto que retornemos a lugares interiores e exteriores que nos permitam continuar promovendo a vida, nossa própria, e do próximo (animal, vegetal, mineral, invisível, igual e diferente).

Dona Flor: Gente eu já passei coisa, que eu, tortuosa na minha vida. A doutora falou comigo: protege o seu resto de vida porque, cê só vive esperando morrer todo dia. Mas cê não vai morrer assim não. Cê pode até morrer hoje, mas não tem um a não ser Deus que vai falar procê “cê morre hoje”. Você tá em pé aí cê cai e pronto, acabou.

Clara: É...

Dona Flor: E eu falei: não tem mais, eu vou morrer é do que? Ela disse: sentimento, preocupação, cê preocupa com tudo. Deixa ‘pra’ trás, segue sua viagem. Nós todos ‘morre’, mas não vai. Espera vida, porque morte é certeza.

Clara: É verdade, tem que esperar a vida.

Dona Flor: Cê tem medo de morrer Dona Flor? Eu falo: eu não. Eu só não queria morrer

agora não que eu tenho umas coisas para fazer ainda. Eu quero deixar ‘uns’ legado, quero deixar lembrança [sic].

Como a morte é certeza, o segredo para conviver com o seu inegável eventual acontecimento é trazer o foco para a vida, esperar ou, esperarçar a vida. Esperançar, seria uma espera ativa, não é sobre esperar que a vida caia pronta em nosso colo, mas sim sobre cuidar para que ela aconteça. Cuidar para que as pessoas que podem e querem ter filhos estejam saudáveis, amadas e tranquilas, para que a gravidez ocorra com menos preocupação e mais amor. Alimentar o corpo em todas as suas dimensões com afeto, bons nutrientes e poder sempre contar com a ajuda das plantas que promovem o equilíbrio, e da natureza que balanceia a alma.

Desse modo, novas vidas podem nascer e passar pelos mesmos processos promotores e cuidadores da vida. Assim, quando a morte chegar, porque ela vai, é possível sair da vida com afeto e esperança, viver na memória daqueles que nos amam e quem nós amamos, aqueles que manterão nosso legado vivo, simplesmente por terem sido tocados por nós.

Dona Flor, nos dá grande exemplo dessa estratégia para passar pela vida, sem fugir de suas contradições ela deu amor, às vezes um pouco demais, estava sempre atenta a tudo e a todos, costurou suas relações e as relações dos outros como quem costura uma colcha de retalhos, na qual dormirá a noite, nenhum trabalho sai desperdiçado. Exigiu de mais e de menos das pessoas, sempre com base naquilo que ela via e acreditava. Não deixou de ter esperanças em nenhuma de suas aprendizes, filhos, amigos, galinhas *etc.*

Deixou conselhos e instruções para cada um, com aqueles que Dona Flor não conseguiu terminar de conversar em vida, ela veio em sonho. Deija, por exemplo, depois da partida da mãe, estava com pouca coragem para fazer o sabão de tingui, com receio de errar ou não fazer certo o suficiente. Quando o sabão não podia mais esperar, Deija sonhou com Dona Flor, viu as mãos da mãe buscando a dicoada⁹³ – um dos ingredientes mais difíceis de conseguir, para fazer o sabão – e levando-a para o forno de fazer sabão de tingui. Quando Deija acordou foi procurar para ver se a dicoada estava mesmo lá, e estava.

Com o encorajamento e aprovação de sua mãe, e mestra, Deija fez sua primeira leva de sabão de tingui sem a supervisão de Dona Flor, os sabonetes saíram lindos e foram muito celebrados, desde então Deija caminha juntando coragem e força para assumir seu lugar de

⁹³ A dicoada é uma soda natural feita a partir das cinzas, usada para se fazer o sabão de tingui.

raizeira, doula, criadora, cuidadora, mãe, matriarca, professora. Cada dia ela aprende um pouco mais e confirma seus conhecimentos, para si e para os outros, através da observação, experiência e agora prática, ela edifica seu dom e sabedoria, mantendo vivo o conhecimento e a memória de Dona Flor, bem como tantas outras aprendizes e raizeiros que aprenderam com ela.

Wilson, por mais que tenha escolhido seguir com seu próprio rol de remédios, muitos dos quais ele diferencia dos da mãe, não deixa de falar da memória dela, das coisas que aprendeu com ela, no mato quando iam juntos retirar raízes, ou quando ele começou a ir sozinho fazer essa parte do trabalho. A expertise de Wilson não só no feitio de remédios como as tinturas, mas também na coleta de remédios do mato e plantio de espécies do quintal contribuem para a produção da chácara Lírio dos Vales, que conta com os produtos da Flor Ancestral de Wilson, das receitas de Dona Flor e das criações e continuações de Deija Flor.

Os rastros de Dona Flor estão aí no cerrado, para quem sabe procurar, com olhar atento e treinado, por ela, e pelos que ela treinou. Mesmo depois da morte a vida segue sendo esperançada, vivida, caminhada, cheia de saudade. O Cerrado, berço de água, nunca deixou Dona Flor passar sede, ao mesmo tempo que ela também o regou de cuidado. Como a despedida é difícil, e eu venho evitando-a, lembro das palavras de Dona Flor quando pediu água antes de morrer, e dos ciclos da vida e morte, assim, deixo aqui as palavras de Guilherme Arantes, na música Planeta água, que remetem ao ciclo da vida, morte e continuidade, ou “início, meio e início”, como coloca Nego Bispo (2020), e que me fazem lembrar de Dona Flor e do Cerrado.

Água que nasce na fonte serena do mundo
E que abre um profundo grotão

Água que faz inocente riacho e deságua
Na corrente do ribeirão

Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão

Águas que banham aldeias
E matam a sede da população

Águas que caem das pedras
No véu das cascatas, ronco de trovão

E depois dormem tranquilas
No leito dos lagos (no leito dos lagos)
No leito dos lagos

Água dos igarapés
Onde Iara, a mãe d'água, é misteriosa canção

Água que o sol evapora
Pro céu vai embora, virar nuvens de algodão

Gotas de água da chuva
Alegre arco-íris, sobre a plantação

Gotas de água da chuva
Tão tristes, são lágrimas na inundação

Águas que movem moinhos
São as mesmas águas que encharcam o chão
E sempre voltam humildes pro fundo da terra
Pro fundo da terra⁹⁴

⁹⁴ Composição de Guilherme Arantes, disponível em: <https://www.lettras.mus.br/guilherme-arantes>. Acesso em 18 de dezembro de 2024.

6. MORRER E VIVER BEM

[Considerações finais: não tem fim é fluxo em continuidade]

As diferentes voltas que levaram a esse trabalho foram aparecendo ao longo do mesmo, ele não é resultado de um plano inicial concreto, fechado, que foi objetificado, perseguido e concluído. O que eu ofereço aqui é o que foi se mostrando para mim, coisas que fui percebendo ao longo do caminho, levei meus passos e dedos através do meu campo e do teclado do computador conforme as memórias, experiências e ideias foram se relacionando no tempo e no espaço.

Precisei sentir, ouvir, prestar atenção, pensar muito sobre e daí deixar o corpo e a mente agirem, porque tudo que etnografei também vivi, cozinhei os fatos, temperados com intuição dentro deste caldeirão que sou eu, mexendo o conteúdo com a colher da teoria antropológica, da teoria etnográfica.

Toda vez que pensava não ter nada, não saber de nada ou ter feito um trabalho de campo meia boca, me provei errada. As palavras apareciam e o texto foi sendo construído. Passei pelo entendimento de meu campo e do meu propósito nele, fui fiel a minha inquietação e curiosidade quanto às histórias de vida dos mestres de saberes tradicionais, queria ouvi-las e contá-las.

Entendi, que deveria começar pela história de Dona Flor, afinal, foi ela que ajudou a mim e a minha mãe a começarmos a vida. A importância de Dona Flor para mim e para a antropologia, para o momento de vida, dado o desenrolar do protocolo, pelas raizeiras da associação pacari, de pedido de patrimonialização do ofício de raizeiras e raizeiros do Cerrado, junto ao IPHAN. Me dei conta também da oportunidade que se apresentou, não só no âmbito institucional, dado o peso do projeto. Mas o terreno fértil que a minha relação com a Dona Flor, e a oportunidade de acompanhá-la num período de vida que, apesar de duro, foi tão cheio de vida.

Acompanhar a vida e a morte de alguém pode fazer pensar bastante. Como as pessoas vivem, como elas morrem, como fica quem continua vivendo, e quem morre, para onde vai? Quais as estratégias que encontram durante a vida e depois dela? Ouvir as histórias de Dona Flor, que trazem uma ampla gama de informações, e procurar nessas histórias, o fio da narrativa

sequencial de sua vida, me possibilitou entender muito mais sobre o que é ser raizeira, o que é cuidar, o que é ser mãe, o que é ser Dona Flor e como se viveu e se vive no povoado quilombola do Moinho.

Precisei ouvir muitas vezes, ler e reler transcrições, combinar, descombinar e recombinar informações, à procura dessa história, que ouvi não só dela, não só nas gravações, mas de todos que estavam ao meu redor e que também dividiram suas gravações comigo. Eu aprendi sobre Dona Flor com ela, a partir dela, e através dos outros.

Foi estabelecendo relações que pudessem percorrer esse caminho, relações de pesquisa, de amizade, de irmandade, relações teóricas, intuitivas, de fé, de amor, de carinho, de cuidado. Percebi as minhas relações conforme percebia as relações que vigiava e refletia ter e construir com Dona Flor. Poder ver a minha relação com ela possibilitou que enxergasse as relações que ela estabelecia com todos os outros, irmãos, filhos, netos, mãe, avó, pai, planta, vizinho, aprendiz, galinha, cachorro, raiz, remédio, gato, carrapato, aliados.

O formato texto precisa, em algum nível, para melhor entendimento e para uma comunicação mais eficaz, que esse emaranhado de relações dentro de histórias seja separado e reorganizado, para caber e transmitir ideias. Por mais que para se adequar algo se perca, muito também se ganha. Compartilhar a história de Dona Flor é dividir ensinamentos e experiências de vida com outros. Essas informações alimentam ideias e registram memórias sobre um pedacinho de vida no Brasil, no Goiás, no Moinho.

A antropologia é que possibilita essa relação pesquisador, vida, texto, leitor, aprendiz, para além, aumenta o alcance, e como Dona Flor gostava mesmo de ter gente por perto, entendo que trazer mais gente para perto de sua história, através desse trabalho, sirva para alargar essa teia de relações que ela tanto nutriu, cuidou, criou.

Enquanto uma parte desse trabalho é dedicada a contar a história mesma de Dona Flor, uma segunda se debruça sobre o que essa história possibilitou pensar em termos de teoria etnográfica, refletir sobre cuidado, pertencimento, agenciamento de mundos, entendimento do corpo, dos fluxos se compõe um ser, uma vida, aprender sobre jeitos de viver e maneiras de morrer, estratégias de se relacionar e criar laços, como mobilizar laços para apoiar a vida. Foi sobre isso que procurei me debruçar no capítulo “cozendo percepções, costurando ideias”.

Os demais capítulos serviram para ambientar aquele que lê no lugar desse trabalho, um

lugar múltiplo, meu, da pesquisa, e mais uma vez, das relações que a possibilitaram. As partes que eu, por respeito à forma, não posso chamar de capítulo, são para trazer mais vida para o trabalho, são caixinhas que abri para poder colocar sentimento sem culpa de não ser apropriado para a antropologia. As caixinhas foram insuficientes, no entanto, porque o sentimento transborda as seções, as páginas, as linhas e as palavras. Tudo que me afetou durante essa pesquisa não consegui separar completamente da etnografia, inclusive, foi só quando parei de tentar separar que as palavras pararam de se esconder, para mim, não teria outra maneira de colocar Dona Flor em páginas.

Entendo a angústia daqueles que procuram construtos objetivos, formados com começo, meio e fim, que apresentam ideias concretas e fechadas, esse horizonte não poderia ser o desse trabalho, seria outro trabalho, sobre outra pessoa, escrito por outra pesquisadora, e poderia ser, também, um ótimo trabalho.

Não uso esse argumento com a intenção de dizer que, porque esse trabalho é meu, e porque estou falando dele, que ele não pode ser questionado. Digo que ele é o que é porque nasce com as minhas relações, e estou aberta para refletir sobre elas com todos que vierem de peito aberto para mim, pois assim me coloco, aberta para compartilhar experiências, explorar outras ideias, criar entendimentos. Por causa das condições de tempo e espaço, tão absolutas quanto conseguem ser, de uma dissertação de mestrado, combinados com a imensidão de histórias, experiências, ideias, sentimentos, etnografia, encontrei limites para o que poderia ser feito, e o que caberia nesse trabalho.

Optei pela etnografia, maioritariamente, não pude recusar às palavras quem as proferia, eu, Dona Flor, e tantos outros, eles estão implicados aqui, e talvez tenham tomado o lugar, por hora, de uma descrição mais densa das técnicas, do cotidiano, das cores, dos cheiros, dos conflitos. A enxurrada de palavras que fluiu aqui foi a que precisava chover. Tanta água revirou e inundou tanto o papel quanto a mim, pesquisadora. Essa água está em vias de se acalmar, quando estiver parada, pode ser que esteja mais cristalina, as ideias aqui contidas ao de ser amadurecidas, acrescidas de outras águas, outras pesquisas, outras histórias, de um trabalho teórico mais denso, que ainda precisa ser dominado.

Tenho por intenção fazê-lo, tanto pelo compromisso que quero honrar, quanto pela vontade de continuar crescendo e amadurecendo academicamente, enquanto antropóloga. Quero

continuar movendo meus pés, dando passos em direção a uma versão minha e desse trabalho mais completas, coisa que só o tempo e o trabalho, cotidiano, permitirão.

Grande parte do que apreendi e conheci de Dona Flor, permeia a vida – viver; e a morte – morrer. Ambos sustentados pelas relações engrossadas de cuidado que ela estabeleceu. Para criar sua vida, Florentina alimentou e trouxe outras vidas, seus filhos, sua roça, seu casamento, as plantas, os remédios, os filhos de outras que ela trouxe no parto, e os filhos que precisavam de mãe e encontraram uma nela.

Sua rede de relações e cuidado trouxe alimento, acalanto, segurança e ajuda mútuos, dar sem cobrar, receber sem pedir, compartilhando experiência, conhecimento e amor. Assim ela ergueu e nutriu sua vida, de sua família, e de outras.

Essas redes, após sua morte, continuam vivas, elas continuam alimentando e cuidado das vidas que Dona Flor promoveu, ela foi costurando e planejando, deu sequência a sua vida após a morte. Mesmo não estando seu corpo presente em carne e osso na vida dos que ficaram, seu espírito e seu legado continuam vivos, ela está viva na memória, nos corações, nos ensinamentos e aprendizados que perpetuam seu modo de ser, de promover vida, vida de todo o tipo, em lugares múltiplos.

Com suas redes, Dona Flor viveu e morreu bem, o sofrimento fez e faz parte da vida, quando compartilhado este se dilui no afeto dos outros, no calor do sol, no azul do céu, na potência da fé. Dona Flor lidou com sua vida, os desafios e mudanças, o fim de seu próprio tempo de vida: estabelecendo laços, costurando fluxos, pode não ser uma alternativa para o fim dos tempos, mas foi assim que vivi e vi viverem o fim dos tempos de Dona Flor, que no fim, não acabaram.

EPÍLOGO – AS APRENDIZES ABELHAS

Ao longo da vida Dona Flor foi alimentando seu jardim de relações de alianças, filhos, parentes, aprendizes, vizinhos, filhos de parto, pacientes, amigos, amigas, chefes, pesquisadoras, funcionários, ela foi costurando essa teia de relações, dando e recebendo, em trocas e pessoas distintas, dádivas que se misturam, redividem e viajam no tempo “A casa de mamãe sempre cheia” (2024), é o que Deija diz.

Essa teia é constituída por Dona Flor ao mesmo tempo em que a constitui, uma a imagem da outra. intrinsecamente conectadas, uma não é igual a outra, por mais que tenham nascido assim imbricadas, tem vidas separadas. Por isso, quando Dona Flor fez a passagem deste mundo, sua teia ficou, composta por todas essas pessoas, plantas, relações, animais, minerais, ensinamentos, modos de acreditar e cuidar.

Quando cheguei para ficar com Deija, após o enterro de Dona Flor, vi a imagem da mestra viva a todo momento, mais que suas mensagens em sonho, espalhadas por aí, senti seu cheiro no sabão de tingui, vi sua teimosia em Deija quando ela foi podar o pé de assapeixe, mesmo com dores no braço, vi seu espírito mateiro em Wilson, mostrando para a gente o sertão, vi seu senso de humor e acolhimento em Lucas, a vontade de cantar em Lucas e Deija, o cuidado materno de Deija comigo, de Quita comigo, de Rhina comigo, a cordialidade, compromisso e bondade em todos seus filhos que assim me receberam, sempre. Vi seus remédios nascerem novamente com a casa cheia de aprendizes, fazendo as coisas junto com Deija, teve vermífugo, xarope, geleia, vinho, doce, rapadura.

Vi os planos que ela encaminhou se edificarem, seu dedo em cada visita que aparecia para ajudar Deija com o feitiço de algum remédio, e as pessoas que ela trouxe para aquela casa irem ficando mais e mantendo a vida ali, de seus filhos, bichos, plantas, solo, galpão, lojinha. Rezei para ela quando minha irmã estava parindo e chorei de alegria quando meu sobrinho nasceu, ao pôr do sol, quando eu estava olhando o céu e pensando no dia em que ela me disse, que quando ficava triste, sem esperança, olhava o céu, a natureza e se alegrava. Senti ela viva em mim, me dando coragem e esperanças nesse parto que foi demorado, por vezes preocupante, sempre com a confiança de que daria tudo certo.

Sinto o cheiro de Dona Flor nos banhos de rosa maná que dou no meu sobrinho e me arrepio com ela, onipresente sempre. Fico assim, observando, catalogando, sentindo e cheirando essa presença, pensando na história de Donna Haraway, sobre um tipo de abelha, que já não conta com espécimes do sexo feminino e uma orquídea que em algum momento precisou dessas abelhas fêmeas para ser polinizada e continuar se reproduzindo e existindo. Diante do declínio da população de abelhas fêmeas, a orquídea, durante eras foi adquirindo uma forma, uma estética que se assemelha a das abelhas fêmea, atraindo assim, as abelhas macho, que hoje as polinizam e fazem parte dessa teia que mantêm a existência. A orquídea e sua imagem é a única pista para que se possa inferir a existência de uma abelha fêmea no passado, é a memória viva, no presente, dessa abelha que já não está mais.

Da mesma forma, todos esses nós dessa teia que Dona Flor teceu e que manteve sua vida por tanto tempo, são a memória viva de sua existência, viva porque carrega cheiro, afeto, criatividade, riso, canto, choro, sabedoria, ensinamento, aprendizagem, e se atualiza nessas pessoas, sempre em movimento. Como as garrafadas de Deija, que vem da receita de Dona Flor, como o vinho de açaí, que Dona Flor fazia de jabuticaba, e agora Deija aplica os conhecimentos de um no outro. Como o nascimento do meu sobrinho, que foi regado pelo pôr do sol de Dona Flor e pelo canto e cuidado de Deija, rezando por nós, falando o que fazer, nos acalmando os corações.

No dia do nascimento do Joaquim, foi quando a minha irmã ouviu o canto de Deija, que ela me mandou por mensagem, foi que ele se ajeitou na barriga e se posicionou corretamente para poder sair, coisa que demorou muito para acontecer. Choramos todos, e foi quando eu dividi o canto com meu pai, e ele me mandou uma foto do pôr sol que ele assistia, que o Joaquim nasceu, deixo aqui, o hino que nos trouxe coragem, e espero que um dia tenham a oportunidade de ouvir Deija cantar.

“Lindo, lindo lindo é,
Glória, glória eu te dou,
Jesus, Jesus
Me leva pra sala do trono,
Mostra sua beleza, quero ver sua face,
Me leva pra sala do trono,
Mostra sua beleza, quero ver sua face,
Lindo, lindo lindo é,
Glória, glória eu te dou,
Jesus, Jesus

Lindo, lindo, lindo
Glória, glória eu te dou,
Jesus, Jesus”.⁹⁵

Foto 43 – Deija e a florada de jabuticaba, acordamos com o cheiro de Dona Flor, setembro de 2023



Fonte: autoral

⁹⁵ ARANTES, Guilherme. **Planeta água**. 1 faixa. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/guilherme-arantes>. Acesso em: 18 dez. 2024.

Foto 44 – Wilson e a florada de cagaita, saída de campo em setembro de 2023



Fonte: autoria de Julia Nabuco

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARANTES, Guilherme. **Planeta água**. 1 faixa. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/guilherme-arantes>. Acesso em: 18 dez. 2024.

AULETE. **Cruzado**: moeda brasileira que substituiu o cruzeiro em 1986. [Em 1989, foi introduzido o cruzado novo, que vigorou até 1990, com a volta do cruzeiro]. *AULETE*, 2024.

AULETE. **Fiar**: transformar (matéria têxtil ou filamentosa) em fio; urdir (tecido ou trama) com fios; tecer. *AULETE*, 2024.

AULETE. **Fuso**: pequena bobina sobre a qual se torce e enrola o fio durante o processo de fiar. *AULETE*, 2024.

AULETE. **Parida**: fêmea que pariu, que deu à luz recentemente. *AULETE*, 2024.

AULETE. **Rama**: conjunto de ramos e folhagens de árvores e outras plantas; folhas que aparecem nas árvores com as primeiras chuvas. *AULETE*, 2024.

AULETE. **Zelar**: 1. Tomar conta com dedicação; 2. Cuidar (para que algo aconteça); 3. Tomar cuidados, precauções (para evitar acontecimento indesejável). *AULETE*, 2024.

BARBOSA, Alan Gonçalves. **As estratégias de conservação da biodiversidade na Chapada dos Veadeiros: conflitos e oportunidades**. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

BELLACASA, M. P. (2012). **Nothing Comes without Its World: Thinking with Care** (A. Muniz, Trad.). *The Sociological Review*, 60(2), 197-216.

BELLACASA, M. P. 2017. **Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds**. Minneapolis: University of Minnesota Press.

BENSUSAN, Nurit (2019). **Do que é feito o encontro**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015**. Dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético e ao conhecimento tradicional associado. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 26 out. 2024.

BRASIL ESCOLA. **Coifa**: estrutura encontrada na extremidade da raiz que apresenta um formato

de capuz ou dedal e atua protegendo a região meristemática. *Brasil Escola*, 2024. Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br>. Acesso em: 14 out. 2024.

BISPO DOS Santos, Antônio; **PEREIRA, Santídio**. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues *et al.* **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agente Comunitário de Saúde (ACS). **Biblioteca Virtual em Saúde - Ministério da Saúde**, 2024. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br>. Acesso em: 2 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Dia Nacional do Agente Comunitário de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias**. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br>. Acesso em: 2 nov. 2024.

BRENO LOESER. **Obaluaê e seu cachorro Itans**. Breno Loeser, 2024. Disponível em: <https://www.brenoloeser.com>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BUARQUE, C.; NASCIMENTO, M. O cio da terra. In: _____. Milton & Chico. Rio de Janeiro: Philips, 1977.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento: Rio-92. **Câmara dos Deputados**, 2024. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 27 out. 2024.

CAMPOS, Tamara Correia Alves. **Conhecimento popular de Dona Flor, raizeira e parteira: efetivando a perspectiva integralizadora do cuidado ao sujeito**. 2013. 70 f., il. Monografia (Bacharelado em Saúde Coletiva) — Universidade de Brasília, Ceilândia-DF, 2013.

CAROSIO, Alba. **La lógica del cuidado como base del “buen vivir”**. Del vivir bien al buen vivir, entra la economía feminista, la filantropía y la migración: hacia la búsqueda de alternativas, p. 23-36, 2014.

CARVALHO, José Jorge de. Universidade aberta a novos saberes, sujeitos e epistemologias: um modelo para a refundação das universidades brasileiras. **Ciência e Cultura**, v. 75, n. 1, p. 01-08, 2023.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Orgs.). A escrita da cultura: poética e política da etnografia. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; **Papéis Selvagens Edições**, 2016.

CORREIO BRAZILIENSE. Projeto de novo Plano Diretor para Alto Paraíso de Goiás preocupa moradores. **Correio Braziliense**, 2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br>. Acesso em: 21 abr. 2025.

CORREIO BRAZILIENSE. **Sri Prem Baba é acusado de abuso sexual**. 30 ago. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br>. Acesso em: 26 out. 2024.

DEIJA. **Entrevista concedida à Clara Nabuco**. Moinho. 2024. Entrevista pessoal.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB/USP, 1994.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Mijolo, ou monjolo: engenho rústico, movido por água, usado para pilar milho e descascar café. **Dicio**, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/monjolo/>. Acesso em: 31 out. 2024.

DOS Santos, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, p. 89, 2015.

DOS Santos, Antônio Bispo; MAYER, Joviano. **Início, meio, início: conversa com Antônio Bispo dos Santos**. Indisciplinar, v. 6, n. 1, p. 52-69, 2020.

DOS Santos, Carlos Alexandre Barboza Plínio. Escravizados, negros e quilombolas: Reflexões a respeito da “política” de saúde. **Pós-Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, v. 16, n. 2, p. 1-36, 2021.

DOS Santos, Carlos Alexandre B. Plínio. Tia Eva: trajetória de vida de uma ex-escrava doceira. **Revista Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 11, n. 1, p. 37-52, 2013.

DOUGLAS, Mary; SILVA, Sônia Pereira da. **Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu**. 1985. p. 213.

ECHAZÚ BÖSCHEMEIER, Ana Gretel; ENGEL, Cíntia; GRECO, Lucrecia Raquel; FIETZ, Helena. O pensamento disruptivo do cuidado. **Anuário Antropológico**, v. 48, n. 1, p. 108-133, 2023.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Bioma Cerrado**. Disponível em: <https://www.embrapa.br>. Acesso em: 26 out. 2024.

ENCONTRO DE CULTURAS. Festival de cultura popular na Vila de São Jorge, na Chapada dos

Veadeiros. **Encontro de Culturas**, 2024. Disponível em:

<https://www.encontrodeculturas.com.br/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br>. Acesso em: 11 nov. 2020.

FISHER, Berenice; TRONTO, Joan. Towards a Feminist Theory of Caring. In: **Circles of Care: Work and Identity in Women's Lives**, edited by E Abel and M Nelson. 1990.

FLOR, Dona. **Entrevista concedida à Clara Nabuco**. Moinho, 5 de julho de 2023.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural da amefricanidade**. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GUIMARÃES, Sílvia Maria Ferreira. **Olhares diversos sobre pessoas e corporalidades: os saberes e práticas de terapeutas populares na região do DF e entorno**. In: DIAS, Cristina; GUIMARÃES, Silvia (org.). Antropologia e Saúde: diálogos indisciplinados. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2017. v. 1.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**. Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.

HARAWAY, Donna. **Situated knowledges: The science question in feminism and the privilege of partial perspective 1**. In: Women, science, and technology. Routledge, 2013. p. 455-472.

INFOPÉDIA. Romaria: 1. Peregrinação a algum lugar religioso; 2. Festa popular ao ar livre, que se realiza num local próximo de uma ermida ou de um santuário pela altura do dia da festividade religiosa desse lugar. **Infopédia**, 2024. Disponível em: <https://www.infopedia.pt>. Acesso em: 30 nov. 2024.

IPATRIMÔNIO. Alto Paraíso: Quilombo Povoado Moinho. **IPatrimônio**. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org>. Acesso em: 13 maio 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KUWAE, Christiane Ayumi. Identidade quilombola e a ativação patrimonial no Povoado do Moinho. **Quaderns de l'Institut Català d'Antropologia**, n. 36 (2), p. 237-256, 2020.

MARINHO, Lucas. **Entrevista concedida à Clara Nabuco**. Moinho. 2024. Entrevista pessoal.

MARINHO MC. **O Moinho é Meu Mundo** (part. Rapadura). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/marinho-mc>. Acesso em: 23 maio 2024.

METRÓPOLES. Chapada dos Veadeiros vive colapso com boom de ocupações desordenadas. **Metrópoles**, 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com>. Acesso em: 21 abr. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Anti-racismo no brasil. Estratégias e Políticas de Combate a Discriminação Racial**. Tradução . São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996. Disponível em: <https://biblio.fflch.usp.br>. Acesso em: 21 abr. 2025.

NAÇÃO ZUMBI. **Da lama ao caos**. Letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.mus.br>. Acesso em: 18 dez. 2024.

PIRES, Jair. **O chão dá se a gente plantar**. [s.d.]. 1 faixa. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jair-pires>. Acesso em: 14 nov. 2023.

PROJETO VEADEIROS. **Folder informativo: Projeto Veadeiros**. Alto Paraíso-GO: WWF-Brasil, ASJOR, ASFLO, [s.d.]. Disponível em: <https://wwfbr.awsassets.panda.org> Acesso em: 22 abr. 2025.

RIBEIRO, L. S.; *et al.* **O título de Patrimônio Natural da Humanidade e a conservação da biodiversidade: o caso do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, v. 56, p. 64–86, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SÁ, Guilherme José da Silva e. 2010. “Estar ciente e fazer ciência: sobre encontros e transformações”. **Campos – Revista de Antropologia Social**, 10 (1): 29-44.

SAHLINS, Marshall. **Stone Age Economics**. Chicago: Aldine-Atherton, 1974.

Santos, F. P.; Watson, J. F. T. **O partejar e a farmacopeia da Dona Flor: Histórias e ensinamentos de uma mestra quilombola**. Avaí Editora, Brasília, 2022.

Santos, Sandro Martins de Almeida. **A família transnacional da Nova Era e a Globalização do (((amor))) em Alto Paraíso de Goiás**, Brasil. 2014. p. 202.

TRONTO, Joan C. **Moral boundaries: a political argument for an ethic of care**. Nova York: Routledge, 1993.

Watson, Juliana Floriano Toledo. **Parições e partejares na história de Cavalcante-GO:**

epistemicídio, monocultura do parto e justiça reprodutiva. 2022. 371 f., il. Tese (Doutorado em Bioética) – Universidade de Brasília, Cavalcante, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unb.br>. Acesso em: 20 abr. 2025.

Watson, Juliana Floriano Toledo. **Bem viver do Cerrado: partejar amor, parir uma bioética.** 2016.

WOORTMANN, K. (1990). **Migração, família e campesito.** *Revista Brasileira De Estudos De População*, 7(1), 35–53. Recuperado de <https://www.rebep.org.br>

YEATES, Nicola. Global care chains. *International Feminist Journal of Politics*, v. 6, n. 3, p. 369-391, 2004.

GLOSSÁRIO

Adobe – Dona Flor me contou sobre uma das técnicas de construção tradicionais no Moinho: a do adobe. Nessa técnica, uma mistura de barro vermelho e palha ou capim era cuidadosamente pisada até atingir a consistência ideal. Com esse material, erguiam-se paredes robustas para as casas. Uma variação interessante era a adição de espuma de caldo de cana à mistura, que, por conta da cola natural do açúcar, tornava o adobe mais resistente ao calor, perfeito para a construção de fornos.

Enema – é uma lavagem intestinal, que Dona Flor faz utilizando um composto de diversas plantas, água oxigenada, glicerina, e óleo” (Watson, 2016, p. 100).

Enformar – É um verbo transitivo direto que significa colocar algo em uma forma ou molde, como, enformar um bolo.

Fiar –1. Transformar (matéria têxtil ou filamentosa) em fio. [...]; 2. Urdir (tecido ou trama) com fios; TECER [...].”

Fuso – “Pequena bobina sobre a qual se torce e enrola o fio durante o processo de fiar [...]”.

Candeia – é uma lamparina, recipiente com óleo ou querosene e um pavio, muitas vezes de algodão, uma espécie de vela sem cera que era utilizada para iluminar a escuridão da noite.

Capoeira – Clareira no meio do mato.

Chuva do Caju – que vem do meio para o final de agosto, é passageira, como uma anunciação do tempo de chuva que se estabelecerá em meados de outubro, depois dela ainda há um tempo seco. É do caju porque é nessa época, com ela, que os cajueiros frutificam no Cerrado, trazendo o tempo de colheita do frutinho vermelho.

Coifa – Estrutura encontrada na extremidade da raiz que apresenta um formato de capuz ou dedal e atua protegendo a região meristemática (na qual ocorre intensa divisão celular). A coifa, ao proteger a região meristemática, assegura o crescimento da raiz, o qual poderia ser prejudicado caso microorganismos ou o atrito com o solo lesionassem a região. As células da coifa sintetizam mucilagem, que lubrifica a raiz e garante melhor penetração no solo”.

Cruzado – “[...] Econ. Moeda brasileira que substituiu o cruzeiro em 1986 [Em 1989, foi introduzido o cruzado novo, que vigorou até 1990, com a volta do cruzeiro.]”.

Dicoada – é uma soda natural feita a partir das cinzas, usada para se fazer o sabão de tingui.

Roça de coivara – é uma forma de plantio destinada ao consumo familiar e venda do excedente em pequena escala, é uma técnica tradicional que consiste em queimar para limpar o terreno e adubá-lo com as cinzas, preparando-o para a lavoura.

Trabalhos na roça versus Trabalhos da roça – Trabalhos “da roça” e “na roça” são duas coisas diferentes, o primeiro, é o que garante o alimento para a família do trabalhador, o segundo, trabalhar “na” roça do fazendeiro, possibilitava acesso a produtos que não se conseguia retirar “da roça”, e até mesmo garantir um lugar para fazer uma casa.

Mijolo ou **monjolo** – é um “Engenho rústico, movido por água, usado para pilar milho e descascar café”.

Rama – “[...] Conjunto de ramos e folhagens de árvores e outras plantas; **2.** Folhas que aparecem nas árvores com as primeiras chuvas [...]”.

Romaria – “1. peregrinação a algum lugar religioso 2. festa popular ao ar livre, que se realiza num local próximo de uma ermida ou de um santuário pela altura do dia da festividade religiosa desse lugar.”

Zelar – “**1.** Tomar conta com dedicação [tr. + por : *A enfermeira zelava pela paciente*]; **2.** Cuidar (para que algo aconteça) [tr. + para, por : *zelar pelo cumprimento das leis*]; **3.** Tomar cuidados, precauções (para evitar acontecimento indesejável) [tr. + para : *Zelava para que o filho não se perdesse*] [...]”.